UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

RENATO GONÇALVES FERREIRA FILHO

ESTÉTICA, ÉTICA E SEMIÓTICA DO HOMOEROTISMO PÓS-HIV/AIDS

Contribuições comunicacionais e semiopsicanalíticas para a saúde pública a partir do consumo digital da pornografia amadora

SÃO PAULO
2021

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

RENATO GONÇALVES FERREIRA FILHO

ESTÉTICA, ÉTICA E SEMIÓTICA DO HOMOEROTISMO PÓS-HIV/AIDS

Contribuições comunicacionais e semiopsicanalíticas para a saúde pública a partir do consumo digital da pornografia amadora

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes, Área de Concentração: "Ciências da Comunicação", Linha de Pesquisa: "Processos Comunicacionais: Tecnologias, Produção e Consumo", para a obtenção do título de Doutor.
Orientadora: Profa. Dra. Maria Clotilde Perez.

SÃO PAULO
2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Ferreira Filho, Renato Gonçalves
Estética, ética e semiótica do homoerotismo pós-hiv/aids: Contribuições comunicacionais e semiopsicanalíticas para a saúde pública a partir do consumo digital da pornografia amadora / Renato Gonçalves Ferreira Filho ; orientadora, Maria Clotilde Perez. -- São Paulo, 2021.
326 p.: il.

Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação - Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia
Versão original

1. Comunicação 2. Semiótica psicanalítica 3. Consumo 4. Pornografia 5. HIV/AIDS I. Perez, Maria Clotilde II. Título.

CDD 21.ed. - 302.2

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

FERREIRA FILHO, Renato Gonçalves. **Estética, ética e semiótica do homoerotismo pós-hiv/aids.** Contribuições comunicacionais e semiopsicanalíticas para a saúde pública a partir do consumo digital da pornografia amadora. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em Ciências da Comunicação.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

aos primeiros homens homossexuais
que viveram com hiv/aids
nas décadas de 1980 e 1990
e que não tiveram tempo
de vivenciar os avanços
que hoje tornam o vírus e a síndrome
infinitamente menores que a vida

à memória de
Néstor Perlongher e
Herbert Daniel

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCOM/ECA-USP) que financiaram a realização desta pesquisa, bem como propiciaram a participação em eventos acadêmicos e a aquisição de livros, doados integralmente e incorporados ao acervo da Biblioteca da instituição.

Agradeço a orientação primorosa da Profa. Dra. Clotilde Perez, que não apenas guiou o processo como também permitiu voos teóricos e empíricos com muita coragem e confiança, sentimentos sem os quais a feitura desta tese não seria possível. Muito obrigado por me acompanhar, generosamente, desde a graduação.

Agradeço a leitura atenta do Prof. Dr. Eneus Trindade e do Prof. Dr. Oscar Cesarotto durante a qualificação, que trouxeram reflexões fundamentais. Agradeço à Profa. Dra. Fani Hisgail pelas indicações de autores e autoras e diálogos possíveis. Igualmente, agradeço a todos os professores que se disponibilizaram, gentilmente, para a banca final.

Agradeço aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) e do Grupo de Estudos Semióticos da Comunicação, Cultura e Consumo (GESC3), em especial, a Lívia Silva de Souza, Maria Cristina Dias, Priscila Rezende, Clóvis Teixeira, Pablo Moreno e André Peruzzo. Na mesma medida, agradeço aos importantes interlocutores que ampliaram meu olhar sobre o tópico: Marcelo Poppolino, Pedro Fleury e Luiz Henrique Reggi Pecora.

Agradeço aos mestres que, no percurso anterior à tese, me encaminharam até aqui, em especial, aos professores Walter Garcia, Ana Paula Cavalcanti Simioni e Marisa Pires.

Por fim, agradeço à minha família, em especial, a Andreia dos Santos Faria, minha mãe, pelo constante incentivo. Igualmente, agradeço a Renato Fernandes, pelo companheirismo e suporte.

"It’s a long and winding road”.

"os xvideos têm mais categorias
que a ciência da literatura
mas é politicamente correto
não saber"

Marcelo Reis de Mello

"só um genocida em potencial,
de batina, de gravata ou de avental,
pode fingir que não vê que os veados,
tendo sido o grupo-vítima preferencial,
estão na situação de liderar o movimento
para deter a disseminação do hiv"

Caetano Veloso
("Americanos")

RESUMO

A presente tese tem como objetivo traçar um panorama comunicacional e semiopsicanalítico das expressões do homoerotismo masculino pornografado em um cenário pós-hiv/aids, compreendendo-se suas dimensões estéticas, éticas e semióticas e realizando-se uma leitura fundamentada e interessada tanto na produção de sentido quanto nos efeitos psíquicos que tais signos potencialmente produzem. Três eixos de hipóteses direcionam a nossa investigação, a saber: (a) aproximações entre a pornografia e o debate público do hiv/aids; (b) divergências entre a pornografia e o debate público; e (c) observações colaterais da pornografia para o debate público. Diante da complexidade do objeto a ser analisado, houve um esforço de articulação multidisciplinar entre os estudos da comunicação, do consumo e da semiótica psicanalítica, com aproximações à filosofia e à saúde pública. A partir da análise qualitativa exploratória de 716 materiais audiovisuais pornográficos amadores no XVideos, uma das plataformas digitais de maior acesso, em um primeiro momento, chegou-se à delimitação de quatro grandes grupos de signos do homoerotismo pornografado (*signos da persona sexual*, *signos do falo*, *signos da subversão* e *signos da violação*). Posteriormente, o vírus da imunodeficiência humana (hiv) e a síndrome da imunodeficiência adquirida (aids) foram enquadrados por uma perspectiva comunicacional e semiopsicanalítica para encontrarmos e analisarmos sua presença ou ausência na pornografia homoerótica e seus efeitos a partir de seu consumo. Como resultados, propomos nove reflexões para o enfrentamento da temática na contemporaneidade, investindo em contribuições comunicacionais e semiopsicanalíticas para a compreensão da cultura, aspecto fundamental para o controle epidemiológico.

Palavras-chave: Comunicação; Semiótica psicanalítica; Consumo; Pornografia; HIV/AIDS.

ABSTRACT

The present thesis aims to trace a communicational and semio-psychoanalytic overview of the male homoerotic expressions represented in the digital amateur pornography, taking into account the scenario post-hiv/aids. There will be investigated its esthetics, ethics and semiotics dimensions while it will be developed a reading founded by and interested in the sense production and the psychic effects that those signs potentially can produce. Three lines of hypothesis drive our investigation: (a) relations between pornography and public debate about hiv/aids; (b) differences between pornography and public debate; and (c) collateral observations from the pornography to public debate. In the face of the complexity of our object, we held efforts for the construction of the multidisciplinary articulation among communication, consumption and psychoanalytical semiotics studies, with approaches to philosophy and public health. Taking as a starting point the qualitative and exploratory analysis of 716 pornographic audiovisual materials in XVideos, one of the digital platforms with most viewers, in a first moment, we delimited four groups of signs of homoerotic pornography (signs of the persona sexual, signs of the phallus, signs of subversion and signs of violation). Secondly, the human immunodeficiency virus (hiv) and the acquired immunodeficiency syndrome (aids) were framed by the communicational and semio-psychoanalytic perspectives to be found and analyzed their presence or absence in the homoerotic pornography and their effects produced through their consumption. As results we propose nine statements to the managing of the thematic in contemporaneity, investing in communicational and semio-psychoanalytic contributions to interpretate culture, a major aspect to the epidemiological monitoring.

Keywords: Communication; Psychoanalytic Semiotics; Consumption; Pornography; HIV/AIDS.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Sobreposição dos três mapas metodológicos de Martín-Barbero. Fonte: Silva e Baseio (2019, p. 171). 33
Figura 2 - Página inicial do XVideos quando acessado via desktop..... 106
Figura 3 - Página interna do XVideos de exibição dos vídeos quando acessado via desktop 106
Figura 4 - Tela responsiva do XVideos quando acessado via mobile..... 107
Figura 5 - Tela de resultados da pesquisa “pauzudo” no XVideos 109
Figura 6 - Frame do vídeo “Comendo o primo sem camisinha”..... 110
Figura 7 - Printscreen de frame do vídeo “Corinthiano fodendo o Palmeirense – Parte 5”. 117
Figura 8 - Printscreen de frame do vídeo “casado trouxe a calcinha da mulher dele e me comeu de 4”..... 119
Figura 9 - Quadro comparativo entre frame do vídeo “Novinho com cuzinho piscando gozando no chão” e Kouros grego (século V a.C.). 121
Figura 10 - Printscreen de frame do vídeo “titio fazendo uma visitinha ao sobrinho querido”. 123
Figura 11 - Printscreen de frame do vídeo “Pai empurrou no filho adotivo, gozou e se arrependeu (...)”..... 125
Figura 12 - Printscreen de frame do vídeo “punheta no escritório”..... 128
Figura 13 - Printscreen de frame do vídeo “Pedi o entregador lanche e paguei com o cuzinho e ganhei leite”. 129
Figura 14 - Printscreen de frame do vídeo “Dotado cavalo”. 133
Figura 15 - Printscreen de frames dos vídeos “Comparando o pênis (...)” e “Pau Gigante de 19cm Mole (...)”. 135
Figura 16 - Printscreen de banners publicitários encontrados no XVideos. 138
Figura 17 - Quadro comparativo de objetos históricos de arte. Da esquerda para a direita, parede das cavernas de Lascaux e estátuas do deus egípcio Min e do deus grego Priapós. 141
Figura 18 - Printscreen de banner publicitário encontrado no XVideos. 146
Figura 19 - Printscreen de thumbnail do vídeo “Dois caras gozando num copo”. 147

Figura 20 - Printscreen de frame do vídeo “Pau gostoso quase gozando na punheta”. 148
Figura 21 - Printscreen de frame do vídeo “Henri Bez levando dedada com o pé”..... 153
Figura 22 - Printscreen de frame do vídeo “GOZANDO NA ADIDAS”. 154
Figura 23 - Printscreen de frame do vídeo “Putaria no banheirão”. 158
Figura 24 - Printscreen de frame do vídeo “Ciclista flagrado fazendo sexo oral (...)”. 161
Figura 25 - Printscreen de thumbnail do vídeo “(...) Tirando cabaço do hétero pauzudo (...)”. 165
Figura 26 - Printscreen de frame do vídeo “Orgia gostosa”. 167
Figura 27 - Printscreen de frame do vídeo “Macho chupando o pau sujo do mendigo”. . 170
Figura 28 - Printscreen de frame do vídeo “mamando o dotado no cine pub”. 172
Figura 29 - Printscreen de frame do vídeo “novinho gay apanhando no sexo”. 179
Figura 30 - Printscreen de frame do vídeo “Macho ativo dominador acabando com o viado”. 181
Figura 31 - Printscreen de frame do vídeo “MUITA DOR – Negão estourando (...)”. 183
Figura 32 - Printscreen de frame do vídeo “Macho ativo dominador acabando com o viado”. 184
Figura 33 - Printscreen de thumbail do vídeo “Batedeira de Cu”. 188
Figura 34 - Printscreen de frame do vídeo “Tirando o Cabaço do Gordinho”..... 190
Figura 35 - Capa da edição da Revista Veja do dia 26 de abril de 1989..... 201
Figura 36 - Campanha do Ministério da Saúde em 2002. 206
Figura 37 - Campanha do Ministério da Saúde em 2014. 206
Figura 38 - Printscreen da tela de resultados de busca pela tag “hiv”. 220
Figura 39 - Printscreen da tela de resultados de busca pela tag “aids”. 221
Figura 40 - Printscreen de frame do vídeo “Putaria pesada bare/ vitamina”. 222
Figura 41 - Printscreen de parte da área de comentários do vídeo “preservativo para bareback”..... 234
Figura 42 - Printscreen de frame do vídeo "Carlornapale 218 - Carioca veio sambar em BH - #1/2". 237
Figura 43 - Printscreen de frame do vídeo "bichinhos no rabo". 242
Figura 44 - Esquema da epidemiologia de doenças infecciosas. Fonte: Levy (2010, p. 28). 258

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quadro de hipóteses. Fonte: elaboração do autor. 20
Tabela 2 – Grupos de signos encontrados no homoerotismo pornografado. Fonte: elaboração do autor. 103
Tabela 3 - Grupos de signos relacionados à prática do barebacking encontrados no XVideos. Fonte: elaboração do autor. 223
Tabela 4 - Quadro de hipóteses e resultados. Fonte: elaboração do autor. 260

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 15

1. HOMOEROTISMO PORNOGRAFADO. Bases teóricas e metodológicas. 29

1.1. A pornografia amadora digital como mediação comunicacional da cultura homoerótica 30

1.1.1. Entre comunicação e cultura: a perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero 32

1.1.2. Identidades, narrativas, cidadanias e redes homoeróticas na contemporaneidade 41

1.1.3. Os sentidos do consumo digital da pornografia amadora 47

1.2. A semiótica psicanalítica como abordagem 53

1.2.1. O sentir, o agir e o pensar: as ciências normativas de Charles S. Peirce 55

1.2.2. A ótica intersubjetiva da psicanálise 60

1.2.3. Os operadores conceituais da semiótica psicanalítica 65

1.3. Estética, ética e lógica percianas em diálogo com a psicanálise 71

1.3.1. Estética: para além do Belo 72

1.3.2. Ética: para além do Bem 78

1.3.3. Lógica: as filigranas do pensamento revisitadas 82

2. ESTÉTICAS, ÉTICAS E LÓGICAS DO EROTISMO 85

2.1. A filosofia libertina de Marquês de Sade 86

2.2. A visão da (homos-)sexualidade pela psicanálise 91

2.3. Os conceitos subversivos do erotismo em Georges Bataille 96

3. SIGNOS DO HOMOEROTISMO NA PORNOGRAFIA AMADORA 101

3.1. O universo pansemiótico da plataforma XVideos 106

3.2. Signos da persona sexual 112

3.2.1. Machos *versus* "viados": personas homoeróticas "à brasileira" 114

3.2.2. Pais e filhos, primos e tios: romances familiares 122

3.2.3. Uniformes e identidades: marcadores sociais da diferença 127

3.3. Signos do falo 132
3.3.1. Grandes, grossos e duros: a anatomia como destino? 133
3.3.2. Esperma e urina: deslocamentos eróticos 143
3.3.3. Substituições e equivalências: o falo-fetiche 150
3.4. Signos da subversão 156
3.4.1. Lugares proibidos: atos obscenos e prazeres abjetos 158
3.4.2. Desvios à norma: ironia e oposição à heteronormatividade 163
3.4.3. Vidas libertinas: a “putaria" como filosofia 169
3.5. Signos da violação 175
3.5.1. Dominadores e submissos: jogos sexuais 177
3.5.2. Gritos e gemidos: a violência como prazer 182
3.5.3. Dissolução: a violação em seu limite 188
4. O HOMOEROTISMO PÓS-HIV/AIDS 193
4.1. O hiv/aids em transformação 194
4.2.1. Circulação e trajetória sígnica do vírus e da síndrome 197
4.1.2. A construção intersubjetiva do hiv/aids 207
4.1.3. O hiv/aids enquanto objeto semiopsicanalítico 213
4.2. Signos do hiv/aids na pornografia digital amadora 217
4.2.1. Do silenciamento à erotização do hiv/aids 220
4.2.2. Caixa de comentários: arena de debate em torno do hiv/aids 234
4.2.3. A pornografia incentiva ou sublima as práticas sexuais de exposição ao hiv? 247
CONSIDERAÇÕES FINAIS: Contribuições comunicacionais e semiopsicanalíticas para se pensar o hiv/aids hoje 257
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 277
ANEXO I - Histórico de navegação anônima 295
ANEXO II – Listagem dos 25 vídeos mais visualizados em 2018 325
ANEXO III – Listagem dos 25 vídeos mais visualizados em 2019 326

INTRODUÇÃO

Em uma tela do XVideos, um registro audiovisual de um minuto e dezesseis segundos, postado pelo usuário Pornô Caseiro Gay, apresenta uma cena sob a ótica de um homem que penetra um rapaz. Dos parceiros sexuais que se exibem à câmera, só podemos observar as nádegas de um e o pênis de outro, enquanto poucos gemidos compartilham o espaço sonoro com o percussivo bater dos corpos. Metade do vídeo apresenta a penetração anal com o uso do preservativo masculino. A outra metade, sem a camisinha, cumpre a promessa do título que encabeça o registro: "Tirei a camisinha e gozei dentro"[1]. Àquela altura, deliberadamente, quem penetra retira a proteção de látex de seu pênis e volta a introduzi-lo na região anal de seu parceiro. A cena amadora, possivelmente gravada dentro de uma casa, a julgar pelos poucos elementos que podemos ver (um chão azulejado e um tapete de crochê), está atribuída a sete *tags*: "gay", "bareback", "gays", "puto", "safados", "sem capa" e "no pelo". Dos sete termos, três ("bareback", "sem capa" e "no pelo") estão relacionados direta ou indiretamente à cultura do *barebacking*, nascida na década de 1990 como resposta à epidemia do hiv/aids[2], que se desenvolveu em torno das práticas sexuais sem o uso do preservativo externo. Na região destinada aos comentários, dois usuários cujas identidades estão ocultadas por avatares pornôs (respectivamente, as fotografias de um pênis e de duas nádegas) enaltecem o pênis daquele que penetra e a performance registrada ("Caralho, socada massa, mano" [sic]; "Que rola linda perfeita" [sic]). Ao lado do vídeo, na região destinada a materiais publicitários, um anúncio *all type*, formato comunicacional composto apenas por texto, promete prover melhorias ao "gozar" sugerido pelo título do vídeo amador: "aumente o volume de esperma em até 1000%. Goze feito um cavalo".

No canto inferior da tela, entre os vídeos relacionados e sugeridos pela plataforma, um deles parece dialogar com o vídeo acima ao desenvolver a visão daquele que é penetrado: "Tirou a camisinha sem eu perceber". Postado pelo usuário Edusafado25, o registro, mais

[1] Todos os vídeos citados nesta tese estão listados no Anexo I, com seus respectivos links e datas de último acesso. As grafias originais de títulos, comentários e demais expressões verbais mapeadas foram mantidas na intenção de preservarmos o conteúdo original.

[2] Na presente tese, optamos por grafar a síndrome (aids) e o vírus (hiv) em letras minúsculas, seguindo-se a proposta sugerida por Herbert Daniel na década de 1990 que foi retomada por Ramon Nunes Mello (2017, p. 15), "na intenção de diminuir o protagonismo da doença em si frente à vida do indivíduo". Trata-se de uma escolha estilística que igualmente se justifica pelo peso que, em uma perspectiva semiopsicanalítica e comunicacional, direcionamento epistemológico deste trabalho, os signos carregam na cultura. Contudo, respeitamos e mantemos as grafias originais dos termos (em maiúscula) quando empregados por terceiros, como em citações e nomes de instituições, a fim de preservarmos a historicidade e a carga semântica contidas em seus empregos primários.

extenso que o primeiro, com sete minutos e quatro segundos, é gravado por uma câmera livre, ora na mão daquele que observa a manipulação da camisinha que posteriormente é descartada após o minuto inicial da penetração, ora no chão, posicionada de forma a captar a penetração por debaixo do ato sexual. Associado a vinte *tags*, sete delas se relacionam ao *barebacking* ("leitada", "bareback", "cum inside", "sem camisinha", "no pelo", "gozou dentro" e "convertido", esse último relacionado à soroconversão, de negativo à positivo para o hiv). No campo dos comentários, se no primeiro vídeo citado havia o silenciamento sobre o hiv/aids, nesse, usuários debatem a prática de exposição ao vírus: "infelizmente esse tipo de coisa acontece. Por parte, muita gente contrai HIV/AIDS em sexos casuais. É preciso tomar cuidado, camisinha sempre, ATÉ NO SEXO ORAL", diz o usuário Boymcz2. Como resposta, o responsável pela postagem do vídeo comenta: "não tenho medo de HIV... Pelo contrário me dá prazer levar porra no cu... Quem quiser me encher de leite passo o WhatsApp".

Enquanto nosso olhar e, de certa forma, nosso interesse *voyeur* percorrem e navegam por entre títulos, materiais audiovisuais, *hiperlinks*, *avatares*, anúncios publicitários e comentários deixados por usuários, o homoerotismo masculino se expressa em um contexto de proliferação da produção de materiais pornográficos amadores e ressoa, de maneira direta ou indireta, o impacto que o hiv/aids teve e ainda tem na vida sexual de homens homossexuais desde a década de 1980, quando surgiu. Diante do que se apresenta na tela de plataformas digitais e dos desafios do hiv/aids, quais seriam as contribuições possíveis da área da comunicação e da semiótica psicanalítica, áreas de nossa abordagem, para se pensar coletivamente o vírus e a síndrome no contexto homoerótico contemporâneo?

O principal objetivo desta tese é traçar um panorama comunicacional e semiopsicanalítico das expressões do homoerotismo masculino pornografado, compreendendo-se suas dimensões estéticas, éticas e semióticas e realizando-se uma leitura fundamentada e interessada tanto na produção de sentido (por meio da comunicação e da semiótica) quanto nos efeitos psíquicos que tais signos potencialmente produzem (tópico de interessa da semiótica psicanalítica). Como horizonte, vislumbramos os estudos sociais desenvolvidos na área da saúde pública, que, embora não colocaremos como um fundo teórico e metodológico em nossa abordagem, surgirá como um ponto de convergência ao final de nosso percurso. Trata-se, portanto, de um esforço multidisciplinar entre três grandes áreas, a comunicação, a semiótica e a psicanálise, tendo como ponto de chegada as possíveis

contribuições à área da saúde pública e seus desdobramentos no que diz respeito ao hiv e à aids.

Quatro décadas após o surgimento do hiv (vírus da imunodeficiência humana) e da aids (síndrome da imunodeficiência adquirida), ainda estamos às voltas com a sua epidemia, sobretudo no Brasil. Um dos mais recentes boletins epidemiológicos de hiv/aids disponibilizado pelo Ministério da Saúde (2018a), elaborado a partir de dados coletados pelo Sistema Único de Saúde (SUS), apontou que, entre 2007 e 2017, houve um aumento expressivo na taxa de detecção do hiv entre homens na faixa etária dos 15 aos 29 anos. Mais especificamente, na faixa daqueles que têm entre 20 e 24 anos, o aumento, nesse período de dez anos, foi de 132%, enquanto a taxa vem diminuindo entre as demais faixas etárias[3].

Se uma geração, na década de 1980, viu de perto a eclosão da epidemia da aids, que, inicialmente, devido à falta de informações e técnicas terapêuticas e farmacêuticas eficazes, revelou uma grande taxa de mortalidade (hoje radicalmente já reduzida), gerações mais jovens, na atualidade, parecem ignorar a sua existência ou ao menos passaram a tratá-la com menor interesse e preocupação, mesmo que hoje os métodos de prevenção e tratamento sejam avançados e tenham uma melhor performance e eficácia, como, por exemplo, a PrEP (Profilaxia Pré-Exposição), a PEP (Profilaxia Pós-Exposição) e a equação "Indetectável = Intransmissível" (descoberta científica que indica que pessoas que vivem com hiv e estão em tratamento antirretroviral adequado, quando atingem um nível indetectável da carga viral, deixam de transmitir o vírus). Coloca-se aqui um desafio: qual o espaço do hiv/aids hoje nas práticas sexuais e subjetividades homoeróticas, sobretudo entre a população mais jovem (uma das mais conectadas às redes digitais[4])?

Quinto domínio digital mais acessado no Brasil, ficando atrás apenas do buscador Google (primeiro em acesso), da rede social Facebook (segundo), da plataforma de vídeos YouTube (terceiro) e do portal de notícia Globo (quarto)[5], o XVideos contabiliza mais de 9.300.000 vídeos[6], em grande maioria, gravados e veiculados gratuitamente por usuários de

[3] É também observável um aumento expressivo, em termos relativos, entre faixas etárias mais avançadas, associadas à terceira idade, porém, em números absolutos, eles ainda são muito baixos.

[4] Segundo dados disponibilizados na Pesquisa Brasileira de Mídia 2019, realizada pela Secretaria de Comunicação (Secom) e o IBOPE. Disponível em: http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016-1.pdf/@@download/file/Pesquisa%20Brasileira%20de%20Mi%CC%81dia%20-%20PBM%202016.pdf. Último acesso em: 06 de junho de 2020.

[5] Dados disponibilizados pela plataforma Similar Web e acessados em 05 de junho de 2020. A última atualização dos dados extraídos para o relatório foi feita em 01 de abril de 2020.

[6] Dado extraído no dia 24 de agosto de 2020. Número observado no momento de escrita desta tese, que, sem dúvidas, aumenta diariamente.

todos os países. Dentre aqueles relacionados à temática homoerótica, encontramos um grande leque de opções, organizadas através de *tags*, títulos e *thumbnails*, que direcionam o consumo midiático dentro da plataforma. Navegar por entre os vídeos, indo além do usual objetivo de tal acesso, isto é, a masturbação ou a estimulação sexual a partir do consumo midiático de tais materiais, permite-nos a observação das formas e das direções que o homoerotismo masculino tem tomado na contemporaneidade. Como se pudéssemos olhar pelo buraco da fechadura de um quarto, as abas da janela anônima do navegador, recurso disponibilizado pelos navegadores da internet (Google Chrome, Internet Explorer, Safari etc.) como uma alternativa para o não-rastreamento e o não-armazenamento do histórico de navegação do usuário, mantendo-se o sigilo e a discrição de tais acessos, registram parte da intimidade, tornando-se um interessante e instigante *locus* de observação das múltiplas expressões da sexualidade e do erotismo hoje.

É no ponto em que a intimidade se põe sob o olho do outro, em que o exibicionismo se posiciona frente à câmera e às mídias, expressando-se através de signos visuais, sonoros e verbais e de suas hibridizações, que podemos compreender as linguagens do erotismo e medir os reflexos do hiv/aids no foro íntimo e subjetivo do homoerotismo masculino. Embora o hiv e a aids não sejam exclusivos à população homossexual masculina (o que, por muitos anos, foi um dos estigmas do vírus, da síndrome e da homossexualidade), eles ainda são uma questão sensível para as relações homoeróticas entre homens. Apesar da via sexual não ser a única forma transmissão do vírus (destacam-se também o compartilhamento de seringas e a transmissão vertical, quando uma mãe soropositiva, que não está em tratamento antirretroviral, transmite o vírus ao feto durante a gestação), as práticas sexuais homoeróticas, que muitas vezes envolvem a penetração anal, estão atravessadas pela possibilidade de transmissão do vírus. Como já identificou João Silvério Trevisan (2018, p. 428), a homossexualidade masculina teve no hiv/aids um ponto de virada ao revelar "a instabilidade (ou seria ambiguidade?) colossal do desejo", sendo ainda um ponto ao redor do qual orbitam as subjetividades e as expressões homoeróticas.

Enxergando-se a pornografia amadora digital como um dos veículos de construção de culturas homoeróticas masculinas, objeto de nosso estudo, partimos da visão comunicacional das mediações culturais para compreender a circulação de sentidos tanto na produção quanto na recepção de tais materiais. Aproximando-nos da semiótica psicanalítica, disciplina que "estuda as consequências psíquicas dos signos culturais" (CESAROTTO, 2019, p. 85), temos em mãos ferramentas adequadas para interpretarmos o que se apresenta

enquanto fenômeno (que é, por excelência, objeto da semiótica) e articulá-lo aos meandros das subjetividades, das sexualidades e das estruturas do inconsciente, esmiuçados pela psicanálise.

Como pensar o homoerotismo pós-hiv/aids a partir do consumo digital da pornografia amadora? Optamos por investigar tal questão à luz da estética, da ética e da semiótica, por perseguimos, nesta tese, o caminho das ciências normativas propostas por Charles S. Peirce (estética, ética e lógica ou semiótica), cujos diálogos multidisciplinares têm trazido contribuições significantes para as mais diversas áreas do conhecimento, sobretudo no campo dos estudos da comunicação e da cultura midiática (SANTAELLA, 2005). Nas três divisões propostas por Peirce, reconhecermos a aptidão para entendermos os "fins", as "normas" e os "ideais que guiam o sentimento, a conduta e o pensamento humano" (idem, p. 36). Os ganhos epistemológicos e metodológicos dessa abordagem residem na interpretação, na articulação e no desvelar das camadas dos fenômenos que a nós se apresentam enquanto signos, unidade básica da visão pansemiótica de Peirce. Se a estética está preocupada com as qualidades do sentir, alicerçando a ética, dedicada aos direcionamentos da ação, a semiótica, terceira das ciências normativas peircianas, trabalha com um grau de abstração e generalização necessário para o estudo da semiose, isto é, do processo de significação.

São três as principais hipóteses de investigação que direcionam esta tese, conforme mostramos abaixo (Tabela 1). Enquanto os dois primeiros eixos (Afinidades e Divergências) buscam analisar as sincronias e as diacronias entre pornografia e debate público do hiv/aids, o terceiro (Observações Colaterais) traz um viés propositivo que toma o consumo midiático da pornografia como fonte de aprendizado para a discussão pública do vírus e da síndrome hoje.

Afinidades entre a pornografia e o debate público do hiv/aids	Há pontos de aproximação entre o homoerotismo pornografado e o hiv/aids como uma questão coletiva, devido à percepção de que o primeiro reflete parte das movimentações da cultura homoerótica na contemporaneidade da qual ainda faz parte a tópica do vírus e a síndrome.
Divergências entre a pornografia e o debate público do hiv/aids	Há pontos de divergência entre o homoerotismo pornografado e o hiv/aids abordado coletivamente, por se tratar de campos de produção sígnica que seguem fins, normas e ideais distintos.

Observações colaterais da pornografia para o debate público do hiv/aids	O homoerotismo pornografado, analisado por meio da comunicação e da semiótica psicanalítica, pode trazer contribuições para a abordagem coletiva do hiv/aids ao ter seus planos estéticos, éticos e lógicos desvelados, considerados e apropriados pelas estratégias políticas e públicas.

Tabela 1 - Quadro de hipóteses. Fonte: elaboração do autor.

A primeira das hipóteses, sintetizada pelo eixo Afinidades, diz respeito à percepção de que a pornografia amadora nos permite acessar parte dos meandros da cultura homoerótica e, assim, mapear linhas de produção de sentido em torno do hiv/aids no contexto do erotismo e da sexualidade. Sendo fruto de seu tempo, a pornografia digital apresentará os processos por meio dos quais os sujeitos homoeróticos constroem suas narrativas em um cenário pós-hiv/aids, no qual o vírus e a síndrome ainda parecem torcionar grande parte das expressões homoeróticas, revelando-nos os ecos de uma epidemia iniciada na década de 1980, mas que ainda não foi totalmente superada. Nesse sentido, a cultura observada pela plataforma digital, espaço pansemiótico de mediação comunicacional, nos auxilia a compreender os sujeitos homoeróticos em sua complexidade. Por "complexidade", que empregamos para qualificar a experiência homoerótica neste cenário, entendem-se as acepções de "pluralidade" e "diversidade" contidas nos termos: são muitos os cruzamentos, os atravessamentos e os emaranhados de sentido do homoerotismo masculino na contemporaneidade.

No eixo Divergências, exploramos a hipótese de que, ao mesmo tempo em que há paralelos entre a pornografia e a circulação do hiv/aids enquanto signos da cultura homoerótica, há diferenças substanciais. Circunscritas em campos muito distintos, seus pontos de divergência devem ser evidenciados para que possamos pensá-los por meio das diferenças. Nossa percepção inicial mirou o aparente descompasso entre a atual abordagem comunicacional institucional do hiv/aids e as expressões homoeróticas espontaneamente produzidas nas redes midiáticas digitais. Enquanto o discurso oficial de órgãos governamentais e organizações sem fins lucrativos que se preocupam com o manejo da epidemia de hiv/aids estão caminhando na direção do "autocuidado", da "prevenção" e do "sexo seguro", tais sentidos não parecem ter, naturalmente, espaço nas expressões do homoerotismo, baseadas na vulnerabilidade, na subversão e no desvio a qualquer conduta normalizadora.

Por fim, o eixo Observações Colaterais investiga as contribuições que a pornografia pode trazer para o debate público do hiv/aids. Nesse ponto, o conceito de "experiência colateral", advindo da semiótica peirciana, aponta para a relevância do repertório nos processos de significação. É possível repensar o enquadramento da questão do hiv/aids relacionada à sexualidade, aproveitando-se, por exemplo, das novas práticas sexuais sem penetração que ganham espaço na mediação pornográfica, alternativas para a prevenção ao hiv ou da erotização de novos métodos profiláticos, assumindo-se uma perspectiva farmacopornográfica, a partir da qual enxergam-se "os processos de governo biomolecular (fármaco-) e semiótico-técnico (-pornô) da subjetividade sexual" (PRECIADO, 2018, p. 36). Ao apresentar apropriações e formulações do erotismo em torno do hiv/aids, a pornografia amadora nos traz ensinamentos fundamentais para compreenderemos a complexa relação entre cultura e sujeito, ponto de total interesse epidemiológico que considera os fatores ambientais.

A pesquisa se estabelece a partir de uma metodologia exploratória, cujo olhar do pesquisador navega pela janela anônima do navegador, espaço privilegiado para o acesso e a fruição do material pornográfico, privilegiando-se a preocupação qualitativa em detrimento da análise quantitativa. Em vez de analisarmos acessos, visualizações e número de comentários, interpretaremos a circulação sígnica, a produção de sentidos e a recepção de tais materiais. Os dados quantitativos, quando surgem (como quando são utilizados, por exemplo, para um primeiro recorte de signos da pornografia amadora digital), são apenas pontos de partida para a investigação qualitativa. A cultura e a sexualidade homoeróticas são vistas sob a ótica da significação e da intersubjetividade, compreendendo-se sua construção, circulação e mediação a partir de signos e seus reflexos subjetivos.

Por fim, não pretendemos, ao empregarmos o termo "homoerotismo", chegar a um denominador comum para todas as subjetividades homoeróticas ou até mesmo as homogeneizar. Ao contrário: há uma grande variedade de possibilidades e expressão homoerótica masculina, como veremos. Embora sejam traçadas algumas linhas de interpretação comuns a muitas delas, nossa contribuição reconhece as limitações inerentes à abordagem e ao método aqui empregados. Igualmente, a escolha por muitas vezes grafar o termo "homoerotismo" sem o "masculino" trata-se de uma opção estilística que não busca invisibilizar o homoerotismo feminino, cujas particularidades não abordamos nesta tese, deixando-se, inclusive, a sugestão e o incentivo para o aumento de produções científicas nessa seara.

Do percurso da tese

Compreendendo-se a estruturação de uma tese que linearmente apresenta as bases que fundamentam a investigação que é desenvolvida nas páginas que se seguem, no capítulo 1, buscaremos estabelecer os parâmetros teóricos e metodológicos que direcionam a abordagem do homoerotismo, delineando-se a perspectiva da semiótica psicanalítica dentro da seara dos estudos da comunicação.

Elencando-se a produção e o consumo da pornografia amadora digital difundida pela plataforma XVideos como um *locus* de mediação e observação das expressões homoeróticas na contemporaneidade, no subcapítulo 1.1, dimensionamos suas extensões comunicacionais a partir de Jesús Martín-Barbero (2001), cuja teoria centraliza a comunicação como espaço de mediação cultural. Observando-se as evoluções que o mapa das mediações sofreu no decorrer de sua formulação, percorremos as narrativas, as identidades, as cidadanias e as redes homoeróticas, em diálogo com autores que vêm aplicando e desenvolvendo a teoria barberiana em meio aos estudos da produção e da recepção comunicacional (JACKS; SCHMITZ; WOTTRICH, 2019; LOPES, 2018). Somam-se ao bojo epistemológico comunicacional as discussões propostas por Clotilde Perez (2007, 2020) e Eneus Trindade (2012) sobre o papel do consumo na produção e na circulação de sentidos, vínculos e identidades, cujas discussões valem-se da etnografia como uma metodologia investigativa possível para o estudo dos fenômenos comunicacionais.

No subcapítulo 1.2, exploramos o campo da semiótica psicanalítica que vem sendo engendrado a partir de discussões encabeçadas por Lucia Santaella (1994, 2005, 2013a, 2014b), Lucia Santaella e Fani Hisgail (2013c) e Oscar Cesarotto (2019) para traçar alguns dos principais trilhos de tal abordagem. As ciências normativas de Charles S. Peirce, revisitadas e atualizadas por Lucia Santaella (1994, 2005) são o ponto de partida para estabelecermos os pressupostos da visão pansemiótica do autor norte-americano, esmiuçando-se a noção triádica do signo e suas extensões na leitura dos fenômenos culturais e midiáticos. Perseguindo-se uma das mais apuradas definições da semiótica psicanalítica, realizamos uma breve incursão nas bases da psicanálise freud-lacaniana, pontuando-se a construção intersubjetiva do sujeito, o atravessamento da linguagem e o inconsciente. Por fim, articulando-se a semiótica peirciana e a psicanálise, propõe-se a visão de um sujeito atravessado pelos signos, estendendo-se a noção de linguagem, fundamental para o sujeito

lacaniano, às outras matrizes da linguagem e do pensamento (SANTAELLA, 2005), além de operadores conceituais que regem a semiótica psicanalítica. Nesse ponto, a perspectiva comunicacional perpassa o sujeito de maneira irremediável, indo ao encontro da visão dialógica da comunicação presente em Martín-Barbero (JACKS, SCHMITZ, WOTTRICH, 2019, p. 31), que pressupõe a intersubjetividade.

Encerrando-se o capítulo dedicado às bases epistemológicas e metodológicas da tese, o subcapítulo 1.3 enquadra a estética, a ética e a lógica revisitadas pela semiótica e pela psicanálise. Apoiando-nos nas elucidações desenvolvidas por Lucia Santaella (1994) e John Rajchman (1993), enxergamos confluências entre as revisões conceituais em torno da estética e da ética defendidas por Charles S. Peirce e Jacques Lacan. Enquanto o filósofo norte-americano propunha uma estética livre do ideal do belo e uma ética que nada tivesse a ver com a moral, o psicanalista francês articulou a experiência estética ao Imaginário (uma das perspectivas do objeto, juntamente ao Real e ao Imaginário) e questionou o direcionamento ético para além da ideia de bem. Como cenário e ponto de convergência, a experiência consciente de leitura dos signos presente em Peirce, que estrutura a semiótica, entra em diálogo com o inconsciente de lacaniano, que rege o psiquismo com lógicas próprias, a fim de estabelecermos pressupostos comuns à análise semiopsicanalítica.

Tendo como gancho a intuição de que, para estudarmos o erotismo pelo viés da semiótica psicanalítica, é necessário compreendê-lo em seus termos, deixando-se de lado os julgamentos morais e os ideais de beleza, o capítulo 2 se dedica ao estudo de quatro principais autores que exploraram o erotismo em busca da construção de um vocabulário próprio a essa expressão da sexualidade, a saber: Marquês de Sade (2006, 2008, 2015), Sigmund Freud (2010b, 2016, 2019a), Jacques Lacan (2008c, 2009) e Georges Bataille (2005, 2014, 2018). A partir de seus escritos, traçaremos algumas diretrizes conceituais e analíticas da estética, da ética e da lógica do homoerotismo. A escolha por adentrar-nos por entre os rincões de tais autores se deu na medida em que há uma afinidade entre os registros do erotismo presentes na pornografia amadora homoerótica e as bases estabelecidas por tais pensadores.

Inicialmente, em diálogo com Eliane Robert Moraes (2015b), a filosofia libertina de Marquês de Sade, apresenta-nos a sexualidade como uma expressão cujas dimensões estéticas e éticas prescindem de qualquer valor moral, independentemente de seu contexto. No *boudoir* sadiano, espaço privilegiado de observação de seus extensos relatos sexuais, o erotismo se apresenta nas mais diversas configurações, trazendo fulgurações do aspecto

polimorfo e transgressor do desejo. No subcapítulo 2.1., percorremos as principais obras do filósofo francês, realizando uma breve leitura que nos permite enxergar a realidade daimônica inerente ao erotismo, posição libertária que permite "a criação de uma privacidade restrita ao indivíduo" (idem, p. 262).

Passando-se do erotismo ao homoerotismo, discutimos a constituição da homossexualidade a partir do pressuposto de que ela não deve ser um conceito universal a aglutinar todas as formas de expressão homoerótica, como Jurandir Freire Costa (1992) analisa. Primeiramente, porque trata-se de uma identidade que está relacionada diretamente ao seu contexto sociocultural, estando condicionada aos valores de sua época. Em segundo lugar, porque as epistemologias do homoerotismo foram sendo transformadas em consonância aos avanços do discurso científico, sendo a psicanálise uma das primeiras ciências a centralizar a sexualidade na constituição subjetiva de sujeitos, um grande avanço no que diz respeito a sua despatologização. Nesse sentido, no subcapítulo 2.2., retomamos o legado da psicanálise sobre a questão da escolha do objeto sexual, compreendendo-se as vicissitudes da sexualidade, com foco no que viriam a ser o homoerotismo e a homossexualidade pelo prisma intersubjetivo, e desemaranhando-se alguns dos sensos comuns que cercam a discussão.

Encerrando-se o capítulo dedicado à estética, à ética e à lógica do erotismo, no subcapítulo 2.3., percorremos os estudos sobre a temática desenvolvidos por Georges Bataille, contemporâneo de Jacques Lacan, cuja obra esboçou linhas de compreensão do erotismo enquanto conceito e prática. Analisando três de suas obras seminais, *História do olho*, *A noção do dispêndio* e *O erotismo*, esmiuçamos o olhar erótico, o saber obsceno e as bases para uma filosofia do erotismo. A partir da metáfora de dois seres descontínuos que buscam, através da relação erótica, a continuidade, sua perspectiva realiza a distinção entre três tipos de erotismo (*erotismo dos corpos*, *erotismo dos corações* e *erotismo sagrado*), importante arsenal para a análise das relações estabelecidas entre um e mais corpos, corações ou credos, e suas implicações subjetivas, como o domínio da violência e da violação.

Expostas as diretrizes conceituais da estética e da ética no erotismo, no capítulo 3, mapeamos e articulamos os signos do homoerotismo masculino encontrados na pornografia amadora digital. Aqui, nosso esforço, dentro da estrutura da tese, está direcionado à delimitação de uma gramática de expressões homoeróticas recorrentes que, no capítulo subsequente, articularemos ao redor do hiv/aids.

A partir da discriminação das linguagens e suas hibridizações no universo pansemiótico de consumo do XVideos (subcapítulo 3.1), evidenciando-se as matrizes sonoras, visuais e verbais que estão tanto presentes no material audiovisual pornográfico amador quanto nas páginas da plataforma (estruturadas por títulos, *tags*, *links*, anúncios publicitários e comentários de espectadores), exploraremos quatro principais grupos de signos recorrentes na pornografia amadora homoerótica digital, a saber: (a) *signos da persona sexual*; (b) *signos do falo*; (c) *signos da subversão*; e (d) *signos da violação*. Em cada um desses grupos são discutidos e estendidos os sentidos e as imagens que orbitam o seu tópico principal, ampliando-se nossa leitura para as construções culturais de tais signos e suas implicações psíquicas.

No subcapítulo dedicado aos *signos da persona sexual* (3.2), adentramos o universo de signos relacionados às fulgurações da personalidade enquanto um "lugar das máscaras" e do "teatro ritual" (PAGLIA, 1993, p. 107) no homoerotismo, tais como as noções do que viriam as ser as masculinidades em ação na arena da pornografia amadora no contexto brasileiro (como, por exemplo, as *tags* "ativo", "passivo", "macho" etc.), trazendo consigo também os signos relacionados aos marcadores sociais da diferença ("uber", "traficante", "negro" etc.) e aos romances familiares ("pai", "filho", "primo" etc.). Questões de performatividade de gênero, identidades e relações simbólicas de parentesco estão articuladas a tópicas psicanalíticas e socioculturais.

O segundo grupo, *signos do falo* (3.3), diz respeito às representações do pênis no homoerotismo, ampliando seus domínios para o conceito psicanalítico do falo, "organizador da sexualidade", como sintetiza Roberto Harari (2007, p. 19). Observando-se a centralidade do órgão sexual, passamos pelos signos que dizem respeito às suas dimensões anatômicas ("dotado", "pirocudo", "dotado 23 cm" etc.), às suas extensões ("mijo", "porra", "leite" etc.) e suas substituições e equivalências simbólicas ("axila", "pés", "mamilos" etc.). Além da discussão psicanalítica acerca do falo enquanto o marcador do desejo, são articuladas as construções do fetichismo, as metonímias da virilidade e da masculinidade e as dúvidas a respeito das relações entre anatomia e destino da sexualidade.

Relacionados à subversão, um dos valores do erotismo sadiano, os signos desbravados no terceiro subcapítulo (3.4) percorrem cenas externas e lugares legalmente proibidos para a prática sexual (como, por exemplo, os títulos "na sala de aula", "fudendo no carro", "banheirão" etc.), desvios à norma heterossexual e às condutas morais ("comendo o amigo hétero gostoso bêbado", "sem camisinha", "primeira vez do hétero curioso" etc.) e

as relações sexuais não-monogâmicas (“orgia”, “a três”, “traindo”, “desconhecido” etc.). Os enquadramentos de câmera oculta, muitas vezes recorrentes em tais materiais, registram cenas sexuais que nos levam ao *boudoir* de Marquês de Sade e prescindem qualquer lei moral, fazendo-se interface com os conceitos psicanalíticos de interdição, que funda o desejo, e da “inversão” e da “perversão” sexuais historicamente associadas à construção da homossexualidade que, embora sejam derrubadas na contemporaneidade, parecem emergir como ironia na filosofia libertina protagonizada em tais materiais.

Por fim, os *signos da violação* (3.5) completam o quadro de expressões do homoerotismo na pornografia amadora ao expor, na prática, um dos domínios do conceito batailliano do erotismo: a violência inerente à metáfora da relação de dois seres descontínuos. Demonstrações de força nos jogos sexuais de dominação e submissão (“submisso”, “putinha”, “me fodeu com força” etc.), expressões de dor e prazer (“metendo sem dó”, “gemidos”, “chorando na pica” etc.) e imagens de sangue e dilaceramento da região anal (“perdeu o cabaço”, “meteu até o punho”, “sangrando” etc.) desestabilizam as noções de belo e bem atrelados à estética e à ética, fazendo com que o nosso olhar sobre a sexualidade seja direcionado para outras dimensões (menos belas ou moralmente boas), sobretudo quando pensarmos as implicações de tais práticas no manejo da epidemia do hiv/aids.

Mobilizando o repertório de estudos da psicanálise sobre o erotismo e a sexualidade, concatenaremos tais signos presentes na pornografia amadora digital em ligação aos relatos históricos da questão homoerótica masculina no Brasil feitos por James Green (2000), João Silvério Trevisan (2018), Néstor Perlongher (1987) e Richard Parker (2002), compreendendo as particularidades da experiência brasileira, tendo em vista, paralelamente, os estudos culturais sobre as sexualidades conduzidos por Camille Paglia (1992, 1993, 1996) e as discussões filosóficas de Judith Butler (2016, 2019) e Paul B. Preciado (2017, 2018) - autores e autoras fundamentais para o delineamento do pensamento contemporâneo de gênero e sexualidade.

Sendo o hiv/aids um dos centros gravitacionais desta investigação, o capítulo 4 se debruça sobre os signos presentes na pornografia amadora digital em relação ao cenário pós-vírus. Perseguindo-se a perspectiva semiopsicanalítica que norteia nossa arguição, no subcapítulo 4.1, enquadramos o hiv/aids a partir de sua construção sígnica em meio à cultura homoerótica, refazendo-se a trajetória de sua circulação comunicacional e suas representações na realidade brasileira desde a década de 1980, quando passa a ser uma

questão a atravessar as práticas e subjetividades sexuais, até os presentes avanços e conquistas em muitas instâncias (como, por exemplo, os domínios farmacêuticos e terapêuticos tão importantes para o manejo de sua epidemia) que transformaram a sua prevenção e o seu tratamento. Com o recorte proposto, buscamos apresentar um panorama complexo de sentidos e imagens que, década após década, foram se acumulando no processo histórico de significação do vírus e da síndrome.

Pensando-se nas implicações de tais signos na subjetividade homoerótica, ainda recorremos aos relatos multidisciplinares de Renate Meyer Sanches (1997), Angela Carvalho Freitas (2017), Sílvia Helena Possati Moraes (2003) e José Juliano Cedaro (2005), entre outros autores, que vêm escutando pessoas que vivem com o hiv, logrando-se aplicar a perspectiva de construção intersubjetiva inerente ao bojo conceitual e metodológico que nos orienta. Cada época do hiv/aids apresentou efeitos diversos no psiquismo e mapeá-los nos direciona ao enquadramento do hiv/aids enquanto um objeto semiopsicanalítico de interesse à análise do homoerotismo na contemporaneidade. Nesse ponto, serão esmiuçadas as relações entre os signos do hiv/aids e o posicionamento subjetivo de cada sujeito, seja ele soropositivo, soronegativo ou sorointerrogativo. Questões geracionais e identitárias que perpassam a adesão, a alienação ou o desconhecimento à prevenção e ao tratamento são trazidas à baila, articulando sujeitos, vivências, corpos, desejos e narrativas.

No subcapítulo subsequente (4.2.), realizamos uma análise exploratória sobre a presença ou a referência aos signos do hiv/aids na pornografia amadora digital. Retomando a gramática estabelecida no capítulo 3, vamos do silenciamento à erotização do hiv/aids, enxergando-se as extensões estéticas, éticas e lógicas das práticas sexuais sem proteção ou sem prevenção ao vírus, tendo nosso foco no *barebacking*, nomenclatura surgida na década de 1990 para designar a penetração anal sem preservativo pós-hiv (FELBERG, 2011). Tomando as caixas de comentários como indícios e restos do consumo midiático, registros das intencionalidades e das práticas de fruição, discutimos as produções de sentido desencadeadas pelos materiais pornográficos, discriminando-se os comentários que são favoráveis, desfavoráveis ou indiferentes às práticas sexuais sem proteção evidente. Na articulação entre a produção e a recepção dos signos que direta ou indiretamente erotizam o hiv/aids, estendemos nossa discussão ao lugar da pornografia no debate público do hiv/aids na contemporaneidade: ela incentivaria ou sublimaria as práticas sexuais de exposição ao hiv?

É na medida em que as ciências normativas e, sobretudo, a semiótica, nos permitem não apenas compreender os fenômenos, mas também sobre eles agir (SANTAELLA, 2005, p. 36) que, nas considerações finais da tese, há um esforço propositivo para o manejo da epidemia do hiv/aids entre a população-chave homoerótica, tendo em vista as extensões sígnicas e psíquicas das novas formas de prevenção e tratamento, cuja adesão é essencial para o controle da disseminação do vírus. Pensando-se no potencial multidisciplinar dos estudos da saúde pública (IANNI, 2015) e na direção de produzirmos reflexões que possam desencadear ações, a presente discussão objetiva contribuir para o manejo do hiv/aids, perseguindo as aproximações do campo comunicacional e da semiótica psicanalítica à saúde pública propostas por Mónica Petracci (2012, p. 48), considerando-se tanto as intervenções comunitárias quanto uma concepção ativa e heterogênea para a recepção que possam auxiliar no direcionamento de ações comunicativas para o controle do vírus. Em um esforço de síntese, as discussões aqui empreendidas a partir da escuta, da articulação, da análise e da interpretação da cultura homoerótica pornografada nos trazem novas perspectivas para a compreensão dos difusos meandros da sexualidade e das suas relações com o hiv/aids no contexto contemporâneo mediado pelas redes digitais e pela diversidade exponencial de signos do erotismo.

1. HOMOEROTISMO PORNOGRAFADO. Bases teóricas e metodológicas.

Adentrar o universo de um objeto de estudo é sempre desafiador tendo em vista que esse objeto se apresenta não apenas em uma, mas em muitas direções. Observar as expressões do homoerotismo masculino pós-hiv/aids por meio do consumo da pornografia amadora digital, produzida e veiculada por meio de plataformas, nos demanda estabelecer claramente fundamentos teóricos e instrumentos metodológicos complexos e multidisciplinares para que se possa minimamente abarcar algumas de suas mais sobressalentes dimensões. Ao menos, podemos pensar em três principais áreas que, neste capítulo, serão abordadas: a comunicação, a semiótica e a psicanálise. Sem anteciparmos as discussões que serão desenvolvidas com maior afinco nos subcapítulos seguintes, podemos explicitar algumas das preferências e das filiações teóricas e metodológicas que assumimos nesta tese.

A escolha pela comunicação advém da perspectiva comunicacional do objeto "pornografia": produzido, veiculado e consumido pelas plataformas digitais, como o XVideos, sua existência aponta para fluxos comunicacionais dinâmicos, que engendram identidades, narrativas, cidadanias e redes e nos revelam os usos e os consumos dos objetos culturais. Por sua vez, a semiótica, interessada na constituição sígnica dos fenômenos e seus processos de significação, nos fornece as ferramentas necessárias para investigarmos o sentir, o agir e o pensar. O signo, unidade básica de produção de sentido, enquadra a cultura por meio da produção de sentido. E, ao fim, a psicanálise, aliada à semiótica, traz uma visão da construção intersubjetiva na qual o sujeito está atravessado pelos mecanismos psíquicos que são próprios à vida humana e por sua relação com a cultura (espaço privilegiado do Outro).

A intenção de se desenvolver uma construção interdisciplinar, de certo modo, segue os pressupostos de um "pensar complexo", no sentido em que o termo foi empregado por Edgard Morin (2011) para propor epistemologias que abarquem o sistema aberto estabelecido entre sociedade, conhecimento e ser humano. Nesse sentido, trata-se de uma tentativa exitosa na medida em que ela não encerra ou simplifica questões, mas, ao contrário, as complexifica ainda mais.

1.1. A pornografia amadora digital como mediação comunicacional da cultura homoerótica

Um dos maiores desafios enfrentados nesta tese diz respeito ao enquadramento comunicacional de nosso objeto de estudo, o homoerotismo retratado e engendrado na produção e no consumo da pornografia amadora digital. O campo da comunicação, como já se percebe, é tão vasto quanto os fenômenos dos quais se ocupa a analisar (SODRÉ, 2014, p. 15). Por isso, os caminhos trilhados pelas veredas dos estudos comunicacionais seguem o norte de uma crítica que posiciona a comunicação e o consumo como molas da cultura, da sociedade e da formação de subjetividades.

Neste subcapítulo expomos as bases teóricas e metodológicas que nos permitem enxergar a pornografia amadora digital enquanto mediação e produção da cultura homoerótica masculina na contemporaneidade. Partindo da visão comunicacional de Jesús-Martín-Barbero (2001), que localiza os cruzamentos entre cultura e comunicação (subcapítulo 1.1.1), chegamos até os estudos do consumo (1.1.3) que enquadram o consumo como um "processo de construção de vínculos de sentido", como sintetizou Clotilde Perez (2020, p. 10). Entre a fundamentação teórica das mediações até a análise do consumo, está a construção de narrativas, identidades, cidadanias e redes, que identificaremos brevemente no subcapítulo 1.1.2.

O esforço de buscarmos o estabelecimento de critérios e pressupostos para a análise do homoerotismo pornografado amadoramente nas redes digitais se justifica na medida em que o objeto em si se apresenta complexo e atravessado por vetores comunicacionais que o engendram e o significam. As lentes da comunicação e do consumo nos permitem mirar, com afinco, os fluxos e os sentidos da pornografia amadora digital na cultura contemporânea, tendo como o ponto de partida a perspectiva das mídias, das mediações e das práticas de consumo. A pornografia amadora digital, através da "ciência do comum" que é a comunicação (SODRÉ, 2014), além de ser um produto midiático a ser produzido e consumido, leitura primária que poderíamos fazer, é também uma expressão da cultura, um veículo do homoerotismo, um objeto a partir do qual e no qual narrativas e identidades são gestadas, um reflexo das práticas sexuais de seu tempo, um pretexto para a interação entre sujeitos, um portador de sentidos atualizados coletivamente e um registro da resistência de sexualidades dissidentes que, muitas vezes, não têm espaço de representação oficial.

Não buscando ser extensas, tais discussões nos fornecem firmes alicerces teóricos sob os quais estarão firmadas as análises que aqui pretendemos realizar. Ademais, é salutar

registrar que, embora apostemos nessa direção, muitos outros enquadramentos comunicacionais também são possíveis e interessantes para a abordagem da pornografia amadora digital homoerótica, sendo, sobretudo, encorajada a realização de outras possibilidades, que, indubitavelmente, trarão contribuições inestimáveis ao estudo desse que é um dos objetos mais consumidos (a julgar pelo *ranking* de acessos) e menos estudados (tomando-se em conta a escassa bibliografia disponível em relação à pornografia amadora digital).

1.1.1. Entre comunicação e cultura: a perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero

Adentrar a obra de Jesús Martín-Barbero (2001) nos faz adensar o olhar comunicacional a partir da perspectiva cultural, ou, nas palavras de Vassallo de Lopes (2018, p. 42), "a epistemologia da comunicação barberiana pode ser entendida como uma nova tentativa de cartografar o conhecimento das práticas comunicacionais e culturais latino-americanas". A cartografia desenvolvida pelo autor parte do conceito de *mediações*, sob a égide de três princípios listados por Immacolata (idem, p. 51), a saber: "a comunicação hoje é uma questão de mediações mais que de meios de comunicação"; "as mediações constituem uma perspectiva teórica compreensiva tanto dos processos de produção e do produto como da recepção"; e "todo o processo de comunicação é articulado a partir de mediações".

O giro teórico proposto pelas mediações comunicacionais barberianas nos permite enxergar a pornografia amadora digital não apenas como um meio (um material audiovisual produzido e propagado nas redes digitais), mas, também, como um mediador da cultura homoerótica (um espaço comunicacional de circulação de sentidos). Esse marcador é extremamente importante para evitarmos a tomada simplesmente do suporte físico que o sustenta (as redes digitais e as técnicas cinematográficas), mas, igualmente, considerarmos as linguagens desenvolvidas pela pornografia amadora a partir de suas expressões, sua circulação e a sua recepção na cultura por meio de seu consumo.

Sobre o meio, muito pode e deve ser dito e considerado, como, por exemplo, o controle e a vigilância das redes digitais, as estruturas de monetização que embasam o consumo midiático e a influência dos algoritmos por trás da experiência do usuário digital, como extensamente investiga Benjamin Loveluck (2019). Contudo, é a partir das linguagens, dos usos e dos consumos do homoerotismo pornografado que podemos enxergar e observar as expressões do erotismo homossexual masculino na contemporaneidade, considerando-se, para tal intenção, a construção coletiva e comunitária da cultura homoerótica, tomando-se a comunicação como a ciência do comum, como propõe Muniz Sodré (2014). Será por meio do estudo da produção e da recepção de tais materiais audiovisuais, instâncias que extrapolam o meio físico propriamente dito e percorrem cultura, sociedade e sujeito, que enxergaremos os sentidos do homoerotismo em circulação e discutiremos seus desdobramentos estéticos, éticos e semióticos. Como um retrato de nosso tempo, os mais de 720 vídeos analisados nesta tese apresentam o estado da arte do que viria a ser a cultura homoerótica pós-hiv/aids, levando-se em consideração os fluxos comunicacionais que

envolvem a plataforma digital e o caráter dinâmico do universo sígnico que a representa e a constrói.

O melhor caminho para adentrarmos a obra de Jesús Martín-Barbero é através dos mapas metodológicos das mediações por ele desenhados e aprimorados ao longo de suas indagações comunicacionais. Como pode ser visto pela fusão dos três principais esquemas desenvolvidos e apresentados por Barbero (figura 1), esquematizada por Lourdes Ana Pereira Silva e Maria Auxiliadora Fontana Baseio (2019, p. 171), podemos notar a atualização de processos comunicacionais à luz da contemporaneidade (como ocorre, por exemplo, na sobreposição da ponta do eixo diacrônico matrizes culturais/mobilidade/ sensorialidades, sendo esses dois últimos adicionados sob o pretexto das mudanças paradigmáticas trazidas pela cultura digital). A acumulação dos mapas, como bem nota Vassallo de Lopes (2018, p. 60), dialoga com a natureza dialética do pensamento barberiano: "um mapa não substitui o anterior, mas se apropria, o reinterpreta e o acrescenta, em um processo de exige um pensamento de maior complexidade".

Figura 1 - Sobreposição dos três mapas metodológicos de Martín-Barbero. Fonte: Silva e Baseio (2019, p. 171).

Para fins didáticos, percorreremos os dois principais eixos que se interseccionam: o horizontal, diacrônico (matrizes culturais/formatos industriais, mobilidade/fluxos; sensorialidades/ tecnicidades); e o vertical, sincrônico (lógicas de produção/competências da recepção; temporalidade/espacialidade; temporalidades/espacialidades). O primeiro desses eixos está relacionado à transmutação ao longo do tempo dos processos comunicacionais (de

suas raízes na história à atual formatação de produtos culturais). O segundo, às relações dialógicas ocorridas sincronicamente durante as experiências de consumo e recepção.

Pensando-se a pornografia amadora digital a partir do eixo diacrônico, podemos inicialmente destacar as raízes da pornografia na cultura ocidental, cuja presença, historicamente e ambiguamente, tem sido tanto bem-vinda quanto incômoda (SHATTUCK, 2000). Seus primórdios estão impressos ao surgimento do termo: "a palavra vem do grego *pornographos*, que significa literalmente 'escrever sobre as prostitutas'[7]" (HYDE, 1977, p. 15). Representações gráficas e eróticas de corpos nus e práticas sexuais podem ser encontrados desde os mais antigos registros de civilizações, como nos artefatos peruanos pré-colombianos (LARCO, 1966) e nos vasos dos primórdios da arte greco-romana (PAGLIA, 1992). Embora as obscenas representações possam datar de épocas anteriores, a pornografia tal qual hoje conhecemos só surgiria há poucos séculos, como discorre Jorge Leite Júnior (2006, p. 45): "a pornografia visando a excitação sexual de seu público como única motivação e um fim em si mesma é um conceito recente, datando apenas do final do século XIX".

Passando-se das matrizes culturais aos formatos industriais, as relações entre pornografia e comunicação são profundas: desde o seu surgimento, têm sido fundamentais a materialidade física e a potencialidade de circulação de meios comunicacionais, como as impressões litográficas e tipográficas (no caso de gravuras e textos, respectivamente) em revistas, livros e folhetos, como resgata Lynn Hunt (1999). É na medida em que a pornografia se aproxima do mercado e da circulação popular que são estabelecidas as discussões modernas em torno de uma possível dicotomia entre o *erotismo* e a *pornografia*, como se o primeiro fosse superior ao segundo. Lucia Castello Branco (1987) tenta diferenciar o *erotismo* da *pornografia* a partir do surgimento dos termos: a arte de Eros (que, na mitologia grega, representa a busca incessante pelo amor) e o mercado sexual (a "escrita das prostitutas"), respectivamente. Sem querermos enfrentar a questão, por um viés comunicacional, consideremos que nem toda expressão erótica seja pornográfica, mas que toda expressão pornográfica seja erótica.

O julgamento de que a pornografia, ao contrário do erotismo, por ser um produto mercadológico, insistiria "sobretudo em comportamentos que reforçam a mutilação e a solidão dos indivíduos" e, por isso, enfatizaria "a superficialidade das relações" (idem, p.

[7] No original: "la palavra proviene del griego pornographos, que significa literalmente 'escribir sobre las rameras".

27) parece reproduzir o discurso fatalista daqueles que consideram o consumo como um "dispêndio", para tomarmos emprestado o termo empregado por Clotilde Perez (2020, p. 10), e, com isso, ignoram os sentidos e vínculos sociais e culturais que o material pornográfico pode revelar. Além do mais, é preciso enxergar que, em uma perspectiva cultural, a divisão entre *erotismo* e *pornografia*, muitas vezes, está calcada na elitista cisão entre cultura popular e alta cultura das elites, percepção registrada por Jesús Martín-Barbero (2001). A literatura erótica, reconhecida por circuitos de legitimação construídos em torno de escritores, editoras, leitores e universitários, seria superior à pornografia difundida comercialmente pelas mídias gráficas e consumida anonimamente para um "prazer barato". Cada contexto cultural e comunicacional construirá o seu próprio conceito de pornografia, reconhecendo-se, nesses processos de construção, a produção e a recepção de tais objetos culturais.

Como resgata Jorge Leite Júnior (2006), no século XX, a pornografia passou da fotografia, suporte que difundiu nus e práticas sexuais desde o advento da tecnologia de reprodução fotográfica, para a produção cinematográfica, na qual as representações da sexualidade têm sido diversas, do mais leve ao mais obsceno, do conotativo ao denotativo, como extensamente analisa Rodrigo Gerace (2015). Embora já existissem filmes de teor erótico, será apenas na década de 1980, como aponta Nuno César Abreu (2006), com o surgimento do VHS, que a pornografia audiovisual se consolida como uma categoria mercadológica de "entretenimento", estabelecendo-se uma longa cadeia de locadoras, consumidores, produtores, atores e atrizes pornôs. Paralelamente à grande indústria, as primeiras iniciativas de produção audiovisual de pornografia amadora já eram realizadas a partir da difusão de aparelhos individuais de captação de imagem, como filmadoras pessoais.

O estabelecimento das redes digitais como espaço para a produção, a circulação e o consumo pornô só ocorreriam com o lançamento de plataformas voltadas exclusivamente ao *upload* e ao *streaming* de vídeos pornográficos. Nascidas à imagem e semelhança do YouTube (RUBERG, 2016), foram lançadas, em 2007, plataformas como XVideos, RedTube e PornHub. Apesar de já existirem domínios digitais dedicados à pornografia digital, que, usualmente traziam materiais fotográficos ou eram exclusivos a produtoras pornôs, as dinâmicas propostas pelas novas formas de veiculação midiática criaram uma demanda até então inédita: a produção audiovisual pornográfica amadora voltada ao olhar do outro, igualmente, amador. Trazendo questões profundas à monetização da pornografia profissional, uma vez que tais plataformas disponibilizavam atrativas opções de consumo

pornô por se apresentarem como gratuitas, chegou-se a modelos de negócios rizomáticos de integração entre gratuidade e a promoção de conteúdos de produtoras que possuam intencionalidades financeiras, como discrimina Silvia Rodeschini (2020).

No que diz respeito às tecnicidades (que substituiu o conceito de formatos industriais no mapa metodológico mais recente de Martín-Barbero), é preciso reconhecer que, na contemporaneidade, estão borradas as fronteiras entre o que viria a ser linguagem amadora e aquela profissional na pornografia. A grande indústria pornográfica, que outrora reinou nas décadas de 1980 e 1990 com a comercialização de material pornográfico em mídias como VHS e DVD, transformou-se, no início do século XXI, a reboque das novas realidades digitais, como mapeia Maria Elvira Díaz-Benítez (2010). Apropriando-se das linguagens amadoras de câmeras semiprofissionais, ângulos não-intencionais e outras características inerentes à inexperiência amadora, as produtoras de vídeos pornôs se aproximaram da produção feita amadoramente e disponibilizada nas plataformas digitais para chegar a uma maior "verdade" no que se representa na cena sexual registrada: a linguagem amadora traduziria a "realidade", qualidade tão procurada por consumidores e produtores pornôs. Exemplo disso é a vastidão de pequenas produtoras catalogadas no domínio digital CoolGayMovies.com, voltada à divulgação de mais de 110 produtoras pornôs que disponibilizam gratuitamente alguns *previews* de seu material audiovisual, que pode ser acessado na íntegra mediante pagamento de assinaturas em *sites* próprios.

Para se dimensionar a presença da linguagem amadora na produção, podemos tomar como referência o roteiro seguido pelo domínio digital norte-americano BaitBuddies, cuja assinatura mensal custa em torno de US$ 25. Sob a promessa do slogan "We make STRAIGHT guys do GAY things" ("Fazemos caras heterossexuais fazerem coisas homossexuais", em tradução literal), os vídeos semanalmente postados (na íntegra para pagantes e em formato reduzido para visitantes não-pagantes) seguem o seguinte *script*: sentado em um sofá, um rapaz "gay" ("bait") é apresentado por alguém que está atrás da câmera; surge um homem "hétero" ("straight") que se senta no sofá e, igualmente, passa a conversar com aquele que filma – a conversa gira em torno do pretexto que os motivaram à realização do filme e o convite para se gravar com uma atriz pornô; eles tiram a roupa e começam a mostrar e a explorar seu corpo frente à câmera, muitas vezes, destacando seus atributos físicos, como músculos, nádegas e pênis; o entrevistador/câmera sinaliza que vai chamar a garota, mas volta com a notícia negativa de que ela não poderá estar presente; diante das "mudanças de planos" e dos "imprevistos", há a oferta de um cachê dobrado caso

os presentes (já nus) se relacionassem homossexualmente; após a surpresa e a hesitação inicial da proposta, ambos começam a cena sexual. Se os sujeitos em cena são atores ou não, se foram enganados ou se a história foi previamente combinada entre os participantes, pouco importa: a narrativa do amadorismo e da subversão da heterossexualidade (que abordaremos no subcapítulo 3.4.2) já está construída.

As relações entre a institucionalização da produção pornográfica (através das produtoras e outras instituições voltadas exclusivamente à produção pornográfica) e o compartilhamento desinteressado de materiais pornôs, na atualidade, são bem difusas. Nas plataformas de produção pornográfica, pode ser observado o crescimento de iniciativas particulares que buscam monetizar o conteúdo audiovisual, como a criação de sites que somente disponibilizam seus materiais mediante o pagamento de assinatura, como ocorreu nos brasileiros casos Irmãos Dotados, criados por dois garotos de programa que se tornaram produtores pornôs, e Macho na Vara, que promete disponibilizar "o melhor sexo gay amador", como aponta seu slogan.

Igualmente, pode ser observada a apropriação de conteúdos de produtoras profissionais por usuários amadores que os disponibiliza gratuitamente, infringindo qualquer direito autoral de uso e/ou comercialização de imagem, subvertendo as lógicas de comercialização pornô e reforçando a ideia de que as redes digitais devem ser um lugar de compartilhamento e consumo supostamente gratuitos. Nos limites dessa ideologia, estão as redes de compartilhamento de senhas e *e-mails* de *login* de produtoras pornôs, promovidas por *blogs*, sob o pretexto de democratização do acesso à pornografia. Muito antes, eram comuns as práticas de se fotografar e/ou se escanear as mensais edições de revistas pornográficas, como a brasileira G Magazine, famosa publicação voltada à nudez masculina de atores e modelos, e, consequente, disponibilização virtual. O gesto ia muito além da economia financeira que traria o consumo midiático digital do conteúdo da revista: para muitos homossexuais "no armário" e/ou que teriam vergonha em comprar presencialmente nas bancas, era uma opção de consumo anônimo e de descoberta, experimentação e vivência de seus próprios desejos homoeróticos.

Plataformas similares ao XVideos vêm acompanhando as mudanças e as tendências de monetização do conteúdo pornográfico não somente ao remunerar seus produtores amadores como também ao incentivar sua produção. O PornHub, concorrente direto do XVideos, criou, em 2017, a categoria Porn Stars, na qual figuram homens e mulheres de todas as idades que produzem seus próprios conteúdos, oferta interessante para aqueles que

já tinham uma relativa frequência de postagem, o que levou, por exemplo, o amador ator pornô BlessedBoy (que utiliza a alcunha BlessedBoy1993) a migrar do XVideos para a plataforma concorrente. Enquanto a plataforma Câmera Privê remunera seus *strippers*, que são agenciados virtualmente, o domínio digital 4Cam permite a transmissão ao vivo de cenas sexuais (usualmente que envolvem a masturbação frente à câmera) com o incentivo às gorjetas de usuários cadastrados no domínio digital. Nesses casos, há uma interessante relação entre prostituição e pornografia amadora, pois, na medida em que tais usuários colocam seu corpo ao olhar do outro e é, por esse gesto, remunerado, há uma troca explicitamente comercial baseada no consumo midiático. Mais recentemente, está o surgimento da plataforma OnlyFans, que, embora tenha sido lançado em 2011, obteve grande adesão na cultura homoerótica brasileira no ano de 2020: o fã paga uma quantia (cotada em dólar) para receber conteúdo exclusivo daquela personalidade (usualmente, *nudes* e vídeos pornôs). Em relação ao XVideos, a plataforma ainda é uma das poucas que não chegou ainda a remunerar seus produtores (embora algumas iniciativas já tenham existido, como o XVideos Red, com a cobrança de assinatura para visitantes que não queiram receber anúncios publicitários durante a navegação).

Mirando-se o eixo que diz respeito às práticas da produção e do consumo, podemos repensar a definição outrora dada por Jorge Leite Júnior (2006) para o conceito da pornografia moderna. Na contemporaneidade, sobretudo quando vislumbramos as plataformas de compartilhamento digital, não podemos restringir as motivações da pornografia e seus efeitos somente à "excitação sexual" (idem, p. 45). Embora esse ainda seja um de seus principais usos, o consumo da pornografia, da mesma maneira, aponta para outros sentidos vinculados à produção e ao consumo midiático, tais como a criação de redes de sociabilidade em torno de preferências eróticas pornografadas, o fortalecimento de identidades sexuais, a difusão de práticas sexuais e criação e o estímulo de novas experiências sensoriais em relação ao erotismo. O modelo barberiano de comunicação, ao apresentar uma complexa trama de mediações comunicacionais e fluxos culturais, nos permite ir além dos usos mais imediatos e estanques de produtos e objetos.

Destacando-se a relação dialógica entre as competências da recepção e as lógicas de produção, está o observável aumento de vídeos gravados no modo "retrato", em detrimento do modo "paisagem". Acompanhando-se o crescimento do consumo midiático e do acesso

à internet via *smartphones*[8], projetados para privilegiar a exibição de tela na "vertical", modo como o aparelho melhor se adequa à mão do usuário, vídeos no XVideos têm sido produzidos na vertical para a melhor adaptação da imagem à tela *mobile*. Uma mão no celular, outra a estimular os órgãos genitais e as zonas erógenas. A recorrência desse modo de gravação também se justifica pelo método de captação da imagem através de *smartphones*, cada vez mais comum na pornografia amadora.

Condensando em uma mesma interface produção e consumo midiático, o XVideos, plataforma sobre a qual nos debruçaremos para estudarmos a pornografia amadora homoerótica, possui dispositivos atualizados em tempo real para observarmos tanto as lógicas de produção (que passam pela concepção audiovisual e também extrapolam o material imagético, percorrendo-se os signos que envelopam o registro, como títulos e *tags*), quanto os registros de sua recepção (que podem ser vistas pelos comentários e pelas interações entre espectadores e produtores). Contabilizando e tornando público o número de visualizações, as "curtidas" e das "descurtidas" (que sinalizam se o espectador gostou ou não de um material audiovisual) e as áreas destinadas a comentários espontâneos de espectadores, a plataforma registra as dinâmicas comunicacionais que a sua interface fomenta.

Reflexo de temporalidades e espacialidades que atravessam a cultura e a comunicação, a pornografia amadora digital constantemente atualiza o repertório imaginário do homoerotismo, inserindo novas práticas sexuais (como, por exemplo, o *gouinage*, termo para designar a cena sexual homoerótica sem penetração) e apropriando-se de signos em circulação (como ocorreu com as citações ao "Covid", ao "coronavírus" e à "quarentena" na produção amadora postada em 2020). Por ser rapidamente produzido, veiculado e consumido, o homoerotismo pornografado amadoramente tem a vantagem de responder com velocidade os temas e as temáticas de seu tempo. É também digna de nota a (re)produção do homoerotismo à luz da cultura brasileira, colocando-se em cena as expressões homoeróticas que tanto dialogam com a cultura gay norte-americana (tomando-se emprestadas expressões de origem inglesa como "gay", "pig", entre outras), que hegemonicamente dominou a cultura pornográfica devido às suas grandes indústrias pornôs, e as raízes brasileiras que engendram

[8] Segundo relatório disponibilizado pela companhia de inteligência de informação SimilarWeb, o acesso via *mobile* ultrapassou o número de acessos via *desktop* no ano de 2019. Fonte: https://www.similarweb.com/corp/reports/2020-digital-trends-report/. Último acesso em 19 de setembro de 2020.

identidades sexuais regionais, com o “macho” e o “viado” (que veremos no subcapítulo 3.2.1).

Dos modelos teóricos e dos direcionamentos metodológicos de Jesús Martín-Barbero (2001), devemos levar o pensar complexo que institui e promove para a abordagem dos fenômenos comunicacionais e as ferramentas disponíveis para enxergarmos a pornografia amadora digital a partir dos fluxos comunicacionais que os atravessam, das dimensões culturais que o compõem e dos vetores de sentido que por ele são apontados tanto na sua produção quanto na sua recepção. O enquadramento comunicacional de nosso objeto, embora pareça difícil, por se mostrar complexo, é um esforço necessário para posicioná-lo na emaranhada e dinâmica trama que o produz enquanto um fenômeno cultural e comunicacional de nosso tempo.

1.1.2. Identidades, narrativas, cidadanias e redes homoeróticas na contemporaneidade

Tomando como ponto de partida as mediações apresentadas no último desenho do mapa metodológico barberiano, os conceitos de "narrativas", "identidades", "cidadanias" e "redes" nos fazem refletir sobre algumas extensões da pornografia amadora digital na cultura homoerótica contemporânea. Frutos de intersecções entre os eixos sincrônicos e diacrônicos, tais mediações são respostas a "mutações contemporâneas" que se manifestam "na transformação profunda da estrutura temporal, no culto ao presente, no debilitamento da relação histórica com o passado e na confusão dos tempos que nos prende à simultaneidade do atual" (LOPES, 2018, p. 57).

Localizada entre as sensorialidades e as temporalidades, que se acumulam, respectivamente, às matrizes culturais e às lógicas de produção, a mediação das identidades diz respeito à formação coletiva e individual de identidades que, na visão barberiana, são "a expressão daquilo que dá sentido e valor à vida do indivíduo" (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 67). No plano das mediações, o conceito se apresenta como mutável, moldável e resultado de negociações entre diferentes agentes e representações. Sua consolidação se dá à luz de processos comunicacionais e culturais, como destacam Lírian Sifuentes e Maria Catarina Chitolina Zanini (2019, p. 256): "as identidades se constroem em processos sempre históricos, politicamente localizados, em espaços de luta"[9].

Embora falemos em homoerotismo pós-hiv/aids, alcunha que busca identificar expressões homoeróticas masculinas marcadas pelo vírus e pela síndrome, as identidades aqui agrupadas não são únicas nem fixas. Pelo olhar comunicacional, elas estão sempre em construção e circulação, sendo, a todo momento, atualizadas, revistas, ampliadas, negociadas e transformadas por sujeitos, imagens, práticas comunicacionais e instituições. Não há uma só identidade homossexual masculina: há várias. A divisão das identidades homoeróticas proposta por Néstor Perlongher (1992, p. 43), no início da década 1990, "uma [figura da homossexualidade masculino no Ocidente], a das bichas loucas genetianas, sempre flertando com o masoquismo e a paixão de abolição; outra, a dos gays à moda americana de erguidos bigodinhos hirsutos", já não é mais única, pois os "mil sexos" que compõem as sexualidades, já previstos por Gilles Deleuze e Félix Guattari (2012, p. 70), encontram, nos novos fluxos comunicacionais e culturais da contemporaneidade, espaços de vazão e expressão.

[9] No original: "las identidades se construyen en procesos siempre históricos, politicamente situados, en espacios de lucha".

O que se observa na pornografia amadora homoerótica digital é a proliferação de possibilidades de expressão homoerótica. Como veremos no capítulo dedicado aos signos do homoerotismo na pornografia (capítulo 3), são várias as identidades e diversos os sentidos que elas dão ao sujeito: "puto", "macho", "pauzudo", "passivo", "ativo", "afeminado" e "musculoso", apenas para citar algumas das recorrências encontradas. Os processos de construção sígnica dessas identidades se apresentam móveis ao passo que novas imagens atualizam o imaginário do homoerotismo, colocando em cena novas possibilidades de existência e direcionamento de sentidos para o sujeito, como articula a visão comunicacional de Martín-Barbero (2006).

A perspectiva pós-moderna de autores que vão ao encontro da ideia barberiana da identidade como processo comunicacional, como, por exemplo, os conceitos de identidades deslocadas na obra de Stuart Hall (2015), sujeito-multivíduo de Massimo Canevacci (2012) e identidade líquida de Zygmunt Bauman (2005), auxilia-nos na identificação de acúmulos de identidades e na compreensão de sua flexibilidade e sua mobilidade no tempo e espaço. Paralelamente ao adensamento e à ramificação das expressões homoeróticas pornográficas nas redes digitais, o homoerotismo masculino, ao menos na cultura brasileira, foi se complexificando: hoje é possível encontrar "héteros gays", "passivos machos", "ativos afeminados", entre outras combinações outrora impossíveis pela rigidez dicotômica entre o "homem macho heterossexual" e a homossexualidade masculina como desvio à norma.

Intimamente ligadas à mediação da identidade, as narrativas, sob o prisma barberiano, traçam um panorama completo da circulação discursiva: "a complexidade social que engendra a contemporaneidade, revestida pelas tecnologias comunicacionais, fornece novos meios de criação, recriação, leitura e releitura das narrativas"[10], como elaboram Lourdes Ana Pereira Silva e Maria Auxiliadora Fontana Baseio (2019, p. 181). Perceber a narrativa como prática comunicacional significa localizarmos os "fragmentos", os "ritos" e as "repetições" no cotidiano (idem, p. 180).

No que diz respeito ao homoerotismo, as práticas sexuais só ganham significado a partir das tramas narrativas e discursivas que a revestem. O homoerotismo só existirá graças à forma através da qual as práticas da penetração, da felação, da masturbação e de outros atos sexuais mediados pelo sensorial são traduzidas em imagens, sons, títulos e outros signos. As narrativas desenvolvidas pela pornografia amadora pouco a pouco alimentam o

[10] No original: "la complejidad social que engendra la contemporaneidad, revestida por las tecnologías comunicacionales, provee nuevos medios de creación, recreación, lectura y relectura de las narrativas".

imaginário e a trama simbólica das narrativas homoeróticas, direcionando as culturas homoeróticas a partir de práticas comunicacionais mais ou menos espontâneas. Sob a insígnia do amadorismo, o homoerotismo pornografado nas plataformas como XVideos constrói um espaço para a expressão da sexualidade de forma mais livre que a pornografia industrial. A amoralidade e a subversão intrínsecas à circulação midiática do que é obsceno, e que, por isso, não se pode colocar em cena, permite uma menor projeção dos discursos institucionais que historicamente administraram e regularam o uso dos corpos e dos prazeres (FOUCAULT, 2014b) e, consequentemente, uma maior expressão da sexualidade humana na performance sexual que se registra e se publica de forma mais ou menos anônima.

Em relação ao hiv/aids, marco estabelecido para pensarmos a estética, a ética e a semiótica do homoerotismo, as narrativas construídas em torno do vírus e da síndrome, dos corpos positivos, negativos ou sorointerrogativos e das práticas sexuais de exposição são de extrema importância para entendermos como os discursos tornam-se práticas e como a práxis é organizada a partir das linguagens (considerando-se a pluralidade de linguagens proposta pela semiótica peirciana, como veremos mais a frente). O vírus existe e a via sexual ainda é uma tópica importante para o manejo de sua epidemia, porém, como sujeitos, práticas e mídias constroem suas narrativas os considerando como pontos de atenção no homoerotismo masculino contemporâneo?

Ainda no domínio das narrativas, além de sua contribuição fundamental à formação e à circulação do erotismo, diante de nosso objeto de estudo, também podemos destacar os discursos pró, contra e críticos à pornografia, como mapeiam Clarissa Smith e Feona Attwood (2014). Alguns críticos condenam a pornografia como se ela fosse a vilã no enredo das batalhas sexuais modernas, por supostamente incentivar o estupro, o abuso sexual e a banalização do erotismo. Ela repetiria padrões, sujeitaria pessoas, tornaria afetos e corpos em mero objetos de consumo. Porém, essas mesmas críticas auxiliam no processo de significação da pornografia na contemporaneidade e reforçam a histórica carga moral que ela carrega desde tempos imemoriais (SHATTUCK, 2000). As narrativas a favor, igualmente, apontam para sentidos como “liberdade sexual”, “anarquia” e “autonomia do corpo e dos prazeres”, valores suplementares à cena sexual pornografada. No subcapítulo que encerra o capítulo 4 (4.2.3), discutiremos os usos e consumos da pornografia à luz da experiência da transmutação de narrativas em práticas: quando se colocam em cena condutas sexuais que deliberadamente ou não estão desprotegidas ao hiv, em termos semiopsicanalíticos, incentiva-se ou se sublima a exposição na cultura homoerótica?

A instância das redes, mediação que se sobrepõe às ritualidades no mais recente mapa barberiano (em sua terceira atualização), nos leva aos meandros das interações propostas pelas redes digitais. Localizada entre as temporalidades e as tecnicidades, a mediação das redes é aquela das conexões e dos fluxos comunicacionais estabelecidos pelos novos paradigmas tecnológicos. Mirando-se a plataforma XVideos, podemos perceber que a cultura homoerótica é direcionada, mesmo quando acessada do Brasil, pela divisão entre "heterossexual", "gay" e "trans". Agrupadas pelo rótulo "gay", as expressões do homoerotismo estão delimitadas por algoritmos que baseiam a experiência do usuário na interface em vídeos identificados e organizados, por meio de *tags*, em relação ao que viria a ser a homossexualidade nos moldes da cultura pornográfica digital. Se o usuário pesquisar por "lésbicas", a ele só aparecerão vídeos homoeróticos femininos dentro da categoria "gay". Fechada em um circuito definido pelo termo "gay", a navegação do usuário se restringe aos caminhos propostos pela plataforma, sem que haja, por exemplo, qualquer diálogo ou possibilidade de consumo de expressões heterossexuais ou que coloquem em cena corpos transexuais sem que o usuário demonstre ao menos um esforço maior (pesquisando pelas *tags* corretas). Até mesmo quando o usuário busca por tais expressões, ele é automaticamente redirecionado aos outros circuitos que, por sua vez, excluem os materiais pornôs homoeróticos.

Em que se considerem a experiência do usuário e a sua busca por excitação sexual, o direcionamento do XVideos parece ser simplório: diante de tantas identidades e narrativas da vasta sexualidade, por que somente três categorias? A julgar pela divisão proposta pela plataforma, por exemplo, a bissexualidade ocupa um lugar difuso e sem definição, estando presente tanto nas áreas "gay" quanto "heterossexual". Isso sem contar a exclusão de corpos trans nas demais categorias. Essa crítica é importante ser feita posto que certas sexualidades são achatadas ou apagadas em detrimento de outras, consideradas normativas. Nesse ponto, podemos destacar a discussão sugerida por Liliane Dutra Brignol, Denise Cogo e Silvia Lago Martínez (2019, p. 209): à luz da visão comunicacional de Martín-Barbero, que está interessado nos "processos de interação e apropriação das tecnologias", é preciso pensar "o processo de monopolização corporativa" e "o controle da manipulação de informação por parte de grandes organizações empresariais" e seus desdobramentos na construção de narrativas e identidades.

Dentro desses grandes agrupamentos, é possível notar o estabelecimento de pequenas redes em torno de canais, usuários e preferências eróticas, como ocorre com as redes

estabelecidas em torno do usuário Morenos1972, que até o momento presente da pesquisa já havia postado mais de 1 mil vídeos, que, em sua maioria, apresentam cenas sexuais em grupo, como trios e orgias, nas quais muitas vezes se opta não utilizar o preservativo masculino. Outro usuário, Calornapele, que já postou mais de 230 vídeos, define-se como "muito puto" e que curte "foder bare = no pelo", para empregarmos os termos que estão em sua descrição no perfil, complementado com suas intenções frente à plataforma: "Sou e gosto de pessoas objetivas, sem frescuras, que saibam o que querem! Detesto perder tempo com explicações ou moralismos. Tá afim, chama, ou não incomoda!". Em alguns comentários de seus vídeos, como veremos no subcapítulo 4.2.2, podemos identificar pessoas que seguem o canal em busca do conteúdo subversivo do *barebacking*.

Por fim, as cidadanias, mediação que acumula a sociabilidade e a cognitividade dos mapas anteriores, conduz nosso olhar para os processos comunicacionais de "reconhecimento recíproco", que, segundo Jiani Adriana Bonin e Valdir Jose Morigi (2019, p. 229), são pensados por Martín-Barbero como uma "dimensão fundamental na constituição da cidadania", incluindo-se nisso "o direito de informar e ser informado, de falar e ser escutado", aspectos imprescindíveis "para [se] poder participar das decisões da coletividade". Quando ocorrem comentários sobre o *barebacking* e a possibilidade de exposição ao hiv na cena sexual pornografada, o mero fato de a pornografia iniciar discussões a respeito do tema já apresenta uma dimensão social tão importante quanto os discursos oficiais governamentais e institucionais a respeito da prevenção. Espontaneamente, as narrativas que surgem, pró e contra, podem ser consumidas, contrapostas, postas em dúvida, contestadas, argumentadas pelos usuários que, a partir daquele espaço, constroem e difundem um conhecimento coletivo (equivocado ou não) sobre o hiv/aids.

Na produção e no consumo midiático pornográfico, em um primeiro momento, poderíamos pensar no aparente apagamento das distâncias e diferenças sociais, um ganho ao exercício democrático, uma vez que a "comunidade virtual é construída sobre afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais", como afirma Pierre Lévy (2010, p. 130). Sem dúvidas, as distâncias são encurtadas e criam-se redes e cidadanias outrora improváveis ou ao menos de difícil execução na vida fora dos ambientes digitais. Porém, isso não exclui as desigualdades e as incongruências entre produtores, consumidores, sentidos, cidadanias, plataformas e práticas,

tornando a experiência democrática muito mais assimétrica do que ela seria bradada pelos entusiastas das redes.

Outra questão pertinente que se coloca na pesquisa: como pensar em cidadanias homoeróticas de corpos positivos, negativos e sorointerrogativos a partir da pornografia amadora digital? A mediação comunicacional da construção das cidadanias fortalece os laços sociais e políticos presentes na visão comunicacional. O atravessamento das políticas públicas de incentivo ao manejo da epidemia, por vezes, ecoará na forma como os sujeitos construirão, em rede, suas narrativas e identidades cidadãs. Como veremos, sobretudo no capítulo 4, a cena sexual pós-hiv/aids pornografada carrega uma dimensão política de usos de corpos e prazeres própria, tendo no *barebacking* um ponto de convergência.

A aproximação à obra de Jesús Martín-Barbero (2001) evidencia os desdobramentos culturais, políticos e sociais da comunicação, o que é pertinente em uma pesquisa na qual buscamos construir pontes entre a produção e o consumo midiático e suas extensões no homoerotismo masculino pós-hiv/aids. Por intermédio do olhar comunicacional, localizamos as dinâmicas de circulação de sentido e seus efeitos na constituição de identidades, narrativas, redes e cidadanias, partindo do subjetivo ao objetivo, do individual ao coletivo. Na presente tese, optamos por adentrar os fluxos comunicacionais tomando o consumo como interface, aspecto cujas bases teóricas e metodológicas exploraremos a seguir.

1.1.3. Os sentidos do consumo digital da pornografia amadora

Do modelo barberiano da comunicação ao consumo, podemos destacar a faceta social e cultural dos estudos do consumo pelo viés comunicacional. Nessa tarefa, os rascunhos de uma teoria sociocultural do consumo desenhada por Néstor García Canclini (2010, p. 60) nos fornecem um norte ao defini-lo a partir de seus desdobramentos na vida cotidiana: "o consumo é o conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e o uso dos produtos". Em linhas gerais, parafraseando-se o antropólogo argentino, "o consumo serve para pensar" processos sociais, culturais, políticos, comunicacionais, entre outros aspectos do cotidiano.

Apontando-se para diversas direções, o consumo pode e deve ser abordado por estratégias multidisciplinares. Em termos instrumentais, as contribuições de áreas como a antropologia (MCCRACKEN, 2003; DE CERTEAU, 1994; DOUGLAS e ISHERWOOD, 2009; MILLER, 2013), a sociologia (BAUDRILLARD, 1995; BAUMAN, 2008) e a filosofia (LIPOVETSKY e SERROY, 2015) têm se mostrado profícuas na medida em que apresentam um panorama complexo do consumo contemporâneo, enxergando-se corpo social, cultura e sujeito, objetos privilegiados de observação das ciências humanas duras e das sociais aplicadas. As pontes entre disciplinas, embora possam parecer arriscadas, desbravam os rincões do consumo, usualmente julgado como um objeto menor dentro dos interesses da investigação acadêmica por supostamente ser uma faceta alienante do capitalismo e da cultura das massas (CANCLINI, 2010, p. 59).

Embora possamos acercá-lo por outras vias, como defende Clotilde Perez (2020, p. 12), "o *locus* teórico do consumo é na comunicação, ainda que com resistências no próprio campo". Assumir como ponto de partida o campo comunicacional (o que justifica, em parte, nosso esforço inicial de enquadrar nosso objeto sob a perspectiva da comunicação) nos permite enxergar as mediações culturais, os fluxos e as interações "de colaboração e transação entre uns e outros", como definiu Canclini (2010, p. 60). Firmando-se no território móvel e dinâmico da comunicação, podemos enxergar outras áreas como disciplinas a contribuir para a formação do olhar multidisciplinar necessário para a compreensão do fenômeno comunicacional.

Na presente tese, assumimos as colaborações das disciplinas da semiótica e da psicanálise, áreas que melhor adentraremos no próximo subcapítulo (1.2). Contudo, essas aproximações só são possíveis à luz de outras experiências de aproximação entre os estudos

do consumo e outras áreas das ciências humanas. Destacamos aqui os caminhos desbravados por Clotilde Perez e Eneus Trindade (2019, p. 110) que vêm investigando "a condição sígnica no consumo" e "as instâncias reguladoras ou intermediadoras das dinâmicas socioculturais", articuladas pelo consumo enquanto mediação comunicacional. Apostando-se na pertinência de tais reflexões, consideramos o repertório mobilizado pelos autores (idem) uma de nossas principais filiações teóricas.

Articulando as discussões mais recentes sobre o consumo dentro do campo da comunicação ao objeto de nossa pesquisa, podemos inicialmente destacar o entendimento acerca do consumo da pornografia amadora digital. Em suma, o consumo da pornografia é midiático e deve ser considerado não apenas pela ideia de compra de um produto ou serviço mediante pagamento, o que, em uma perspectiva do consumo digital, torna-se uma questão mal resolvida (pois os meios de remuneração nem sempre estão claros aos sujeitos consumidores, devido à percepção de suposta gratuidade das redes *versus* as estratégias mercadológicas de monetização para tornar as plataformas digitais rentáveis e administrativamente sustentáveis), mas também pelo tempo dispensado no momento de visualização de materiais audiovisuais disponibilizados nas plataformas e/ou interesse em fazer uso dos domínios digitais para veicular produções pornôs caseiras.

No que se refere aos destinos da plataforma XVideos, são vários os níveis e os caminhos da experiência do consumo. Há o serviço de *streaming*, que envolve o interesse e a disponibilidade do material na plataforma, mas que também pode se estender a interações mais profundas, fazendo-se com que a plataforma opere como um serviço de rede social mediado pelo consumo midiático. São exemplos desta sociabilidade digital a avaliação do material (através dos botões "curtir" e "descurtir"), o compartilhamento de impressões sobre o que foi assistido (com o uso da ferramenta "Comentários") e ainda a conexão com outros perfis (caso o usuário venha a se cadastrar, gratuitamente, na plataforma). Da mesma maneira, podemos enxergar o consumo do XVideos como um serviço de *upload* e veiculação de vídeos, pois muitos usuários encontram na plataforma uma solução para a exibição gratuita de seus materiais audiovisuais que, por seu intermédio, encontrará espectadores interessados.

Sobre o aspecto cultural do consumo, enxergamos o gesto de se consumir a pornografia amadora como portador de sentidos. Pensando-se a partir do modelo de transferência de significados proposto por Grant McCracken (2003, p. 100), na clandestinidade das janelas anônimas dos navegadores, o acesso ao conteúdo pornográfico

gratuitamente, que, nesse esquema, viria a ser um bem de consumo, faz a mediação entre o mundo culturalmente constituído e o consumidor individual, transferindo-se valores de um ao outro. Por meio dos rituais de consumo, que abarcam a repetição dos usos e consumos de bens pelos indivíduos, circulam-se sentidos e significados. No recorte de nossa pesquisa, isso significaria dizer que, ao se acessar a pornografia homoerótica, o usuário estaria acessando o universo do homoerotismo masculino, consumindo não apenas o material audiovisual (que pode lhe servir para objetivos práticos, como a estimulação sexual), mas também os valores implicados à experiência homoerótica na cultura. Se localizarmos o caráter clandestino desse acesso, podemos ainda evidenciar como essa ritualidades, da mesma forma, posiciona a pornografia no contexto do "proibido", da "obscenidade" e cujo consumo não pode ser visto e/ou flagrado por outrem, mostrando-se uma faceta individual da realização de fantasias e desejos sexuais a partir da fruição do material pornô. Com McCracken (idem), os estudos do consumo deixam de ter um viés simplesmente utilitarista e funcionalista e passam a abarcar as construções e os fluxos de sentido que as vicissitudes do consumo podem conter.

Notando o caráter unilateral do modelo original de transferência de significados, Eneus Trindade e Clotilde Perez (2012) o atualizam para enxergar a circularidade de atribuição de sentidos, considerando-se como os indivíduos não apenas consomem tais significados, mas, sobretudo, retroalimentam o sistema simbólico a partir dos usos e dos consumos da cultura material e imaterial. Ademais, novos rituais são incorporados ao esquema, destacando-se a dimensão antropológica do consumo. Nessa perspectiva, a etnografia e a netnografia, sua adaptação às redes digitais, são "o método preferencial" (PEREZ, 2020, p. 63) para a abordagem do consumo pelo olhar das atribuições simbólicas que os sujeitos desempenham na performance do consumo.

O olhar etnográfico, que permite a visualização das relações simbólicas entre sujeitos e cultura, nos traz um lugar confortável para a observação dos discursos e das práticas envoltas no consumo, o que, no caso dos estudos da sexualidade e do erotismo, é extremamente pertinente por ultrapassar barreiras, como o pudor, a vergonha ou outros sentimentos vexatórios e repressores que poderiam frear expressões do homoerotismo. Se os sujeitos, por exemplo, em um questionário sobre práticas sexuais, responderiam questões baseados em alguns "filtros" sociais, como a ideia de "sexo seguro", e imagens projetadas de si mesmo, daquilo que gostariam ser e não necessariamente do que performam na realidade, a investigação das expressões homoeróticas através dos ambientes de consumo da

pornografia amadora digital nos permite observar formações mais genuínas da práxis sexual na contemporaneidade. Evitando-se ao máximo qualquer ruído ou intervenção que pudessem prejudicar o caráter científico de nossa empreitada (FRAGOSO et. al., 2011), optamos por desenvolvermos uma pesquisa exploratória de caráter etnográfico na plataforma XVideos, estando o pesquisador em uma posição de observador sem participação ativa.

Voltando ainda aos rituais de consumo propostos por Trindade e Perez (2012), podemos identificar, no consumo da pornografia amadora digital, traços dos rituais de busca e de uso. Pelo viés do ritual de busca, o usuário parece ter uma infinidade de opções e ofertas midiáticas, por entre as quais navega, escolhe, seleciona, acessa e chega até mesmo a se perder. O gesto da busca em si já é muito significativo, por tratar-se tanto de uma pesquisa baseada por *tags* que traduzem e direcionam algumas das preferências sexuais do sujeito (como, por exemplo, o interesse em assistir vídeos relacionados ao sexo "no pelo"[11]), quanto de uma pesquisa desinteressada, atraída pelos *thumbnails* que, ao selecionarem trechos do material pornô disponível, se apresentam como vitrines, no sentido publicitário da prática de exposição de objetos de desejo ao olhar do outro, do homoerotismo. Fazendo-se uma crítica às estruturas algorítmicas que desencadeiam a experiência do usuário nas interfaces digitais, somos levados a pensar como o consumo, nesse contexto, "traz o simulacro da escolha, ocultando a programação e as definições prévias do que será visibilizado e posto em circulação como oferta" (PEREZ, 2020, p. 42). Seguramente, são muitas as possibilidades do consumo na plataforma, mas elas estarão sempre limitadas às dinâmicas propostas pelas estruturas tecnológicas e comunicacionais que a engendram.

As ritualidades do uso da pornografia amadora são interessantes por revelarem, assim como todo ritual de uso, "a criatividade e os modos de incorporação da cultura material na vida cotidiana das pessoas" (idem, p. 62). As escolhas de conteúdos a serem assistidos, comentados e avaliados apresentam o caráter movente dos sentidos e o aspecto autoral do consumo, reconhecendo-se "as operações dos usuários, supostamente entregues à passividade e à disciplina" (DE CERTEAU, 1994, p. 37), o que se mostra parcialmente falso na medida em que percebemos a criatividade nos usos e consumos de bens e produtos culturais. Um usuário pode fazer uso da fruição do material audiovisual para a excitação sexual, mas também conhecer novas práticas sexuais, encontrar pessoas que compartilham o mesmo gosto e interesse erótico, identificar-se com o que está sendo encenado, ampliar

[11] Metáfora utilizada para a prática do sexo anal sem preservativo, como veremos no capítulo 4.

suas narrativas e possibilidades eróticas, criar juízos de valor e tecer opiniões acerca da cultura homoerótica, satisfazer desejos (através do deslocamento) que o usuário não teria coragem de praticar na vida real etc., apenas para citarmos alguns dos usos identificados no decorrer da pesquisa e aos quais voltaremos quando discutirmos se a pornografia que representa a exposição ao hiv incentivaria ou sublimaria tais práticas "desprotegidas" (subcapítulo 4.2.3).

Por fim, no que concerne ao enquadramento do consumo pela comunicação, abordemos as aproximações propostas por Clotilde Perez e Eneus Trindade (2019) entre as ciências normativas de Charles Sanders Peirce, sobressaltando-se a semiótica, e os estudos do consumo. Tomando emprestada a arquitetura filosófica de Peirce, os autores propõem um olhar baseado em três dimensões: a estética, a ética e a lógica. A tríade, que também estrutura a presente tese, é articulada, respectivamente, ao plano sensorial e qualitativo do consumo, compreendendo-se aqui a estetização como expressão contemporânea do capitalismo (LIPOVETSKY e SERROY, 2015); ao direcionamento ético e moral do consumo, entendendo-se seus desdobramentos cívicos e sociais; e às lógicas de produção, mercado e formação que estabelecem os lugares e os sentidos do consumo na contemporaneidade. No que diz respeito à pornografia, caminharemos pelas três dimensões, acessando a produção estética através do estabelecimento de um vocabulário sígnico das expressões do homoerotismo pornografado; a dimensão ética, por meio das discussões em torno da pornografia pós-hiv/aids; e o domínio lógico, no decorrer das interpretações que buscam um certo grau de generalização, mobilizando-se os repertórios da comunicação, da semiótica e da psicanálise. Contudo, antes de adentrarmos os caminhos propostos pelas ciências normativas, os conceitos de estética, ética e lógica serão revisitados à luz da semiótica psicanalítica (subcapítulo 1.3), para que possamos problematizar a carga moral que, por vezes, cerca os termos e que prejudicaria as análises do erotismo que pretendemos desenvolver.

Resumidamente, o consumo pelo viés comunicacional deve ser visto como discurso, prática e, sobretudo, processo que contempla cultura, indivíduo, produção e sentido. Múltiplo em suas direções, o consumo demanda de nós, pesquisadores, a criação de uma abordagem multidisciplinar que sustente a análise e perscrute senão todas, ao menos, algumas de suas dimensões constituintes. Para isso, são recomendáveis a escuta, a observação e a constatação da complexidade do fenômeno comunicacional que é o consumo, escolhendo-se as ferramentas e as abordagens que melhor contemplem os sentidos contidos

no objeto em análise. No que tange ao homoerotismo pornografado, é observável o cruzamento de diferentes significados, como aqueles da sexualidade, do erotismo, da subjetividade, da representação e da produção de desejo, fazendo-se pertinente e estimulante uma aproximação ao campo da semiótica psicanalítica, que se ocupará dos efeitos psíquicos dos signos culturais, como bem definirá Oscar Cesarotto (2019, p. 85).

1.2. A semiótica psicanalítica como abordagem

Uma vez explicitados o *locus* teórico e a pertinência de nosso objeto de estudo à área da comunicação e do consumo, podemos estabelecer os parâmetros críticos e analíticos de uma abordagem que dê conta da complexidade subjetiva e cultural da pornografia amadora homoerótica na contemporaneidade, flexionada e tensionada ao hiv/aids, marco que trará desdobramentos individuais e coletivos, psíquicos e sociais. Por esse ângulo, a semiótica psicanalítica, área em construção e crescimento, parece-nos ser uma das abordagens mais pertinentes para a escuta, a interpretação e a articulação das dimensões que nesta tese pretendemos abarcar.

Fruto de uma incursão interdisciplinar, a semiótica psicanalítica aproxima a semiótica fundamentada no arrojado sistema filosófico de Charles Sanders Peirce e a psicanálise de Jacques Lacan, que, a partir da fundamentação teórica e prática de Sigmund Freud, estabelece um novo paradigma de construção intersubjetiva a partir da linguagem e das três tópicas do registro do objeto (Real, Imaginário e Simbólico). Se o primeiro nos permite enxergar o mundo sob o prisma da construção sígnica e da produção de sentido a partir das três categorias fenomenológicas (primeiridade, secundidade e terceiridade) que se desdobram nas matrizes da linguagem e do pensamento (verbal, sonoro e visual) e suas mesclas (SANTAELLA, 2005), o segundo nos apesenta um panorama do sujeito, descentralizando a razoabilidade do suposto sujeito do saber, atravessando-o pela experiência da linguagem e da dimensão do inconsciente, instâncias pré-existentes à constituição e às condutas subjetivas.

Percorrendo alguns dos conceitos-chave de ambas as disciplinas, nos próximos subcapítulos, estabelecemos alguns parâmetros e norteadores conceituais que direcionam as formulações da semiótica psicanalítica. Inicialmente, destacamos o sentir, o agir e o pensar como dimensões investigadas pela semiótica de origem peirciana. Majoritariamente, através de Lucia Santaella (1994, 2003 e 2005), explicitamos as ciências normativas do filósofo norte-americano, localizando, em seu pensamento, aspectos que fundam a semiótica enquanto disciplina interessada no mundo constituído e possível pela produção e ação dos signos. O signo, enquanto conceito a abarcar o fundamento, o objeto e o interpretante, fundamenta a percepção intersemiótica e pansemiótica da vida cotidiana, atravessando sujeitos, subjetividades, cultura e sociedade.

Na sequência, a psicanálise é alvo de nossa atenção em uma leitura interessada em suas contribuições para o entendimento da construção intersubjetiva do sujeito. A partir da transmissão psicanalítica de Sigmund Freud e Jacques Lacan, dispomos as tópicas de maior relevância e pertinência à visão comunicacional e semiopsicanalítica que assumimos, tendo o homoerotismo pornografado como ponto de fuga e conversão. Ciência que marcará o sujeito moderno do século XX, a psicanálise apresenta-se como aquela possível para a compreensão dos dilemas ontológicos e pragmáticos do sujeito na contemporaneidade.

Ao final, as bases teóricas e metodológicas da semiótica psicanalítica são expostas a partir de seus dois principais autores no Brasil, Santaella (2013a, 2013b) e Cesarotto (2019). As aproximações, as convergências e os pontos de distanciamento apontam para a construção interdisciplinar que se vale dos aspectos mais fundamentais de ambas as disciplinas. Ainda que o fundo teórico da semiótica psicanalítica esteja em construção e evolução, os apontamentos iniciais já delimitam um campo investigativo profícuo para o olhar dos fenômenos culturais e comunicacionais por meio da ótica sígnica e intersubjetiva.

A edificação de um diálogo entre a psicanálise e a semiótica é possível, porém deve ser efetivada com muita prudência, pois o entendimento de linguagem empreendido por Jacques Lacan parte da conceituação semiológica de Ferdinand de Saussure, cujo binômino significado/significante é radicalmente diferente da noção triádica do signo defendida por Peirce. Entretanto, tomando-se os devidos cuidados na transposição e na conexão entre as duas áreas, é possível pensarmos na fenomenologia peirciana, calcada na divisão entre estética, ética e lógica, e assumirmos a psicanálise enquanto um repertório disponível para a interpretação e a generalização dos fenômenos apresentados e interpretados enquanto signos da cultura.

1.2.1. O sentir, o agir e o pensar: as ciências normativas de Charles S. Peirce

O ponto de partida da semiótica de Charles Sanders Peirce está na fenomenologia, "uma quase-ciência que investiga os modos como apreendemos qualquer coisa que aparece à nossa mente, qualquer coisa de qualquer tipo (...), ou algo mais complexo como um conceito abstrato", como observa Lucia Santaella (2007, p. 2), uma de suas principais interlocutoras. A partir do olhar fenomenológico, Peirce estrutura os processos de significação, objetificação e interpretação sobre os níveis da primeiridade, secundidade e terceiridade, camadas que, gradativamente, vão do sentir (na primeiridade) à capacidade de representação (na terceiridade), passando-se pelas relações diádicas entre estímulo e resposta (na secundidade). Discriminar as raízes da fenomenologia nos coloca diante do vasto campo da percepção, apontando-se para os caminhos de "como se dá a apreensão e compreensão do mundo pelo ser humano" (SANTAELLA, 2005, p. 14).

Em segundo lugar, as ciências normativas, que seguem a "quase-ciência" da fenomenologia peirciana, "estão voltadas para a compreensão dos fins, das normas e ideais que guiam o sentimento, a conduta e o pensamento humanos", não estudando "os fenômenos tal como aparecem, pois essa é a função da fenomenologia, mas os estudam na medida em que podemos agir sobre eles e eles sobre nós", como diferencia Lucia Santaella (idem, p. 36). Nessa continuidade, a tríade estética, ética e lógica (ou semiótica, como, por vezes, foi chamado pelo filósofo norte-americano) abarca as dimensões da construção sígnica, passando-se pelo o que se apresenta enquanto qualidade (da ordem da estética), análise (do plano da ética) e generalização (do domínio da lógica). A expressão do erotismo na contemporaneidade, como veremos no subcapítulo 1.3, será redimensionada a partir dessas três tópicas, pois nelas enxergarmos possibilidades de estabelecimento de novos parâmetros críticos para a análise dos fenômenos da cultura homoerótica pornografada e suas extensões no sentir, no agir e no pensar.

Uma das principais contribuições de Peirce aos estudos da semiótica diz respeito à noção triádica que o filósofo estabelece para o signo, cuja definição, em suma, aponta para "qualquer coisa de qualquer espécie (...) que representa uma outra coisa (...), chamada de objeto do signo, e que produz um efeito interpretativo em uma mente real ou potencial, efeito este que é chamado de interpretante do signo" (SANTAELLA, 2007, p. 8). Fundamento (natureza do signo), objeto (que é representado pelo signo) e interpretante (que contempla a interpretação, os efeitos e as implicações dos signos): ao pensar em um conceito de signo

suportado por esses três aspectos, Peirce propõe uma análise que compreende as relações do signo consigo mesmo, do fundamento com o objeto e do fundamento com o interpretante. Em termos gerais, poderíamos pensar como, por exemplo, o material audiovisual da pornografia (signo) está no lugar da cena sexual (objeto) e é apreendido ao ser consumido, curtido ou comentado (interpretante) a partir do repertório disponível de cada espectador e contexto cultural. Certamente, os processos de significação não são tão simples, pois, como veremos no capítulo 3, o ambiente de consumo da pornografia amadora adiciona novos signos ao signo audiovisual, como, por exemplo, o uso de títulos sugestivos, *tags* classificatórias e comentários deixados por usuários, acumulando-se sentidos e abrindo-se diversos caminhos interpretativos.

A partir da noção triádica do signo e da fenomenologia que guiam toda a sua filosofia, Peirce chegou a extensas subclassificações do signo em relação ao seu fundamento, objeto e interpretante. Contudo, para a nossa pesquisa, há maiores ganhos com o foco nas ciências normativas, passo anterior à semiótica, por compreendermos que a estética, a ética e a lógica nos trazem um aprofundamento mais amplo das bases da construção sígnica, tanto pelo seu posicionamento na arquitetura filosófica de Peirce quanto pelo potencial interdisciplinar que carregam e que nos interessa para o diálogo entre áreas afins aos estudos do homoerotismo pornografado. Com essa escolha teórica, evitamos o uso meramente instrumental de classificações, como, por exemplo, discutir se a pornografia amadora digital seria um legi-signo ou um sin-signo (exemplos de classificações relacionadas ao fundamento do signo), e, no lugar, seguimos a tentativa de "dar um leito comum naquilo que ele [Peirce] concebeu como semiose, ação do signo, ação inteligente, que era por ele tomada como sinônimo de continuidade, crescimento e vida" (SANTAELLA, 2005, p. 52). Por esse motivo, o leitor, nesta tese, em vez de encontrar discussões semióticas baseadas nas classificações, será convidado a interpretar os signos do homoerotismo pornografado a partir de caminhos interpretativos que expandirão os signos e os colocarão em cadeia com outros signos pertinentes e colaterais. Trata-se mais de uma leitura do que uma análise estritamente semiótica que busca classificar signos teoricamente. Às classificações e às relações entre fundamento, objeto e interpretante, voltaremos sobretudo ao final do capítulo 4, quando pensarmos nos potenciais interpretativos da pornografia amadora que retrata as práticas sexuais sem prevenção ao hiv, fazendo-se necessário recorrermos aos processos da semiose no consumo de tal material.

A aproximação da semiótica aos estudos da comunicação e do consumo é possível uma vez que a visão pansemiótica de Peirce nos permite compreender a formação, a circulação e a apreensão dos fenômenos comunicacionais e culturais a partir de uma perspectiva complexa que contempla o fluxo de produção de sentido entre signos, estendendo-se a noção sígnica não apenas para os objetos da cultura material e imaterial, mas também para a construção dos sujeitos enquanto signos. A semiose, que, segundo Lucia Santaella e Winfried Nöth (2004, p. 161), "é, antes de tudo, um processo de interpretação, pois a ação do signo é a ação de ser interpretado por um outro signo", pode ser considerada como uma operação própria dos espaços de mediação se observarmos a implicação sígnica nos processos comunicacionais. Em resumo, pelo viés da semiótica peirciana, estabelecemos teoricamente que a comunicação é mediada pelos signos.

Circunscrever semioticamente o homoerotismo a partir do consumo digital da pornografia amadora significa enxergá-lo como construção sígnica em constante expansão tanto no momento de sua produção quanto no contexto de sua recepção e, consequentemente, em sua interpretação. O objeto em si são as práticas sexuais, contudo só se pode acessá-las por meio dos signos que as representam e apontam para efeitos de sentido que variarão de acordo com o olhar daquele que interpreta, significa e direciona os signos que consome. As expressões sígnicas do homoerotismo pornografado representam e mediam a cultura homoerótica, propulsionando sentidos, identidades, valores, condutas, pensamentos, sentimentos e toda dimensão que seja pertinente ao interesse das ciências normativas de Peirce. Enxergando-se a semiose que envolve o homoerotismo masculino representado pela pornografia amadora, buscaremos traçar seus próprios parâmetros estruturados na estética, na ética e na lógica, fundamentos normativos dos fenômenos e dos signos.

A perspectiva do sujeito, ao redor da qual giramos nosso atual estágio de reflexão teórica, é extremamente presente na constituição das ciências normativas e, em especial, da semiótica de Peirce uma vez que "poder estudar, especular ou, ao menos, refletir sobre signos é uma característica fundamental da espécie e da cultura humana" (idem, p. 9). Embora possa ser localizada a recorrência da produção sígnica entre outras espécies de animais ou até mesmo em fenômenos da natureza, as faculdades mentais de simbolização e abstração nos permitem a constituição subjetiva a partir dos signos, ponto de inflexão do qual irá se ocupar a semiótica psicanalítica, como veremos no subcapítulo 1.2.3.

A pertinência do ponto de vista semiótico aumenta na contemporaneidade quando pensamos nos panoramas digitais, que têm realizado integrações irreversíveis entre vida real

e virtualidade. Nesse contexto, como articula Lucia Santaella (2003, p. 219), há contribuições da semiótica: “um olhar semiótico pode funcionar como uma chave para a compreensão do inextricável enlaçamento da semiosfera (tecnologia e cultura) com a bio e ecoesferas (natureza), enlaçamento a que estamos assistindo e de que somos participantes”. No plano sígnico, a semiose desenha fluxos de construção, circulação e reformulação constante de sentidos entre sujeitos, tecnologias, interfaces, imagens, palavras etc. A semiótica nos dá a chave para a compreensão dos movimentos e das movimentações da cultura compreendida como mediação e de sua expansão sígnica.

Observando-se semioticamente o universo homoerótico a partir da pornografia amadora, podemos refletir como, por exemplo, as práticas homossexuais são atualizadas constantemente por intermédio de fluxos sígnicos entre a vida cotidiana e as imagens pornografadas, retroalimentando-se a todo instante a cultura homoerótica atravessada pelas subjetividades e pelas mídias. O sentir, o agir e o pensar do homoerotismo está a todo tempo tensionado pela estética, pela ética e pela lógica, camadas constituintes de toda expressão sígnica. Em processos de amplificação, a cultura homoerótica, assim como todo signo, é alargada pelas possibilidades de crescimento sígnico, tornando-se cada vez mais complexa e diversa. Os sujeitos homoeróticos, por meio dos signos que os representam, fazem parte do vasto tecido da semiosfera. O corpo, os prazeres, os desejos, as intenções e os direcionamentos do agir se estabelecem em relação aos signos que os compõem e só são passíveis e possíveis de enunciação, expressão e resolução por meio da semiose, condição *sine qua non* da circulação e da produção sígnica.

Uma interessante reflexão que, indiretamente, circunda a semiótica é aquela desenvolvida por Paul B. Preciado (2018) a respeito da pornografia na contemporaneidade. Quando o filósofo enxerga a pornografia, sob o prisma da era farmacopornográfica (termo encontrado para abarcar a integração entre indústria farmacêutica, sexualidade e pornografia), como um “dispositivo masturbatório virtual” (idem, p. 281), aponta para a semiose que “gera um *efeito borboleta* na gestão global dos ciclos de excitação-frustração-excitação” (ibidem, p. 282). Posicionando-a em relação à sexualidade, o autor integra mídia e corpo, imagem e prazeres, signos e o “real” do corpo, apontando para a dimensão intersemiótica pornográfica: “a pornografia diz a verdade performativa sobre a sexualidade não por ser o grau zero da representação, mas porque revela que sexualidade é sempre performance, prática pública de uma repetição regulada, uma encenação” (ibidem, p. 286). Devido à atualidade das discussões de Preciado (2017, 2018 e 2020) e sua perspectiva

multidisciplinar que desenvolve e é pertinente à semiótica, a ele voltaremos ao final da tese para articularmos contribuições comunicacionais para o manejo da epidemia do hiv/aids a partir da cultura homoerótica.

Embora tenhamos apresentado aqui brevemente os pressupostos da semiótica, destaca-se o aspecto generalista do pensamento filosófico de Peirce, para quem, “há sempre uma mistura de signos que é constitutiva de todo pensamento”, levando-nos à constatação de que “para compreender os raciocínios que são empregados nos métodos científicos, é necessário estudar todos os tipos possíveis de signos, suas misturas e o modo como os signos crescem e evoluem”, como explicita Lucia Santaella (2005, p. 32). Seguindo-se esse pressuposto, as aplicações e os diálogos possíveis da semiótica com outras áreas são inúmeros e valiosos na medida em que a disciplina peirciana fornece parâmetros universais baseados na experiência humana do sentir, do agir e do pensar, podendo ser expandida para os rincões de outras áreas interessadas no sujeito, na cultura e nas relações estabelecidas entre eles, como faz a psicanálise, de quem agora nos ocuparemos.

1.2.2. A ótica intersubjetiva da psicanálise

Se a semiótica peirciana, no século XIX, colocou o sujeito como um signo em relação a outros signos, concomitantemente, a psicanálise, cuja marco fundamental podemos considerar ser a descoberta do inconsciente por Sigmund Freud (2019b), é uma das ciências que melhor descentralizou o sujeito e pavimentou o caminho que trilharíamos desde então na direção da complexificação da experiência humana, regida por mecanismos alheios à ideia de potência irrefreável da ação e da vontade do homem. Como sintetizou Elisabeth Roudinesco (2016, p. 101-102), "inventando um sujeito moderno dividido entre Édipo e Hamlet, entre um inconsciente que o determina à sua revelia e uma consciência culpada que o bloqueia em sua liberdade, Freud concebia sua doutrina como uma antropologia da modernidade trágica". Como pano de fundo, o psicanalista observava de perto as transformações sociais e culturais impulsionadas pela modernidade que levariam à criação de novas identidades sociais, como a burguesia, à aceleração dos processos de metropolização, com novos sintomas no corpo social, à ascensão do autoritarismo, com o nazismo e a perseguição a povos minoritários, e ao avanço tecnológico e bélico que gestaria uma grande guerra mundial, tópicas que surgiriam, direta e indiretamente, no decorrer de sua obra.

Além do golpe à supremacia do sujeito, com a formulação da "outra cena", que é o inconsciente acessado pelo sonho, pelo chiste e pelo ato falho, o percurso da psicanálise freudiana elaborou um *sujeito dividido*, entre um Eu, um Super-Eu e o Id (FREUD, 2011), *pulsional*, ao ser atravessado pelas pulsões, pela libido e pela busca do objeto de prazer (FREUD, 2016) e *interditado*, por encontrar-se marcado pelas leis simbólicas que permitem a constituição de uma civilização (FREUD, 2012). A complexidade do sujeito *dividido*, *pulsional* e *interditado* permitiu a incursão em discussões como a localização central da sexualidade na constituição subjetiva do sujeito desde a infância, os conflitos narcísicos que se estabelecem intersubjetivamente e os efeitos da repressão em suas mais diversas formas e expressões.

Os temas explorados por Freud foram tão vastos quanto a sua vontade de saber. Tendo em vista o objeto de nosso estudo, poderíamos destacar os aportes e os diálogos possíveis com: os estudos da pulsão (FREUD, 2010b), que nos auxiliam na compreensão dos processos de direcionamento pulsional e sublimação da pulsão, retomadas no subcapítulo 4.2.3; a formulação do fetiche (HARARI, 2007) como a mínima diferença que

produz o desejo, conceito sobre o qual nos debruçaremos no subcapítulo 3.3.3; e as teorias da sexualidade e da libido (FREUD, 2016), que retomaremos no subcapítulo 2.2, quando nos debruçaremos sobre as escritas da sexualidade na psicanálise, e no decorrer da tese (sobretudo no capítulo 3) para abordarmos e interpretarmos algumas práticas e representações sexuais.

Correndo-se o risco de parecermos reducionistas, podemos considerar que a visão intersubjetiva de construção do sujeito talvez seja o ponto de maior interesse do fundo teórico e metodológico que neste espaço buscamos estabelecer. Ao descentralizar o sujeito de suas próprias ações, apontando para os vetores internos e externos que o atravessam e o constituem, a psicanálise freudiana inaugura um olhar de extrema subjetividade, mas que, ao mesmo tempo, funde, irremediavelmente, sociedade, cultura e sujeito. Os processos psíquicos que operam no sujeito, como os destinos e os circuitos da pulsão (o recalque, a transformação em seu contrário, o retorno sobre a própria pessoa e a sublimação), estão atrelados ao mundo exterior, cujas fronteiras com o mundo interior não são permanentes e poderão ser motivos para o adoecimento caso sejam mal delimitados, como Freud (2010d, p. 17) chegará a formular em uma de suas últimas publicações em vida, *O mal-estar na civilização*, de 1930, que condensará grande parte de seu pensamento e o desdobrará ante as relações intersubjetivas estabelecidas entre sujeito e sociedade, indivíduo e civilização, subjetividades do Eu e objetividades da cultura.

Da obra de seu fundador, a psicanálise tomou distintos rumos. Entre seguidores e dissidentes (ROUDINESCO, 2016, p. 135-174), o olhar psicanalítico foi enveredando por investigações meticulosas interessadas em objetos e tópicos específicos, como a relação do bebê e da mãe, no caso de Melanie Klein, os arquétipos e suas representações, em Carl Jung, e a libido e a repressão, por Wilhelm Reich. De todos aqueles que vieram após Freud, o francês Jacques Lacan talvez tenha sido aquele que melhor tomou como herança o legado freudiano e evoluiu na direção de uma psicanálise atualizada à luz de teorias e correntes filosóficas que surgiriam na metade do século XX.

Interessado por modelos matemáticos, lógicos, linguísticos e fenomenológicos, Lacan revisitou a obra de Freud, atualizando, inicialmente, "a tendência psicanalítica em compreender socialização e individuação a partir de processos de identificação", como explicita Vladimir Safatle (2017, p. 22) ao percorrer a trajetória do psicanalista francês. A partir dos processos de identificação e alienação, na gênese do Eu está uma dependência às imagens ideais que circundam o sujeito. O estádio do espelho, etapa fundamental na

constituição do sujeito lacaniano, diz respeito à "transformação produzida no sujeito quando assume uma imagem", como sintetiza Lacan (1998b, p. 97). O Imaginário, instância entrelaçada ao Simbólico e ao Real, dá conta da dimensão das imagens, ao passo que as outras duas, respectivamente, ao domínio das leis, das palavras e das relações simbólicas (no caso do Simbólico) e ao plano que condensa a vida cotidiana e que não pode ser simbolizado (Real), pois nele a palavra não tem lugar (ZIZEK, 2006).

O campo do Outro, espaço privilegiado da cultura, abarca as expressões simbólicas e imaginárias que operam como "presenças mediadoras entre a pequenez do sujeito e a imensidão do espaço público, espaço onde se tecem os acordos e se estabelecem as linhas de força que sustentam a vida de uma sociedade", como bem define Maria Rita Kehl (2004b, p. 149). Entre o Eu e o Outro, por vezes, estabelecem-se relações assimétricas, conflituosas e complexas, sendo elas matérias tanto para o psiquismo quanto para as transformações culturais. Em uma perspectiva contemporânea, esse Outro se complexifica com as estruturas da indústria cultural e da sociedade do espetáculo, estimulando uma "subjetividade reificada, produzida em série, espetacularizada", como articula Kehl (2004a, p. 53) a partir do diálogo da psicanálise com a teoria crítica.

Tão vasto quanto a obra freudiana, o percurso lacaniano igualmente apontou para diversos conceitos e análises, entre os quais podemos destacar aqueles que trazem contribuições à nossa investigação, a saber: o gozo, conceito que abarca a posição de sujeito em relação à satisfação de suas pulsões, não apenas relacionada ao prazer ou ao desprazer (BRAUNSTEIN, 2006); a pulsão escópica vinculada à produção de desejo (LACAN, 2008b), pertinente ao imaginário da pornografia e seu local na contemporaneidade; e as fórmulas lacanianas da sexuação, que prescindem as clássicas noções de gênero (DUNKER, 2019), cujas extensões retomaremos mais a frente no subcapítulo 2.2.

Apesar de aqui termos exposto alguns dos princípios psicanalíticos a partir de Freud e Lacan, voltaremos à disciplina quando elaborarmos as bases estéticas, éticas e lógicas do homoerotismo considerando também as discussões empreendidas pela psicanálise, cujas contribuições revolucionaram o entendimento contemporâneo acerca da sexualidade e dos destinos da pulsão e do desejo. A psicanálise, muito mais do que embasar a perspectiva semiopsicanalítica que engendramos como abordagem, será, em termos semióticos, parte de nosso repertório disponível para a análise dos signos relacionados ao homoerotismo pós-hiv/aids. A ela recorreremos a todo momento em que for necessário interpretar o sujeito a partir de suas relações intersubjetivas com o erotismo e a sexualidade.

Em suma, podemos pensar em uma psicanálise freud-lacaniana posto que o psicanalista francês não apenas retomou o legado freudiano como também avançou à luz das teorias que formaram parte do pensamento ocidental contemporâneo, sustentando um sujeito cada vez mais descentralizado. Se o inconsciente em Freud estava atrelado ao aparelho psíquico biológico, o inconsciente lacaniano, estruturado como linguagem, precede a existência do sujeito. Como pensarmos o inconsciente tendo em vista não apenas a linguagem, mas, sim, as linguagens, como a semiótica peirciana nos apresenta (SANTAELLA, 2005), indo além da matriz verbal?

A relevância do olhar psicanalítico na atualidade se justifica cada vez que os dilemas éticos do "pós-humano" se colocam na perspectiva filosófica que considera os impactos das tecnologias na constituição subjetiva e corpórea dos sujeitos na contemporaneidade. Como resgata Lucia Santaella (2003, p. 247), impulsionada pelas mudanças tecnológicas, lidas como "extensões do sistema sensório humano", a "sensibilidade do corpo humano parece estar passando por uma mudança radical de escala, constituindo-se numa nova dimensão que extrapola a concepção e imagem que tínhamos de nós mesmos como humanos". Em relação à psicanálise, como ciência "humana, demasiadamente humana", Cesarotto (2019, p. 84) observa que "mesmo derivada de uma práxis, isto não a impede de ser consistente para além da pragmática, graças ao seu teor doutrinário". No vértice das mudanças, os direcionamentos da psicanálise manejam o contemporâneo, escutando os fenômenos que expressam as relações entre cultura e subjetividade, cujas dinâmicas se atualizam a todo instante, e constroem um repertório em que experiência e teoria constantemente se alimentam, se repensam e se rearticulam à luz da vasta experiência humana.

Antecipando-se algumas das discussões que giram em torno da pornografia amadora digital, poderíamos destacar aquelas que sinalizam um possível "esgotamento do desejo", como desenvolve Michela Marzano (2006, p. 67), ao afirmar que a obscenidade da representação pornográfica "reduz o sujeito a uma coisa e ofende o desejo"[12]. Contrapondo a pornografia virtual à experiência erótica real, Byung-Chul Han (2017, p. 55) é ainda mais enfático ao afirmar que "ela [a pornografia] aniquila a sexualidade", por ser "contraposto de eros", impulso de descoberta sexual. Sem dúvidas, são questões em aberto que, no cenário atual de complexificação das mediações culturais do homoerotismo pornografado, tornam-se ainda mais difíceis de serem sintetizadas. Até que ponto toda experiência erótica não é

[12] No original: "(...) reduce el sujeto a una cosa y ofende el deseo".

igualmente alienada ou toma o outro como um objeto? Pelo posto de vista das discussões sobre ética na psicanálise, como desenvolveremos a seguir no subcapítulo 1.3.2, nem certa nem errada estaria a pornografia. Seus efeitos, e é sob esse aspecto que devemos discuti-la, são muito mais diversos e polivalentes do que a leitura moral que contrapõe experiência virtual e real, instâncias já implodidas pela semiosfera, composta por fluxos sígnicos multidirecionais.

1.2.3. Os operadores conceituais da semiótica psicanalítica

Expostas algumas das filigranas da semiótica e da psicanálise, podemos partir para os pressupostos teóricos e metodológicos da semiótica psicanalítica voltada aos estudos da comunicação e do consumo. Nessa tarefa, embora existam outros autores que não apenas aplicam a teoria semiopsicanalítica a questões e objetos contemporâneos, mas também ajudam a estabelecer seus parâmetros, suas extensões e seus desdobramentos investigativos, podemos considerar Oscar Cesarotto (2019) e Lucia Santaella (2013a, 2013b) como fontes seminais para a definição da disciplina e o estabelecimento de critérios analíticos coesos. Destarte, é necessário destacar que o campo da semiótica psicanalítica vem sendo construído, ao menos no Brasil, desde o início do século XXI, a partir de aproximações entre as áreas da comunicação, semiótica e psicanálise, promovidas por programas de pós-graduação (pioneiramente, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e, mais recentemente, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo). Se o campo ainda é jovem e, aparentemente, incipiente, suas discussões são demonstrações do adensamento e do amadurecimento das históricas teorias psicanalíticas e semióticas.

Inicialmente, devemos estabelecer os limites e, até certo ponto, as incongruências entre as duas disciplinas. Como observa Lucia Santaella (2013a, p. 21), os diálogos entre a semiótica e a psicanálise já ocorrem há um bom tempo, como uma espécie de psicanálise aplicada, quando os conceitos psicanalíticos são aplicados à leitura interdisciplinar de textos, obras de arte, entre outros objetos da cultura. Contudo, essas iniciativas *a priori* não devem ser confundidas com a semiótica psicanalítica que buscamos construir enquanto campo e prática investigativa, pois sua edificação está calcada na visão intersemiótica de Peirce e na "semiose que se estrutura sob as determinações do inconsciente" (idem, p. 29) e não simplesmente na aplicação da psicanálise a objetos do cotidiano.

Didaticamente, Cesarotto (2019, p. 85-86) propõe "dez cata-ventos" da semiótica psicanalítica. Trata-se de um exercício de síntese para se apontar direções e parâmetros críticos e a partir dos quais podemos refletir sobre algumas das questões que concernem ao nosso objeto e à nossa abordagem.

O primeiro dos cata-ventos de Cesarotto aponta para o elo em comum entre ambas as disciplinas: "a linguagem é a condição, tanto do inconsciente quanto da semiótica. Sua pluralidade abrange o visual e o sonoro, junto com o verbal, prioridade da psicanálise" (idem, p. 85). Nesse ponto, ao tomarmos as linguagens como base comum, aproximamo-nos à

pertinência comunicacional de nossa abordagem, quando enxergamos as mediações comunicacionais como redes de produção e circulação de sentido através das linguagens. Além disso, a atualização trazida pela visão semiótica de Peirce ao entendimento de linguagem pela psicanálise lacaniana (que está calcada na perspectiva saussuriana binômica de significado/significante) alarga as extensões e possibilidades de investigação. A escuta, a interpretação e a articulação deixam de ser estritamente apenas da matriz verbal da linguagem e do pensamento (SANTAELLA, 2005) e passam a contemplar o signo em todas as suas potencialidades de sentido e mistura de linguagens. Isso significa que acessaremos o homoerotismo masculino a partir das múltiplas linguagens dos discursos audiovisuais, verbais e visuais da pornografia amadora.

"A complexidade da realidade humana se presta para ser lida como texto (manifesto) e escutada como discurso (latente)" define o segundo direcionamento analítico e teórico de Cesarotto (2019, p. 85). Tomando emprestada a divisão proposta por Freud (2019) para a interpretação dos sonhos, entre o sonho manifesto e o sonho latente (o primeiro diria respeito à elaboração discursiva feita pelo analisando no ato de se relatar o sonho ao analista, enquanto o segundo, ao conteúdo onírico propriamente dito), a semiótica psicanalítica analisa os signos da realidade humana tanto pelos discursos que a constituem (pois, a realidade, para a psicanálise, é uma narrativa) quanto pelos fatos, pelas recorrências e pelos atos observados na cultura.

Tendo suas bases no nó borromeano, modelo proposto por Jacques Lacan ao longo de seu ensino, Cesarotto (2019, p. 85), na sequência, discrimina as ferramentas metodológicas possíveis para o desenrolar dos estudos semiopsicanalíticos dos fenômenos: "os conceitos de Símbolo, Imaginário e Real, as três dimensões habitadas pelos seres falantes, sexuados e mortais, permitem analisar simultaneamente a subjetividade e o mundo dos signos, nas suas implicações recíprocas, individuais e coletivas". Nessa asserção, há o entrelaçamento entre os três domínios, respectivamente, da palavra (ou qualquer outro código), da imagem e da coisa, e, contingencialmente, a perspectiva subjetiva de um ser que se enuncia através de estruturas do inconsciente, que é marcado pelo narcisismo que o constitui imaginariamente e que, em última instância, é um corpo a gozar, cujo gozo não pode ser completamente acessado pela palavra.

Assumindo-se a visão intersubjetiva de constituição do sujeito e a noção pansemiótica do crescimento e da circulação de signos, as relações de sentido que a semiótica psicanalítica busca esmiuçar não podem se dar senão a partir de vetores recíprocos,

dialéticos e bilaterais, entre esfera individual e laço social. No que tange à preocupação e ao interesse da semiótica psicanalítica em enxergar não apenas a subjetividade, mas igualmente a sua construção por meio do atravessamento dos signos culturais, a contribuição comunicacional, através da percepção da comunicação como mediação cultural (MARTÍN-BARBERO, 2001) e do consumo como discurso e prática social (PEREZ, 2020), mostra-se valiosa uma vez que auxilia na tarefa de esquadrinhamento dos fluxos e refluxos entre sujeito, cultura e sociedade. Grosso modo, como vimos anteriormente (no subcapítulo 1.1), a explicitação e o resgate da constituição comunicacional da pornografia amadora jogam luz sob os sistemas e vetores que atravessam as expressões do homoerotismo masculino na contemporaneidade e que a elas trazem implicações particulares e observáveis.

No campo das contribuições, a quarta mola propulsora da semiótica psicanalítica discriminada por Cesarotto (2019, p. 85) apresenta a sinergia entre semiótica e psicanálise: "a semiótica incrementa a psicanálise com seu repertório de meios e linguagens; a psicanálise introduz na semiótica o inconsciente e a libido". Em outras palavras, as intersecções epistemológicas entre as duas áreas não são necessariamente complementares, mas, certamente, agregadoras. Se a filosofia peirciana apresenta uma base para o entendimento dos processos de pensamento, raciocínio e linguagem por meio da "mistura de signos" (SANTAELLA, 2005, p. 32), a psicanálise a ela sobrepõe mecanismos psíquicos que constituem o existir, o vivenciar e o experimentar do humano.

A definição da disciplina, quinto "cata-vento" de Cesarotto (2019, p. 85), sintetiza os interesses da disciplina: "a Semiótica Psicanalítica estuda as consequências psíquicas dos signos culturais". Contudo, poderíamos dizer que a recíproca também se mostra verdadeira: os signos (culturais ou não), em parte, também são consequências de processos psíquicos. A julgar pela pornografia amadora homoerótica, são observáveis tanto como as práticas, os prazeres e os desejos sexuais (da ordem do psiquismo) são fomentadas pelas suas representações gráficas e, respectivamente, sua circulação midiática, quanto como a pornografia é um retrato de determinados interesses subjetivos circunscritos ao contexto cultural da qual faz parte. Trata-se de um pensamento dialógico, que segue a trilha sugerida pelas implicações recíprocas entre sujeito e cultura.

Nessa ordem, a "convergência", sexto direcionamento crítico proposto por Cesarotto (idem), afirma que "a Clínica da Cultura [termo aqui empregado para alternativamente designar o *locus* teórico da semiótica psicanalítica] faz seus diagnósticos, por imagens e palavras, das ideologias da época". A escuta, termo empregado no processo de transferência

analítica, estará sempre condicionada ao contexto temporal e espacial do objeto a ser analisado e do analista, uma interessante analogia para falarmos das relações entre objeto de pesquisa e pesquisador. A recorrência de determinados tipos de masculinidades, como veremos no subcapítulo dedicado aos *signos da persona sexual* (3.2), só pode ser interpretada pelo ponto de vista do ambiente ambivalente da cultura homoerótica brasileira no qual homens que penetram não perdem sua masculinidade, enquanto aqueles que são penetrados são lidos como "fêmeas" e "viados", como observa Richard Parker (2002).

A causa e a consequência explicitadas por Cesarotto (2019, p. 86) para a criação de um fundo crítico da semiótica psicanalítica estão relacionadas ao atual estágio do capitalismo e "o estilo de recalcamento do momento histórico e o retorno do reprimido", apresentando "contradições da sociedade, seus impasses e soluções de compromisso, cujas manifestações e latências podem ser descritas, pesquisadas e interpretadas cientificamente". Em linhas gerais, há o reconhecimento dos vetores históricos que atravessam o ensejo de formulação de uma nova teoria para novos tempos, que, por sua vez, demandam a escuta e a leitura por meio de instrumentos e abordagens pertinentes às complexidades que contém. O homoerotismo pornografado, construído a partir do avanço de mediações e fluxos comunicacionais, guia o nosso olhar investigativo para os conflitos postos entre a explosão de representação sexual e o achatamento das possibilidades eróticas mediante formatos industriais e midiáticos; a liberdade de escolha e vazão das diferentes fantasias sexuais possíveis e as estruturas algorítmicas que direcionam sobremaneira a experiência do usuário na plataforma pornográfica; a criação de imagens postas à identificação e as demandas promovidas pela linguagem da pornografia, mesmo que amadora. São questões que, circunscritas no tempo presente, só podem ser formuladas à luz da semiótica psicanalítica, por explicitar as pontes entre as subjetividades e a produção sígnica das estruturas comunicacionais, sociais e culturais na contemporaneidade.

Os dois últimos cata-ventos da semiótica psicanalítica por Cesarotto (idem) apresentam a preferência e o *slogan* da disciplina que apontam para o campo das representações da sexualidade como espaço privilegiado de investigação. Em particular, a frase que sintetiza a disciplina afortunadamente vai ao encontro de parte do nosso interesse de pesquisa: "a semiótica entende o funcionamento sígnico da internet, mas só a psicanálise explica o porquê de os sites mais visitados serem os de sacanagem!". Bem-humorado, o enunciado publicitário condensa a perspectiva dos signos e aquela que concerne à produção

de subjetividades e às estruturas psíquicas que regem e conduzem a experiência de busca, consumo e fruição de materiais eróticos.

Sob certo aspecto, a sexualidade, uma das principais tópicas de interesse da psicanálise desde a sua fundação, ainda se revela como um "grande enigma" a ser decifrado pelas ferramentas que abarcam sujeito e sociedade. Das diversas transformações que sofreu o entendimento sobre a sexualidade ao longo dos séculos, trazendo outras formas de "percepção e representação da diversidade sexual" (BIRMAN, 2016, p. 33), destacamos o afastamento do caráter estritamente biológico da sexualidade e a aproximação das teorias sociais e culturais para a construção da sexualidade, como investigou Cordelia Fine (2018) que, ao revisitar as principais pesquisas em biologia evolucionária e genética, identificou os usos políticos e as análises tendenciosas de pesquisas para embasar discursos biologizantes sobre gênero e sexualidade, normalizando percepções equivocadas e comprometidas com ideologias dominantes. A semiótica psicanalítica auxilia na construção de um entendimento muito mais complexo do que o determinismo biológico, apontando que, se por um lado, há estruturas psíquicas que preexistem o sujeito (seja através da linguagem ou dos destinos da pulsão), por outro, há a cultura, engendrada pelos signos, polos de constante interação e reciprocidade.

Em termos gerais, a psicanálise enquanto fundo teórico e traquitana metodológica parte da "divisão subjetiva" e da "dialética do desejo" para buscar provocar "rupturas epistemológicas nos diversos saberes correlatos" (CESAROTTO, 2019, p. 21). Por sua vez, a semiótica, beneficiada pelas contribuições psicanalíticas, complexifica os entendimentos do sentir, do agir e do pensar (subcapítulo 1.2.1) nos processos de semiose entre signos e subjetividades. A abordagem da semiopsicanalítica, assim, busca descentralizar o sujeito da razão, mas, ao mesmo tempo, dar uma inteligibilidade e razoabilidade a seus atos e à sua práxis cotidiana. Como pano de fundo, a perspectiva comunicacional nos fornece as ferramentas necessárias para se enxergar o comum, os discursos e as práticas, disponibilizando-nos lentes para observarmos os emaranhados da cultura que envolvem o sujeito na contemporaneidade.

Se para a psicanálise, a formação do sujeito é intersubjetiva, isto é, depende da sua relação com o Outro, instância privilegiada da cultura, podemos realizar uma ponte entre essa noção de sujeito e a visão de mundo pansemiótica de Peirce. A partir do momento em que esse sujeito se constitui, em parte, em diálogo recíproco ao contexto que o cerca e que

ele experiencia (ao senti-lo, ao agir sobre ele e ao pensá-lo), essa relação não pode se dar senão através da mediação sígnica.

1.3. Estética, ética e lógica percianas em diálogo com a psicanálise

Última parte de nossos pressupostos teóricos e metodológicos, a seguir revisitaremos os conceitos básicos que norteiam a presente pesquisa: a estética, a ética e a lógica (que, no título da tese, trocamos por "semiótica" para evidenciarmos o aspecto generalista já contido e explicitado na semiótica peirciana). Tendo em vista a perspectiva semiopsicanalítica, repassamos os conceitos sob o ponto de vista das discussões trazidas por Charles S. Peirce, Jacques Lacan e seus comentadores. Reconhecendo a revolução conceitual proposta tanto pela semiótica quanto pela psicanálise, delineamos alguns dos principais postulados norteadores.

Não buscando ser extensa, a reflexão que se segue intenta matizar os conceitos de estética, ética e lógica, respectivamente, ao redor dos sentidos de "belo", de "bem" e de "consciência". A intenção de tal estratégia teórica nasceu da necessidade e da vontade do pesquisador em enxergar as expressões do homoerotismo sob óticas que não as condenassem ou as aprisionassem em categorias pré-estabelecidas. Partindo da escuta atenta do material selecionado e analisado, foi necessária uma manobra anterior que concebesse parâmetros analíticos que permitissem um entendimento do homoerotismo pornografado em seus próprios termos.

Além da evidente filiação à semiótica psicanalítica, as argumentações empreendidas intentam trazer novos olhares sobre questões que perpassam a vida cotidiana e que, muitas vezes, são assimiladas nas discussões acadêmicas sem qualquer tipo de reflexão anterior que coloque em xeque as acepções corriqueiras que termos como "estética", "ética" e "lógica" ganham no senso comum. No decorrer da pesquisa, não foram poucos os episódios em que foram encontradas leituras que tomaram a pornografia, o homoerotismo, o hiv/aids e outros objetos de nosso estudo como "ruins" e "maléficos", julgamentos constantes exemplares, sem que ao menos fossem questionados os próprios conceitos estéticos, éticos e lógicos que norteariam e direcionariam essas discussões. Por isso, o presente subcapítulo busca estabelecer alguns critérios para o emprego e o desdobramento dos usos de tais juízos.

1.3.1. Estética: para além do Belo

Em quase toda experiência humana, a questão da estética está envolvida. Se seguirmos o que defende Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2015) a respeito do corrente processo de estetização do mundo, tal tópica se acirra ainda mais na contemporaneidade. Nas últimas duas décadas, pode ser observada uma explosão estética pelo "capitalismo artista" em todas as áreas da vida cotidiana, atravessando todos os sentidos dos cidadãos-consumidores, que, agora, tornam-se consumidores *transestéticos*.

Sob os olhares da semiótica e da comunicação, podemos perceber como as relações socioculturais estão permeadas pela estética - algumas em maior ou menor grau. No que concerne à nossa pesquisa, quando falamos na experiência erótica, é ainda mais sobressalente a dimensão estética: no cotidiano, contexto no qual o obsceno pode ser facilmente acessado, somos convidados a experimentar e fruir toda e qualquer expressão erótica. Uma foto ou um registro audiovisual pornográfico que nosso olhar alcança não buscam passar ilesos às nossas sensações ou reações, seja para nos deleitar, estimular-nos sexualmente ou nos causar repulsa (note-se que aqui não fazemos distinções entre *pornografia* e *erotismo*, cuja escolha reside na libertação da ética e da moral que discutiremos mais à frente.

Mas, afinal, o que está por trás da *estética*? O termo, desde o seu surgimento na Grécia Antiga, vem recebendo diversos e diferentes enquadramentos, como desenvolve Lúcia Santaella (1994) ao refazer o percurso do conceito na história ocidental das ideias. Em sua origem, diz a autora, "a palavra estética é derivada do grego *aesthesis*, significando 'sentir'. A raiz grega *aish* (…) quer dizer sentir, não com o coração ou com os sentimentos, mas com os sentidos, rede de percepções físicas" (idem, p. 11). A trajetória do conceito é extensa, mas nos cabe evidenciar um dos mais importantes arcos históricos, aquele estabelecido entre Platão e Peirce.

O termo *estética* nasce dentro das discussões filosóficas de Platão, no século X a.C., que buscaram desenvolver as teorias do belo e do fazer criador. Nos escritos platônicos, a arte (*téchne*) estaria ligada à "medida", conceito que abarca os princípios do Bem e da Beleza. O artista é aquele que tem as ferramentas adequadas para acessar o Belo e o Bem supremo. No conceito de *mímese* de Platão, a arte imita o que há de beleza na natureza em meio a uma visão metafísica ampla.

Se a estética, desde a sua formação, esteve ligada ao Belo e ao Bem supremo, tal posição foi sendo deslocada com o desenrolar do pensamento ocidental. No século XIX, Schopenhauer (ibidem), por exemplo, vincularia a estética à sua concepção de Vontade e Nietzsche enxergaria a estética à luz do aspecto dual da natureza humana (apolínea e dionisíaca). Porém, talvez tenha sido Charles S. Peirce quem melhor estabeleceria a estética como uma ciência da percepção a fundamentar todo e qualquer processo de pensamento e linguagem.

Como destrincha Santaella (ibidem), a arquitetura filosófica de Charles S. Peirce é construída sobre três categorias fenomenológicas, a saber: a primeiridade, a secundidade e a terceiridade. É necessário apontar que embasando a filosofia peirciana está a fenomenologia, uma quase-ciência que estuda os processos do sentir, perceber e interagir com os fenômenos que surgem à nossa frente. Podemos dizer, grosso modo, que a primeiridade é a instância mais imediata da percepção, atribuída às qualidades do sentir. Nesse nível, não opera a racionalidade e, por isso, talvez sua compreensão seja até mesmo um pouco mais difícil, tendo em vista que, ao se pensar a primeiridade, já caminhamos para os demais níveis do pensar. A secundidade, por sua vez, traz uma relação de consequência, de relação dual, ação e reação. Nesse nível, opera a racionalidade mais básica, aquela que guia os pensamentos ditos conscientes. Por fim, a terceiridade traz um grau maior de generalização, submetendo o fenômeno a esquemas, padrões e leis.

Baseado na estrutura filosófica triádica fenomenológica, Peirce posiciona a estética dentro do primeiro nível das ciências normativas, conforme listagem abaixo:

1. Fenomenologia
2. Ciências normativas
2.1. Estética
2.2. Ética
2.3. Lógica ou Semiótica
3. Metafísica

O posicionamento da *estética* na primeiridade das ciências normativas nos leva à relevância e ao protagonismo do campo das qualidades do sentir, pois ela operaria como um alicerce da *ética* e, consequentemente, da *lógica*. No que concerne aos fenômenos, descase-se, de início, sempre a dimensão estética, afinal, se a estética é a ciência do *sentir*, é a ela que nos remetemos em um primeiro instante. Os fenômenos sempre se apresentam a nós a partir do nível sensorial, o primeiro plano de toda experiência fenomenológica.

O sentir está diretamente ligado aos cinco sentidos (olfato, paladar, visão, tato e audição) – que hoje já se somam a sentidos adicionais, como Santaella (2005, p. 70) discrimina: "os sentidos são dispositivos para a interação com o mundo externo que têm por função receber informação necessária à sobrevivência". Nessa direção, as ciências cognitivas, que trazem contribuições essenciais ao entendimento da dimensão estética, enxergam a mente "como um sistema que recebe, arquiva, recupera, transforma, transmite e comunica informação" (idem, p. 62). Os estudos da neurociência cognitiva vêm tentando entender os fluxos entre os estímulos estéticos (de toda ordem) e os efeitos neuronais, chegando-se à constatação de que "a experiência estética conta com uma distribuída arquitetura neural, uma série de áreas cerebrais envolvidas com a emoção, a percepção, o imaginário, a memória e a linguagem"[13], como sintetiza a neurocientista G. Gabrielle Starr (2015, p. 15). Resumidamente, a autora ainda comenta que, embora a estética produza eventos fugazes em duração, ela promove modificações substanciais no que diz respeito à formação do cérebro e às suas capacidades cognitivas: "na medida em que as experiências estéticas tornam possíveis novas conexões, também abrem caminhos da criatividade e isso é possível em parte pela criação de conexões entre ideias e experiências que superficialmente parecem tão distantes quanto sem relação"[14] (idem, p. 148). Em outras palavras, podemos passar a enxergar as extensões e o peso da fruição estética na experiência humana, traduzida pelo "sentir", sendo não apenas a base de toda expressão sígnica como também aquela que propulsiona e desencadeia o agir e o pensar, como outrora formularam as ciências normativas de Peirce (subcapítulo 1.2.1).

As ciências da percepção, comumente interessadas nos estudos da cognição, também trazem reflexões interessantes para a apreensão da dimensão estética, sobretudo quando se observa a visualidade. Em especial, a teoria da Gestalt, interessada na "descrição dos tipos de coisas que se veem e quais os mecanismos perceptivos que se devem levar em consideração para os fatos visuais", como define Rudolf Arnheim (2015), fornece-nos alguns instrumentos e operadores analíticos para trabalharmos com os signos visuais (e suas mesclas, como o audiovisual, matriz sígnica de maior expressão quando abordamos a pornografia), tais como forma, equilíbrio, luz, cor, movimento e dinâmica, termos que

[13] Original: "Aesthetic experience relies on a distributed neural architecture, a set of brain areas involved in emotion, perception, imagery, memory, and language".
[14] Original: "As aesthetic experience opens up new connections, it also opens up the paths of creativity, and it may do so in part by creating connections between ideas and experiences that on their surface are so distant as to seem unrelated".

certamente não empregaremos de forma protocolar ou compromissada com uma visão estritamente gestáltica, mas que nos trazem algumas fulgurações do vocabulário e das configurações do plano estético.

Das raízes do pensamento peirciano acerca do plano sensorial, podemos localizar na obra de Friederich Schiller (1989), do século XVII, suas principais raízes. Na investigação filosófica do autor, destaca-se o apelo ao sensível como uma dimensão a ser explorada para se compreender a construção do pensamento, anterior a qualquer racionalização: "a formação da sensibilidade é, portanto, a necessidade mais premente da época, não apenas porque ela vem a ser um meio de tornar o conhecimento melhorado eficaz para a vida, mas também porque desperta para a própria melhora do conhecimento" (idem, p. 36). Sob o ponto de vista do sensível, é preciso pensar uma espécie de gramática do homoerotismo, buscando-se mapear suas formas e configurações estéticas na cultura antes de interpretá-las. É evidente que sempre haverá um certo grau de secundidade e terceiridade em meio ao processo de formação de uma gramática, por tratar-se de perceber formas, relacioná-las e generalizá-las, mas o esforço de compreender a forma pela forma antes de tudo, isto é, a qualidade pela qualidade, é um dos ganhos dessa estratégia metodológica.

As expressões do homoerotismo masculino na pornografia amadora, nesta tese, serão enxergadas a partir de suas configurações e formatações visuais, sonoras e verbais. A recorrência de formatos apontará para a formações de padrões estéticos do homoerotismo pornografado. Em um primeiro movimento analítico, a observação das repetições e dos estilos a partir dos registros pornográficos estabelece e delineia linhas estéticas que, não apenas traduziriam, mas também engendrariam o que viria a ser o homoerotismo na contemporaneidade. Em um segundo momento, seguindo-se a arquitetura fenomenológica peirciana, seremos levados a analisar as condutas éticas e as linhas de pensamento evocadas por tais fulgurações estéticas.

Para além do posicionamento da estética no nível da primeiridade, Peirce levanta uma outra questão radicalmente diferente da posição e Platão: a ideia de que a estética não está necessariamente ligada ao belo, mas sim ao *summum bonum*, um valor supremo. Sobre esse ideal, Santaella (1994, p. 126) afirma:

> "O ideal que Peirce tinha em mente é o fim último em direção ao qual o esforço humano deve se dirigir. Trata-se do ideal mais supremo para o qual nosso desejo, vontade e sentimento deveriam estar voltados. O ideal dos ideais, o *summum bonum*, que não precisa de nenhuma justificativa ou explicação. A questão da estética, portanto, é

> determinar o que pode preencher esse requisito de ser admirável, desejável em e por si mesmo, sem qualquer razão ulterior".

O que a nosso ver é problemático ou, melhor dizendo, mal resolvido pela filosofia peirciana, até mesmo pelas suas limitações epistemológicas, é a questão do "desejo, vontade e sentimento" - conceitos por vezes vagos e imprecisos na obra de Peirce. É a partir desse ponto deficitário que podemos fazer uma dobra com a psicanálise de Sigmund Freud e Jacques Lacan, que agrega a percepção do funcionamento do psiquismo.

Como discutiremos no capítulo 2, a partir de Marquês de Sade, Georges Bataille e a psicanálise, o *summum bonum* do erotismo nem sempre deve ser confundido com o do belo. Arranhar a película do ideal de belo que reveste as discussões sobre a estética nos permitirá enxergar a realidade "daimônica" da sexualidade, para usarmos o termo de Camille Paglia (1992, p. 15- 17) que designa o "horror" da natureza ctônica ("das entranhas da Terra") que o olhar ocidental e a ciência tentam esconder para tornar a realidade mais palatável. Nesse sentido, por exemplo, surgirão o sangue, a dor física, o abuso moral e as demonstrações de dominação e violência. Ou, ainda, serão recorrentes cenas de lugares abjetos, nos quais a sujeira faz parte da cena sexual e os limites físicos do corpo serão testados nas mais diversas peripécias sexuais, e as alcunhas da "putaria" em diálogo com o ideal sadiano da libertinagem, escola de Sade: "na aventura libertina há sempre esse desejo de abarcar as maiores quantidades, de alcançar os marcos inatingíveis, de realizar a derradeira somatória, insinuando a aposta em um projeto que busca a saturação", como define Eliane Robert Moraes (2006, p. 11). O deslocamento de objetos cotidianos, muitas vezes sujos, como sapatos, meias e shorts esportivos, ao *status* de objeto sexual revelam o ideal do conceito psicanalítico de escolha e incorporação do objeto a despeito de qualquer condição bela.

A revisão e a descentralização do belo do campo da estética, dentro dos estudos da Comunicação, trazem-nos algumas questões de nosso interesse: o que viria a ser a sexualidade esteticamente pertinente à propaganda e à veiculação de métodos de prevenção e tratamento ao hiv/aids, espaços da construção de "narrativas possíveis e favoráveis" (CARRASCOZA, 2014, p. 10), vinculadas ao belo? Em que medida a pornografia amadora coloca em cena as expressões do homoerotismo masculino de forma mais "verdadeira" e menos "idealizada", quando comparada à estética das produções pornôs profissionais, guiadas por diretrizes de dramatização (DÍAZ-BENÍTEZ, 2010, p. 98-107)? E talvez aquela que seja a mais importante das questões: como o hiv/aids, sob a insígnia inicial do "horror" e da "morte", como veremos no subcapítulo 4.1.1, é representado e quais efeitos de sentido

decorrem das representações do vírus e da síndrome na produção de subjetividades e identidades homoeróticas?

1.3.2. Ética: para além do Bem

Se, dentro da arquitetura peirciana, a estética está para a primeiridade, a ética está para a secundidade. Porém, para o filósofo, ela não seria a ciência do bem ou do mal, mas, sim, a ciência das condutas, como sintetiza Santaella (1994, p. 122) a respeito de sua visão: "enquanto a moral está diretamente preocupada com o pronunciamento de um curso de ação como certo e de um outro curso de ação como errado, a ética, como ciência teórica e normativa, tem a ver com as normas e ideais que guiam nossas ações". Tal descolamento da moral é fundamental para se delinear a ética erótica. O que é bom ou mau no erotismo? É possível até mesmo falar em termos morais no território da sexualidade? As expressões eróticas não nos levam somente ou necessariamente ao belo e tampouco ao bem ou mal. A conduta erótica, na qual a todo momento esbarraremos nesta pesquisa, segue seus próprios termos e suas intrínsecas condições.

Quando Peirce desassocia a ética da moral, sua perspectiva permite uma leitura baseada no "agir", sem que esse gesto esteja atrelado a uma ideologia dominante que enseje ou emascule o que viria a ser o bom ou ruim. As condutas, alicerçadas pela estética, operam entre um certo grau de racionalização e outro de irracionalidade: sendo a ponte entre a primeiridade e terceiridade, a secundidade da ética peirciana é "o meio pelo qual a meta do ideal estético se materializa, assim como a lógica é o meio pelo qual a meta ética se corporifica" (SANTAELLA, 2005, p. 39). Nesse sentido e à título de exemplificação, os signos da dominação e da submissão recorrentes na pornografia amadora homoerótica (subcapítulo 3.4.1) nos levam à percepção de condutas eróticas baseadas em uma ética BDSM (Bondage, Disciplina, Sadomasoquismo e Masoquismo), circunscrita a regras estabelecidas de comum acordo entre os participantes da cena sexual, como bem investigou Vera Lucia Marques da Silva (2018). O universo do *barebacking* (sexo sem preservativo), por vezes, igualmente se estrutura em condutas compartilhadas por grupos específicos, cujos rituais, radiografados por Vladmir Porfírio Bezerra (2019), reafirmam o direcionamento ético surgido, inicialmente, como uma reinvindicação política pelo livre uso dos corpos e dos prazeres, solapados pelo hiv/aids e pelos discursos morais que recaíram sobre a homossexualidade desde a década de 1980. Olhar ambas as expressões, o BDSM e o *barebacking*, pela ótica clássica da ética significaria julgá-las sob a premissa de que há condutas mais "dignas", "saudáveis" e "boas" que aquelas que seriam "deteriorantes", "doentias" e "maléficas". Não há ganhos em uma análise em que se atravesse o moralismo:

é preciso compreender as condutas sexuais em seus termos para, posteriormente, propor intervenções que sejam pertinentes ao contexto ético do próprio campo.

Em que se considere a acepção clássica da ética, o manejo da epidemia do hiv/aids sofreu duros golpes pela carga moral que atravessou suas políticas públicas. Como explicita Eduardo Jardim (2019, p. 44), a aids, vista como castigo "para corrigir os pecados dos homens", "atacou determinados setores da população – os grupos de risco". A noção de grupo de risco, calcada inicialmente pela epidemiologia, mas, posteriormente, dela dissociada, estigmatizou "entidades culturalmente definidas, como os homossexuais ou os usuários de drogas injetáveis" (idem). Supostamente penalizados, com a aids, por suas atitudes, esses "grupos de risco" seriam os culpados pela doença. Além disso, "a elaboração de políticas públicas, como os programas de prevenção, se voltou quase que exclusivamente para aqueles grupos específicos, deixando de fora o resto da população" (ibidem, p. 45), como se a aids e o hiv fossem exclusivos a determinados tipos sociais marginalizados e "errados" em suas condutas. O ativista e escritor soropositivo Herbert Daniel (1994, p. 29-30) pioneiramente já defendida uma visão na qual se excluísse a perspectiva moral do vírus: "é infâmia dizer que tem preferência por pecadores e pega alguns desprevenidos para desmoralizá-los. O hiv não fez opção preferencial pela culpa, não tem nenhuma moral, é apenas um vírus sem más intenções".

Tão revolucionário quanto Charles S. Peirce, Jacques Lacan igualmente propôs uma reavaliação do conceito de ética dentro dos rincões da psicanálise e da interpretação do desejo. A principal preocupação de Lacan ao rever o conceito ética dizia respeito à condução de um processo de análise, quando analista e analisando caminham para a direção do tratamento de sintomas e a resolução de sofrimentos. John Rajchman (1993, p. 47), ao refazer o percurso do psicanalista francês, apresenta um pertinente problema à reflexão ética: "não o antigo problema de podermos viver e agir ignorando o que é realmente bom para nós, mas o problema moderno de haver algo em nosso desejo que vai além do que nos dirigiria para o que pensamos querer para nós". O questionamento da ética na psicanálise nasce da função do inconsciente, da pulsão de morte, da alienação do sujeito frente a demanda do Outro, entre tantas outras tópicas que colocaram o sujeito descentralizado em sua formação e sua atuação no mundo e que, portanto, iriam ao desencontro à ideia fixa de vetores morais rígidos e inflexíveis.

O bem, para a psicanálise lacaniana, é um imperativo moral a ser questionado. Lacan (2008a) formula que o bem será sempre contingencial. Ao se ouvir dizer que algo é para o

Bem, deve-se perguntar: "para o bem de quem?". Isso trará implicações substanciais ao desejo do analista e ao processo de transferência, apontará Rajchman (1993, p. 42):

> "A psicanálise não é uma *sagesse*, uma sabedoria geral sobre o que é bom ser; não é uma ***morale***, uma teoria de um princípio ou regra geral do que é certo fazer. Ao contrário, ela suscita novas indagação sobre o lugar do desejo na demanda do Saber e na natureza da obediência à Lei do Dever, e assim, introduz uma nova tarefa".

Colocando-se em evidência a questão do hiv/aids e seus desdobramentos nas condutas eróticas, podemos refletir como o vírus e a síndrome estão tensionados entre a pulsão de vida e a pulsão de morte: se a "vida sexual ativa" é um dos ideais contemporâneos, o hiv e a aids foram, por muito tempo, uma lembrança da finitude da "vida". O jogo ético entre "vida" e "morte", "bom" e "ruim", como Herbert Daniel (1994, p. 21) sugere, está presente desde o início da epidemia: "de um momento para outro, o simples fato de dizer 'eu estou vivo' tornou-se um ato político (...) Por isso, repito constantemente, desde que soube que estava com Aids, que sou vivo e cidadão". Diante da moralização da aids, o ativista denunciava os vários tipos de mortes dela decorrentes: "sei que a Aids pode matar, mas sei melhor que os preconceitos e a discriminação são muito mais mortíferos" (idem).

Não se deve pensar o hiv/aids como certo ou errado, com um mal ou um bem, mas sim como uma dobra de inflexão à formulação do desejo e da subjetividade em um contexto sexual e subjetivo. As éticas pós-hiv/aids não necessariamente condenam o vírus e a síndrome e as condutas sexuais que podem expor os parceiros à infecção: elas apenas apresentam novas e outras configurações no "agir" e no "viver" que, por vezes, assumem o hiv/aids como ponto gravitacional. Os usos dos corpos e dos prazeres, atravessados pelo discurso médico e governamental, que usualmente moralizam o hiv/aids, encontram na pornografia amadora, uma das muitas práticas comunicacionais "menores", mas também mais aderentes, uma válvula de escape e expressão de outras éticas sexuais que não aquelas que estão marcadas pela moral.

Uma vez derrubadas as cargas do belo e do bem na estética e na ética, podemos caminhar pela trilha amoral do erotismo e da sexualidade, tendo enxergado a moralidade que ronda a pornografia e o erotismo. Se observarmos bem, o termo *erótico* é muitas vezes empregado pela carga moral que carrega. Dependendo de quem emprega a expressão, há os sentidos que nos levam ao mal (algo que é indecoroso, obsceno, sórdido, vulgar) ou ao bem (aquilo que é sublime, deleitoso, prazeroso). Em oposição simbólica à pornografia, o erotismo daria corpo à "sexualidade sadia", como observa Jorge Leite Júnior (2006, p. 34):

“a pornografia encarna o sexo considerado ilegal, ilegítimo, perigoso e desestruturador do ‘estabelecido’. O erotismo é a representação da sexualidade limpa, legal e organizada, pois já foi aceita nos grupos culturalmente ‘estabelecidos’”. O lugar amoral da pornografia na contemporaneidade nos fornece alguns pressupostos importantes para a articulação do homoerotismo pornografado: à margem dos discursos moralmente aceitos, a produção pornô representaria as expressões genuínas da sexualidade (ainda que se pesem as limitações e os direcionamentos dos aspectos técnicos e dos formatos comunicacionais que as engendram).

Para se tratar do erotismo, é preciso deixar de lado os julgamentos morais e os ideais de beleza. Não se trata de classificar determinada expressão erótica como bela ou feia, boa ou má, mas sim compreendê-la em seus termos. Como veremos a seguir, nas expressões da pornografia amadora homoerótica, são recorrentes as cenas que poderiam ser consideradas violentas, insanas, doentias etc. Elas não são nem melhores ou piores do que os grandes clássicos da arte ou da literatura considerada erótica. Talvez resida nessa situação limítrofe da produção do conhecimento erótico a loucura à qual se beiraria ao tentar destrinchar esse que é o grande enigma da humanidade, e da qual adverte Lucia Castello Branco (1987) sem exatamente precisar sua origem: todo e qualquer paradigma ético ou estético externo à experiência erótica não lhe serve. Aqueles que tentaram encarar de frente o erotismo, eventualmente, foram considerados loucos, degenerados e até mesmo criminosos, como foi o caso de Marquês de Sade, que sofreu inúmeras acusações e penalizações sociais, como apontou seu biógrafo Jean Desbordes (1968).

1.3.3. Lógica: as filigranas do pensamento revisitadas

Por fim, porém, não menos importante, está a revisitação da lógica. Localizada na terceiridade das ciências normativas, a lógica peirciana tem dois sentidos, como apresenta Lucia Santaella (2005, p. 39):

> "No primeiro [sentido], lógica é a ciência das condições necessárias para se atingir a verdade. No sentido mais amplo, é a ciência das leis necessárias do pensamento. Mas, uma vez que todo pensamento ocorre em signos, a lógica, no seu segundo sentido, é semiótica geral, tratando não apenas da verdade, mas também das condições gerais dos signos como signos"

Robusta em sua elaboração, a arquitetura filosófica de Peirce coloca os signos como condição geral para a estruturação do pensamento e, consequentemente, das ciências. Tomando em conta as ciências normativas, "o fim que lhe é específico é o pensamento, de modo que sua finalidade última é o estudo da formação de hábitos e pensamentos que sejam consistentes com o ideal lógico que, por sua vez, é definido pela ética (...)" (idem, p. 39). A semiótica, outro termo usado por Peirce para designar a lógica, apresenta-se então como um complexo sistema para especular sobre os processos de significação, abstração e representação que mediam a experiência humana em busca de certo grau de razoabilidade.

Nas tentativas de desenvolvimento de abordagens multidisciplinares, nas quais sobrepõem-se perspectivas distintas convergindo-se e refratando-se sobre objetos de estudo, a percepção semiótica e semiológica da construção do pensamento e da ciência nos auxilia na discriminação dos processos de produção de significação no campo das investigações. A julgar pelo repertório que aqui mobilizamos, sobretudo, para entender as múltiplas dimensões do hiv/aids, podemos observar como, por exemplo, o discurso médico abordará o vírus e a síndrome de maneira distinta ao discurso antropológico e psicológico que a ele se flexiona. As diferenças, em parte, dar-se-ão devido ao pioneirismo e à necessidade de abordagens médicas, farmacológicas e clínicas para o manejo urgente da epidemia, enquanto outras perspectivas investigativas responderão a outras demandas (subjetivas, culturais etc.). Os termos específicos para a classe médica criarão ruídos nos processos de recepção e assimilação dependendo do público receptor - imagine-se, por exemplo, um paciente hiv-positivo que, devido à sua condição sorológica, começará a ter que entender sobre a contagem de linfócitos, algo comum às rotinas clínicas. Paralelamente, signos relacionados ao erotismo pornografado parecem não ter espaço na práxis da saúde pública, de onde advém grande parte da comunicação oficial sobre o hiv/aids. As reflexões de cada área, embora

possam ser somadas, por vezes, criam espaços de embate, ruído e debate, por se tratar de universos lógicos calcados em distintas éticas e estéticas.

A estética suporta a ética, que, por sua vez, dá sustentação à lógica, o que, de forma aplicada e exemplificada, poderíamos traduzir no signo "CD4", termo técnico empregado para a contagem de linfócitos que indicariam a eficácia ou a involução do tratamento ao hiv e à aids, não é bom nem ruim para a ética médica: é apenas um indicador clínico, dentro da lógica da terapia farmacológica, que, ao mínimo sinal de involução clínica, pode mudar seus medicamentos e ativos. Contudo, como registra Sanches (1997), para muitos sujeitos soropositivos um resultado de baixa contagem de linfócitos seria o sinal de que a "aids teria vencido". O discurso médico e os processos de apreensão de um sujeito soropositivo circunscrito ao contexto da segunda década da epidemia apresentam dois tipos de pensamento baseados em éticas e estéticas totalmente distintas, embora tratem do mesmo objeto, os signos do hiv/aids.

A semiótica peirciana, localizada na lógica das ciências normativas, permite-nos chegar a um grau de abstração que se pode ser aplicada em muitos contextos, incluindo-se a psicanálise: "sendo a semiótica uma teoria geral e formal de todos os tipos de semiose possíveis, na correlação com a psicanálise, esta aparece como um tipo específico e muito peculiar de semiose", como demonstra Lucia Santaella (2013b, p. 28). Apresentando a semiose do sujeito marcado pela sobredeterminação das estruturas psíquicas, a semiótica se debruça sobre as lógicas psicanalíticas por meio da produção, leitura e interpretação dos signos que as compõem.

Por outro lado, como Oscar Cesarotto (2019, p. 97) afirma, a psicanálise traz contribuições significativas à semiótica no que diz respeito à constituição da condição humana: "a semiótica de extração psicanalítica parte de três ordens de existência que, embora distintas, conformam as matrizes da linguagem e do pensamento: palavras, imagens e coisas". Partindo-se do inconsciente, da intersubjetividade e do reconhecimento do desejo, a psicanálise que se aproxima da semiótica apresenta um panorama complexo em que as estruturas que antecedem o sujeito devem ser consideradas para a formulação do pensamento e da ciência. Reconhecendo-se as limitações de uma "ciência demasiadamente humana" (idem, 84), a construção de uma perspectiva inteligível das normas, das condutas e dos ideais deve enxergar o ser falante, sexuado e mortal, três aspectos descriminados pela semiótica psicanalítica (ibidem, p. 91).

A questão da intencionalidade nas práticas humanas é posta em xeque tanto pela semiótica peirciana quanto pela psicanálise freud-lacaniana na medida que, igualmente, reconhecem-se a ação do signo e as estruturas psíquicas que precedem o sujeito. Certamente, haverá sempre um determinado grau de intenção na ação do sujeito, porém ela está inclinada pelos vetores intersubjetivos e intersígnicos inerentes à condição humana. A produção e a reprodução de certas práticas sexuais na pornografia amadora apontam tanto para a expressão individual da subjetividade erótica de sujeitos quanto pelas filigranas da produção de sentido e de desejo fomentadas pelo signo e pelo aparelho psíquico.

Da consciência ao inconsciente, a revisão da lógica pela semiótica psicanalítica estabelece a necessidade de novos parâmetros para a análise e a articulação lógica das expressões do homoerotismo pornografado. É preciso perseguir os ideais do erotismo, esmiuçados por autores que se ocuparam das vicissitudes da sexualidade, cuja revisão faremos a seguir.

2. ESTÉTICAS, ÉTICAS E LÓGICAS DO EROTISMO

Antes de adentrarmos as veredas dos signos do homoerotismo pornografado, faz-se necessário o estabelecimento de alguns parâmetros estéticos, éticos e lógicos oriundos dos estudos do erotismo e da sexualidade. Compreendendo-se a diversidade de tal campo, muitas foram as possibilidades de articulação teórica, sendo privilegiadas as discussões empreendidas por Marquês de Sade (2006, 2008, 2015), Georges Bataille (2005, 2014, 2018) e a psicanálise freud-lacaniana (e suas leituras posteriores), por se apresentarem como fundos teóricos de grande valia para o que já intuitivamente, em uma primeira análise, havia se depreendido da pornografia amadora homoerótica. Portanto, neste breve capítulo, expomos algumas das principais linhas de pensamento e compreensão acerca do erotismo por tais autores, tendo em vista as particularidades do homoerotismo.

Inicialmente, no subcapítulo 2.1, a retomada de Marquês de Sade (2006, 2008, 2015) pontua, no pensamento ocidental, uma perspectiva que iria se opor a uma visão rousseauísta das práticas humanas. Considerada uma obra degenerada, a filosofia sadiana expõe, através uma extensa literatura, algumas das peripécias sexuais possíveis dentro do imaginário erótico, extrapolando-se os limites morais socialmente compartilhados. No *boudoir*, espaço da intimidade em Sade, personagens dão vazão a fantasias e ultrapassam qualquer limitação, apontando para os sentidos perversos, polimorfos e desviantes da sexualidade.

Adiante, exploramos o que a psicanálise tem a nos dizer sobre a sexualidade e, mais especificamente, sobre as homossexualidades. No subcapítulo 2.2, retomamos alguns de seus pontos essenciais e realizamos uma leitura interessada também nas discussões contemporâneas sobre gênero e sexualidade, enxergando-se as contribuições de autores como Jurandir Freire Costa (1992, 1995), Judith Butler (2016, 2019) e Rafael Kalaf Cossi e Christian Ingo Lenz Dunker (2019). Até que ponto falar, em uma perspectiva psicanalítica, sobre a homossexualidade teria algo a nos acrescentar?

Encerrando as discussões sobre as estéticas, éticas e lógicas do erotismo, recorremos a Georges Bataille (2005, 2014, 2018), um dos principais pensadores a teorizar a tópica no século XX. Percorrendo algumas de suas obras seminais, reavemos os fundamentos de uma visão erótica estabelecida sobre o mito de dois seres descontínuos que buscam, na relação sexual, a continuidade (BATAILLE, 2014). Assumindo o interesse "maldito" no erotismo, o filósofo francês chega a três condições do erotismo, destrinchando as nuances possíveis do erótico.

2.1. A filosofia libertina de Marquês de Sade

Marquês de Sade foi e ainda é um dos mais controversos escritores e filósofos do Ocidente. Sua obra, produzida em grande parte durante a sua prisão na Bastilha, é uma resposta ao Iluminismo de Jean-Jacques Rousseau, uma das figuras primordiais para a eclosão da Revolução Francesa no final do século XVIII. Detido após diversos processos, nos quais foi acusado por crimes e práticas da perversão, como estupro e tortura, o nobre foi parar na Bastilha, prisão símbolo do reinado autoritário de Luís XVI, que seria deposto durante a Revolução. Em uma cela "fechada por barras tão numerosas e totalmente juntas que não deixavam passar um débil clarão senão ao meio do dia", como aponta Jean Desbordes (1968, p. 187), Sade iniciaria um longo processo de escrita que estabeleceria a pedra fundamental de sua visão de mundo.

> "Torturado no corpo e nas funções naturais pela mais completa solidão que se possa suportar, perseguido pelo regime da Bastilha (…), Sade revolta-se na medida de suas possibilidades e nos limites de seu temperamento. Todos os acessórios sentimentais que cobrem a vida dos humanos, todas as servidões impostas pela educação, pelo instinto social, pelo medo, estão nele abafadas, exterminadas, reduzidas a nada. Assim, e reduzido a nada, ele está pronto para empreender a subversão de todas as convenções milenares, para controlar a atividade de fantasia, dirigir o desencadeamento torrencial de seu pensamento puro, e levar a especulação até suas últimas consequências. É o nascimento infernal dos 120 Dias de Sodoma".

Os *120 dias de Sodoma* (1785) marca o início da filosofia do marquês. O romance, nas palavras de seu narrador, "relato mais impuro já feito desde que o mundo existe" (SADE, 2006, p. 62), narra os cento e vinte dias que se passam no castelo de Silling, um local de difícil acesso aos olhos da humanidade. Comandada por uma associação de quatro devassos amigos e conduzida por um número selecionado de associados, divididos entre libertinos e presas da perversão dos primeiros, a Escola da Libertinagem, subtítulo do romance, é estruturada a partir de módulos nos quais se discutiriam e se praticariam as quatro modalidades das paixões humanas, a saber: *Paixões simples* (Primeira Classe), *Paixões duplas* (Segunda Classe), *Paixões criminosas* (Terceira Classe) e *Paixões assassinas* (Quarta Classe).

Um dos pontos principais do romance sadiano é a contraposição entre civilização e barbárie, sociedade e natureza. Seguindo o rígido regulamento que ditou o dia a dia das práticas e das artes da libertinagem nos cento e vinte dias narrados, os personagens de Sade performam o que haveria de mais natural no homem e, portanto, o que haveria de mais

repugnante para a sociedade. Ignorando as regras sociais externas ao castelo - e, por isso, é importante salientar a periférica e isolada posição geográfica do castelo de Silling - não há rédeas que freiem o desejo mais genuíno do sujeito. As paixões são muitas e vão das mais simples, como a masturbação compartilhada por homens e mulheres em uma mesma cena, relatada no segundo dia de Escola; às mais complexas, como as paixões assassinas que, no último mês de escola, levam à morte um homem que sentia prazer em somente se alimentar de suas próprias fezes. Ao lado de posições sexuais clássicas e ousadas, não são poucos os relatos de cortes, incisões, mutilações e retaliações que levam os corpos de libertinos e vítimas ao êxtase. O esperma e o sangue jorram nas cenas exaustivamente relatadas, mostrando que, pelo prazer, não há limites.

Pouco mais de cinco anos depois, Sade desenvolve um romance baseado em apenas duas protagonistas e não mais em um numeroso número de personagens, como foi o caso de os *120 dias de Sodoma*, para devidamente marcar as opostas posições entre libertinos e suas vítimas. Em *Justine ou Os infortúnios da virtude* (1791), Justine, no caminho à prisão, narra a sua história de vida à Juliette, a irmã que não vê desde a adolescência. Abandonadas pelos pais, ambas cresceram em um orfanato até quando permitiu o pouco dinheiro que lhe restavam. Sem qualquer espécie de amparo, ainda adolescentes, foram largadas no vasto e conflituoso mundo que se desenhava na França do século XVIII. Para sobreviver, cada uma tomou um rumo distinto. Juliette, a irmã mais velha e mais experiente, optou pela vida libertina. Deitou-se com milionários, participou das mais bem sucedidas orgias, trapaceou, ludibriou e chegou até mesmo a aniquilar amigos e inimigos em benefício próprio. Gozando de todos os prazeres, Juliette teve uma vida de abundância. A irmã mais nova, Justine, seguiu a direção oposta: trilhou o caminho da virtude. Como uma peregrina, passou anos a vagar de vilarejo em vilarejo. Por ser inexperiente, caía constantemente em perversas armadilhas de homens e mulheres de toda espécie, dos mais pobres aos nobres, que usaram e abusaram de sua ingenuidade. Justine, de tão pura, logo se tornou vítima de sua própria bondade. Por nada aprender com os percalços em seu caminho, continuadamente cometia o erro de confiar piamente naqueles que surgiam à sua frente e se apresentavam como uma tábua de salvação. Morreu de forma totalmente anônima e brutal por um raio (mais uma vez a implacável natureza).

A compreensão dessas personagens só pode ser efetivada à luz de uma estrutura sadiana. Primeiramente, é preciso assumir o elo possível entre filosofia e literatura na obra de Marquês de Sade, já discutido por Eliane Robert Moraes (2015b), e enxergar seus escritos

não somente como uma construção literária, mas principalmente como uma visão filosófica libertina. Em segundo lugar, elucidar sua posição no campo artístico de seu período nos levará a uma radical cisão no pensamento ocidental clássico. Como aponta Camille Paglia (1992, p. 14), Sade é contemporâneo de Jean-Jacques Rousseau e um opositor ao pensamento do escritor de *Do contrato social*: "para Sade, voltar à natureza (…) era dar rédea solta à violência e ao desejo". O sujeito não nasceria bom e a sociedade o corromperia, como na visão rousseauísta, mas, ao contrário: a civilização disciplinaria um sujeito pulsional para que fosse possível a edificação e a construção de uma sociedade - visão que seria aprimorada por Sigmund Freud (2010d), para quem a civilização é erigida contra um sujeito libidinal. Justine e Juliette seriam assim duas faces de uma mesma moeda. Como o sujeito sobreviveria à complexa intersecção entre civilização e indivíduo, na qual a natureza é tirana e a civilização edificante? A boa Justine acreditará na moral civilizatória. A má Juliette render-se-á ao retorno à natureza. As virtudes de uma levaram a infortúnios. Os vícios libertinos da outra, ao êxtase e ao êxito.

No auge do refinamento de seu pensamento filosófico, Sade escreve, em 1795, *A filosofia na alcova*. Na introdução, dedica seu livro aos libertinos e assinala sua intenção principal: "e vós, amáveis devassos, que, desde a juventude, não tendes outros freios que vossos desejos e outras leis que vossos caprichos, que o cínico Dolmancé vos sirva de exemplo" (SADE, 2015, p. 11). Como uma cartilha a ser seguida e passada de geração em geração (na epígrafe, Sade chega a recomendar que a mãe prescreva a leitura de tal obra à sua filha), o autor é didático ao ensinar as artes da libertinagem a partir de Dolmancé, um experiente cavaleiro, a sábia Saint-Ange e a inexperiente Eugénie, que, apesar de ser filha de um libertino, pouco ou nada sabe sobre a libertinagem. Em meio a lições práticas, são intercalados monólogos em que Dolmancé reflete sobre diversas questões, sendo a principal a relação do homem com a natureza. Em determinado momento argumenta-se que: "se a eternidade dos seres é impossível à natureza, sua destruição é por consequência uma de suas leis" (idem, p. 76).

Os ideais iluministas moldam e alimentam a imagem de uma natureza pura. Porém, basta o surgimento de uma nova doença ou o aparecimento de um devastador furacão para que a retina da beleza ocidental seja arranhada e a natureza comprove que nela rege a lei dos mais fortes, é o que aponta Paglia (1992, p. 45) a partir de Sade. Por isso, tomando emprestada a representação dos *daemones*, deuses da Grécia Antiga que estavam abaixo das grandes divindades, é possível falar de uma natureza daimônica, uma instância amoral, ou

melhor, um local onde nenhum julgamento moral faz sentido: “o sexo é o ponto de contato entre o homem e a natureza, onde a moralidade e as boas intenções caem diante de impulsos primitivos (…) O sexo é daimônico” (idem, p. 15). Sintetizando sua filiação teórica à psicanálise e à conceituação ética desassociada da moralidade, Paglia elabora a máxima que apresenta sua intersecção: "o inconsciente de Freud é um *domínio* daimônico” (ibidem, grifo nosso).

Nessa hierarquia estabelecida entre a natureza, a mais poderosa, e o homem, estamos submetidos à tirania da biologia que, nas cruzadas contemporâneas, buscamos vencer com as novas adequações socioculturais, como as discussões sociais de gênero. Somos corpos que respiram, sangram, adoecem, padecem de males e prazeres. A ideia de natureza pura é uma projeção e uma idealização humana que na prática cai por terra. Diferentemente do que gostaríamos, a linguagem da natureza, para Sade, é a violência, a destruição do mais fraco. Os caminhos da sexualidade, do erotismo e da violência trilhados pelas personagens sadianas são os reais caminhos de retorno à natureza.

Como Eliane Robert Moraes (2015b, pp. 261-261) discorre, a visão sadiana da sexualidade e do erotismo, a partir de seus personagens e da dimensão do *boudoir*, espaço onde grande parte da vida libertina dá vazão aos seus mais delirantes desejos, ajuda-nos a compreender o sujeito a partir de uma intimidade anárquica, alheio a qualquer estrutura social.

> “Escrevendo na clandestinidade para um leitor que também deve ‘se despojar das convenções da literatura bem como dos preconceitos da sociedade’, o marquês tematiza um tipo de intimidade que não encontra lugar onde se realizar. E, ao propor um espaço privado que se constitui como o avesso do lar, opondo-se ao modelo rousseauniano, Sade não que está apenas construindo uma intimidade negativa: se o boudoir é contra a sociedade, ele representa, mais que isso, a criação de uma privacidade restrita ao indivíduo. Esta supõe a diferença entre cada homem, recusando toda teoria que submete a singularidade do sujeito ao corpo social”.

A literatura sadiana nos ajuda a compreender as entranhas e os percursos do erotismo e da sexualidade humana em uma perspectiva totalmente oposta à leitura social de Rousseau, cujos princípios norteiam grande parte das discussões sociais correntes, sobretudo, aquelas que discutem sexo e sexualidade nas ciências sociais aplicadas. O campo da sexualidade e do erotismo é muito mais amplo do que tentam reduzir as discussões que se baseiam na ideia de que a violência não pode coexistir ao sexo. Por meio de Marquês de Sade, atestamos que ela não só pode existir como também é parte estruturante do desejo mais genuíno no campo sexual.

Igualmente seria prudente levantar a seguinte questão: a filosofia libertina é cabível somente ao erotismo masculino ou também poderá ser ampliada para o erotismo em um espectro mais amplo? Façamos tal pergunta à luz do que Maria Rita Kehl (1996, p. 337) outrora apontou: “a paixão libertina nada quer saber sobre a mulher”. Seria a libertinagem uma das mais adequadas filosofias ao homoerotismo masculino que, muitas vezes, ignora a figura feminina ou a coloca em lugar de degradação?

2.2. A visão da (homos-)sexualidade pela psicanálise

Ainda que não sejam tão aparentes as contribuições de uma revisão psicanalítica sobre a tópica do homoerotismo masculino para o que se discute nesta tese, tal esforço de síntese teórico-conceitual, mesmo que breve, coloca-nos alguns parâmetros fundamentais para a abordagem das expressões da homossexualidade na contemporaneidade. Não queremos, com esse exercício expositivo e argumentativo, fazer uma extensa revisão acerca das acepções e das leituras do homoerotismo na trajetória da psicanálise, tarefa magistralmente realizada por Jurandir Freire Costa (1992, 1995) que identificou os diversos caminhos percorridos pela psicanálise freudiana. Nosso principal desejo é estabelecer alguns pressupostos psicanalíticos que embasam a questão que, de certo modo, já está dada desde o início da tese quando optamos pelo recorte do homoerotismo masculino pornografado. Nesta altura da investigação, adentrar as discussões psicanalíticas sobre o homoerotismo, após abordarmos Sade e antes de estabelecermos alguns vetores presentes em Bataille, aproveita a linha temporal estabelecida entre o marquês e o filósofo e localiza em Freud e Lacan um momento de virada a respeito do entendimento da sexualidade no século XX.

Inicialmente, podemos observar como a psicanálise gradativamente foi descentralizando o fator biológico da sexualidade humana (embora ele ainda surgisse de uma forma ou de outra). Como sintetizam Marco Antonio Coutinho Jorge e Natália Pereira Travassos (2018, p. 30), para a psicanálise, "a sexualidade não é sinônimo de genitalidade: ela não se restringe ao ato sexual enquanto conjunção dos órgãos genitais, mas se revela em outras atividades aparentemente desprovidas de um cunho sexual". A proposta, revolucionária para sua época, apostava na "não-normalização" da sexualidade, ao localizar a construção intersubjetiva da sexualidade, uma posição oposta aos discursos e às práticas médicas que, historicamente, ditaram a suposta normalidade sexual baseando-se em uma ciência que, de um lado, se fundou na biologia reprodutiva e, de outro, nas crenças médicas atravessadas por dispositivos políticos e sociais de controle (FOUCAULT, 2014a, 2014b). Indo além, poderíamos pensar a homossexualidade como subversão, como discorre Marco Antonio Coutinho Jorge (2013, p. 24): "[a homossexualidade] é subversiva, pois manifesta, em ato, a existência no ser falante de uma liberdade absoluta em relação ao natural".

Em parte, desse deslocamento, do biológico ao psíquico, decorre a noção de *libido*, que, como define Robert Stoller (2017, p. 64), podemos considerar como sendo "uma tendência mística cuja direção é o estar vivo, permanecer vivo e reproduzir a vida". Nesse

sentido, a libido freudiana, no sujeito, será direcionada por "fantasias (conscientes e inconscientes) de intimidade com outros objetos" (iem), vicissitudes posteriormente mais bem explicitadas pelas articulações das relações de objeto desenvolvidas por Lacan (2017). Para Judith Butler (2019), uma das principais autoras críticas à psicanálise, a retomada da "pulsão" para a compreensão das vicissitudes da sexualidade traz ganhos para os estudos contemporâneos, como sintetizam Rafael Kalaf Cossi e Christian Ingo Lenz Dunker (2019, p. 132-133) ao revisitar a filósofa: "o corpo pulsional não acata completamente as normas que impõem sua materialização em corpos-homens e corpos-mulheres. A pulsão carrega, portanto, uma potência transformadora e outra que faz resistência (...)".

A psicanálise, bem como a psicologia, teve um papel central no processo de despatologização da homossexualidade, que, até 1990, era uma condição listada como doença pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Já se tornou folclórica a carta escrita por Freud em 1935 (porém que só viria a público em 1951) respondendo uma mãe que a ele fazia questionamentos sobre a possível homossexualidade do filho, no qual deixava evidente a posição não-patológica da orientação sexual: "a homossexualidade certamente não é uma vantagem, tampouco é algo de que se envergonhar, não é nenhum vício, nenhuma degradação, não pode ser classificada como doença" (FREUD, 2019a, p. 28). Ao que ele ainda acrescenta (uma parte muitas vezes suprimida nas revisitações à carta): "nós a consideramos uma variação da função sexual produzida por uma detenção no desenvolvimento sexual" (idem). A visão freudiana, ainda que enquadrasse a homossexualidade como uma espécie de subdesenvolvimento sexual, a assumia como apenas uma das possibilidades disponíveis ao sujeito.

Em relação à homossexualidade, a tópica, na psicanálise, passou por diversas transformações no que diz respeito à sua possível gênese psíquica, não chegando-se a conclusões cabais - como igualmente ocorre com a questão da sexualidade como um todo, ainda que sobre ela tenham sido feitas considerações relevantes e pertinentes que auxiliaram no processo de mapeamento dos sofrimentos e da complexidade da experiência humana. O que nos parece mais interessante destacar é a ideia de que a homossexualidade em si é uma categoria que deve estar sempre circunscrita ao contexto histórico e cultural que a engendra, como sugere Jurandir Freire Costa (1992). Cada época teve sua própria acepção em relação ao amor e ao afeto entre iguais, traduzindo-se em expressões historicamente localizadas, como "entendido", "invertido", "pederasta", "uranista", "veado/viado" e, mais recentemente, "gay" - apenas para citarmos algumas das expressões encontradas na trajetória

da homossexualidade masculina no Brasil (GREEN, 2000) -, estando cada um desses signos carregado de sentidos e imagens, ora recriminatórios ora favoráveis à homossexualidade na cultura. Por isso, tomando como balizadora a discussão de Jurandir Freire Costa (1992, 1995), optamos pelo emprego da expressão "homoerotismo", por compreender nela uma acepção neutra que busca designar a inclinação erótica entre semelhantes. Com isso, buscamos eliminar os sentidos iniciais de "perversão" ou "inversão" (presentes nas primeiras interpretações freudianas acerca da questão homossexual), que, embora superados pela ciência, ainda ressoam na leitura da homossexualidade na contemporaneidade, e perseguimos a ideia de escolha de objeto e investimento libidinal, como ocorreria em uma relação heterossexual, por exemplo, que, seguindo-se a teoria freudiana da condição bissexual que existiria em uma etapas de formação sexual do sujeito (STOLLER, 2018, p. 66 – 71), seria apenas um dos possíveis caminhos e não necessariamente aquele que viria a ser natural ou correto.

Em suma, há de se reconhecer o caráter cultural que constrói identidades homoeróticas que se colocam à disposição, no campo do Outro, para a identificação e o direcionamento de desejos eróticos entre iguais, relação subjetiva que pode estar marcada por conflitos quando não há uma sensação de adequação ao que culturalmente está sendo colocado em seu tempo. Em outras palavras, a homossexualidade constrói-se como uma identidade fixada em imagens e sentidos exteriores ao sujeito, aos quais o ser falante, quando indagado sobre seu desejo e sua identidade, deverá se voltar para se constituir. Se antigamente a figura do homossexual masculino estava atrelada a traços de feminilidade, hoje o espectro das possibilidades de identificação homossexual é muito mais diverso: há homens homossexuais que performam uma masculinidade viril, por exemplo. Esse aspecto móvel e cambiante das representações do homoerotismo na cultura e no tempo terão impactos nas condutas sexuais, parte de nosso objeto de interesse, fomentando novas práticas sexuais, estabelecendo diversas possibilidades eróticas e, sobretudo, construindo identidades plurais cujas diferenças devem ser enxergadas em detrimento da homogeneização da imagem do homoerotismo que, por vezes, direciona leituras redutivas sobre determinados grupos sociais (o que ocorre, no caso da epidemia do hiv/aids, sob a alcunha de "população-chave").

Na contemporaneidade, os estudos de gênero e sexualidade que dialogam com a psicanálise têm buscado pensar em atualizações de alguns conceitos básicos que norteiam a abordagem psicanalítica. Nesse sentido, as discussões de Judith Butler percorrem

alternativas ao que ela apontará como sendo uma "produção da matriz heterossexual" (BUTLER, 2016) dentro do pensamento psicanalítico (dividindo a análise entre "masculino" e "feminino"), além da instabilidade das posições identificatórias e sexuais (BUTLER, 2019). Além dela, Beatriz Santos (2019) nos chama a atenção para os efeitos normativos que a prática psicanalítica pode produzir ao assumir, sem qualquer crítica, a homossexualidade como um conceito fixo. Jurandir Freire Costa (1992, p. 25), ao revisitar a homossexualidade pela psicanálise, identifica a "crença que põe em relevo e sublinha as características sexuais dos sujeitos" presente na "dicotomia entre o 'homossexual' e o 'heterossexual'" usualmente admitida sem maiores questionamentos.

Os estudos de gênero, embora se ocupem mais das identidades de gênero do que necessariamente do difuso campo da sexualidade, atravessam as discussões do erotismo na medida em que grande parte das discussões psicanalíticas, sobretudo aquelas desenvolvidas por Lacan (2008c, 2009) sobre as fórmulas da sexuação (o "gozo fálico" e "gozo do Outro", atribuídas esquematicamente ao "homem" e à "mulher", respectivamente) e do semblante (o "fazer-parecer" homem ou mulher), sejam construídas sobre o par complementar e oposição da binariedade de gênero, supostamente baseadas em uma visão biologizante. Porém, conforme argumentam Rafael Kalaf Cossi e Christian Ingo Lenz Dunker (2019, p. 151): "[para Lacan] essas duas expressões ["homem" e "mulher"] são semblantes imaginários ou dêiticos performativos, exatamente como quer Butler. Eles definitivamente não se relacionam com as diferenças biológicas ou de gênero existentes entre homens e mulheres". Com isso, podemos dizer que as posições sexuadas lacanianas não estão garantidas pela genitália ou pela identificação de gênero, o que dialoga com a percepção de que, para Judith Butler (2016), sexo (genitália), gênero e desejo não estão necessariamente em congruência. Identificar-se como um homem não garante uma posição masculina, assim como identificar-se como uma mulher não garante uma posição feminina. Tal elucidação nos será válida posto que enxergaremos signos relacionados tanto à feminilidade quanto à masculinidade, dentro das expressões do homoerotismo pornografado, cujos desdobramentos serão fundamentais na percepção de exposição ao hiv (uma vez que há a crença de que homens passivos, usualmente feminilizados, são mais expostos ao vírus do que homens ativos, esses, másculos).

A homossexualidade, mais do que uma posição ou condição subjetiva distinta ou "desviante", é, sobretudo, uma estilística circunscrita ao seu tempo e espaço. A homossexualidade, nessa direção, viria a ser uma espécie de escrita do sujeito que seguirá

ou não as imagens e os sentidos do que viria a ser a homossexualidade em seu contexto cultural. Após extensamente analisar a constituição da homossexualidade como categoria analítica no final do século XVIII e começo do século XIX, Jurandir Freire Costa (1995, p. 290) traz contribuições relevantes para a abordagem do homoerotismo pelo viés psicanalítico: “a noção de homossexualidade nada acrescenta à psicanálise, exceto o entulho imaginário do preconceito”. Uma vez que “nunca houve, na história conceitual da sexualidade, isenção descritiva ou neutralidade valorativa no uso de palavras como heterossexual e homossexual” (idem), é preciso enquadrar a construção imaginária e simbólica que ronda os termos empregados no senso comum que trarão efeitos substanciais na formação intersubjetiva.

2.3. Os conceitos subversivos do erotismo em Georges Bataille

Dialogando com a obra dita degenerada de Marquês de Sade, quase dois séculos após a morte do nobre pensador, está Georges Bataille. Conterrâneo de Sade e contemporâneo de Freud e Lacan, Bataille tem uma vasta obra que vai da literatura à filosofia, passando pela crítica literária e pela formulação de uma teoria econômica. Concentrados na primeira metade do século XX, seus textos fogem a qualquer classificação prévia, pois percorrem direções e assuntos muito diversos; porém, no que diz respeito aos caminhos do erotismo, interessam-nos especialmente duas de suas obras: *História do olho* (1928) e *O erotismo* (1957). Estabelecendo-se um arco entre os dois trabalhos, o primeiro é uma experiência literária que se aproxima do retrato libertino de Sade, com quem Bataille constantemente dialogará; o segundo é um ensaio filosófico que busca categorizar e estabelecer parâmetros filosóficos para a compreensão do erotismo enquanto uma questão central na experiência humana.

Salvaguardando sua reputação pública como um arquivista da Biblioteca Nacional da França, Georges Bataille publicou, sob um pseudônimo ("Lord Auch", que, para Bataille, significaria "Deus se aliviando"), em 1928, o romance *História do olho*. Escrito em primeira pessoa, um narrador conta as peripécias sexuais que teve ao lado de Simone, personagem que surge já na primeira cena descrita: "Simone colocou o prato num banquinho, instalou-se à minha frente e, sem desviar dos meus olhos, sentou-se e mergulhou a bunda no leite" (BATAILLE, 2018, p. 10). Ambas as personagens são recém-saídas da infância e passam, desde o momento em que se conheceram, a protagonizar cenas que vão desde a masturbação até a humilhação sexual de vítimas que têm a infelicidade de cruzar o seu caminho, como Marcela, uma das principais escravas sexuais de tais carrascos.

Em cada um dos quinze capítulos, são narradas práticas sexuais que apontam para personagens que seguem a onipotência de seus desejos, a despeito de qualquer contexto ou figura de autoridade (muitas vezes esses últimos, como o pai do narrador e o sacerdote, são humilhados ou subjugados pelas personagens). Eliane Robert Moraes (2018, p. 96) vai reconhecer em tal texto o "mundo perverso e polimorfo das crianças, para quem nada é proibido", estabelecendo, de forma direta, uma ligação ao universo descrito por Sigmund Freud no início do século XX a partir dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905).

Embora sejam construídas a partir de uma narrativa de traços realistas, de tão absurdas, as cenas beiram o irreal. A construção literária de Bataille não permite devaneios

ou pensamentos filosóficos, diferentemente do que ocorre nas obras sadianas. Sua escrita é direta e sucinta, focalizando no que realmente lhe importa: os limites da experiência erótica, que, já antecipando grande parte da discussão empreendida décadas mais tarde em *O erotismo* (1957), beirarão a morte. Em uma das últimas cenas, Simone insere um colhão de um touro em sua vagina enquanto assiste um toureiro que falece ao ser alvejado nos olhos por um chifre de um animal arisco, arredio e agressivo, levando Simone, o narrador e uma terceira personagem ao êxtase sexual.

De certo modo, poderíamos, desde já, estabelecer uma relação entre o irreal em Bataille à dimensão do Real lacaniano, instância inominável e carente de sentido, tal qual estabelece Clara de Góes (2012, p. 16) quando o coloca em relação à realidade, conceito que muito se confunde com o Real: "a realidade apazigua e o real angustia; o real instaura o buraco, a realidade cobre-o com um véu". O que na sexualidade pode ser chamado de "inominável" (JORGE, 2013, p. 18), é exatamente esse Real da sexualidade que escapa à linguagem, própria da instância do Simbólico, que organizaria e orientaria a realidade, apaziguando a experiência humana frente às fontes de angústia geradas por aquilo que se apresenta enquanto fenômeno. O erotismo, sob certa perspectiva, a partir da construção imaginária (por intermédio das imagens) e simbólica (das palavras), constrói esse véu que recobre o objeto inominável da sexualidade. As narrativas das aventuras sexuais em *História do olho* buscam alargar e construir novos sentidos às possibilidades do erotismo, cujos objetos de desejo e cujas posições perante o jogo erótico são diversos - muito embora tais relatos possam ainda assim causar qualquer espécie de desconforto ou pudor naqueles que os leem.

A despeito do desenrolar de cada personagem que vai sendo apresentada, o "olho", como o próprio título da narrativa sinaliza, é a personagem principal do romance. Figura estanque, diante dele tudo de mais irreal e perverso se passa, apontando para a onipresença do olhar: seria essa uma antecipação do conceito da pulsão escópica lacaniana? Se falamos do Real anteriormente, agora entramos na instância do Imaginário. Ponto de contato com a fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty, o conceito de pulsão escópica busca abarcar a relação entre sujeito e o mundo que se apresenta enquanto fenômeno e é capturado pelo olhar. No romance de Bataille, o olho vagueia por cenas, corpos, objetos, rememorando nossa condição especular: "somos seres olhados no espetáculo do mundo (...) [que] nos aparece como *onivouyer*" (LACAN, 2008b, p. 78). O olhar é tirânico e, desde a análise de Sigmund Freud (2010c) do conto "O homem de areia", de E. T. A. Hoffman, também está

relacionado à posição simbólica do falo: perder o olho equivaleria à castração. As cenas descritas por Bataille são descritas para serem vistas. E, em certa medida, nas ofertas ao nosso olhar, é o globo ocular arrancado pelo touro ou o culhão mutilado e inserido na vagina, ora o ovo que alimentava a mania de "quebrar ovos com o cu" (BATAILLE, 2018, p. 15) desenvolvida por Simone já no início da narrativa.

Poucos anos depois do romance erótico, em 1933, Bataille publicou o ensaio filosófico *A noção do dispêndio*, no qual desenvolve os primórdios da sua teoria sobre o erotismo. Construindo uma espécie de economia política, o filósofo discorre sobre a energia envolvida e despendida em toda produção e em todo consumo, estabelecendo o *dispêndio* como um conceito que regula todas as trocas humanas (BATAILLE, 2005). Não haveria, para ele, harmonia nas relações: apenas investimento, gasto e perda. Dez anos após o seu primeiro ensaio filosófico, Bataille publica *A experiência interior*, uma reflexão metodológica sobre a própria produção do conhecimento humano. Para ele, a produção do saber deve se dar a partir da compreensão interior prévia daquele que o produz. O que se sugere é a impossibilidade de uma reflexão filosófica sem que haja a inflexão da experiência do sujeito. Enquanto um método científico, o pensamento de Bataille radicaliza a racionalidade pregada pelos seus contemporâneos ao apontar como ganhos à ciência os afetos e as impressões pessoais. Somos sujeitos que se deixam afetar pelos fenômenos e essa posição deveria ser levada em consideração no processo de se pensar o mundo.

Em 1957, Georges Bataille publicou o livro *O erotismo*, um ensaio que assinalaria a sua principal contribuição ao campo filosófico. As especulações que se seguem são baseadas em uma simples, porém complexa metáfora: a dos seres descontínuos. Realizando-se uma equivalência simbólica, Bataille se apropria do conhecimento biológico da reprodução sexual, sobretudo, a partir da embriologia e da genética, para nela extrair a máxima que inicia seu ensino: "a reprodução coloca em jogo *seres descontínuos*" (BATAILLE, 2014, p. 36, grifo do autor).

O erotismo batailliano é elaborado como um desvio da reprodução sexual, contudo deve ser pensado sempre a partir dela. O que está em jogo no erotismo é a busca da continuidade perdida entre dois seres descontínuos. Busca-se no outro uma ligação para transpor um abismo, a diferença mínima entre dois seres que é a morte: "se você morrer, não sou eu quem morro" (idem, p. 37). Por isso, *O erotismo* é iniciado com uma máxima categórica: "do erotismo, é possível dizer que é a aprovação da vida até na morte" (ibidem, p. 35).

A visão do erotismo em Bataille mescla vida, que poderíamos considerar como um impulso erótico, aquilo que nos move, e morte, que podemos compreender como a finalidade erótica. Em diálogo com o que outrora o autor formulou em torno do dispêndio, o erotismo sempre envolverá perdas, destruições e transgressões: “essencialmente, o domínio do erotismo é o domínio da violência, o domínio da violação” (ibidem, p. 40). Para que se possa estabelecer uma relação de continuidade com outro ser descontínuo, é preciso que algum deles seja violado. Essa ideia é, em parte, uma analogia à violação necessária para que o espermatozoide possa fecundar um óvulo na reprodução sexuada. A violência, paralelamente ao sacrifício em rituais religiosos, que constituirá outra forma de relação erótica, caminha para a dissolução do sujeito, condição mínima para o erotismo. Nessa chave, podemos compreender as configurações estéticas eróticas nas quais são protagonistas o sangue, as expressões de dor e a violação de orifícios (como veremos nas expressões da pornografia amadora).

Sobre esse aspecto, pode-se estabelecer uma ponte ao entendimento do desejo pela via da psicanálise após o desenvolvimento do conceito de pulsão de morte. Como afirma John Rajchman (1993, p. 45), “nosso desejo não é apenas polimorfo e perverso; é também mórbido. É que, através dos destinos singulares do corpo libidinal, estar-se-ia buscando a própria morte. Há algo em nossa vida que prefere a morte”. A poeta Safo de Lesbos, em cântico, frente ao seu desejo pela mulher amada afirma: "não minto: eu me queria morta”. Em se tratando de erotismo, é notória a expressão francesa para o orgasmo: *la petite mort* (“a pequena morte”).

Não estariam nos limites do erotismo as imagens reais ou não de "se morrer de amor" ou matar alguém que se ama? Ama-se tanto e com tanto fervor que se quer dissolver o outro e a ele estar unificado pela morte. Na cena que funda a ideia de romance ocidental, aquela que encerra a tragédia *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare, do final do século XVI, Romeu, ao acreditar que sua amada estava morta, decide tomar veneno para acompanhá-la também no reino da morte - nobre e erótico gesto repetido por Julieta que, ao despertar de um sono profundo e ver Romeu morto, cometerá suicídio com um punhal.

A concepção erótica em Bataille é ampla e divide-se em três tipos de erotismo: o *erotismo dos corpos*, o *erotismo dos corações* e o *erotismo sagrado*. Enquanto o primeiro deles diz respeito ao erotismo impregnado à materialidade da descontinuidade individual, marcada pela singularidade dos corpos, o segundo está ligado à comunhão de afetos, de mentes e corações. O último, e talvez o que seja de difícil compreensão, é o erotismo sagrado,

ligado à busca irresoluta e transcendental pelo amor de Deus, tentando se aplacar a descontinuidade do ser pela via religiosa.

A partir das discussões empreendidas por Georges Bataille, podemos pensar que o *summum bonum*, isto é, o ideal supremo da estética no erotismo é a tentativa de união de dois seres descontínuos. A isso toda a estética, ética e lógica apontarão, podendo levar esse ideal até as últimas consequências. Uma vez derrubada, com Peirce e Lacan, a ideia de que a estética e a ética estão ligadas somente ao belo e ao bem, podemos enxergar no erotismo o que há de violação, dissolução e violência em diálogo com Sade e Bataille.

3. SIGNOS DO HOMOEROTISMO NA PORNOGRAFIA AMADORA

Compreendidas as bases conceituais das estéticas, éticas e lógicas do erotismo, partimos para a análise das expressões do homoerotismo encontradas na pornografia amadora digital. Realizando-se uma pesquisa exploratória qualitativa, na qual se observaram os registros audiovisuais sem a participação ativa do pesquisador, buscamos agrupar e organizar o que se apresenta enquanto repetição e linguagem no universo homoerótico pornografado. A partir da perspectiva da semiótica psicanalítica, reconhecemos os signos que são recorrentes e os interpretamos à luz da psicanálise. Dentro da plataforma XVideos, realizamos o percurso de um leitor imersivo (SANTAELLA, 2004, p. 15-36), clicando em *hiperlinks*, pesquisando por *tags* e seguindo as sugestões de conteúdo fornecidas pelo próprio ambiente da navegação que oferece ao nosso olhar *thumbnails* e títulos de materiais pornográficos baseados em nossa navegação digital.

Abordar cientificamente as plataformas digitais é um desafio pois, por trás de todo o material digital que possa ser coletado e analisado, estão mecanismos de funcionamento que muitas vezes não são revelados nem para seus usuários nem para pesquisadores, como, por exemplo, a construção da bolha dos filtros (PARISER, 2012). São considerados segredos comerciais os algoritmos envolvidos na seleção de conteúdo destinado ao usuário - o que influencia de forma irremediável as experiências de uso e consumo das plataformas. Muitas vezes são levados em consideração o histórico de navegação e busca do usuário (registradas pelo navegador do usuário), a localização geográfica (por meio dos recursos de geolocalização pelo IP) e o impulsionamento de conteúdo patrocinado por anunciantes. Em outras palavras, o levantamento de dados de pesquisa em plataformas digitais estará sempre atado a uma lógica cujo funcionamento completo dificilmente nos será totalmente claro. Por isso, deixa-se explícito que o caráter particular da pesquisa aqui empreendida: outros pesquisadores, usando a mesma plataforma como veículo comunicacional e semiótico, podem realizar outros caminhos investigativos (característica própria à leitura imersiva das redes digitais), chegar a outras recorrências e desenvolver agrupamentos distintos aos que aqui propomos.

Outra dificuldade que se coloca para aqueles que, como nós, buscam realizar uma pesquisa no campo da sexualidade está no fato de que o consumo digital de pornografia não costuma deixar rastros. Quando o usuário acessa um domínio digital pornográfico, usualmente opta por uma navegação anônima para que o acesso a sites pornográficos não

fique registrado nos navegadores - embora esse acesso possa ficar registrado pelas redes provedoras de internet e pelos sistemas de monitoramento. Diferentemente do uso de redes sociais, em que a dinâmica é a de exposição midiática e interação que deixa provas de seu consumo, na questão erótica e pornográfica, são poucos aqueles que deixam registrada sua passagem, como quando se deixa um comentário, e, quando o fazem, se mascaram por avatares e nomes falsos para preservar sua imagem e sua identidade. Todavia, para os estudos do campo da sexualidade, há uma vantagem: sob o anonimato digital, proporcionado por avatares e codinomes, o erotismo pode se expressar com maior espontaneidade, mesmo considerando-se as limitações impostas pela própria tecnicidade das plataformas.

A análise se dá a partir das recorrências de signos encontrados, buscando-se relacioná-las e articulá-las entre si e entre conceitos e discussões oriundas do campo da psicanálise, da comunicação e dos estudos multidisciplinares de gênero e sexualidade. No percurso da pesquisa que origina esta tese, partirmos da listagem dos 24 registros audiovisuais relacionados às *tags* "gay", "brasil" e "amador" mais acessados em dois momentos distintos (ANEXOS II e III). Sem que haja qualquer intenção estatística ou quantitativa, o suposto interesse espontâneo por tais conteúdos (ainda que existam mecanismos que influenciem a experiência do usuário na plataforma) aponta para uma aderência a tais expressões. O levantamento foi realizado em duas datas distintas. A segunda oportunidade revelou que o mesmo algoritmo empregado pela plataforma para calcular, ordenar por relevância e número de visualizações e exibir os vídeos mais acessados havia mudado, pois não mais levava em consideração apenas o número absoluto de visualizações, mas também a afinidade com as *tags* digitadas pelo pesquisador.

A partir desses 48 vídeos, foram estabelecidas algumas linhas de exploração em torno de quatro agrupamentos, a saber: (a) *signos da persona sexual*; (b) *signos do falo*; (c) *signos da subversão*; e (d) *signos da violação*. As recorrências sígnicas que fundamentam tal divisão foram estabelecidas a partir dos signos verbais e audiovisuais presentes no material selecionado, como exemplificamos no quadro a seguir (Tabela 2). Indubitavelmente, a divisão aqui sugerida é uma estratégia didática a fim de explorarmos, na medida do possível, os meandros e os domínios estéticos, éticos e lógicos do homoerotismo pornografado. Contudo, serão notáveis, nos subcapítulos seguintes, os atravessamentos, os diálogos e as relações estabelecidas entre as categorias, apontando para a multiplicidade das dimensões expressivas da questão, ultrapassando as fronteiras entre as categorias e elaborando-se um olhar complexo sobre a temática.

Signos da persona sexual	**Exemplos de signos verbais relacionados** “macho”, “viado”, “fêmea”, “cadela”, “brother”, “amigo”, “hétero”, “musculoso", “sarado”, “barbudo”, “ativão”, “passivinha”, “careca”, “tatuado”, “coroa", “grisalho”, “lek”, “moleque”, “pai”, “filho”, “primo", “sobrinho”, “tio", “irmão”, “favelado”, “cafuçu”, “patrão", “estagiário", “segurança”, “bombeiro”, “médico”, “Uber", “pedreiro”, “bandido”, “árabe", “negão", “moreno” etc. **Exemplos de signos audiovisuais relacionados** Rostos, corpos desnudos ou não (musculosos, magros, gordos, peludos e lisos), uniformes de trabalho, roupas sociais, posições sexuais (atividade/passividade), câmera subjetiva (ponto de vista de um dos integrantes da cena sexual).
Signos do falo	**Exemplos de signos verbais relacionados** “dotado”, “pauzudo”, “pirocudo”, “volume”, “mala”, “23 cm”, “pauzão", “jegue”, “anaconda”, “pau pequeno”, “grosso”, “pesado”, “briga de espadas”, “duro”, “garrafa”, “shampoo", “mijo”, “porra”, “leitada”, “leite”, “aliviar”, “na cara”, “na boca”, “dar de mamar”, “tomando", “chuva dourada”, “bunda”, “mamilo”, “axila”, “sapato", “pés”, “tênis”, “meia”, “cueca" etc. **Exemplos de signos audiovisuais relacionados** Pênis em primeiro plano, cenas de penetração, anúncios voltados ao aumento do pênis, atos de masturbação, atos de felação, atos de ejaculação, adoração de objetos cotidianos e partes do corpo elevados à categoria de fetiche.
Signos da subversão	**Exemplos de signos verbais relacionados** “banheirão”, “flagra”, “praia”, “parque”, “ônibus”, “matagal”, “rua”, “no avião”, “desconhecido”, “provocar”, “provador”, “primeira vez”, “convertendo hétero”, “perdendo a virgindade”, “engravidando", “cuceta”, “no pelo”, “sem camisinha”, “sem capa”, “orgia", “menage”, “putaria”, “putos", “cheiro de macho”, “porco”, “tripla penetração” etc. **Exemplos de signos audiovisuais relacionados** Penetração sem camisinha, cenas externas (parques, praças, banheiro público, transporte público, praia, provador de loja, sala de aula), cenários do mundo do trabalho, enquadramentos de câmera escondida (câmera oculta), grande número de corpos e parceiros sexuais em uma só cena.
Signos da violação	**Exemplos de signos verbais relacionados** “BDSM”, “dominador”, “submisso”, “dono”, “escravo", “obediente”, “mandão”, “algema”, “corda”, “apanhando”, “batendo”, “sem dó”, “com força”, “otário", “predador”, “abusando", “estuprando”, “gritos”, “gemido”, “choro”, “urro”, “dor", “aguentar”, “maltratado”, “bandido”, “bizarro", “fisting”, “esfolar”, “arrombar”, “estourar”, “sangrar”, “tirar cabaço” etc. **Exemplos de signos audiovisuais relacionados** Sangue, punhos penetrando ânus, ejaculação no ânus, socos, tapas, gemidos, expressões de dor, hematomas, exibição de dominação e de submissão.

Tabela 2 – Grupos de signos encontrados no homoerotismo pornografado. Fonte: elaboração do autor.

No que diz respeito à seleção “amadora” e “brasileira”, é importante apontar que a simples associação às *tags* “amador” e “brasil” (e adjacentes) não garante nem o amadorismo no contexto produtivo da cena sexual reproduzida e veiculada em tal registro audiovisual nem a procedência do material e, por isso, algumas escolhas no processo investigativo foram tomadas deliberadamente. Para seguirmos a premissa de analisarmos o homoerotismo pornografado amadoramente à luz da cultura brasileira, um dos primeiros recortes foi considerar apenas o material provido na plataforma por perfis não-oficiais ou que não possuam interesses comerciais, a despeito de alguns perfis que monetizam, dentro da plataforma XVideos, seus conteúdos, como ocorre no caso dos perfis profissionais dos Irmaosdotados, BelAmi Online e Christian Hupper, que representam, respectivamente, uma produtora iniciante de vídeos profissionais, uma produtora pornográfica já consolidada no mercado e o canal de um ator pornográfico.

Além disso, é possível notar que nem sempre o material disponibilizado por canais amadores foi produzido originalmente por aqueles que o subiram na plataforma. Como ocorre em “2 negao dp arrombando branquinho bare”, que reproduz trecho de filme pornô realizado pela produtora Tim Tales, como denuncia a presença da logomarca do estúdio no canto inferior direito, os usuários muitas vezes se apropriam de produções audiovisuais protegidas por direitos autorais, um processo comum na cultura digital identificado por Henry Jenkins (2014, p. 85-90). Contudo, o próprio gesto de apropriação nos é interessante, pois, a partir dele, o material é ressignificado à luz dos interesses de quem o apropria, ao acrescentar camadas de sentido a partir de textos, *tags* e outros elementos sígnicos, que esmiuçaremos no subcapítulo dedicado ao universo pansemiótico do XVideos (3.1). Certamente, algumas apropriações, como a citada anteriormente, fazem uma descrição do que se apresenta, porém outras transformam os sentidos ao criar novas narrativas, como ocorre em “Homem heterossexual acorda com tesão de uma soneca”, vídeo que traz o nome da produtora Blessexxx e que é veiculado amadoramente atribuindo-se, à cena masturbatória, a ideia de que trata-se de um homem heterossexual, o que aponta para uma masculinidade viril desejada dentro das expressões do homoerotismo, como veremos em meio aos *signos da persona sexual* (3.2).

A terceira e última premissa de nossa seleção diz respeito à presença da língua portuguesa nos títulos e nas *tags* relacionados aos registros audiovisuais. Para evitar que fossem contemplados vídeos originados de outros países lusófonos, foi privilegiada a busca por expressões regionais brasileiras. Além disso, foram levados em consideração outros

índices que apontariam para a nossa produção nacional, como interações verbais entre parceiros sexuais e os fundos sonoros dos vídeos, exemplificados nos vídeos “Dando pro branquinho e chupando o negão”, no qual pode-se escutar, como trilha da cena sexual, um anúncio publicitário oferecido pela TV Liberal, emissora de televisão afiliada à Rede Globo na região metropolitana de Belém do Pará, e “O puto comeu e depois ficou falando putaria”, no qual se observa o sotaque paulista de um dos parceiros sexuais.

Como veremos neste capítulo, o universo do homoerotismo pornografado amadoramente é vasto e engendra um vocabulário próprio. Embora os signos aqui identificados, articulados e interpretados não cheguem a esboçar o que viria a ser o homoerotismo em sua completude, ambição que, em momento algum, almejamos, eles apontam para algumas culturas homoeróticas nas quais a sexualidade e o erotismo estão presentes e se revelam sob o olhar da câmera e das janelas de navegação anônima. É na medida em que a relação dialógica das redes sociais e das plataformas digitais estabelece entre produtores e consumidores midiáticos, com a resposta entre *likes*, *dislikes*, comentários e compartilhamentos, que, entre exibicionistas e *voyeurs*, “as imagens de si circunscrevem os lugares de projeção do eu” (SANTAELLA; CARA, 2014, p. 86) e constroem, nas mais diversas linguagens, narrativas acerca do homoerotismo, sendo produzidas, consumidas, ressignificadas e traduzidas à luz das experiências digitais, homossexuais e brasileiras.

3.1. O universo pansemiótico da plataforma XVideos

Antes de adentrarmos as categorias de signos do homoerotismo na pornografia amadora digital, é salutar circunscrevermos, por meio da semiótica, o que será analisado enquanto fenômeno. Através da visão pansemiótica desenvolvida por Charles S. Peirce, para quem os "signos não são uma classe de fenômenos ao lado de outros objetos não-semióticos" (NÖTH, 1998, p. 62), mas, sim, partes constituintes do mundo observável, podemos esquadrinhar a plataforma XVideos a partir dos elementos sígnicos que a constituem. Em linhas gerais, a plataforma apresenta duas principais interfaces, a saber: a página inicial (Figura 2), que se assemelha à tela na qual se exibem os resultados de busca, e a página interna de exibição de vídeos (Figura 3), na qual há a inserção de *banners* publicitários na lateral.

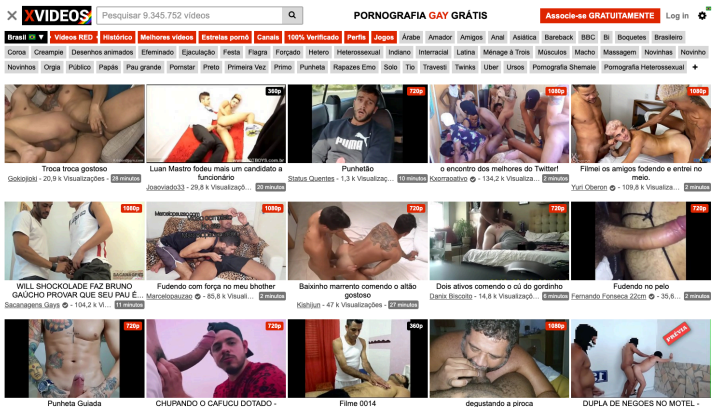

Figura 2 - Página inicial do XVideos quando acessado via desktop

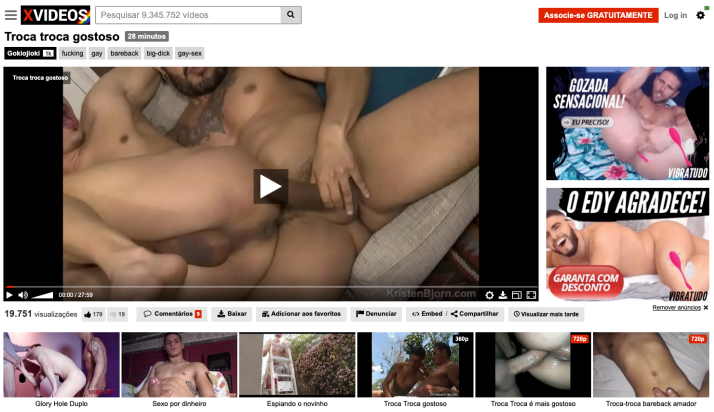

Figura 3 - Página interna do XVideos de exibição dos vídeos quando acessado via desktop

Embora o domínio digital em questão seja responsivo, isto é, adapte-se às áreas de exibição dos dispositivos que o usuário utilizar para acessar a plataforma, como se observa na captura de tela de acesso via *mobile* (Figura 4), os elementos constituintes principais não são alterados: campo da busca, *thumbnails*, títulos, indicação do canal que disponibilizou o material e número de visualizações. Pensando-se pelo prisma da arquitetura da informação, disciplina responsável pela organização e exibição de informações com foco na experiência do usuário na plataforma (BUSTAMANTE, 2004), a dinâmica do XVideos privilegia o desejo do espectador ao dar evidência ao campo da busca. Através de *tags*, signos verbais que condensam, agrupam e rotulam os materiais audiovisuais da plataforma, são dispostas 24 opções de vídeos por página de resultados relacionados à sua busca.

Figura 4 - Tela responsiva do XVideos quando acessado via mobile

Referindo-nos às três matrizes da linguagem e do pensamento de Santaella (2005), no caso da pornografia homoerótica difundida no XVideos, são encontrados signos verbais, visuais e sonoros, muitas vezes, confluindo-se e estabelecendo linguagens híbridas que, na medida da necessidade expositiva, esmiuçaremos em cada categoria de signos. Nesse sentido, há uma acumulação de camadas de sentido que, sob certo aspecto, poderíamos hierarquizar a partir dos caminhos desse leitor imersivo (SANTAELLA, 2004) que faz uso

da plataforma para o consumo midiático de produções pornográficas, que vão do verbal ao sonoro, passando pela visualidade.

Em primeiro lugar, a matriz verbal direciona a experiência do espectador, não apenas por ser o meio através do qual se realiza a busca por materiais pornográficos, mas também por compor os títulos que nomeiam os materiais audiovisuais. Associado às imagens que compõem os *thumbnails* que dão uma prévia do que o usuário encontrará ao acessar o *link*, as palavras dão sentido e embalam o material audiovisual, direcionando a sua fruição.

No que tange à sobreposição do verbal ao audiovisual, apoiados na divisão proposta por Santaella (2005, p. 261-368), podemos identificar as três modalidades da matriz verbal: descrição, narração e dissertação. No caso das construções verbais descritivas, sobressaem-se aquelas de descrição indicial, sub-modalidade que "quebra em partes o objeto descrito, isto é, decompõe o objeto, reconstituindo o todo pela parte" (idem, p. 306). Com um direcionamento sugestivo, títulos como "No banheiro do quartel" e "Negão da pica enorme empurrando até o saco no cu do macho" recortam aspectos do material audiovisual para descrevê-lo. Da narrativa, é possível identificar a recorrência da narrativa sucessiva: são comuns títulos que trazem contextos ficcionais, apresentam verbos conjugados no passado e mostram linearmente o desenvolvimento da cena sexual, como acontece em "Foi fazer o teste do Covid e acabou levando uma mamada do médico" e "O professor não resistiu e pediu pra comer meu cuzinho de novo". Por fim, completando-se a tríade das modalidades verbais, a dissertação pode ser encontrada na área destinada aos comentários deixados por aqueles que ora comentam despretensiosamente sobre o material ora opinam com argumentos, rotinas respectivamente exemplificadas pelos comentários "Pau gostoso" e "ahahha não posso deixar fazer isso, quando percebo, o pau já tá todo dentro sem capa e eu não consigo mandar parar kkkk", deixados, respectivamente, pelos usuários Evertonsp123 e Thiagoandremello no vídeo "Cara preparando meu cuzinho e falando putaria bem baixinho".

Na sobreposição da matriz verbal sobre a sonora e a visual, há um espaço vasto a ser preenchido pela imaginação daqueles que submetem o material à plataforma e daqueles que o consomem. Como exemplificado no vídeo "Peguei o segurança na sarrada no puto no banheiro do shopping em santos SP", alguns usuários, na área destinada aos comentários, desmentem o verborrágico título ao identificar de que se trata de uma cena supostamente passada em um banheiro do terminal rodoviário de Curitiba, mesmo que o ambiente de mictório brevemente exposto seja comum a outros banheiros públicos, enquanto outros dizem conhecer o segurança, mesmo que o seu rosto esteja propositadamente borrado para

não ser identificado. O exercício criativo de acréscimo de camadas de sentido ao material audiovisual, assim como o papel da fantasia para a psicanálise (FREUD, 2015b), revela sonhos, desejos e anseios daquele que produz e daquele que consome tais registros audiovisuais.

Partindo para a matriz visual, podemos identificar, inicialmente, a existência dos *thumbnails*, que capturam alguns *frames* dos materiais audiovisuais. Escolhido pela própria plataforma no momento do *upload* do material, ele antecede o produto midiático audiovisual. Nessa direção, há a predominância do registro físico, modalidade da conexão dinâmica da figura como registro, quando "a imagem é nitidamente determinada pelo objeto que ela capturou num dado espaço e tempo" (SANTAELLA, 2005, p. 231). Olhando-se o quadro comparativo de *thumbnails* na grade exposta pela plataforma (Figura 5), é interessante identificar como as imagens se repetem ou, entre elas, há poucas diferenças, apontando-se para a reprodução do enquadramento visual da experiência erótica pornografada. Em termos subjetivos, a repetição visual aqui mostra uma simplificação do erotismo, fazendo de suas imagens clichês a serem repetidos à exaustão.

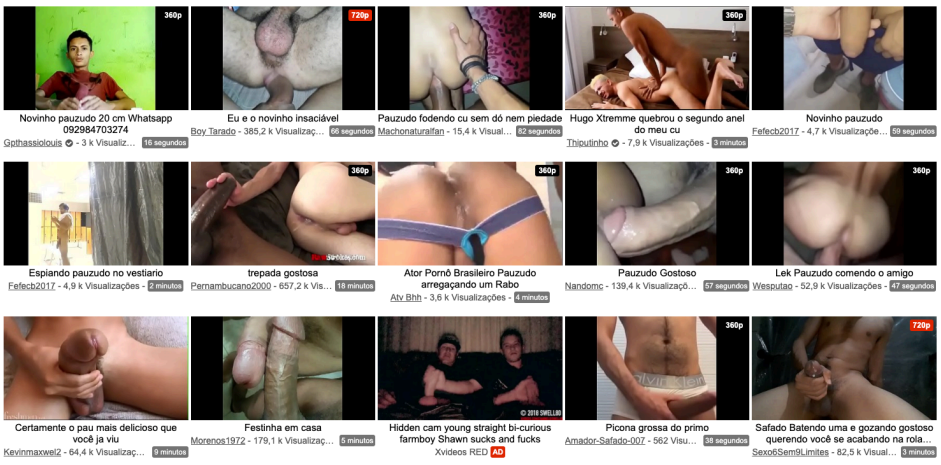

Figura 5 - Tela de resultados da pesquisa "pauzudo" no XVideos

Captadas por câmeras amadoras encontradas em *smartphones*, *webcams* e outras opções facilmente disponíveis no mercado, as cenas sexuais protagonizadas por um ou mais sujeitos carregam consigo o signo do amadorismo resultante dos aspectos técnicos precários de captação que as registram. Em oposição à produção pornográfica profissional, cuja extensa cadeia produtiva foi tão bem relatada por María Elvira Díaz-Benítez (2010), são poucos os agentes envolvidos diretamente na produção amadora e é baixo o conhecimento

técnico disponível. As imagens, usualmente, são de baixa resolução, pois, pelo que podemos inferir, são registradas a partir de câmeras dos próprios usuários que sobem o material na plataforma, e suas qualidades de captação são baixas ou medianas. Comandada por aquele que também participa da prática sexual, muitas vezes, a câmera é livre, ou seja, seu enquadramento não é definido previamente e se movimenta livremente. Sob a égide dessa escolha estética, certamente não-racionalizada, pois não há nisso um grau de racionalidade técnica, o sujeito cria uma metonímia do sexo ao focalizar determinada parte do corpo em detrimento do restante, tomando a parte pelo todo. O registro "Comendo o primo sem camisinha" (Figura 6), por exemplo, restringe-se ao movimento de penetração do pênis do primeiro parceiro sexual no ânus do segundo. Não é exposta qualquer outra parte dos corpos que não o órgão sexual de um e o orifício anal de outro. Na mesma direção, há o apagamento de qualquer identificação das pessoas presentes no vídeo – o que não ocorre, evidentemente, nos casos de *revenge porn*, nos quais o material pornográfico adquire um caráter difamatório, sendo expostos, sem o consentimento das vítimas, seus rostos e/ou outros aspectos que a possam identificar.

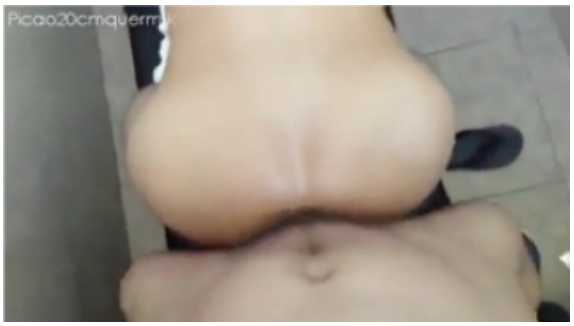

Figura 6 - Frame do vídeo "Comendo o primo sem camisinha".

No lugar de nomes e sobrenomes ou nomes artísticos, surgem codinomes de sugestão erótica, como o "Picao20cmquermlk", que ocupa, como uma espécie de signo marcário, o canto esquerdo superior do nosso atual exemplo. O dono de um pênis de notáveis dimensões ("picão"), sendo quantificado detalhadamente ("20 cm"), busca "moleques" ("mlk"), possivelmente para penetrá-los, ação que, na narrativa do vídeo, é desenvolvida. Se eles são primos ou não, como sugere o título, caberá à imaginação daquele que escolhe consumir o registro audiovisual acreditar ou não: as camadas de sentido já estão dadas pela mescla do que se lê e do que se enxerga e se escuta.

Especificamente em relação aos materiais audiovisuais, ainda é interessante destacar dois aspectos formais comuns aos vídeos amadores: a curta duração e a edição da cena sexual. Em sua grande maioria, os vídeos amadores analisados podem ser contados em segundos, devido à sua duração breve, como os vídeos "Eu dando para o meu macho", de onze segundos, e "Macho sacudo na punheta", de 39 segundos. Em média, os vídeos duram entre um e três minutos. Seria tempo suficiente para a masturbação e a excitação sexual completa? Devido à rapidez dos materiais pornográficos, a fluída dinâmica de se sugerir vídeos ao final de uma exibição ou de, em casos de curtíssima duração, automaticamente repetir o material sem que o usuário tenha que dar novamente *play*, facilita a experiência de consumo midiático na plataforma. Em relação à edição, a cena sexual divulgada, usualmente, resume-se a uma ou outra prática, sendo rotineiras as performances de sexo oral, sexo anal, masturbação e ejaculação. A experiência pornográfica parece ignorar qualquer contexto anterior ou posterior a tais práticas eróticas, o que, certamente, trará consequências subjetivas para aqueles sujeitos que não conseguirem atravessar a representação imagética e a construção ficcional que a pornografia (inclusive a amadora) traz.

A matriz sonora, embora apareça juntamente ao material audiovisual, é uma das últimas a aparecer enquanto um objeto semiótico na plataforma XVideos. Vídeos silenciosos, com quase ou nenhuma trilha sonora, onde se escutam rápidas e sussurradas interpelações entre os parceiros sexuais, os registros amadores parecem compartilhar o silêncio como um pretexto para a realização da obscena cena sexual às escondidas, "no sigilo", para usarmos uma expressão recorrente no universo homoerótico. A própria prática da masturbação que se supõe do usuário que acessa uma plataforma midiática como o XVideos também, muitas vezes, faz com que se silenciem, deliberadamente, os materiais pornográficos para que ninguém desconfie de seu consumo. Sem dúvidas, em alguns vídeos, a matriz sonora torna-se principal, como em "Gritando na vara" e "Macho falando putaria na foda", mas trata-se de exceções.

Na medida em que tais camadas sígnicas vão se sobrepondo umas às outras, percorreremos e interpretaremos os sentidos a elas imbricadas no homoerotismo pornografado, a partir das quatro categorias discriminadas nesta tese. Guiados pela matriz verbal, que se destaca com distinção no universo pansemiótico do XVideos, articularemos o que se apresenta enquanto material sígnico em suas plurais dimensões.

3.2. Signos da persona sexual

Em um primeiro olhar sobre a produção estética pornográfica amadora, sobressaem-se os *signos das personas sexuais*. Pelo termo "persona sexual", tomemos emprestado o conceito desenvolvido por Camille Paglia (1993, p. 106) a partir da ideia de que a personalidade ocidental possui uma perspectiva "inatamente cinematográfica". Compreendendo a sexualidade enquanto um domínio da "animalidade e do artifício, uma interação dinâmica de natureza e cultura" (PAGLIA, 1996, p. 57), a autora retoma a palavra grega *persona*, que antes designava a máscara que os atores usavam em cena, para atribuí-la à dimensão de performance que o sujeito desenvolve na esfera pública, um "lugar das máscaras, um teatro ritual" (idem, p. 107).

Dialogando com Sigmund Freud, Nietzsche e Marquês de Sade (PAGLIA, 1992, p. 25), as contribuições de Camille Paglia residem no mapeamento da construção cultural e da estética de personas sexuais através da arte, conceito que ela estende a tudo aquilo que é artificial ou que pode ser fabricado. Essa perspectiva histórica e cultural de personas sexuais nos é interessante, pois estabelece um diálogo com o princípio balizador de nossa discussão, isto é, a visão da intersubjetividade. A partir da visão pansemiótica que tomamos de Peirce, o sujeito é atravessado, em sua constituição, pela cultura que lhe oferece imagens e signos disponíveis à identificação e à alienação. A ideia de personas sexuais é pertinente à abordagem comunicacional que aqui propomos por dar conta da construção estética, ética e semiótica nela implícita. Abarcando o aspecto fabricado dos papeis e das identidades sexuais, o repertório e a articulação de imagens a partir dos quais Paglia trabalha nos fornecem ferramentas para interpretarmos o que se coloca à tela sob a ótica de uma vasta trajetória de representações e sentidos.

Embora a ensaísta norte-americana tenha suas críticas à psicanálise pós-freudiana, o conceito de personas sexuais encontra paralelo na ideia de *semblante* desenvolvida por Jacques Lacan (2009, p. 31) nos últimos anos de sua transmissão para abordar o binarismo de gênero (homem/mulher):

> "Para o menino, na idade adulta, trata-se de parecer-homem. É isso que constitui a relação com a outra parte. [...] Desse parecer-homem, um dos correlatos essenciais é dar sinal 'a menina de que se é'. Em síntese, vemo-nos imediatamente colocados na dimensão do semblante".

Não que o mascaramento seja falacioso, porém ser um homem ou ser uma mulher dizem respeito a parecer um homem ou parecer uma mulher, ou seja, vestir as máscaras que identificam o homem ou a mulher. Ainda seguindo a linha lacaniana, o semblante, da ordem do Imaginário, torna possível a relação sexual, uma vez que ela só é possível de ser estabelecida a partir da operação da fantasia (JORGE, 2015, p. 27).

Aproveitando-se o bojo epistemológico por nós delimitados para abordarmos o homoerotismo, Eliane Robert Moraes (2015b, p. 136) ainda sugere que a ideia de se travestir, isto é, transformar-se a partir do vestir, da aparência ou dessas máscaras, é uma importante noção para a filosofia sadiana: “seduzir, inverter, iludir, disfarçar. É aí que a ação lúdica dos libertinos passa a ter um sentido mais denso”. Algozes e vítimas, experientes e inexperientes, nobres e vassalos, poderosos e indefesos: o que se desenvolve dentro do *boudoir* sadiano não passa de teatro. A construção do véu que recobre o vazio da sexualidade é uma parte essencial do erotismo, complexificando-se a relação pela via erótica.

Também cabe uma discussão importante: tais personas sexuais estão relacionadas à construção de estereótipos, tendo em vista que aglutinam expressões diversas e simplificam a percepção (LIPPMANN, 2008). Se, por um lado, o estereótipo conduz a nossa percepção, por outro, pode aprisionar ou reduzir a experiência erótica. Em se tratando de identificações fantasmagóricas, isto é, aquelas que se relacionam aos processos em que o sujeito se posiciona, encarna ou é atraído por tais imagens, esse ponto é crucial se quisermos realizar uma crítica fundamentada nas extensões não apenas da pornografia na vida social e subjetiva, mas sobretudo da circulação comunicacional de imagens.

Nossa investigação parte das clássicas noções de gênero e sexualidade (homem homossexual) em busca da experiência homoerótica brasileira, no qual o “macho" se contrapõe ao “viado" (3.2.1), criando-se dicotomias próprias ao nosso contexto cultural. Em seguida (3.2.2), investigamos as personas domésticas que povoam o imaginário incestuoso dos romances familiares, onde “pais" e “filhos”, “tios” e “primos” se relacionam sexualmente. Por fim, em um olhar interseccional, identificamos os marcadores sociais da diferença (3.3.3) que atravessam a construção de personas sexuais no Brasil.

3.2.1. Machos *versus* "viados": personas homoeróticas "à brasileira"

Partamos das noções mais primárias que surgem quando pensamos em identidades sexuais: gênero e orientação sexual. Dentro da sigla LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Travestis), que hoje caminha para o acréscimo de outras letras (como a inclusão do complemento "QIA+", que indicaria, respectivamente, *queer*, intersexo, assexual e outros), a homossexualidade masculina, sob a alcunha "gay" ("G"), parece ser resumida a uma só forma de expressão: o oposto à heterossexualidade. Contudo, o que vemos, no que diz respeito à produção sígnica, as expressões homoeróticas masculinas, como toda expressão sexual, são muito mais diversas do que, permitindo ambiguidades, contradições e zonas cinzentas que não cabem à sigla, surgida em um necessário contexto de mobilização política por reconhecimento social. Que política e subjetividade se atravessam, não se pode negar - e, nesse aspecto, as contribuições de Herbert Marcuse (1999) e Michael Foucault (2014a) são primorosas - porém, como aprendemos com Sade, Bataille e a psicanálise (no capítulo 2), as regras de um não se aplicam necessariamente ao outro, ainda mais em se tratando da sexualidade humana. Nem mesmo a divisão geral do XVideos, que apresenta apenas três possibilidades de exibição customizada de conteúdos ("heterossexual", "trans" e "gay"), dão conta das vastas formas identitárias que o homoerotismo assumirá no Brasil na contemporaneidade.

Não há traduções exatas para termos norte-americanos usados tanto pela indústria pornográfica quanto pela produção amadora, como "fag", "str8", "dude", "hunk", "queer", "muscle", "latin", embora algumas apropriações sejam feitas, como veremos a seguir, com o "nerd" e o "bear". É preciso buscar as expressões notadamente brasileiras a fim de desenharmos um cenário mais fidedigno às muitas formas que o homoerotismo assume no país hoje. Falemos do tempo presente, pois a própria questão na cultura brasileira foi ganhando e perdendo alguns termos com o passar das décadas. Ao passo que alguns termos que outrora foram utilizados na cultura brasileira para designar o homem homossexual, como "bofe", "entendido" e "invertido", já caíram em desuso, outros signos vão surgindo com novos sentidos, como a ressignificação do termo "poc", que antes designava pejorativamente um homossexual efeminado (sendo o termo uma onomatopeia do som produzido pelo sapato de salto alto, "poc poc") e hoje é empregado sem tal carga negativa.

Ainda que hoje as discussões de gênero e sexualidade, puxadas por Judith Butler (2016) e outras pensadoras contemporâneas, questionem o binômio homem/mulher, estressando as fronteiras entre tais identidades que historicamente partiram da biologia e da divisão entre os sexos, a pornografia amadora homoerótica masculina ainda está baseada nos polos masculino/feminino, macho/fêmea e atividade/passividade, estereótipos clássicos e históricos das supostas diferenças sexuais, como já havia sinalizado Peter Fry e Edward MacRae (1983, p. 49). No campo da homossexualidade pornografada, tais rótulos parecem marcar posições mais ou menos determinadas, sempre em par e oposição, ainda que não o façam de forma rígida, como destacou James Green (2000, p. 41), ao percorrer as múltiplas formas que a homossexualidade tomou à luz da experiência brasileira no século XX:

> "O homossexual efeminado, o bicha, atua como um indicador que diferencia seu próprio comportamento 'desviado' e o comportamento masculino 'normal' de um homem 'verdadeiro'. Pela natureza de sua oposição binária à norma, o estereótipo social do homem 'passivo' e efeminado define o homem 'ativo' e 'viril'. De modo contraditório, contudo, a natureza às vezes fluida da identificação de gênero, bem exemplificada nas celebrações do carnaval, pode também gerar uma ambiguidade que subverte o sistema sexual hetero-dominante usualmente rígido".

Na pornografia amadora homoerótica, a masculinidade e a feminilidade entram em cena a partir de grupos opostos de *tags*: de um lado, o "macho" (e o "machão"), o "hétero", o "brother"; de outro, a "fêmea"; o "viado" (e o "viadinho"), a "bicha", o "afeminado". As clássicas posições "heterossexual", "homossexual" e "bissexual" não necessariamente são rígidas no contexto do homoerotismo masculino, pois tais rótulos e direcionamentos permitem intercâmbios e não se apresentam de forma tão estanque, direcionando-se para novos sentidos eróticos.

Embora estejam se relacionando sexualmente com outros homens, os "héteros" (abreviatura de "heterossexual") ganham espaço na pornografia homoerótica e trazem consigo sentidos de uma masculinidade que, hegemonicamente, seria heteronormativa, porém tolera, sob algumas condições, a experiência homossexual. Em vídeos como "Dupla de héteros não arrumou mulher na balada e descontou no viado", "Hetero brinca com amigo gay por dinheiro no cam4" e "Hetero bêbado me comendo no banheiro no fim da festa", a experiência sexual recebe contornos de desvios à sua conduta normativa com motivos que supostamente a legitimariam, como a suposta falta de mulheres, uma recompensa financeira ou a embriaguez que não permite a esses rapazes qualquer discernimento ou os libera para a realização de atos que não teria coragem de fazer caso estivesse sóbrio. Quando em um

contexto homoerótico, seja com alguma justificativa ou não, os heterossexuais na pornografia praticam tais atos "na encolha" (gíria para designar algo feito às escondidas) e "no sigilo", como em "Chupando novinho hétero na encolha", "Namoradas saíram, eles aproveitam" e "Chupando vizinho hetero enquanto esposa foi trabalhar".

Alguns registros, como "Trabalhadores héteros com tesão", "Conversa entre heteros e rola coçando" e "Brincadeira de Héteros Universitários", a homosociabilidade, isto é, socialização homoafetiva entre homens ditos heterossexuais, parece permitir experiências eróticas, mesmo que essas sejam simulações do sexo heterossexual em um contexto recreativo. Nesse sentido, a ideia de "irmandade", traduzida pelo uso dos termos "brother" ("chupando brother e a família na sala"), "brotheragem" ("Amigos héteros brasileiros na brotheragem no ano novo 2020"), "parceiro" ("Mamando parceiro da quebrada"), "parça" ("ATIVO MARRENTO METENDO VARA NO PARÇA"), "amigão" ("Metendo no amigão"), "amizade" ("Como é delicioso fortalecer a amizade."), faz uso das alianças masculinas de afeto como pretexto para a realização de tais práticas sexuais, levando-nos à ideia de que a cultura heterossexual seria homoerótica ou homoafetiva, como outrora especulou a filósofa Marilyn Frye (1984, p. 135).

Na esteira do homoerotismo ou da homoafetividade na heterossexualidade, lugares comumente e historicamente frequentados majoritariamente por homens parecem reforçar a virilidade dos "machos". O "vestiário" ("Hetero pelado no vestiário"), a "academia" ("Eu fodendo com instrutor da academia blue fit"), a "barbearia" ("GORDINHO NOIVO CORTOU CABELO E MAMOU O BARBEIRO.") e o "estádio de futebol" ("Novinho palmeirense batendo uma no estádio", surgem como cenário para a exibição e a apreciação de uma masculinidade baseada na "brotheragem". No caso do futebol, esporte de grande projeção no Brasil, muitos signos visuais e verbais, como uniformes e adjetivos que denotam associação a um determinado time (evidentes nos vídeos "Leitada de corinthiano no cu do são paulino", "VIZINHO VASCAÍNO TORA VIZINHO BOTAFOGUENSE" e "Corinthiano fodendo o Palmerense - Parte 5"), constroem uma masculinidade homoerótica baseada na rivalidade entre torcidas (Figura 7).

Figura 7 - Printscreen de frame do vídeo "Corinthiano fodendo o Palmeirense – Parte 5".

Algumas recorrências do "hétero" no homoerotismo acontecem em vídeos nos quais só há a cena masturbatória sem que haja qualquer parceiro sexual, como em "Hétero machão tocando uma no espelho", "Hetero batendo punheta até gozar" e "MACHO HETERO PENTELHUDO PUNHETA NA CAM". Tais materiais audiovisuais mostram como a matriz verbal sobrepõe-se a todas as demais camadas de sentido, direcionando o olhar do expectador e sendo âncora de seu desejo. Devido à delimitação de conteúdo "gay" na plataforma XVideos, quando se busca pelas *tags* relacionadas à heterossexualidade, não são exibidos vídeos nos quais mulheres estejam presentes, exceto vídeos relacionados à bissexualidade.

Uma das chaves de interpretação possíveis para o protagonismo do "hétero" e a sua confluência no homoerotismo é a de que, mesmo relacionando-se sexualmente com outros homens, o "macho" viria a ser um "homem de verdade" (GREEN, 2000). Apesar dos sentidos ontológicos e generalistas aos quais essa expressão nos leva, vídeos como "Isso que é um macho", "Rola de macho" e "Macho alfa metendo forte" mostram que a masculinidade viril está em constante negociação e construção a partir da circulação sígnica da violência, da violação e da dominação, que melhor articularemos quando falarmos sobre os *signos da violação* (subcapítulo 3.5), como observamos em comentários deixados, respectivamente, nos três citados vídeos: "Nossa que Ativo e esse rsrsrs, gostoso D+ tem pegada, gostei" (comentário do usuário Bunda Faminta); "com essa voz grossa e gostosa, obedecia tudo que me mandasse fazer.....é daqueles machos que dá vontade da gente ser dominado, bem submisso e obediente (…)" (usuário Tatarigami01); e "Esse macho predador foi a melhor foda que me deram fui sua femea algumas vezes depois me abandonou" (usuário Luarsomar).

Os músculos, as barbas e os pelos corporais (em especial, os pubianos) parecem forjar e formatar a masculinidade “verdadeira” (usemos aspas pois aqui só queremos a força da expressão empregada na pornografia amadora homoerótica). A partir da metonímia (figura de linguagem na qual se toma a parte pelo todo), surgem os “musculosos” (“Macho musculoso pauzudo batendo uma no banho”), os “sarados” (“Macho sarado sendo mamado gostoso pelo primo”), os “barbudos” ("Machos Barbudos Mamadores de Rola"), os “peludos” ("Extraiu leite do macho peludo") e os “pentelhudos” ("Viadinho mamando macho pentelhudo em público"), personas viris que desenvolveriam o corpo de um homem que exercesse atividades físicas que requisitam grande esforço físico, cultivasse a barba como um símbolo de distinção sexual e mantivesse os pelos naturais, sem aderir a técnicas da depilação, tida como feminina. A masculinidade, apoiando-se em signos tão marcados, parece denunciar o caráter frágil e precário dessa posição, que, em uma perspectiva psicanalítica, necessita da validação de outro homem, seja o pai, o amigo, o irmão ou qualquer outra imagem equivalente que encarne o pai imaginário (LUTEREAU, 2016, posição 205).

Em oposição ao “homem de verdade”, estariam as identidades no polo feminino do homoerotismo. De modo complementar, o “hétero” penetra o “viado” (“Puto filmando hétero comendo viado”), o “macho” domina a “fêmea” (“Virando fêmea pro macho”), o “homem” vira “putinha” (“Tatuado fazendo homem de putinha”). Enquanto a masculinidade parece rejeitar qualquer traço de feminilidade, o que seria justificado, psicanaliticamente, pelo medo da castração (idem, posição 121), no outro lado do espectro sexual, a feminilização é, ambiguamente, motivo de depreciação e interesse.

O corpo efeminado está sempre em uma posição subalterna ao “macho dominante”. Aos homens desviantes à heteronormatividade e à masculinidade hegemônica e “natural”, lhe são designadas alcunhas que, em determinados contextos, são empregadas como xingamentos ou termos pejorativos, como “bicha" ("Urso fudendo uma bicha escandalosa"), “viado” ("Fez o viado virar putinha na pica dos amigos"), “cadela” ("Macho Predador - eu e a cadela faminta"), “vagabunda” ("Vagabunda toda pelada com o rabo pra cima bem safada fudendo o cu na frente da camera"), “vadia” ("LASCANDO A VADIA”) e “puta” ("Casado me fazendo de putinha"). A histórica dominação masculina sobre as mulheres, nos mais diversos campos simbólicos do poder (BOURDIEU, 2014), é transportada para o homoerotismo masculino sem que haja maiores questionamentos ou resistências, naturalizando-se tal relação de dominação e submissão.

A masculinidade e a feminilidade não se encerram nas personas sexuais do “macho” e do “viado”: elas caminham para o clássico binômio ativo/passivo que ronda as práticas homoeróticas e as estratégias de interesse e disponibilidade sexual. A atividade e a passividade, posições subjetivas associadas, respectivamente, ao masculino e feminino (FREUD, 2016, p. 51) estão traduzidas pelo “ativo" e pelo “passivo”, que designam aquele que penetra e aquele que é penetrado. A divisão, cuja lógica está enraizada no contexto da prática sexual da penetração, cria duas identidades mais ou menos fixas que são estereotipadas, respectivamente, pelo “macho” e pelo “viado”; porém, em alguns contextos, vão além de tais polos, pois é comum encontrar “machos passivos” ("Macho dando pra dois"). Aqui reside um ponto interessante: não há registros na pornografia amadora digital de corpos nominalmente identificados como afeminados em posições sexuais ativas. O “macho” é tão “macho”, em todas as acepções de virilidade, coragem e atividade, que pode encarar a possibilidade de ser penetrado, enquanto parece não ser esperado que o corpo que não é dito “macho” possa penetrar e ser “ativo”.

Enquanto o “ativo” muitas vezes é enaltecido pelo emprego do termo em seu aumentativo ("Ativão arrombando meu cuzinho", "Bombado Ativasso"), o “passivo” é referido na forma diminutiva do termo ("Passivinho não aguentou a ROLONA do amigo") ou em sua concordância com o gênero feminino ("Dotado fez o cuzinho da passiva virar buceta"). Para a efeminação do corpo passivo, o uso de calcinhas femininas desloca signos outrora exclusivos às mulheres e lhes dá novos sentidos, como ocorre na apropriação da roupa íntima da esposa daquele que está traindo ao penetrar um rapaz passivo em "casado trouxe a calcinha da mulher dele e me comeu de 4" (Figura 8), indicando que o rapaz substituiu a cônjuge oficial do “macho heterossexual”.

Figura 8 - Printscreen de frame do vídeo “casado trouxe a calcinha da mulher dele e me comeu de 4”.

Nos limites da experiência com roupas e adereços femininos, está a persona da “cdzinha”, alusão ao termo “crossdresser”, que, originalmente, é empregado para homens que fazem o uso da indumentária feminina sem que haja *a priori* a identificação com a transexualidade. As “cdzinhas” se diferem da identidade travesti por fazer um uso recreativo e erótico dos adereços. Comentários deixados no vídeo "Fazendo a CDzinha pro chefe" sinalizam a emulação de uma feminilidade voltada à masculinidade daquele que penetra: "Ela é super feminina! Nasceu pra ser putinha!”; "Como é bom ser fêmea de um macho assim!”.

Ainda que pareçam alheios à divisão atividade/passividade, o “flex”, o “relativo” e o “versátil”, termos que designam aqueles que podem desempenhar tanto a penetração quanto ser penetrado, ainda se definem a partir da posição do pênis durante o sexo anal. No tocante à equivalência “aquele que penetra = aquele que tem poder e é valorizado”, podemos fazer algumas relações com a hipervalorização do pênis e do falo-fetiche, que exploraremos melhor entre os *signos do falo* (3.3).

Pensando-se na representação estética do corpo homoerótico, algumas personas sexuais nascem de determinados recortes da aparência: o “careca” (“careca pauzudo punheta na cam”), o “cabeludo” (“metendo no cabeludo”), o “tatuado” (“Tatuado Punhetando”), o “coxudo” (“Coxudo de pau duro na frente do amigo”), o “gigante” ("O gigante e o novinho baixinho fodem gostoso"), o “baixinho” ("Baixinho do pau grosso"), o “gordo” (“Estourando o cu do gordo tetudo”) e o “magro” ("Se abrindo para o magrelo"). As figuras do “urso” ("Gay Ursos safados brasileiros”), “nerd” ("Nerd dando a dois roludo") e o “alternativo” (“Alternativos fodendo”), importadas da cultura gay norte-americana, surgem traduzidas e igualmente se baseiam em tipos e aparências corporais como, respectivamente, homens gordos e peludos, rapazes que usam óculos e aquele que possui tatuagens e/ou piercings. Âncoras na produção de sentido do material pornográfico, tais características, ao serem recortadas, apontam para preferências sexuais semelhantes à escolha do objeto-fetiche, que veremos em uma das secções dos *signos do falo* (3.3.3).

Entre as muitas identidades homoeróticas, a questão etária também engendra personas sexuais. Em oposição, sem meio-termo, de um lado estão os signos relacionados à juventude (“moleque”, “lek” e “novinho”), e, de outro, aqueles que designam a maturidade ou a velhice (“maduro”, “coroa” e “grisalho”), destacando-se as gerações como marcadores importantes para a construção e atualização das personas sexuais.

Em um extremo, estão os corpos mais próximos à adolescência, que, sem desenvolver músculos, pelos, barba ou outros aspectos que denotariam a passagem para a vida adulta, são corpos polimorfos e, em muitos casos, beiram a androginia dos corpos adolescentes. O “novinho” ("Novinho desesperado senta e mama na pica grossa”), o “moleque” (“Moleque fodendo amigo sem camisinha") e o “lek” ("O lek montando em mim"), esteticamente, o corpo do “novinho" se assemelha à persona do “menino bonito”, como pode-se ver no comparativo do vídeo “novinho com cuzinho piscando gozando no chão" com a representação do Kouros, clássica representação que, como aponta Camille Paglia (1992, p. 45), na Grécia Antiga, era valorizada para os relacionamentos homoafetivos por trazer consigo um indicativo de pureza.

Figura 9 - Quadro comparativo entre frame do vídeo “Novinho com cuzinho piscando gozando no chão” e Kouros grego (século V a.C.).

Na outra ponta, o “coroa” (“Coroa dotado no motel”), o “grisalho” ("Tesão de grisalho fudendo o moleque") e o “maduro” (“Maduro no banho com mão amiga") geralmente descrevem homens com aparência envelhecida, com a recorrência de barbas e cabelos brancos ou rugas aparentes. Usualmente colocados em comparação na mesma cena sexual (“Trio dois maduros um novinho”), a maturidade traz um lugar de experiência (“Maduro Experiente me fudeu gostoso”), enquanto aos “novinhos” são atribuídas as ideias de “inocência” e de pouca experiência sexual ("A primeira vez do novinho. Arrombando o novinho..."). Aos de idade avançada ainda são atribuídos os signos de “paizão”, “vovô” e “tiozão”, que já nos apontam para os signos relacionados aos romances familiares, próxima tópica de nossa investigação.

3.2.2. Pais e filhos, primos e tios: romances familiares

Dentre as personas sexuais da pornografia amadora, há um grande número daquelas relacionadas ao universo familiar e doméstico. Os parentescos como “pai” ("Surra de piroca do paizão"), “filho” ("Paizão metendo no cuzinho do filho até gozar dentro"), “irmão" ("Fudendo o irmão casula escondido"), “primo” ("Meu primo me comendo escondido"), “tio” ("Tio necessitado se aproveitando do sobrinho afeminado (REAL)"), “sobrinho” ("Botando o sobrinho pra mamar"), “padrasto” ("Putinho mamador tomando o leite do padrasto") e “avô” ("CHUPANDO O VOVÔ NO CARRO PAU LINDO") levam-nos a cenas sexuais incestuosas. São algumas as chaves possíveis para a interpretação psicanalítica de tal recorrência.

O primeiro dos caminhos de interpretação está relacionado a uma rememoração ou reprodução da pesquisa sexual infantil (FREUD, 2016, p. 103-120), usualmente desenvolvida no seio familiar, com a observação, a suposição e até mesmo a fabulação da atividade sexual dos pais, irmãos e/ou outras pessoas que possam frequentar o ambiente doméstico, como babás, vizinhos e amigos da família, para explicar algumas questões enigmáticas que se apresentam à criança, como a gravidez e o amor entre os adultos. Longamente expostas por Freud nos relatos clínicos dos casos Dora (idem, p. 173-320), e Pequeno Hans (FREUD, 2015a, p. 123 - 284), tais passagens na infância terão grande importância na formação dos mitos individuais que cada sujeito criará em torno dos enigmas da sexualidade humana. Na pornografia, a observação infantil da atividade sexual da casa se traduz em vídeos nos quais se “flagra”, com o uso de câmeras escondidas, cenas masturbatórias ou eróticas de “primos” ("Primo pego no flagra"), “irmãos” ("Flagrou o irmão batendo uma no vaso"), e “tios" ("Meu Tio Tomando Banho”).

Na maioria dos vídeos atribuídos a personas familiares, a domesticidade se traduz visualmente nos cenários do ato sexual registrado, como no espaço cênico de “titio fazendo uma visitinha ao sobrinho querido” (Figura 10). Desenvolvida, em sua maioria, em quartos ou banheiros, a cena sexual das personas domésticas ocorre em ambientes da casa, como o “banheiro” (como a cena sexual no banho em "Priminhos fodendo gostoso no banho"), a “sala” (a cena masturbatória no sofá em "Batendo uma punheta pro primo"), o “quarto” ("Chupando meu tio hétero no quarto dele"), a “cozinha” ("Fudendo o irmão mais novo na cozinha"), o “quintal” (“Dando pro vizinho na quintal") e a “garagem” ("PADRASTO DANDO NA GARAGEM PRO GURIZÃO AMIGO DO ENTEADO”).

Figura 10 - Printscreen de frame do vídeo "titio fazendo uma visitinha ao sobrinho querido".

Porém, na pornografia amadora, não se trata apenas de observar a vida sexual dos adultos, mas, sobretudo, protagonizar uma cena familiar dando vazão ao desejo incestuoso dos romances familiares. Uma outra linha de interpretação das personas sexuais é aquela que destaca o incesto como fundador do primeiro desejo sexual. Remontando o que Freud (2012, p. 41) elaborará a partir da investigação da formação do tabu, quando disse que "a psicanálise nos ensinou que a primeira escolha do menino é incestuosa, concerne aos objetos proibidos, à mãe e à irmã", podemos pensar em uma resistência ao amadurecimento sexual ou uma regressão às "condições infantis da psicossexualidade". Curiosamente, não há a menção à *tag* "incesto" (talvez por uma apólice da própria plataforma) em nenhum vídeo catalogado e exibido pela plataforma, porém a prática da não-exogamia surge nas relações incestuosas entre "pais" e "filhos" ("sexo com o pai") e entre "irmãos" ("IMPRESSIONANTE!!! Irmãos de sangue ficam sozinhos em casa e resolvem foder!"). A gemealidade, condição em que dois ou mais irmãos foram gestados na mesma placenta e possuem características físicas e fisionômicas semelhantes, também é combustível para as incestuosas práticas que, com a semelhança, ganham ares de veracidade quanto ao parentesco real, como ocorre em "Gêmeos fudendo de verdade", "irmãos gêmeos tocando uma na cam" e "Foda entre irmãos gêmeos".

No mesmo patamar, está a figura do "tio" que, assim como a do "primo", estabelece um grau de parentesco não tão imediato quanto entre irmãos, deixando um pouco mais tênue a linha entre a endogamia (relação sexual entre pessoas do mesmo núcleo familiar) e a exogamia (relação sexual entre pessoas de diferentes núcleos familiares). Acrescentando-se à figura do "tio" está a ideia de um jovem ter sua vida sexual iniciada por alguém mais velho, o que coloca a maturidade *versus* a iniciação. A menção recorrente à figura do primo, como

nos vídeos “Primo hétero não aguentou é fudeu forte o priminho branquelo!!!” e “Comendo meu primo mais novo”, revela também o imaginário de que muitas das primeiras experiências sexuais, sejam elas de sedução, de excitação, de felação ou de penetração, possam ser realizadas ainda durante a adolescência entre brincadeiras entre familiares de semelhante idade (e em similar momento de descoberta e investigação sexual) que maliciosamente possuem certo grau de teor erótico. Os sentidos de “brincadeira” ficam explícitos em vídeos como "Brincando com o Pau do Primo Dormindo", "primos héteros brincando de pau duro" e "Brincadeira entre primos".

Para além do incesto, nas relações entre “pais” e “filhos”, “tios” e “sobrinhos”, parece existir um traço da fantasia infantil de “castigo”, examinada minuciosamente por Freud (2010b, p. 293-327). Ao serem penetrados por aqueles mais velhos, são castigados por seduzirem ("PEDIU E PAIZAO COLOCOU PRA MAMAR"), provocarem ("provocou o paizão e levou rola no cu") e até mesmo serem homossexuais ("tiozao fazendo os sobrinhos virarem machos"). Nesse ponto, alguns materiais, ao sugerir a prática do sexo não-consentido, sugerem traços da pedofilia (HISGAIL, 2007), embora nitidamente os parceiros sexuais em cena sejam maiores de idade, como em "O tio pega o sobrinho a forca sem ele querer”. Por outra via, a relação sexual entre pais e filhos seria, fantasiosamente e incestuosamente, uma prova de amor e afeto como nos vídeos “Eu amo meu paizinho" e “Dando o cu de presente no Dia dos Pais - Alano VIII".

Aqui vale a pena apontar que as figuras do “pai" e do “filho”, no homoerotismo pornografado, também são deslocadas para designar a relação sexual ou afetiva entre dois homens que possuam uma considerável diferença de idade (geralmente entre vinte ou mais anos de diferença, o que pode variar). O “sugar daddy”, persona importada dos Estados Unidos para a cultura homoerótica brasileira, representa aquele homem que possui mais de quarenta anos de idade e que busca e pode bancar financeiramente rapazes mais jovens (entre dezoito e trinta anos, em média), cumprindo assim uma figura paterna de proteção e sustento financeiro, em uma lógica paternalista que reforça a ideia de que o homem “macho” deve ser o provedor da família.

Como substitutos, nas tramas românticas familiares, são repetidas as representações de laços familiares mais distantes ou pelo menos que não sejam do mesmo “sangue”, como o “filho do amigo” ("Paizão fodendo o amigo do filho"), o “pai do amigo” ("PAI DO AMIGO ME LEVOU PRA TOMAR PICA”) e “amigo do meu pai” ("Amigo do meu pai me fudeu"). Na mesma linha, sem se especificar o grau de parentesco, as personas do “casado"

e do “divorciado” apontam para homens que traem seus cônjuges oficiais (“traindo a mulher”, "Chupando o namorado da irmã! O kra tava com mais vontade do que o viado!" e "VAZOU novinho hétero gravou traindo namorada com amigo”), provisoriamente, fazendo até mesmo de seu parceiro sexual sua “esposa”, o que dialoga com os *signos da subversão* quando falaremos sobre a ironia à heterossexualidade (3.3.2). Alguns detalhes, como a “calcinha da esposa” ("Macho obrigou a usar a calcinha da esposa dele e ainda gozou no meu “) e a “aliança no dedo” (“Casado chupando rola com aliança no dedo”), reforçam os sentidos de traição e subversão à monogamia dentro do seio familiar.

A relação entre “padrasto” ("Meu padrasto me fudeu”) e “enteado” ("O pai da etapa mostra o enteado virgem como é feito”) merece um destaque, pois, além de condensar tanto a ideia incestuosa de relação entre familiares quanto a ideia de traição, aponta para uma certa rivalidade com a mãe, uma posição feminina (presente na passagem pelo Complexo de Édipo na menina) que apareceria deslocada para a figura do “passivo”. Em “Chupando o marido da minha mãe dormindo" e "Mae deixa o pequeno arthur para o padrasto cuidar”, os rapazes que são penetrados ocupam o lugar de desejo do padrasto, substituindo provisoriamente a própria mãe.

Embora as alcunhas familiares estejam explícitas nos títulos e nas *tags* relacionadas aos vídeos, tais registros audiovisuais não são, necessariamente, verdadeiros, isto é, não trazem propriamente cenas protagonizadas por parentes. Um vídeo, em especial, "Pai empurrou no filho adotivo, gozou e se arrependeu - machosaonatural.com.br” (Figura 11), nos chama a atenção pelos questionamentos suscitados pelos seus espectadores acerca da trama induzida pelo seu título: "Não é arrependimento, é dor de cabeça”, comentou o usuário Maxgayxvideos, para tirar o suposto peso de uma culpa pós-coito. Alguns títulos buscam atestar a “veracidade" de tais vídeos com o uso com o uso da expressão “real”, como em "Foda Real de Pai e Filho" e “Sexo com Pai e filho (real)”.

Figura 11 - Printscreen de frame do vídeo “Pai empurrou no filho adotivo, gozou e se arrependeu (...)”.

Sem dúvidas, quando falamos das personas familiares, estamos adentrando o reino das fantasias, dimensão de toda e qualquer expressão erótica. Nesse ponto, a formulação freudiana acerca dos romances familiares do neurótico, fantasias a partir das quais a criança, após algum episódio de decepção afetiva com os progenitores, “se dedica à tarefa de livrar-se dos pais menosprezados e substituí-los por outros, normalmente de posição privilegiada” (FREUD, 2015c, p. 422), ajuda-nos a entender os deslocamentos das figuras paternas no homoerotismo (que viriam a ser primariamente a do “pai”, do “tio" e do “avô”) para o “pastor” ("Sexo gay com o pastor da igreja"), o “padre” ("Padre gay real") e o “professor” ("Novinho mamando a vara do professor”), personalidades de autoridade e reverência dentro de seus contextos culturais.

Na perspectiva sociocultural brasileira, na qual o convívio social torna-se uma extensão do foro íntimo (HOLLANDA, 1995, p. 139-152), o círculo familiar é estendido aos lugares de socialização, a partir dos quais criam-se irmandades sob a lógica de homoafetividade na masculinidade, vista anteriormente. Nessa sequência, o “vizinho” é uma rotineira persona: “Quando minha esposa sai... meu vizinho entra", "Vizinho novinho dotado me leitando de 4" e “Foi visitar o vizinho casado e levou uma surra de pica!". Como cenário, quartos ("Chupando e dando pro vizinho hetero") e quintais ("Vizinho boto botou pra mamar escondido no quintal") reforçam o ambiente doméstico. Além da proximidade espacial, os vínculos de “brotheragem” envolvem as práticas sexuais entre vizinhos, em horários nos quais as esposas não estão ("VIZINHO VEIO FAZER HORÁRIO DE ALMOÇO CMG") e escondidos de todos ("Meu vizinho me comeu escondido"). Facilitados pelo uso de plataformas digitais baseadas em geolocalização voltada à promoção de encontros homoeróticos, como Grindr, Hornet e Scruff, a aproximação entre vizinhos hoje é marcada por tais aplicativos: "Foi lá e comeu o cara do Grindr", "Comendo o cara do hornet" e "Comendo um cara do scruff”. Para além da irmandade, como veremos a seguir, o espaço público forjará outras personas sexuais, atribuindo valores de acordo com interseccionalidades como classe, raça e posição social, marcadores sociais da diferença.

3.2.3. Uniformes e identidades: marcadores sociais da diferença

Encerrando nossa investigação acerca das personas sexuais no homoerotismo pornografado, somos levados a analisar personas que nascem com alguns marcadores sociais da diferença, conceito que tomamos emprestados da antropologia para enxergar os matizes que estão impressos às posições sociais, tais como gênero, orientação sexual, raça e classe (importando-nos a nós sobretudo esses dois últimos, uma vez que o marcador “homem homossexual” já está dado no material analisado). Tal aporte epistemológico nos convida a desenvolvermos uma visão interseccional, a partir da qual são discriminadas as marcas que são socialmente identificadas para "diferenciar, desigualar e hierarquizar” corpos, vivências e subjetividades, como resume Luis Felipe Kojima Hirano (2019, p. 51) ao revisitar o estado da arte do conceito no Brasil.

Quando observamos algumas personas brasileiras, é impossível não enxergamos como o social atravessa a sua construção estética, revelando as contradições, as exclusões e as hierarquias sociais que marcam os muitos tipos de masculinidade. Por esse ângulo, podemos falar de dois principais marcadores sociais da diferença impressas às personas sexuais, a saber: a classe e posição social, através de personas relacionadas aos mundos do trabalho; e raça, a partir das alcunhas que tentam matizar as origens étnicas e raciais, forjando-se identidades entre o “branquelo” e o “negão”. Embora apresentemos esses dois marcadores separadamente, entre eles há muitas confluências, sobretudo quando fazemos um cruzamento entre raça e classe, que, no Brasil, historicamente, revela diferenças sociais calcadas no passado escravocrata e no atual racismo institucional, como na recorrência do “favelado" e do "cafuçu".

Os mundos do trabalho configuram um terreno fértil para a proliferação de personas sexuais e variam de acordo com o contexto. Em meio ao ambiente corporativo, protagonizam cenas sexuais gravadas em escritórios o “chefe” ("enquanto isso no almoxerifado da empresa... chupada no chefe"), o “patrão” ("Patrão casado comendo funcionário"), o “empregado” ("Funcionario comendo chefe"), o “estagiário” ("Coroa fudendo com estagiário na repartição publica") e o “colega de trabalho” (“Tesão louco pelo colega de trabalho"). As hierarquias reproduzidas por organogramas e relações de trabalho são a todo tempo alargadas, seja para mostrar o dominador abusar do submisso (como em "Férias com o chefe: Em busca de aumento ele virou puta"), flertando-se com o assédio sexual e moral rotineiramente relatado nos processos que correm nos tribunais da Justiça do Trabalho, ou o

contrário (como em “OPERARIO FUDEU SEU CHEFE"), como uma vingança ou uma subversão às estruturas hierárquicas. O “executivo”, clássica persona corporativa, é traduzido pelo uso da camisa social, da gravata e do terno, como em "punheta no escritório" (Figura 12), no qual a indumentária da persona dialoga com o título do vídeo.

Figura 12 - Printscreen de frame do vídeo “punheta no escritório”.

A indumentária típica da profissão, a farda e o uniforme (que também conotam o poder) auxiliam na construção das personas engendradas pelos empregos e posições possíveis dentro do homoerotismo pornografado. O “segurança” ("O SEGURANÇA DO CONDOMINIO - XVIDEO"), o “bombeiro" (“Bombeiro, estou com fogo no rabo”), o “soldado” (“Soldado se masturbando”), o “vigilante" ("Vigilante Casado Punheta Angells"), o “policial” (“Policial Fardado Mamando o Colega”), o “médico” ("Foi fazer o teste do Covid e acabou levando uma mamada do médico"), o “enfermeiro” ("Enfermeiro me homenageando na hora do trabalho") e o “salva-vidas (“Sexo com o Salva-Vidas”) só existem na medida em que vestem as roupas que os identificam socialmente, mesmo que, na cena sexual gravada, nem sempre estejam em seu ambiente de trabalho, como ocorre em "Ahhh esses PMs" e "Militares se pegando”. Aos fardados, que ganham perfis totalmente dedicados à sua admiração, como Machos-Fardados-Sc, parecem estar imbuídos os sentidos de uma masculinidade heterossexual a ser “corrompida” pelo sexo homoerótico recreativo, como em "Macho Comendo o Rabo do Capitão da PM". Alguns acessórios fazem toda a diferença na cena sexual e determinam a persona, como o capacete do “motoboy" (“Motoboy punhetando no matagal”), o cacetete ("Enfiando cacetete no cuzinho Lisinho”), o carro de

aplicativo ("Provocando o motorista do uber") e a a *bag* térmica do entregador ("Pedi o entregador lanche e paguei com o cuzinho e ganhei leite."), observada abaixo (Figura 13).

Figura 13 - Printscreen de frame do vídeo "Pedi o entregador lanche e paguei com o cuzinho e ganhei leite".

As mudanças no mercado de trabalho parecem ser ligeiramente refletidas na pornografia homoerótica amadora, como ocorreu com a transformação do setor de transporte privado, representada pelo deslocamento observado, no tempo de pesquisa desta tese, entre "taxista" ("coroa taxista pegando o pau do passageiro") à figura do "Uber" ("Putaria com o motorista do Uber/99pop"), além do surgimento do termo "iFood" ("Esperto seduziu e tomou gagau morno do entregador do ifood"), aplicativo de entregas que surgiu no mercado e cresceu nos últimos anos.

Uma categoria de personas relacionadas ao mundo do trabalho nos chama a atenção pela confluência com os ideais de uma masculinidade heterossexual voltada ao esforço físico, à brutalidade e à rusticidade do "macho de verdade": aquela que se apresenta em canteiros de obras e outros espaços de trabalho braçal e/ou exaustivos. As alcunhas "pedreiro" ("Mamando o pedreiro na construção"), "pintor" ("Peguei pintor hetero batendo punha e entrei na sua vara"), "peão" ("O Peão e o Chefe de Segurança") e "mestre de obra" ("Dando pro mestre de obra 2") surgem em cenários de casas em processo de construção ou reforma, nos quais corpos sujos e empoeirados deixam à mostra músculos e outros signos de virilidade. Os "caminhoneiros", cuja mitologia alimenta a ideia de que, por passarem longos períodos na estrada longe da esposa ou da namorada, estariam "necessitados", isto é, acumulando uma vontade sexual que deve ser "aliviada", também expressam o que viria a ser uma masculinidade viril, como em "Caminhoneiro deixou eu mamar na boleia de dia" e "Dando pro carreteiro".

Assim como tais empregos na construção civil, outras posições profissionais consideradas subempregos surgem no homoerotismo pornografado e parecem destacar as

distinções de classe. As figuras do “faxineiro” ("Faxineiro do Sesc me chupando"), do “gari” ("gari se masturbando"), do “carteiro” ("Dois Caras metendo no Carteiro."), do “porteiro” ("vem aqui pro porteiro"), do “jardineiro” ("Jardineiro pentelhudo plantou a semente"), do “cobrador” ("Mexeu com cobrador da lotação e levou na bunda") e do "motorista de ônibus” ("Tirando leite do motorista de ônibus"), além de trazerem profissões tidas como majoritariamente masculinas e viris, podem também apontar para a “depreciação psíquica do objeto sexual”, algo que seria comum no processo de escolha masculina para que sua masculinidade não seja afetada, já discriminada por Freud (2013b).

O *locus* social, como a situação carcerária ou de rua, expõe outras hierarquias. Em cenas supostamente gravadas na cadeia, como em "Preso por estupro parte3 depois de uma semana no presídio" e "Fudido no banheiro da cadeia", o homoerotismo surge tanto como punição (sendo até mesmo a punição um dos aspectos que surgirá nos *signos da violência*, que analisaremos em 3.5) quanto pela necessidade de se relacionar sexualmente em um contexto de privação. O “mundo do crime” ainda é traduzido pelas personas do “traficante” ("Traficante foi cobrar o viciado que não tinha dinheiro, mas achou um jeito de acalmar o bandido”) e do “bandido” ("Bandido Saiu da febem louco por cu de novinho"), comumente em posições de dominação, não sendo poupados certos signos como tatuagens e armas que as identificariam. No caso de pessoas em situação de rua, traduzido por “mendigos" e “noias” (gíria para designar usuários de drogas), usualmente os vídeos trazem um contexto de humilhação ou de troca de favores sexuais por dinheiro, como em "Coroa deu 5 reais ao mendigo cracudo pra fuder seu cu embaixo do viaduto" e "Chupando o nóia que queria 2$ pra cachaça".

É na medida em que a diferença de classe tem cor, como em "ABRE A BOCA CRIOLO CATADOR DE LIXO (VOU ESPORRAR)", vídeo no qual um rapaz branco tem seu membro estimulado por um rapaz negro e não há nenhum signo que possa afirmar a ocupação daquele que é tido como “catador de lixo”, que podemos olhar para o racismo que atravessa a construção das personas sexuais no Brasil. Em torno da questão racial, as personas sexuais se dividem em diversas variações fenotípicas a partir da origem étnica de tais corpos: “branquelo” ("negao dotado sarra e empala branquelo tesudo"), “japa” ("Suruba com 2 japas dotados"), “árabe” ("Árabe chupando pau ENORME e grosso"), “mulato” ("Mulatos fodendo gostoso"), “moreno” ("Fudendo com o moreno tatuado"), “negro” ("Negão fode dois cú de macho no mesmo dia em público”), “pretinho" ("Pretinho gostozin do pauzão") e “cafuçu” ("CAFUCU DOTADO E O CASADO PUTA"). A variedade, que,

sem dúvidas, é, em parte, fruto da miscigenação de diferentes matrizes (RIBEIRO, 1995), não necessariamente apaga as diferenças sociais que estão marcadas por tais aspectos e reproduz, na pornografia amadora, hierarquias raciais que permeiam sociedade e cultura no Brasil (ALMEIDA, 2019).

Dentre todas as personas sexuais relacionadas à raça, aquelas que se localizam no espectro negro, como o "mulato", o "moreno", o "negro" e o "cafuçu", são as que mais estão associadas a imagens de periferia ou violência, como ocorre, respectivamente, nos vídeos "Cafuçu da Favela na Punheta" e "Vem me dar" (primeiro vídeo que aparece na busca pela *tag* "moreno" e no qual o rapaz segura uma arma). Dando ênfase ao racismo direcionamento a pessoas negras, é possível enxergar ecos do que Daniel dos Santos (2013) já apontou sobre a hipersexualização de corpos negros, reduzindo-os muitas vezes ao suposto avantajado tamanho de seus órgãos sexuais ou a corpos musculosos. Difícil não encontrar a associação direta entre o "negão" e o "dote", como ocorre nos vídeos "Negão roludo arrombando o cu do passivo" e "Negão Dotado arrombador de cu", ou com o porte físico musculoso, como em "Negão Musculoso se Masturbando". Residem, em tais associações, as ideias de "animalização" e "monstruosidade", "projeções imagéticas de homens negros hipersexuais, potentes e macrofálicos" que "geravam um sentimento aterrorizador de ameaça que funcionava como um dispositivo civilizatório para controlar a miscigenação étnico-racial, a poluição genética e a degeneração racial tão temidas pela população branca" (SANTOS, 2018, p. 87).

No Brasil, a experiência estética da construção e da sustentação das personas sexuais definitivamente está atravessada por marcadores sociais da diferença que sistematizam, classificam e hierarquizam a experiência sexual de homens. Em diálogo com a uma masculinidade heterossexual que se legitima enquanto a "norma" do que viria a ser um "homem de verdade", o homoerotismo vai ganhando camadas complexas que devem ser vistas à luz das desigualdades produzidas no campo social que se reproduzem na experiência erótica. Quando orbitarmos os signos aqui esmiuçados em torno do hiv (nas Considerações Finais), veremos como a realidade social desigual se reflete nos números de transmissão ao recortarmos os dados da epidemia a partir de raça e classe social.

3.3. Signos do falo

O segundo grupo de signos identificados na pornografia amadora homoerótica é aquele referente ao falo, compreendendo-se aqui o termo nas suas mais diversas acepções: o órgão sexual masculino em sua anatomia e funcionalidade; a sua representação deslocada; e o conceito psicanalítico do falo, como aquele que marca a mínima diferença e estrutura o fetiche.

Recusemos *a priori* o termo "falocentrismo", que tanto tem sido utilizado em seu senso comum para evidenciar a dominação masculina condensada pelo pênis e pela recorrência de objetos de formato fálico. Ao que nos parece, nessa leitura comumente incorrem alguns equívocos. O falo, enquanto conceito psicanalítico, não deve necessariamente ser confundido com o órgão sexual masculino em sua anatomia e o seu local privilegiado na sexualidade.

O falo parte do pênis, mas a ele não se resume (HARARI, 2007). Fundador da mínima diferença sexual, a presença ou ausência do pênis, fantasia infantil recorrente em diversos casos clínicos, demarca a oposição entre aquele que detém o falo e aquele que foi castrado, entre o que tem o poder e o que não tem, estabelecendo o desejo (daí a máxima de que as mulheres teriam inveja do pênis, algo erroneamente tomado literalmente por leituras de algumas correntes feministas). Embora ressalvas possam ser feitas, sobretudo em relação à visão masculina na formulação de tal conceito, no contexto do homoerotismo, o falo pode ser localizado no medo da castração e em seus substitutos e equivalentes, que fundarão o fetiche.

Optamos por percorrer a categoria dos signos do falo partindo da sua primeira fundação, isto é, o órgão genital. O pênis, como veremos a seguir (3.3.1), será motivo de preocupação e interesse no homoerotismo masculino, sendo mensurado, analisado e valorizado por suas dimensões anatômicas e sua performance na cena sexual. Em seguida (3.3.2), percorremos as duas funcionalidades fisiológicas do pênis, o urinar e o ejacular, que, no homoerotismo, são deslocados de suas funções originais, tais como a eliminação de toxicidades do sangue e o transporte do espermatozoide em vias da reprodução, ganhando contornos eróticos em usos diversos. Por fim (3.3.3), elencaremos alguns dos objetos que substituem o falo na lógica da construção fetichista, caminhando tanto por partes do corpo quanto por objetos a ele relacionados e que têm um valor suplementar erótico.

3.3.1. Grandes, grossos e duros: a anatomia como destino?

O pênis parece ocupar um papel central na sexualidade masculina. Relacionado ao devir da masculinidade, seu papel vai muito além das funções fisiológicas atribuídas dentro dos sistemas urinário e reprodutivo, caminhando-se pelos rincões simbólicos da virilidade, da potência e da performance sexual.

Observando-se o que se apresenta na pornografia amadora digital, é notável o protagonismo do pênis em diversos contextos. Da masturbação solo à frente da câmera aos caóticos cenários de orgias, passando pelas relações sexuais em dupla, o pênis muitas vezes ocupa o centro da cena, sendo estimulado ou apreciado. Nesses registros audiovisuais, o ponto focal está nos pênis, que, em comparação aos seus contextos e cenas sexuais (seja na penetração ou na masturbação), aparecem em destaque, sobressaltando-se o seu volume, ocupando grande parte da tela, excluindo-se qualquer outro elemento. O corpo masculino, em alguns vídeos, chega até mesmo a ser resumido ao pênis, como no caso do vídeo "Dotado cavalo" (Figura 14), no qual o posicionamento da câmera, possivelmente de uma *webcam*, coloca o membro do rapaz em primeiro plano.

Figura 14 - Printscreen de frame do vídeo "Dotado cavalo".

Através da metonímia, processo em que se toma a parte pelo todo, aqueles que detém pênis de grandes proporções, chamados de "pauzudos", "dotados" e "pirocudos" o expõem como se o pênis fosse motivo de grande interesse. Vídeos como "Novinho do pau gigante se exibindo" e "Safado mostrando pica gigante", que apenas trazem, em poucos segundos, a imagem de pênis sendo manipulados com as mãos, arquivam comentários elogiosos

("Tamanho da anaconda... queria mamar e sentar nesta cobra", em "Novinho do pau gigante…"), comparativos ["Parece ser maior que o dono Eduardo Picasso (aquele magrão)", em "Safado mostrando…"] e até mesmo reivindicatórios ("Caralhooo. De onde saiu esse jumento? Pessoal deve sofrer com esse cara", em "Safado mostrando…"). Entre o elogio, que admira o pênis exposto, a comparação, que o coloca ao lado de outras referências, para diminuí-lo ou aumentá-lo, e a reivindicação, que parece se espantar com o que vê, o pênis é ponto de interesse e produção de desejo.

A plasticidade do pênis, cuja configuração varia em tamanho da base, do corpo cavernoso e da glande, coloração da epiderme, curvatura, anatomia da bolsa escrotal, entre outros aspectos, gera uma vasta quantidade de conteúdos e comentários, que atiçam uma curiosidade baseada nessa variedade de formatos e tipos de genitália. Quando pensamos no homoerotismo, a relação do adolescente ou do adulto com o seu próprio pênis em comparação com os dos demais muitas vezes proporciona as primeiras experiências homossexuais, nas espiadas em mictórios públicos, nos vestiários e nas brincadeiras que se pretendem inocentes, mas que trazem uma carga erótica implícita. Nessa lógica, vídeos como "Mijando no banheiro público", colocam o pênis em evidência a partir de cenas de sociabilização.

Mesmo quando o pênis não está à mostra, a mínima sugestão de sua presença é erotizada. É vasta a categoria dos "volumes", vídeos com flagras de homens com aparentes volumes na calça, geralmente, em locais públicos. Em alguns, como o breve "Espiando a mala - flagra de barraca armada no mercadinho" (imagem 11), o pênis está em ereção, mas esconde-se sob a calça. Em outros, como em "Na fila pra sacar o fgts 2" e "Espiando a mala - safado de pau duro no busão", o grande volume do pênis em repouso (que popularmente é chamado de "mala", trazendo-se a sugestão de se conter algo) ou "meia-bomba" (quando o pênis não está completamente enrijecido mas está em vias de chegar a esse estado) é registrado em transportes e espaços públicos. Nessa seara, os *shorts* esportivos, as calças de moletom e as sungas são recorrentes, tornando-se eles mesmos objetos de desejo e configurando-se como um fetiche compartilhado em muitas das expressões do homoerotismo pornografadas, seguindo-se a lógica do falo-fetiche, que veremos mais a frente (3.3.3.).

Um grande filão de conteúdos relacionados ao pênis na pornografia amadora diz respeito às dimensões anatômicas do pênis, tão evidenciadas em títulos e *tags*. A anatomia do órgão sexual masculino é mensurada em seu tamanho (a extensão da glande até a base e,

em alguns casos, sua espessura) e, em se tratando de dimensões, quanto mais avantajado ele for, mais valorizado ele será. Não são poucas as menções aos “centímetros" anatômicos do pênis, como ocorre nos vídeos "Resolvi encarar os 23 cm do cafuçu”, “Bandido que comoveu o mundo com os seus 27 cm” e "Eu dando pra o GP dotado - 24 CM”. Para se comprovar as dimensões do pênis em cena, alguns registros audiovisuais trazem a medição com fitas métricas, como, por exemplo, em “Pau Gigante de 19cm Mole” (Figura 15), "Medindo o pinto de Joãozinho. Quanto será?” e "Se mostrando e batendo uma uma”; outros utilizam objetos cotidianos para a comparação, como em “Comparando o Penis”, que utiliza uma embalagem de um odorizador de ambientes (que mede, em média, vinte centímetros), "Punheta comparando tamanho do pau com rexona”, tomando como referência um desodorante aerossol (em média, dezoito centímetros) e "Medindo o pau com biscoito e gozando forte ;)”, que coloca o pênis ao lado de um pacote de bolachas recheadas (quinze centímetros).

Figura 15 - Printscreen de frames dos vídeos “Comparando o pênis (...)” e “Pau Gigante de 19cm Mole (...)”.

Parafraseando-se o dito popular, tamanho é documento? As menções à grandeza do pênis presentes nos títulos que atraem maior atenção na plataforma digital, levam-nos a crer que sim. Falando-se em tamanhos, são encontrados registros atribuídos às *tags* que vão de oito a trinta centímetros. A maior parte dos vídeos está concentrada na região dos dezessete aos vinte e um centímetros, diminuindo-se o volume de registros quanto mais se aproxima da casa dos oito ou dos trinta centímetros, extremos entre o que viria a ser o pênis pequeno e o gigante. Para além das *tags* com a indicação anatômica mensurada em centímetros, também são recorrentes termos relacionados, como “dotado”, “pauzão”, “roludo” e “bem-dotado”.

Relacionados aos pênis de grandes dimensões estão os vídeos que apresentam o membro em sua forma ereta, sendo manuseado pelo próprio sujeito ou em uma cena sexual com duas ou mais pessoas. Neles não há muito variedade em termos estéticos, sendo comuns os ângulos de *webcam*, como se o sujeito manuseasse seu pênis à frente de alguém, que estaria à altura da lente da câmera. Em tais registros, comentários vão aos sentidos de "desafio" que poderia existir ao se relacionar sexualmente com tais órgãos: "Tenho é pena de quem sentar nessa pica kkk", "Coitado de quem for dar pra ele", "Sonho das arrombadas.... no meu não... rsrs" ("Garoto com o pau dos sonhos, 24 cm de rola"). Vídeos como "Garganta profunda engoliu uma rola de 19 cm", "25 cm no meu cu, CHOREEIIII pt2" e "Recebendo vara de 22 cm" reforçam o pênis que se supõe avantajado como o ponto focal da cena sexual.

Ainda no que diz respeito às anatomias de grandes proporções, a animalização da sexualidade, evidenciada por Marco Antonio Coutinho Jorge (2013, p. 19), surge em termos como "cavalo" ("Dotadão mostrando o pau de cavalo", "cavalo da rolona comendo o cu do passivo" e "PAU DE CAVALO DO FAZENDEIRO QUASE NÃO COUBE NA CALÇA", por exemplo), "jumento" ("GAROTÃO JUMENTO MOSTRANDO COMO SE ARROMBA UM CU!", "Negão (jumento) tocando uma" e "Negro jumento destruidor de cu") e "anaconda" ("Acariciando a anaconda do meu macho", "Espiando a mala - homem anaconda" e "Anaconda 23 cm do cafuço novinho de 19 anos"). Enquanto a menção à "anaconda" diz respeito à semelhança entre o corpo extenso do réptil, a escolha por "jumento" e "cavalo", além de fazer referência aos órgãos sexuais de tais equinos, carrega também os sentidos de bestialidade, animalidade, que, fazendo-se a intersecção com a questão racial, vista no subcapítulo anterior (3.2.3), tornam-se problemáticos e reforçam a hipersexualização do homem negro (note-se, por exemplo, como em tais títulos recolhidos e relacionados à animalização do órgão sexual a figura do negro é recorrente). Além disso, em um olhar histórico, a associação entre pênis de grandes proporções e animalidade também não é nova e rememora o fato de que os atenienses da Antiguidade colocavam pênis infantis em suas estátuas pois acreditavam que os membros mais avantajados fossem o símbolo de animalidade e bestialidade, como comenta Camille Paglia (1996, p. 38), sentidos em direção oposta ao ideal de belo que desejavam na arte.

Por sua vez, os vídeos concentrados entre oito e quinze centímetros muitas vezes trazem questionamentos quanto ao tamanho, associando dimensão anatômica com performance sexual ou produção de desejo, como em "13cm é um bom tamanho?

Comentem", vídeo postado pelo usuário "Trezecms" (nome que aponta uma identificação baseada nos centímetros que o seu pênis teria), que traz uma cena curta de masturbação acrescida de um comentário deixado pelo próprio dono do vídeo: "É um bom tamanho? Sou virgem e tenho medo de ser pequeno". Outros usuários opinam: "Pra q ter pauzao? Piroca é piroca e pronto"; "O meu é mais ainda menor, e com uma cabecinha q vcs nunca viram, detalhe, tenho 30 anos e parece pau de muleque" e "Pau pequeno é gostoso demais!". A mesma discussão acontece no vídeo "Meu pau pequeno 9 cm. Comenta por favor", que igualmente compartilha angústias relacionadas a um tamanho peniano considerado inferior à média. Há também registros audiovisuais de homens transgêneros, cujos clitóris, estimulados pelo uso de hormônios masculinos, são lidos como "micro pênis", como em "Procure pelo pênis", no qual se masturba um rapaz transexual em frente à *webcam*.

Certamente, essas medidas anatômicas pouco importariam se não fossem comparadas ao que viria a ser o pênis mediano, isto é, ao que se crê que seja a média dos tamanhos dos órgãos genitais masculinos. Falemos em "crença", pois, entre os urologistas não há um consenso sobre o tamanho médio, embora estudos sejam feitos desde pelo menos a década de 1940 (SCHONFELD, W; BEEBE, G., 1940). Segundo as revisões mais atualizadas (HABOU et al., 2014; HERBENICK et al., 2014), a média está na faixa dos quatorze centímetros, embora não haja, nesses dados, uma exatidão rigorosamente científica devido aos desafios de tal tarefa. Muitas das dificuldades em se mensurar e se afirmar uma média de tamanho do pênis residem em variáveis no próprio processo de medição, como o grau de excitação, o parâmetro anatômico adotado que pode considerar, por exemplo, o dorso do pênis ou a distância entre o osso pubiano e a glande, além de questões como idade do pesquisado, sua atividade sexual e seu histórico familiar de doenças e condições de saúde.

"Pênis enorme", "grosso" e "pesado" (como em "Pênis enorme e grosso" e "PAU EXTREMAMENTE GROSSO E PESADO"): o pênis e sua anatomia talvez sejam um dos principais momentos em que a sexualidade masculina é atravessada pelo discurso médico. Não seriam sem audiência os anúncios publicitários veiculados no XVideos de produtos farmacêuticos e procedimentos terapêuticos que prometem o aumento peniano (Figura 16). Como pode ser notado em outras expressões publicitárias veiculadas na plataforma, há vários imperativos para que o usuário melhore o seu desempenho sexual a partir do aprimoramento do próprio órgão sexual, uma promessa que tange o real do corpo: "Aumente o seu pau agora mesmo"; "O único gel que aumenta seu pênis ao instante"; "Método secreto aumenta pênis"; "Tenha um pau grande em 2 semanas". O aumento do pênis como o equivalente à potência

do sujeito nos remete à instigante pesquisa sexual infantil conduzida pelo Pequeno Hans que, ao observar a pequena irmã recém-nascida tomando banho, exclama: “o faz-pipi dela é muito pequeno… quando ela crescer ele vai aumentar!” (FREUD, 2015a, p. 131).

Figura 16 - Printscreen de banners publicitários encontrados no XVideos.

Há ainda vídeos amadores na plataforma que apresentam técnicas e produtos para o aumento peniano. Um dos vídeos mais exemplares é o "4 técnicas pro pau ficar mais grosso”, no qual o usuário compartilha e apresenta, em seu próprio pênis, alguns dos métodos que utilizam a base de uma camisinha para transformá-la em um anel peniano que pode ser usado para pressionar o pênis, inchando-o e deixando mais sensível. O anel peniano, feito de borracha para ser colocado na base do pênis, e suas variações, como as argolas, são centrais em vídeos como "Gozando com o fetiche das argolas" e "Gozando Forte Antes do Banho”. A bomba peniana, que consiste em uma câmera de ar cilíndrica que deve ser colocada no órgão para a sucção que o faz inchar, também aparece, como no vídeo "Bomba Peniana Original - Resultado", um tutorial demonstrativo de seu uso.

Vale a pena compartilhar o que constatou o psicanalista Paul Kardous (2017) em sua experiência clínica: a rotineira queixa de homens sobre seus próprios órgãos sexuais, em consultório, recai sobre o tamanho do membro em repouso e não necessariamente da sua dimensão quando ereto, o que nos faz supor que pode haver, na masculinidade, para além de uma preocupação com o tamanho real do pênis, uma recusa e um menosprezo da inatividade do pênis - um pavor à passividade que, em suma, Luciano Lutereau (2018) também identifica na dificuldade em que certos homens enfrentam quando, em uma relação amorosa, devem assumir a posição de ser objeto de desejo de alguém e não somente desejar. Nos mictórios dos banheiros públicos, a performance de se urinar ao lado de outros homens também

rememora as preocupações com as proporções do pênis em repouso, por ser um momento propício para a comparação.

Em termos metafóricos, o pênis ereto é o símbolo da diferenciação sexual entre dominação e submissão. Aquele que detém o pênis é aquele que penetra. Aquele que é penetrado, e isso pode ser observado nos vídeos selecionados, usualmente está com o pênis em repouso. A atividade *versus* a passividade, traduzidas pelas posições do "ativo" e do "passivo", toma o sexo a partir do protagonismo ou não do pênis. Embora seja necessário que o parceiro que esteja na posição passiva estimule o próprio pênis para que possa ejacular, o pau ereto do ativo é o ponto focal nos registros pornográficos analisados.

Talvez um contraposto ou, melhor dizendo, uma alternativa à binariedade atividade *versus* passividade, pênis ereto *versus* pênis em repouso, está nas práticas sexuais do *frottage*, que consistem no esfregar de dois ou mais pênis e que ganham espaço na pornografia amadora sob as *tags* "frot", "sarrada", "briga de espadas", "pau com pau" e "esfregação". Em sua maioria, são cenas em que a câmera observa pela lateral dois corpos e pênis sendo esfregados, pressionados e masturbados juntos, como em "Sarrada" e "Briga de espadas", registros de curta duração que trazem tal prática sexual. Há ainda a variação do "docking", termo em inglês que designa o encaixe de um pênis ao outro ao inserir-se a glande de um no prepúcio do outro, prática que só é possível em pênis não foram circuncidados ou que tenham uma preponderante área prepucial e que pode ser observada em "O docking de pica mais tesudo que vc vai ver hoje". No que se refere à relação sexual entre dois ou mais pênis em repouso não foram encontrados registros, o que pode nos revelar alguns traços em relação à atividade como um dos traços principais do erotismo masculino, como já trouxemos à baila no capítulo 2.

Em certa medida, há uma confluência entre o pênis (e suas dimensões, performances e potências) e o narcisismo de uma masculinidade viril. A ereção e a disfunção erétil igualmente são fontes de angústia e ansiedade na subjetividade sexual masculina, encontrando no citrato de sildenafila (composto farmacêutico mais conhecido por um de seus nomes comerciais, "Viagra"), uma das respostas mais contundentes. Juntamente ao pênis ereto estão as ideias de virilidade, masculinidade e posição ativa, papeis "inatos" à persona sexual do homem cisgênero heterossexual (que, como vimos anteriormente, é também reproduzida na figura do "macho" nas relações homoeróticas). No outro lado, está a impotência, medicalizada pelo discurso científico e clínico, que percorre e reverbera a

equivalência "pênis ereto = sexualidade masculina saudável", como observa Leonore Tiefer (1987) a respeito da medicalização da vida sexual de homens.

"Pau duro", "duraço": o pênis, quando representado na pornografia amadora, está ereto na maior parte das vezes. A ereção talvez seja um dos maiores indícios da excitação sexual, pois a apresenta externamente, cuja protuberância pode (intencionalmente ou não) ser de difícil controle. A excitação cênica masculina a partir da irrigação de sangue nos tecidos que compõem o órgão às vezes é flagrada e destacada em edições amadoras que pegam registros audiovisuais de figuras públicas e as editam para a apreciação dos volumes exibidos, como em "YouTube e gostoso de pau duro", que toma o vídeo de um canal do YouTube, cujo conteúdo é de uma pegadinha entre namorados, e destaca os segundos em que o pênis do rapaz parece estar ereto sob a calça. Por sua vez, o pênis duro sob as vestes em lugares públicos, motivo de vídeos como "Feirante de pau duro", gravado em uma feira livre, e "Excitado e exibido", em um vagão de metrô, sugestiona uma excitação proibida e atiça o desejo daquele que o observa, como nos comentários "Eu ia querer pedir a mandioca dele se tivesse nessa feira hahaha... parece bem grossa e grande" (em "Feirante…") e "delicia se eu estivesse perto ja ia oferecer o meu cuzinho para ele" (em "Excitado…"). Há também uma confluência entre o pênis ereto como o símbolo do desejo sexual e do preparo para o ato de urinar, o que fica evidente nos vídeos "MIJANDO PAU DURO" e "flagrou o novinho mijando de pau duro no banheiro". Os comentários deixados ("Que bilau gostoso, bom demais chupo ele todinho", em "MIJANDO…", por exemplo) registram a apreciação do pênis em sua melhor forma e também apontam para os sentidos do ato de urinar (ao lado da ejaculação), matérias que serão apreciadas na próxima parte.

Estar ereto significa estar disponível para suas principais funções, que, além do urinar, em um direcionamento heteronormativo, está relacionado à penetração da vagina e à fecundação. Historicamente, o pênis ereto tem sido o símbolo da fertilidade masculina. Fazendo-se uma pequena incursão na história da arte, podemos encontrar representações do pênis desde a Pré-História e a Antiguidade. Nas imagens registradas nas cavernas de Lascaux, na França, datadas por volta de 17.000 a 15.000 a.C., o pênis ereto dos caçadores está evidenciado em meio a uma cena de caça. Os deuses Min, do Antigo Egito, e Priapós, da Grécia Antiga, que simbolizam a fertilidade, eram sempre representados por homens com falos eretos. No homoerotismo, a fertilidade representada pelo esperma ganha outros contornos, como veremos a seguir.

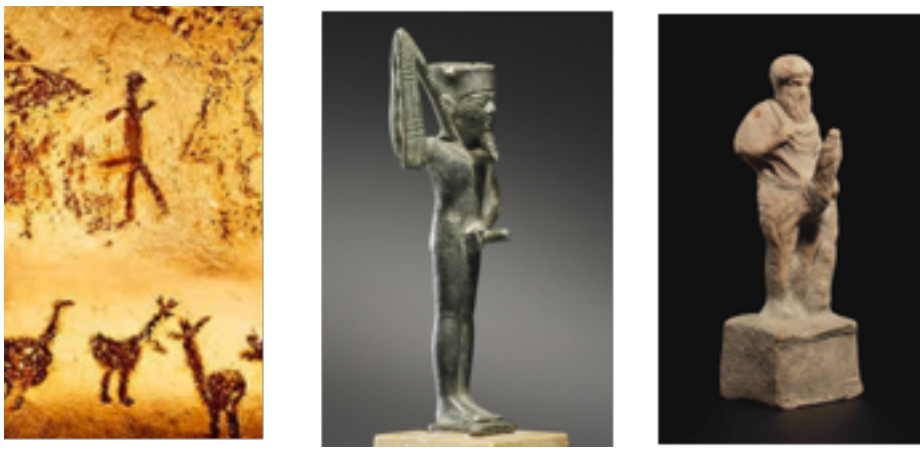

Figura 17 - Quadro comparativo de objetos históricos de arte. Da esquerda para a direita, parede das cavernas de Lascaux e estátuas do deus egípcio Min e do deus grego Priapós.

Evitando-se as possíveis frustrações quanto à performance sexual (que poderiam ser acarretadas pela disfunção erétil) e emulando-se a plasticidade do pênis ereto, os vibradores e outros objetos masturbatórios equivalentes (como desodorantes, legumes e outras formas cilíndricas deslocadas de sua função original) ganham a cena sexual pornografada. Na categoria dos vibradores, há o destaque para a sua introdução via anal. Há diversos tamanhos, desde os menores, cuja ocorrência se dá em cenas masturbatórias individuais, nas quais há o evidente estímulo de prazer (como em "Novinho gozando com o vibrador no cu", "Saradão gemendo com o vibrador no cu" e "Branquelo gemendo igual doido com vibrador e gozando"), função originária dos vibradores, usados inicialmente para o tratamento da histeria e da frigidez feminina no final do século XIX (MAINES, 1999), até os de maiores dimensões, que ganham os sentidos de violação que esmiuçaremos no subcapítulo 3.5. (*signos da violação*), como nos vídeos "Esse é guerreiro", "Gay guloso quicando no consolo enorme e grosso" e "consolo grosso 12cm", que apresentam a introdução anal de pênis de grandes dimensões moldados à plástico. Observa-se também a recorrência de vídeos em que o pênis é estimulado com vibradores, como em "Gemeu e gozou com o vibrador na rola", que mostra um pênis atado a um vibrador rosa com o auxílio de elásticos, e "Gozando com o vibrador", que traz o pênis daquele que filma em meio a um copo de vidro (que o sustenta) e um vibrador de pequenas dimensões.

Na falta de objetos vibratórios ou masturbatórios industriais, há a ocorrência do uso de outros objetos improvisados, como legumes e frutas, em "O passivo e a cenoura de 29cm", "Pepino delicioso dentro do cuzão" e "Enfiando A Banana No Cuzinho"; embalagens plásticas de desodorantes, perfumes e *shampoos*, em "Sentando gostoso no desodorante",

"Enfiando shampoo no cu bem gostoso" e "Sentando no frasco de perfume"; garrafas, em "Gozando com garrafa", "Enfiando garrafa de cerveja" e "GAROTO DESESPERADO POR UMA ROLA GROSSA, ENFIA UM GARRAFÃO DE VIDRO NO CU!!". O improviso e o deslocamento de objetos cotidianos que podem ser encontrados dentro de casa, chegando até mesmo a serem utilizados como objeto masturbatório um cabo de vassoura ("Enfiando cabo de vassoura no cu") e um telefone ("Enfiando telefone no cu"), talvez nos levem à ideia de que para muitos sujeitos em início ou curiosidade de suas atividades sexuais recorram a estes acessórios, como fica explícito no comentário "Perdi a virgindade assim man..kkkk" (em "Enfiando cabo…"). Na prática cirúrgica não são poucos os casos de pacientes que acabam procurando auxílio médico para que possam retirar de seus ânus objetos cotidianos que outrora foram introduzidos na busca de prazer sexual e que acabaram ficando retidos no reto, como documento William J. Robertson (2017) ao percorrer a literatura médica sobre tais eventos.

3.3.2. Esperma e urina: deslocamentos eróticos

A manipulação do pênis faz parte da sexualidade masculina. Nesse aspecto, é possível pensar nas contribuições de Camille Paglia (1996, p. 47), para quem a existência do pênis leva o homem, desde cedo, a aprender a "mirar" e a "projetar" nos atos de urinar e ejacular, e pensarmos o esperma e a urina como dois fluidos corporais que ganham contornos eróticos e simbólicos nas práticas homoeróticas pornografadas, indo muito além das funções fisiológicas que os justificam no funcionamento saudável de um organismo. Observar tais signos como extensões do pênis e objeto de desejo e interesse no homoerotismo nos auxilia a caminhar para chegarmos à abstração do conceito do falo, que abordaremos mais adiante.

Na pornografia amadora, o esperma surge em três contextos principais: na masturbação, na felação (sexo oral) e na penetração (sexo anal). Em cada um desses contextos, a ejaculação e o líquido seminal ganharão sentidos distintos. Enquanto na masturbação ele é o indício do prazer autoerótico e o resultado fisiológico da estimulação sexual, no sexo oral e no sexo anal ele não apenas indica o orgasmo daquele que ejacula como também, ao ser direcionado ao parceiro sexual, trazem o uso recreativo e erótico do esperma.

Diferentemente das narrativas clássicas construídas pela pornografia profissional, cujos enredos possuem uma introdução (as preliminares e/ou contexto), um desenvolvimento (o ato sexual) e encaminham-se para um final (o gozo), muitas vezes, a pornografia amadora homoerótica foca apenas na finalização do ato sexual. Sendo um dos pontos altos das gravações pornográficas, o ato da ejaculação é destacado em edições compiladas de segundos de "esporrar" e "gozadas", como ocorre nos materiais audiovisuais "Compilação de gozadas dentro do cu", "Leitadas Espetaculares Compilação" e "Compilação de gozadas minha". Há uma categoria especial de vídeos produzidos por usuários amadores intitulado "*cumpilation*", um trocadilho entre os termos em inglês "*cum*" ("esperma", em português) e "*compilation*" ("compilação"), que reúne cenas finais de diversos vídeos pornográficos (amadores ou não). O enquadramento focaliza o pênis ejaculando, seja na barriga daquele que se masturba, seja na boca daquele que está próximo. A julgar pelos comentários deixados no vídeo "Quero leite, pô", o deleite estético reside não somente na quantidade (*load*) expelida pelo pênis, mas também no gesto de engolir o esperma: "Puto de sorte tomando leite à vontade". Interessante apontar que são poucas as variáveis entre tais vídeos, pois geralmente a câmera está focada no pênis e no líquido

seminal que dele sai em poucos segundos. Contudo, parece haver um consenso entre tais recortes: o alto volume do material expelido.

Parte integrante da performance sexual do pênis, o baixo ou o alto volume de sêmen durante a ejaculação parecem também estar relacionados à masculinidade, à virilidade e ao que viria a ser uma sexualidade saudável. Assim como as medidas do pênis que supostamente apontariam para tais indicadores da vida sexual, a ejaculação é analisada e mensurada tanto no que diz respeito ao seu volume ("Gozando litros", "Garoto gozando muito, tomando banho de porra" e "novinho gozando monstruosamente") quanto à performática expulsão do esperma ("Peludinho gozando muitos jatos na punheta", "Lek soltando jatos de leite na cama" e "Mulato dotado esporrando leite"). Em alguns vídeos, como em "Vulcão de esperma!" e "Banho de porra", o volume despendido na ejaculação, de tão expressivo, torna-se até mesmo motivo de dúvida entre usuários que questionam a veracidade do material registrado.

O momento da ejaculação, no homoerotismo e nas práticas sexuais daqueles que estimulam seu próprio pênis, parece explicitar a produção do prazer, sobretudo, aquele autoerótico, quando há a estimulação sexual realizada pelo próprio sujeito, como quando na masturbação se torna evidente. O "gozar" da masturbação se funde à produção de prazer, embora a ejaculação seja apenas a segunda etapa do orgasmo, sendo a primeira a estimulação de toda e qualquer região dotada de terminações nervosas. Acumulado, o "tesão" parece ser traduzido pelo quanto se ejacula. Para se "aliviar" ("Dando aquela aliviada e gozando muito no Rio de Janeiro") e "relaxar" ("Gostoso gozando pra relaxar"), o momento da ejaculação parece ser o ponto alto da prática da masturbação. Os vídeos "Batendo uma depois de dias sem gozar" e "Gozando depois de 8 dias sem punheta" trazem cenas masturbatórias que resultam em uma volumosa quantidade de sêmen que ganha destaque tanto no título e nas *tags* a eles associadas quanto nos comentários de usuários: "bom demais uma gozada depois de dias sem derramar porra" (comentário deixado pelo usuário Llipe, no primeiro vídeo) e "é uma enxurrada de porra, muito tesuda" (Pass60Taodf, no segundo).

Um filão existente em meio às menções à ejaculação é aquele de vídeos em que ela ocorre sem que haja a manipulação direta do pênis com a masturbação. Materiais audiovisuais como "A mão invisível do mercado bateu uma pra mim", "Gozando sem usar as mãos" e "Gozando sem as mãos enquanto meu pau lateja" apresentam a ejaculação a partir do suposto estímulo da próstata, com o auxílio de aparelhos sexuais ou através de movimentações musculares. Há também os vídeos em que, entre dois ou mais parceiros

sexuais, ocorre a sincronização da ejaculação, como em “Gozando juntos”, onde três rapazes ejaculam ao mesmo tempo.

O local para o qual se direciona e se projeta o líquido seminal também ganha destaque na pornografia amadora. De todas as menções, a prática da ejaculação durante o sexo anal se destaca, estando presente em vídeos relacionados às práticas sem preservativo ("Novinho deixando pedreiro gozar no rabo dele”, por exemplo), ponto sensível às questões da exposição à infecção ao hiv, como discutiremos mais à frente (no subcapítulo 4.2), fazendo-se inflexão com a prática deliberada do *barebacking* (termo surgido para dar conta do sexo intencionalmente sem preservativo pós-hiv) ou ao desconhecimento do vírus ou à sua alienação. São comuns os vídeos relacionados à ejaculação durante o sexo oral, projetando-se o esperma à boca ("Gozando na minha boca”), ao rosto ("Porra na cara"), à barba ("Gozando na barba do puto") e ao peito ("Gozando no peito peludo"), entre outras partes dos corpos dos parceiros sexuais que desempenham o papel daquele que estimula com os lábios e a língua o pênis do segundo.

Em certa medida, o ato da ejaculação é cênico. Explorando a plasticidade da ejaculação, vídeos em câmera lenta apreciam a cena, como ocorre em "Pau enorme e muito grosso esporrando em câmera lenta”, material audiovisual de dois minutos que já alcançou mais de um milhão de visualizações e que tem, como foco, o pênis em *frames* temporalmente estendidos que dão conta do jorrar volumoso do esperma que dele se projeta. A julgar pelos comentários deixados por aqueles que assistiram ao vídeo, o alto volume que lentamente transborda da é motivo de admiração: “Quanto leite gostoso” (comentário do usuário Amo Pau) e “desperdício de leite eu querendo tomar bem gostosinho” (usuário Passivodointeriorrr).

A animalização, assim como surgiu nos signos relacionados diretamente ao pênis, novamente toma lugar em chamadas como "Gozando igual um cavalo”, “Gozando feito um jumento” e "Cacetão duro gozando feito um cavalo garanhão sedento por sexo”. Alguns anúncios que prometem o aumento do volume de esperma igualmente apelam para a associação entre performance sexual viril e animalização (Figura 18).

Figura 18 - Printscreen de banner publicitário encontrado no XVideos.

Por um viés heterossexual (que atravessa o homoerotismo, como vimos em 3.2.), pode haver uma certa confusão entre volume da ejaculação e fertilidade, relação que não é totalmente verdadeira, uma vez que a qualidade do esperma, como a concentração espermática, fator importante para o potencial de fecundação do espermatozoide, não pode ser mensurada apenas com o volume visível do material seminal. O orgasmo masculino, sobretudo o homoerótico, parece estar atribuído à quantidade de esperma expelida - mais uma vez a produção estética. Não há uma preocupação direta com a qualidade do esperma, uma questão genuína a urologistas e profissionais da área médica voltada à reprodução humana, mas sim da quantidade, do volume, do quanto aparenta ser. Não é disso que se trata parte do bojo conceitual do erotismo de Bataille: a confusão com a reprodução humana?

Desviada das funções reprodutivas do esperma, a ejaculação, no homoerotismo, caminha para os sentidos da ingestão e da recreação. São muitas as menções ao se “tomar” ("Quer tomar?”), “beber" ("Branquinho levou porra no cu, e depois bebeu tudo"), “lambuzar” ("Se lambuzando na porra do pauzudo”), “dar de mamar” ("Dotados dando de mamar para o passivo guloso"), “experimentar” ("Experimentando minha porra") e “lamber” ("Gozar no chinelo, lamber a porra e depois calçar ele nos pés"), verbos relacionados à ingestão oral recreativa e ao uso erótico do sêmen.

Nos limites dos jogos eróticos que utilizam o sêmen, há a ingestão do esperma *in natura* ou misturado a alimentos. Em vídeos como “Dois caras gozando num copo” (Figura 19) e “EU gozando no pote de porra congelada”, em primeiro plano, há o estímulo do pênis direcionando-se a ejaculação para recipientes de vidro que armazenam o material expelido. Comentários deixados apontam para o desejo da ingestão do líquido armazenado: “Tem que beber e brindar delicia” (comentário do usuário Vintiver, no primeiro vídeo citado) e "Que delicia, manda pra mim? Eu sou novinho e quero sua porra bebo tudo e te mando o vídeo, pago o envio” (do usuário Pedegaroto, no segundo). Outros vídeos fazem do esperma uma

iguaria a ser adicionada a biscoitos (“Hora do lanche”), pães (“Dando uma gozada no pão”) e porções de gelatina ("Gelatina com Porra”).

Figura 19 - Printscreen de thumbnail do vídeo “Dois caras gozando num copo”.

Na esteira da ingestão do sêmen, surgem as metáforas do “leite” ("Saboreio Até A Última Gota De Leite”), da “nutrição” ("2 Primos Punheteiros Me Nutrindo”) e do “alimento” ("Alimento Quentinho”), que também podem estar relacionadas ao “leite vitaminado”, expressão que dá conta do sêmen supostamente portador do hiv, algo que abordaremos melhor no subcapítulo 4.2, quando nos detivermos às expressões do vírus e da aids na pornografia amadora. Interessados na ingestão do líquido seminal, são muitos os “bezerros”, “famintos" e “gulosos”, que buscam ingerir o sêmen deliberadamente, como está explícito no vídeo “Bezerrão guloso”, no qual um rapaz sentado recebe em sua boca o material seminal de três outros rapazes que se masturbam e ejaculam sobre ele, fazendo-se com o que o líquido escorra por sua barba e adentre sua boca, e, ao final, expõe à câmera a grande quantidade coletada, gargarejando-a e a engolindo. Mostrando a recorrência de tal prática, vídeos como "Boquetes famintos (compilation)” e "Não aguentou a mamada e gozou 01 (compilation)” editam e compilam diversas cenas em que há a prática da felação que termina com a ingestão do esperma ao ejacular-se.

Um equivalente ao esperma é a lubrificação íntima, que também ganha os holofotes da pornografia amadora. Sob as alcunhas de “caldo” ("Aquele caldinho na punheta quase gozando!”), “baba” ("Baba de pau na minha mão”) e “mel” ("Meu pinto pingando melzinho mel de pau”), o líquido pré-ejaculatório usualmente é manipulado com o auxílio dos dedos (Figura 20), para mostrar sua viscosidade e elasticidade, propriedades que fazem do líquido um indício de excitação (embora não esteja sempre presente, vale apontar). Assim como o

esperma, igualmente, pode ser “saboreado”, como aponta o comentário “Lindo e enlouquecedor com essa baba deliciosa para ser saboreada”, deixado no vídeo “Pau babão: brincando com a baba do meu pau”.

Figura 20 - Printscreen de frame do vídeo “Pau gostoso quase gozando na punheta”.

Também expelida pela uretra, porém, sob outros circunstâncias e outras funções fisiológicas, a urina segue a esteira do esperma e torna-se uma outra extensão do pênis. O ato de se urinar surge em três principais contextos, a saber: cenas da eliminação da urina em banheiros; brincadeiras sexuais nas quais se direciona o jato de urina sob um dos parceiros; e práticas de ingestão *in natura* da urina.

Em ambientes de banheiro público, vídeos realizados por câmeras escondidas flagram homens urinando em mictórios, como o extenso vídeo "Homens mijando no banheiro da boate", com câmeras estrategicamente posicionadas na altura dos botões de descarga de modo a se visualizar os frequentadores de uma festa urinando. O aspecto de “flagra" (que está relacionado aos *signos da subversão*, que abordaremos no próximo subcapítulo), além de apontar para um desejo proibido, registra um dos momentos de homosocialização do universo masculino, o urinar em banheiros públicos, quando muitos comparam o tamanho de seus pênis ao espiar o colega ao lado. Outro grupo de vídeos de banheiro traz cenas gravadas pela visão subjetiva daquele que urina, mostrando-se o pênis urinando sobre o vaso sanitário, como os vídeos "Coroa mijando e falando putaria” e "Mijão do macho cacetudo no banheiro”, filmados em primeira pessoa.

Outro signo recorrente é a presença da urina em brincadeiras sexuais entre dois ou mais parceiros. A prática do *pissing* ou da "chuva dourada” (*golden shower*) é exposta em vídeos nos quais usualmente encontra-se sentado um parceiro sexual sob o qual o segundo urina, como acontece nos registros "Mijada no muleque” e “Sendo mijado pelo namorado

(piss)". Há em tais vídeos uma ideia de dominação, trazida não só pela diferenciação entre aquele que urina e aquele sobre o qual se urina, mas também pelos papeis sexuais implícitos, como os de dominador *versus* aquele de escravo no vídeo "Novinho escravo tomando mijo dos machões (piss)". Pensando-se na animalização da sexualidade, o gesto, em parte, rememora o comportamento de demarcação territorial comum a mamíferos que urinam para delimitarem seu território.

Relacionada ao *pissing*, a ingestão da urina surge durante as cenas sexuais ao lado do esperma, como em "Puto que gosta de tomar mijo e leite", no qual se urina para depois se masturbar e se ejacular sob aquele que é dominado. Direcionado à boca do parceiro passivo, o jato de urina pode ou não ser engolido, mas é um dos sinais de submissão. Outros vídeos saem da cena comum de dominação e fazem o uso recreativo da urina com o uso de copos, como em "Amigo dando mijão no copo" e "Macho hétero marrento mija no copo e da pra puta beber e ainda cospe na cara". Embora seja mais comum a prática da ingestão entre dois ou mais parceiros, também são encontrados registros de homens que urinam em recipientes e depois ingerem todo o líquido expelido por si mesmo ("Bebendo meu mijo quentinho", por exemplo).

3.3.3. Substituições e equivalências: o falo-fetiche

A palavra “fetiche" ronda a pornografia homoerótica e parece abarcar muitos sentidos e acepções. À *tag* “fetiche" estão relacionados alguns *signos das personas sexuais* (na recorrência das personagens e das personalidades), *signos da subversão* (em certas práticas sexuais menos aceitas ou mais alinhadas ao que viria a ser abjeto) e *signos da violação* (quando há a relação “dominador” *versus* “submisso”). Na pornografia, o recorte dos corpos, fragmentados pelo enquadramento fechado de câmeras amadoras, e as embalagens pansemióticas que envolvem tais materiais audiovisuais e direcionam os sentidos de sua produção e de seu consumo, naturalmente, apontam para a fetichização dos corpos e das performances sexuais, isto é, objetificando-se e criando-se relações de desejo e alienação às imagens de tais objetos. Contudo, na medida em que estamos falando do falo, desde a sua acepção e sua confluência com o pênis anatômico até o conceito psicanalítico mais abstrato, é interessante apontarmos para a materialização da substituição e da equivalência do falo em objetos específicos que parecem ter sido deslocados do pênis. São objetos que fazem toda a diferença na cena sexual, sendo a âncora do desejo *voyeur* do espectador e daqueles que protagonizam a cena. Os falos-fetiches poderiam passar como mero detalhes na performance, não fosse a aura fetichista que os envolve e que se explicita em título, *tags*, manipulações e posicionamentos frente à câmera.

Dois grupos podem ser delineados no que diz respeito ao falo-fetiche na pornografia homoerótica amadora: aqueles relacionados a partes do corpo (mamilo, boca, ânus, axila, pés e nádegas); e outros, a acessórios (tênis, meia, bermuda, *shorts*, cueca e calcinha). Certamente, outros objetos também surgem como substitutos e equivalentes do falo, sendo quase infinita a lista de possíveis objetos-fetiche, que variarão de acordo com a fantasia de cada sujeito. Como nas personas sexuais outrora analisadas, por exemplo, alguns acessórios que ajudam a compor as personagens também operam como objetos-fetiche, como a gravata do “executivo”, o uniforme do “torcedor”, a aliança do “casado”, o quepe do “policial” e a bota preta do “bombeiro”. São muitos os cruzamentos entre moda e fetichismo, como Valerie Steele (1997) mapeia, sobretudo entre o universo heterossexual de espartilhos, sapatos de salto alto e roupa íntima feminina. Aqui nos interessa enxergar os objetos-fetiche intimamente ligados a uma espécie de corporeidade que atravessa tanto o corpo quanto a performance, por estabelecermos ligações e deslocamentos do pênis ao conceito do falo no homoerotismo masculino.

Do grupo de objetos-fetiche relacionados diretamente a parte do corpo, destacam-se, inicialmente, zonas erógenas para além do pênis. Em relação a tais partes do corpo, é interessante, de antemão, trazermos à baila as contribuições freudianas no que diz respeito à organização genital infantil (FREUD, 2016, p. 107-109). As duas organizações, “oral" e “sádico-anal”, podem ser vistas na medida em que enxergamos tais objetos sendo apropriados de forma “incorporada”, o que ocorre no primeiro caso, ou antagonizadas na chave ativo-passivo, no segundo caso. Os objetos-fetiche ora são lambidos, mordidos e chupados, ora introduzidos, acariciados e estimulados pelas zonas erógenas como boca e ânus.

Os mamilos, usualmente estimulados pelos dedos, pela língua ou por objetos que causam algum tipo de sensação (como gelo e pregadores, por exemplo), aparecem em vídeos de masturbação ("Preparando pra fuder falando putaria", no qual um rapaz brinca com seus mamilos antes de se masturbar) e de duplas nos quais um parceiro estimula o mamilo do outro (como em "A mamada no peito do macho"). “Mamando-se” e “chupando-se”, por vezes, o gesto de apreciação dos mamilos parece ironizar a amamentação, infantilizando aquele que “mama”, semelhante operação simbólica atribuída ao sexo oral que igualmente emprega os mesmos signos lactantes. A boca, além de ser a protagonista em vídeos relacionados à ejaculação direcionada à ingestão, protagoniza materiais audiovisuais exclusivos a beijos de língua ("Beijando o namorado", "Lorram e Lucas beijo gostoso" e “Beijasso com novinho paulistano", por exemplo). Relacionada à boca e ao ânus, a “linguada” ("Linguada com vontade") e o “beijo grego” ("Beijo grego e metido no rabo") apresentam o ânus como um objeto de desejo a ser experimentado, fazendo com que ele protagonize vídeos em que ocorre a prática da estimulação da região anal com a língua. Outros vídeos dedicam-se ao ânus ao apresentar a penetração e a introdução de pênis e outros objetos, incluindo-se aí os dedos, as mãos e os punhos, cuja leitura melhor realizaremos quando falarmos dos *signos da violação* (3.5).

Ligada não somente à região anal, mas também à ideia do que viria a ser um corpo feminino padrão, as nádegas, sobretudo aquelas de expressivo volume, são valorizadas em vídeos que se detém somente a apresentá-la, sem qualquer interação sexual, como em "Exibindo Sua Bunda Gostosa", no qual um rapaz, de costas, passa a mão por suas nádegas e as expõe à câmera. A “preferência nacional”, como outrora a região das nádegas foi vulgarmente apelidada devido à alta apreciação que recebe no Brasil em uma chave heteronormativa (na qual os homens apreciam as nádegas de mulheres igualmente

heterossexuais), parece ser transposta, sem qualquer prejuízo, ao contexto homoerótico, trazendo consigo a feminilização inerente às graúdas e acentuadas curvas. Embora sejam valorizadas as nádegas depiladas ou sem pelos aparentes (como em "Passivo quente sensualizando com bunda lisa"), que apontam para o corpo feminino padrão e estereotipado, outras variações surgem, como as nádegas com pelos ("Rabo peludo delicioso"). Através da operação da metonímia, quando se toma a parte pelo todo, é recorrente a figura do "rabudo", termo empregado àqueles que são dotados de nádegas de grandes proporções, o que parece ser o oposto complementar ao dotado ("Novinho rabudo dando pra dotado").

As axilas masculinas, dentro do homoerotismo masculino, aparecem como objetos-fetiche destacando-se em vídeos nos quais as regiões sudoríparas são apreciadas solitariamente ("Cara bonito do suvaco peludo") ou em dupla ("LAMBENDO UM SOVACO PELUDO COM AMOR"), com o passar das línguas e a aproximação dos narizes à região. Certamente, nesse ponto, o odor exalado, seja aquele provocado pelo uso de desodorantes ou pela produção hormonal do suor, surge como um fator de admiração no ato sexual, fazendo-se inflexão às práticas sexuais estimuladas pelos odores naturais do corpo, aspectos abjetos da dita "normalidade" e que compõem parte dos *signos da subversão*.

Descendo o corpo recortado pela pornografia, os pés surgem como objetos dotados de interesse. A podolatria, prática em que o pé surge como parte a ser estimulada sexualmente tanto por aquele que disponibiliza o seu pé quanto por quem a ele se ajoelha, ganha adeptos no Brasil. Há vídeos solo em que, através da câmera subjetiva, o usuário exibe o seu próprio pé ("MACHO CARIOCA mostrando os pés e brincando com o piru"), enquanto em outros ocorre a interação entre dois parceiros sexuais mediada pelos pés de um deles ("Rapaz lambendo os pés de seu amigo"). Semelhante anatomicamente ao pênis, pela sua extensão, os pés, muitas vezes, são estimulados em simulações do sexo oral ("CHUPANDO GOSTOSO O PÉ DO BOY NO CHINELO") e do sexo anal ("Henri Bez levando dedada com o pé"), como pode ser visto na imagem abaixo (Figura 21). Os odores produzidos pelos pés também são motivo de apreciação, sendo os principais motivos de vídeos como "Pezão suado do dia inteiro...", "cheirando o chule do amigo" e "Chulezao de 4 meses".

Figura 21 - Printscreen de frame do vídeo "Henri Bez levando dedada com o pé".

Observando-se os acessórios que operam como falo-fetiche, aqueles ligados às partes do corpo já fetichizadas se destacam. As meias ("Johann safado punhetando com uma meia"), os tênis ("O Fetiche por tênis ta cada vez mais comum na sociedade de hoje em dia") e os chinelos ("Eu e as minhas Havaianas") surgem em três principais contextos: superfície para a ejaculação, como em "Novinho gozando no seu tênis Osiris e depois colocou nos pés e foi para escola"; brinquedo sexual que é empregado de modo a auxiliar a prática masturbatória, em "hetero fodendo tenis"; e objeto a ser experimentado com o paladar, o toque e o olfato, em "Lambendo a sola do tênis".

Aquele que detém o calçado, muitas vezes, encarna o papel do dominador que é "servido" por um submisso, relações constantes entre os *signos da violação* (3.5). O poder está ao lado de quem detém o falo, que, por substituição, é metaforizado pelo sapato. Fazendo-se um paralelo ao erotismo heterossexual, os sapatos também são bastante comuns entre os fetiches masculinos (STEELE, 1997), substituindo-se o pênis inexistente e apontando-se para a ideia de "mulher fálica".

Em relação a esses itens, é interessante identificar que as marcas e os modelos também acrescentam valores suplementares à relação fetichista estabelecida entre sujeito e objeto, cumprindo a função simbólica e a mitologia latente da marca (PEREZ, 2017, p. 11-12). O canal Nikeshoxfetiche dedica-se apenas a vídeos amadores nos quais as expressões marcárias se destacam em títulos: é possível encontrar menções às marcas Olympikus ("Punheta até gozar dentro do tênis Olympikus"), Nike Air Max ("Gozando pelo cú em cima do Nike Air Max e depois lambendo tudinho"), Asics ("Gozando no delicioso e saboroso tênis Asics") e da linha Nike Shox ("Nike Shox é bom demais"), que nomeia o canal.

A mesma presença marcária pode ser encontrada em meias ("Lambendo Nike TN Engolindo a meia Umbro do cara e fazendo muito sexo"), chinelos ("Batendo uma e gozando

no chinelo Mormaii com meias") e ainda em *shorts* esportivos ("GOZANDO NA ADIDAS") e bermudas ("Quiksilver Billabong"), próxima categoria de produtos que exploraremos. Em tais vídeos, as logomarcas estão expostas de forma evidente e recebem a ejaculação daqueles que conduzem a cena sexual (Figura 22). Uma linha de interpretação possível seja os sentidos de masculinidade, virilidade e heterossexualidade impressos ao universo dos esportes e endossados pelas marcas em seus contextos de consumo.

Figura 22 - Printscreen de frame do vídeo "GOZANDO NA ADIDAS".

Relacionados à região pubiana, a cueca ("Esfregando a cueca no pau. Preparando a cueca."), a calcinha ("Vizinho de calcinha"), a bermuda ("Novinho de bermuda mostrando a rola") e os *shorts* surgem como objetos-fetiche no homoerotismo masculino. Intimamente ligada ao pênis, a roupa íntima masculina denuncia volumes (como no caso das cuecas brancas que inundam a pornografia, exemplificada pelo vídeo "Novinho volta excitado cueca branca"), conserva odores masculinos ("submisso cheirando a cueca suja do DONY ABRAVANEL") e armazena as evidências da ejaculação ("Gozada dentro da cueca"). Em relação à calcinha, a feminilização de corpos masculinos fica explícita quando há vídeos nos quais o parceiro sexual que desempenha o papel passivo utiliza uma calcinha e é chamado no feminino (como ocorre em "Putinha de calcinha entrando na pica") ao mesmo tempo em que, em diálogo com a ironia à heterossexualidade, própria aos *signos da subversão* (3.4), ocorrem a apropriação e o deslocamento das roupas íntimas de esposas e namoradas supostamente traídas por seus cônjuges, que agora estão sendo usadas por amantes ("Calcinha vermelha da esposa").

Quanto aos *shorts* esportivos e às bermudas, é possível identificar uma relação de tais itens com uma masculinidade vinculada à persona sexual do "novinho" e do "lek", que, dentro da realidade sociocultural brasileira ainda se vinculam a dois marcadores sociais da

diferença bem delimitados: a negritude e a periferia. Nos vídeos “Lek de bermuda preta” e “Novinho bermuda branca”, as cenas masturbatórias se dão em locações relacionadas a lugares periféricos, onde se podem observar tijolos aparentes ou matagais, e há ainda um padrão estético que caracterizaria tais personas, como corpos negros de pele clara, sem camisa (apesar da bermuda), magros e sem pelos (dois aspectos que sinalizariam uma baixa idade).

Curiosamente, dentre os objeto-fetiche relacionados a acessórios, o látex e o couro, comuns à pornografia amadora estadunidense e presentes nas práticas do BDSM (que veremos nos *signos da violação*), não parecem fazer parte da produção homoerótica amadora pornográfica no Brasil, fato que nos direciona, mais uma vez, à necessidade de se delimitar localmente a cultura a partir da circulação mediática, para que se chegue as especificidades de cada região.

3.4. Signos da subversão

A terceira categoria que podemos delimitar é aquela que reúne os *signos da subversão.* Dialogando-se com a filosofia libertina (subcapítulo 2.1), em tais expressões eróticas toda lei moral é subvertida. Como em Sade, em nome do bel-prazer, tudo é válido: seja realizar a prática sexual em lugares proibidos, como dentro de um transporte público ou em uma sala de aula da faculdade, seja tentar "corromper" a impassível heterossexualidade de um colega de trabalho e querer sodomizá-lo.

Comecemos pelo ponto que talvez seja o mais sensível para nós quando encaramos a sexualidade: a sua realidade daimônica em contraponto à busca civilizatória de domá-la, aspectos que são vertidos pela filosofia sadiana. Nesse embate, residem as contradições sem solução entre moralidade e erotismo. Até que ponto um influenciará o outro? A subversão é sempre contigencial: só se subverte aquilo que está interditado, proibido. No mito freudiano desenvolvido em *Totem e tabu* (FREUD, 2012), que funda uma concepção psicanalítica de desejo, a morte do pai da horda primitiva leva a um acordo entre os filhos para que sejam proibidos o assassinato e o incesto. A partir de então, o desejo estará calcado no desejo de transpor o que está interditado. Na sabedoria popular, talvez nada melhor sintetize tal aprendizado do que a frase "o que é proibido é mais gostoso", mesmo que, por vezes, tal máxima possa simplificar o mito freudiano.

No tocante à pornografia homoerótica amadora, é possível pensar em três vertentes de subversão. A primeira delas é a recorrência de práticas sexuais em locais públicos ou em ambientes originalmente não destinados para a sexualidade, como escritórios, banheiros públicos e parques, como veremos em 3.4.1. Gravados em sua grande maioria como "flagras", os vídeos que analisaremos e articularemos apresentam o homoerotismo como um prazer abjeto, que só poderia ocorrer à margem, longe dos olhos da sociedade, assumindo-se uma postura marginal dentro da cultura.

Na sequência, percorreremos os signos que subvertem a heteronormatividade, isto é, a heterossexualidade como norma balizadora dos desejos possíveis de serem nomeados e representados. A partir da ironia e da oposição à heterossexualidade, no subcapítulo 3.4.2, demonstramos como a homossexualidade pode se estabelecer como um desvio e faz dele um posicionamento possível dentro das identidades e das práticas homoeróticas. Ora se apropriando das normas à sua maneira, ora as implodindo, a homossexualidade aqui surge em signos da "conversão" de homens heterossexuais, da virgindade e da fecundação

concomitantemente às representações de uma vida sexual não necessariamente monogâmica ou exclusiva a parceiros afetivos e alianças sociais.

Ao final, a subversão é identificada na constituição da “putaria" enquanto uma filosofia dentro das identidades possíveis do homoerotismo. Em torno do termo, estão expressões de uma sexualidade libertina, nos termos de Sade, cujas experimentações sem limites apresentam-se como possibilidades de prazer constante. Percorrendo as acepções da palavra “putaria”, exploramos os signos da sujeira e dos locais de sociabilização da “putaria”. Entre “putos”, a homossexualidade parece reavivar os subversivos laboratórios sexuais que outrora a cultura homoerótica promoveu antes da epidemia de hiv/aids.

3.4.1. Lugares proibidos: atos obscenos e prazeres abjetos

Os lugares proibidos são um bom começo para analisarmos os signos da subversão. Enquanto a prática do sexo ao ar livre ou em locais públicos é condenada pela legislação brasileira, no homoerotismo pornografado, ela aponta para um valor suplementar ao erotismo. Se há regras, elas serão quebradas. As placas pregadas em banheiros públicos masculinos em *shopping centers*, supermercados, rodoviárias e terminais de ônibus em grandes conglomerados urbanos que relembram seus frequentadores de que "a realização de atos obscenos em espaços públicos é passível de multa e detenção" não somente são ignoradas como também parecem aumentar o preço da aventura da prática do "banheirão", primeiro grande signo relacionado à subversão.

O "banheirão" é o nome dado à prática homoerótica de encontros sexuais em banheiros públicos, que usualmente envolve a exibição e a masturbação (mútua ou solo) em mictórios, podendo haver ou não a troca de carícias, o sexo oral e até mesmo o sexo anal entre dois ou mais parceiros sexuais. Não são poucos os vídeos que registram as variáveis da prática, como "Dois manos gostoso em um delicioso banheirão", "Macho casado mostrando a rola no banheirão" e "Pegação em banheiro de supermercado 7". A categoria "banheirão", inclusive, figura dentre os vídeos mais frequentes na plataforma de pornografia amadora.

Seus registros, usualmente gravados à revelia de seus frequentadores, têm sua câmera posicionada por debaixo das frestas dos boxes do banheiro ou pelo buraco da fechadura. Os encontros são "quase anônimos, de uma economia linguística precária e pautada pela linguagem corporal", como descreveu Thiago de Lima Oliveira (2016, p. 61). A linguagem audiovisual de tais vídeos geralmente segue um mesmo padrão: materiais curtos, gravados por câmeras escondidas, focalizando-se na zona média do corpo (onde pode-se observar o pênis e/ou as nádegas do "flagrado") e ambiente de banheiro e mictório - aspectos sintetizados no vídeo "Putaria no banheirão" (Figura 23).

Figura 23 - Printscreen de frame do vídeo "Putaria no banheirão".

O caráter de “flagra” se justifica pelo anonimato que se quer preservar, além da ilegalidade de tais práticas (tanto a do sexo em locais públicos quanto a de se gravar outras pessoas sem a devida autorização da captação e do uso de imagem). À título de exemplificação, no vídeo “Banheirão carioca”, um dos sujeitos que estava sendo filmado, ao ser descoberto, vai tirar satisfação com o indiscreto *voyeur*, momento em que o registro se encerra. Sendo curtos, os vídeos dos flagras da prática do “banheirão” mostram o risco inerente a tal prática. As performances registradas do “banheirão” mostram a excitação daqueles que se masturbam ao mesmo tempo em que olham para a porta para saber se entrará no recinto alguém que possa interrompê-los naquele momento. Ao mínimo barulho, de porta se abrindo (indicando-se a entrada de alguém no banheiro) ou de descarga sendo acionada (sinalizando que alguém está prestes a sair de alguma cabine), a gravação e a cena sexual são interrompidas, como ocorre no registro audiovisual “Mamando no banheirão”. Néstor Perlongher (1987, p. 170) coloca a prática sexual nos banheiros públicos em uma categoria extremamente subversiva e arriscada, ao considerar o mictório “o lugar mais baixo na categorização dos locais de engate homossexual. É, junto com as saunas, o mais diretamente sexual, o menos ‘amoroso’; mas é também o mais perigoso”.

Aqui ocorrem as intersecções entre a persona sexual do homem “hétero”, “casado” e “pai de família” e os signos da subversão. Sendo o banheiro um espaço de “reserva de intimidade e individualidade”, onde “o indivíduo experimenta sensações de anonimato, liberdade e segurança que fazem do WC um lugar propício a outras atividades socialmente proibidas” (BARBOSA, 1986, p. 75), é um local propício à expressão homoerótica de homens que desempenham, fora dele, papeis socioculturais voltadas à heterossexualidade e ao patriarcado, possam subvertê-los (ou serem subvertidos). Pelo que podemos observar nas recorrências dos registros do “banheirão”, também chamado de “pegação”, em confluência com os signos do “casado”, como em “Casado fazendo Banheirão no shopping gay”, o espaço físico do banheiro público é convidativo para a prática homoerótica recreativa por parte de homens heterossexuais e casados, cuja presença da aliança parece fazer toda a diferença na significação do vídeo, como em "banheirao Casado tirando aliança pra caçar". Em um contexto totalmente masculino, no qual homens naturalmente deixam seus pênis à mostra para urinar em mictórios abertos ao olhar de todos, as masculinidades heterossexuais se confundem ao homoerotismo, manifestando-se para a maleabilidade das supostamente rígidas categorias de gênero e sexualidade, como vimos anteriormente (3.2.1), algo sintetizado pelo vídeo “Nos banheiros, nem sempre os héteros, são héteros!”.

Outros espaços públicos também se destacam, como a “praia” ("Pegação e foda na praia em Natal - RN”), o “parque” ("Ursos Casados na Pegação no Park Público”), a “trilha” ("Parou na trilha para ser mamado"), o “matagal” ("Mamando o bolsominion no matagal escondido dos militantes"), o “ônibus” ("Me deixou tocar no pau dentro do ônibus"), o “metrô” ("Putaria no Metrô”) e a “rua” ("TREPADA NO MEIO DA RUA NA MADRUGADA"). Nesses casos, troca-se o caráter de flagra pelo indício de uma gravação deliberada e consentida entre os parceiros sexuais. A recorrência de tais vídeos parece apenas registrar práticas historicamente já estabelecidas quando se trata do homoerotismo masculino. Como resgata James Green (2000, p. 51 - 118), pontos públicos de encontro homoerótico já são relatados (e igualmente combatidos pelos órgãos responsáveis pela segurança pública) desde o final do século XIX no Rio de Janeiro, nascendo juntamente à moderna urbanização de cidade. Nessa perspectiva, alguns vídeos especificamente sinalizam em quais desses locais a cena sexual é gravada, como no Parque do Ibirapuera ("Comendo novinho no parque do ibirapuera") e no Parque do Carmo ("Sexo no parque do Carmo"), ambos em São Paulo, e no Aterro do Flamengo ("Mamada no Aterro do Flamengo"), no Rio de Janeiro. Os locais ao ar livre oportunos à “pegação” na atualidade são amplamente divulgados em grupos e páginas na internet dedicados ao compartilhamento de dicas e locais, alguns “queimados” por seus frequentadores (quando há uma grande vigilância) ou alguns “em potencial” (locais que ainda não são frequentados por pessoas dispostas a sexo mas que se mostram favoráveis à prática).

Entendida a raiz histórica da “pegação de rua”, há duas linhas possíveis de interpretação para a recorrência de locais públicos, que, embora não sejam excludentes, caminham para lados distintos. A primeira linha interpretativa apontaria a rua como um espaço propício para a realização de um desejo (homossexual) que não encontraria lugar no ambiente doméstico (seja pela pressão familiar, seja pelo compromisso social heterossexual já assumido), sendo a rua um lugar longe dos olhos de pais, mães, esposas, filhos e vizinhos, como se o vetor homoerótico fosse um prazer abjeto, isto é, que não pode ser simbolizado em determinados contextos. O segundo caminho de interpretação se apoia na lógica libertina, que apoiará a ideologia da “putaria”, que esmiuçaremos mais à frente (3.4.3), na qual a rua e a possibilidade do anonimato por ela sustentada oferecem oportunidades de visar “a mais alta diversão”, “de surpresa em surpresa - leia-se: de prazer em prazer” (MORAES, 2015b, p. 32). Quanto mais se circula e se busca prazer em lugares inesperados, mais oportunidades surgirão uma vez que o mundo um lugar repleto de convites a aventuras sexuais recreativas.

Não haveria lugar para o “tesão” bater, como ocorre em "Táva jogando bola e bateu tesao fui pra o mato bater uma e gozei bastante" e "Não aguentei de tesão no ônibus - Parafilias".

O “tesão” pode surgir em lugares inusitados, aproveitando-se de momentos de oportunidade em que se está sozinho ou com a companhia certa, como no “avião” ("Baiano do RJ - Punhetando no banheiro do avião"), no “estacionamento” ("Sexo escondido no estacionamento”), no “depósito” ("Eu atoa no deposito”), no “elevador” ("Não esperou chegar no quarto e fodeu no elevador mesmo”), na “escada” ("Coroa leitando meu cu na escada de emergencia do shopping”) e no “terreno baldio” ("Metendo no lek no terreno baldio”). São registros gravados pelos próprios parceiros sexuais, que exibem os seus feitos subversivos, ou vídeos no estilo “flagra”, como em "Ciclista flagrado fazendo sexo oral - Pintolandia gay" (Figura 24). A lista de localidades possíveis é tão diversa quanto a imaginação despendida nas fantasias sexuais que envolvem a exibição, o *voyeurismo* e o risco de “ser pego”, aspectos já observados e relatados pelas incursões realizadas pelo antropólogo Thiago Lima Oliveira (2016) pelas rotas da “pegação” em público em João Pessoa.

Figura 24 - Printscreen de frame do vídeo “Ciclista flagrado fazendo sexo oral (...)”.

O sexo em espaços públicos, como descrito nas observações de práticas rotineiras de homens homossexuais, como a do "banheirão" e dos pontos de “pegação” ao ar livre, acrescenta a excitação da descoberta contínua: nunca se sabe quem será o parceiro da vez. No vídeo “Suruba no mato", homens em uma floresta, possivelmente cortada por uma trilha, fazem uma roda em torno de um rapaz que é penetrado por quem estiver interessado. O signo do “desconhecido” ronda o imaginário subversivo do homoerotismo pornografado: "Fez a alegria do paizão desconhecido no parque”, "COROA DESCONHECIDO NO BANHEIRO PUBLICO DELICIA" e "Negão fode o cú do desconhecido na praça". Sem nome e sem rosto, são corpos que se dispõem ao outro na relação batailliana do erotismo dos corpos (2.3).

Para o espectador, eterno *voyeur* da pornografia amadora, a subversão é motivo de êxtase, como pode ser observado pelos comentários deixados por alguns dos visitantes do

vídeo, de cinquenta e um segundos, “Punheta em sala de aula”: “Uau, que delícia! Adoro essas situações com adrenalina… Leke gostoso do caralho!” e “Lek gostoso e ousado do jeitinho que eu gosto. Adoro essas coisas em público”. A excitação, traduzida tanto pela “adrenalina" quanto pelo “tesão” em locais públicos, parece dar sentido à subversão.

Nessa mesma direção do sexo em locais públicos, estão as expressões que subvertem não somente a proibição da prática sexual, como também aquelas que desviam e corrompem contextos profissionais, como o ato sexual com um técnico de uma empresa de telecomunicações que visitou a casa para resolver problemas técnicos ("Técnico da Sky me colocou para tomar no cu") ou ainda a “provocação” sexual a um vendedor em seu local de trabalho (“Provocando vendedor”). Novamente as personas sexuais do mundo do trabalho retomam a cena protagonizando enredos de subversão. Nos últimos dois anos, no Brasil, houve um aumento exponencial de vídeos marcados com a *tag* Uber, em referência ao serviço de transporte particular. Aparentemente substituindo a fantasia homoerótica de se relacionar sexualmente com taxistas, a ideia de se relacionar sexualmente com um motorista da Uber durante uma corrida ou até mesmo de trocar o pagamento de seus serviços oferecendo-lhe sexo oral dentro do carro ganha espaço dentro das expressões de subversão, unindo a realização de sexo em via pública à masculinidade impressa aos mundos do trabalho (3.2.3).

3.4.2. Desvios à norma: ironia e oposição à heteronormatividade

Em uma perspectiva histórica, a homossexualidade foi e ainda é considerada por muitos um desvio. Perversão, subversão, inversão: os três termos são usados para denominar a homossexualidade em diversas passagens da história, tendo como referência a heterossexualidade, essa que seria "natural" e "saudável", por estar voltada à reprodução humana. Na cultura ocidental de raiz judaico-cristã, a homossexualidade é condenada como um pecado. Em versículo de Levíticos (no qual, parafraseando-se Nelson Rodrigues, também se diz que toda nudez será castigada), constantemente retomado na atualidade por setores conversadores, a sodomia entre homens é proibida e abominada: "com homem não te deitarás como se fosse mulher, abominação é" (Levíticos, capítulo 18, versículo 22).

A homossexualidade, sob certo aspecto, é tomada como uma via oposta à heterossexualidade. Tomando a segunda como norma, a homossexualidade seria um desvio, um erro, uma escolha subversiva. Tendo a heterossexualidade como padrão e norma na cultura e na sociedade, é possível localizar, em tais preceitos, traços do que Adrienne Rich (1983) chamará de heterossexualidade compulsória para designá-la como régua balizadora das possíveis conjunções sexuais e afetivas, sob a qual será dita a norma. Na equação da heteronormatividade, o homem deve destinar seu desejo, seu afeto e seu interesse sexual à mulher e vice-versa, não cabendo outras possibilidades de relação. Com a heterossexualidade, A homossexualidade, diante da heteronormatividade, dela apropriar-se-á através da ironia, como ocorre com a transposição da relação "macho" *versus* "fêmea" para as relações homoeróticas impressas às personas sexuais à brasileira (3.2.1), ou a ela fará oposição, negando muitos dos aspectos que vêm a reboque da relação heterossexual normativa, como a monogamia e a sexualidade confinada a poucos parceiros sexuais (FOUCAULT, 2012a, 2012b).

Um dos argumentos utilizados para sustentar a possível subversão inerente à homossexualidade masculina estaria embasado na percepção de que as práticas homossexuais desviam os sentidos originais do sexo, isto é, a reprodução. Porém, vale lembrar que a prática erótica em si mesma, como desenvolve Bataille (2.3.3), já é um desvio à função sexual reprodutiva, como vemos no caso de outras práticas heterossexuais que não envolvem penetração vaginal, como o sexo oral e o sexo anal. O erotismo nos diferenciaria dos demais animais por refinar e recobrir a sexualidade por um véu complexo que a aparta da simples finalidade de reprodução dos seres.

As práticas sexuais homoeróticas mais comuns, como o sexo anal e o sexo oral, por si só já poderiam ser consideradas subversões por desviarem o sexo do fim reprodutivo. Na pornografia amadora digital tais rotinas aparecem nas mais diversas configurações, sendo o imã do olhar *voyeur* em vídeos como em "Deliciosa mamada", “Foda carioca metendo gostoso” e “Chupando um hetero”, nos quais a cena sexual se resume à penetração anal ou à felação.

Na esteira da subversão à heteronormatividade que a homossexualidade carrega, estão as fantasias de “conversão” de um homem hétero a partir da sodomia ("Hetero comendo viado pela primeira vez") ou da realização de outras práticas sexuais sem penetração ("mamando macho alpha"). Empregamos o verbo “converter”, pois há o uso da expressão “convertido” para designar aquele que outrora se orientava a partir da heterossexualidade e passou a se relacionar com outros homens. Mais uma vez, embora não haja qualquer menção à suposta heterossexualidade de um ou mais sujeitos filmados, o signo “hétero”, ao estar presente no título do vídeo “Primeira vez do hétero curioso, pagou e gozou”, conduz a leitura e a fruição do material audiovisual pelo caminho da subversão. A curiosidade do hétero em experimentar alguém do mesmo gênero é subversivo na medida em que dele é esperado uma performance heterossexual normativa que não faça concessões.

No material audiovisual “moleque pega no pau do amigo no meio da suruba”, em meio a uma orgia prioritariamente heterossexual, um rapaz coloca a mão no pênis de um colega para ajudá-lo a posicionar o pênis (sem camisinha, diga-se de passagem) dentro da vagina da única moça da cena, sem que haja qualquer intenção homoerótica prévia. Esse gesto, que dura apenas 10 segundos, dentro do material, que ao todo possui quase três minutos de gravação, acaba dando título ao material na plataforma. Nos limites da conversão, em “Comendo meu amigo hétero gostoso bêbado”, a ideia de que se aproveitou da situação alcoólica e inconsciente do amigo hétero para que pudesse penetrá-lo, uma subversão que tange a violação de regras jurídicas e éticas ao beirar a prática e o crime do estupro e do abuso sexual. Tal sentido também direciona os vídeos nos quais se abusa de homens que estão dormindo, como em "Pegando no pau do hetero dormindo" e "Comi o cu do meu amigo enquanto ele dormia”.

A heterossexualidade, de certo modo, é reproduzida ironicamente nas cenas sexuais homoeróticas pornografadas entre o “macho” que faz o outro “virar fêmea” (signos já analisados em 3.2.1). Os atos de se “perder a virgindade” ou se “engravidar”, relacionados ao sexo heterossexual, respectivamente, com o rompimento do hímen na primeira penetração

vaginal e com a ejaculação interna em um período fértil, são transportados como metáforas para o contexto homoerótico. O sangramento anal, que ocasionalmente pode ocorrer durante a penetração, vira o indício da primeira relação sexual, como em "Filho perdendo o cabaço com o pai", "O cuzinho do novinho virgem sangrou" e "Calornapele 065 - Tirando cabaço do hétero pauzudo e leitando gostoso" (Figura 25).

Figura 25 - Printscreen de thumbnail do vídeo "(...) Tirando cabaço do hétero pauzudo (...)".

Nem sempre com a presença de sangue, é interessante destacarmos a virgindade no homoerotismo, pois, embora seja uma preocupação notadamente heterossexual, ela é trazida para o contexto homoerótico. Vídeos como "Fudendo o carinha virgem", "Tirando virgindade do passivo novinho" e "Virgem não aguenta Rola" reproduzem a valorização da virgindade tal ela obtém na heterossexualidade como um símbolo de posse e de ambíguos sentimentos de fascínio e repulsa em homens, como Freud (2013b) especulará em torno de seu tabu. Em alguns casos, a associação com o aparelho reprodutivo feminino é extrema: por vezes, o ânus é denominado de "cuceta" ("Gozando na cuceta do brasileiro") e "buceta" ("Negão fez do cu buceta"). Ainda valem a pena serem rememoradas as representações de efeminação de corpos homoeróticos analisados no momento dos signos da persona sexual relacionados à gênero (3.2.1).

Ejaculando-se internamente, a penetração anal ganha o sentido da fecundação, como em "Engravidando meu primo safado", "Engravidando o safado no meio dos escombros" e "Casadinho me engravidando". Para que, por vias biológicas naturais, possa se engravidar uma mulher, o casal deve desconsiderar o descarte do preservativo e tal gesto é transportado para o universo homoerótico pela imagem de "engravidar" alguém. Seria correto afirmar que

essa fantasia se relaciona àquela que origina o conceito de erotismo em Bataille (subcapítulo 2.3): a alegoria de que dois seres descontínuos buscam a continuidade a partir da relação sexuada, sendo o erotismo um desvio à função primeira do sexo, isto é, a reprodução. A subversão reside nessa transposição de universos e finalidades.

Frutos da subversão a toda e qualquer regra social, destacam-se as expressões das práticas sexuais sem camisinha, que usualmente são dispensadas nas relações heterossexuais com fins reprodutivos - e recreativos, se considerarmos o equivocado ideário heterossexual de que o hiv seria apenas uma questão que concerne aos homens homossexuais, como identificou Vera Paiva (2000), e que, por isso, eles estariam menos vulneráveis ao vírus. Embora essa não seja a única das motivações que se especulam no presente trabalho para se compreender as práticas consideradas de exposição ao vírus (e que serão examinadas no quarto capítulo), a recorrência da exclusão do uso do preservativo nas relações sexuais pode ser lida como um ato de subversão. Dos quarenta e oito vídeos selecionados anteriormente como os mais vistos (ANEXOS II e III), trinta e dois representaram cenas de penetração anal nas quais apenas cinco a camisinha teve espaço. Em alguns materiais, inclusive, a sua exclusão está dada no título, como em "Comendo o primo sem camisinha". Os termos "sem capa" ("Dando sem capa para o motoboy"), "no pelo" ("Novinho tomou no pelo") e "*bareback*" ("No meio da pauliceia barebacker"), que designam a prática sem camisinha, são recorrentes em vídeos amadores e têm muitos sentidos para além da subversão, sendo tema do subcapítulo 4.2.

O discurso moral, social e da saúde em torno da camisinha, em circulação pela propaganda governamental e pelas expressões de autopreservação e cuidado que culturalmente reveste o objeto (cuja leitura melhor desenvolveremos nas considerações finais desta tese), não parece ter eco nas práticas sexuais expostas na pornografia amadora. Ao que nos parece, esse é um traço natural da subversão inerente ao erotismo e à sexualidade, o que Marquês de Sade apontou há mais de duzentos anos (2.1). O que excita e o que "dá tesão" é subverter o tabu, como aprendemos com o nobre: o tabu do sexo sem camisinha e do incesto (traduzido nas personas sexuais familiares vistas anteriormente) são ultrapassados pela amoralidade da sexualidade.

Por fim, às vezes, parece haver no homoerotismo uma subversão a outro aspecto inerente à heterossexualidade padrão: o desvio à monogamia e à ideia de sexo exclusivo e/ou reservado somente ao casamento ou ao compromisso. Pensando-se no contrato monogâmico impresso às relações matrimoniais heterossexuais que se estabeleceram para a criação e o

fortalecimento de alianças de poder, a homossexualidade, historicamente patologizada por uma das estratégias de domínio da sexualidade, subverte as normas morais que deram corpo aos dispositivos sexuais (FOUCAULT, 2014a).

Orgias ("Chega ainda mais gente na ORGIA CARIOCA"), surubas ("Surubão entre machos"), *gang-bangs* ("51999 Quase um Gang Bang Maratona Recife") e *ménages* ("Ménage entre amigos") remontam a um passado grego e romano pré-catolicismo, em que a "farra dionisíaca" apresentava um erotismo dos corpos, marcado pela "perda mística do ego" (PAGLIA, 1992, p. 129-130). Em tais cenas sexuais em grupo, corpos são tanto ativos quanto passivos, sendo difícil distingui-los em meio à massa de pernas, pênis e nádegas que se apresentam à câmera, como em "Orgia gostosa" (Figura 26). Frequentemente sem rosto, para manter o anonimato dos participantes, as reuniões feitas em espaços domésticos reencenam o *boudoir* sadiano, onde "os devassos realizam a intimidade libertina" (MORAES, 2015b, p. 222).

Figura 26 - Printscreen de frame do vídeo "Orgia gostosa".

Paralelamente às convenções heteronormativas, o homoerotismo pornografado persegue outras ideologias e outros valores. Embora muitas vezes reproduza algumas das relações que nascem no contexto heterossexual, como, no campo subjetivo, a perda da virgindade, e no campo político e social, a luta por reconhecimento de alguns direitos (como ao casamento e à adoção homoparental), a sexualidade homoerótica cria novos idiomas e signos para os saberes e as práticas sexuais. Até mesmo no que diz concerne às alianças calcadas no afeto, elas parecem ser reinventadas à luz da experiência liberal do homoerotismo, com novas formas de contratos sociais, como a poligamia, o relacionamento aberto e o sexo recreativo e esporádico entre casais e terceiros, como podemos ver em vídeos

como "Filmei o boy arrombando o cu do meu namorado" e "Adoro ver meu marido chupando outro macho". Embora tais aspectos liberais não sejam exclusivos à homossexualidade, sem dúvidas, suas existências e seus processos de normalização e aceitação na vida social nos dias atuais devem muito à liberação sexual promovida pela homossexualidade no século XX, como já discorreu Néstor Perlongher (1992) a partir da ideia de Michael Foucault (2014a), para quem o homoerotismo teria sido um grande laboratório de experimentação sexual em nosso tempo.

3.4.3. Vidas libertinas: a “putaria" como filosofia

Considerada moralmente como “promiscuidade" por uns, estereótipo que achatará a homossexualidade pós-hiv/aids, a “putaria” surge como uma das principais insígnias do homoerotismo registrado e veiculado na pornografia amadora digital: "Um pouco mais de putaria", "Putaria com leitada dentro do cuzinho" e "Machões safados na putaria". Podendo ser localizada em outros campos que não apenas aquele que se estabelece na pornografia amadora digital, a “putaria" aparece como um emblema que traduziria uma vida sexualmente ativa. Sendo maleável e construído entre pares, o conceito aponta para uma ideologia e um imaginário que, embora não seja exclusiva às práticas homoeróticas (visto que a “putaria" também aparece entre os círculos heterossexuais), pareceria preservar a ideia de que a homossexualidade estaria alheia a qualquer regulação sexual normativa, levando-se, inclusive, à saturação da sexualidade já sinalizada por Néstor Perlongher (1992, p. 41).

Nesse ponto, a inflexão com a filosofia libertina de Marquês de Sade (2.1) está fortalecida enquanto a “putaria” homoerótica reproduz as mais diversas práticas sexuais sem que nelas residam qualquer espécie de pudor ou julgamento moral. Ao passo que a régua heteronormativa, baseada na visão controladora da sexualidade (voltando-se tanto para o sexo com fins reprodutivos quanto para as alianças monogâmicas que controlam corpos e prazeres), julgará tal vida libertina de “promiscuidade”, signo carregado de culpa, a “putaria” torna-se um estilo de vida e uma das possíveis identidades homoeróticas que atravessa subjetividades e práticas sexuais.

Na raiz da palavra “puta”, que aqui se flexiona nas mais diversas formas, estão atribuições etimológicas diversas que estão conservadas nos muitos usos que o termo assumirá nas línguas latinas, como identifica Eliane Robert de Moraes (2015a). A primeira delas, que derivaria da palavra latina “putida”, diz respeito à “parte maldita” da sexualidade, à sujeira e à “classe mais baixa da sociedade” (idem, p. 43). Por esse ângulo, a “putaria” reconheceria no sexo aquilo que deveria ser recalcado, deixado de lado, e o coloca em uma posição central nas práticas sexuais.

O signo verbal “sem frescura” ("PUTARIA SEM FRESCURAS") aparece para dar conta de uma sexualidade “de macho” e rústica, que não possui qualquer traço de feminilização, que estaria ao lado da “frescura”, da “afetação” que culturalmente está associada aos “frescos”, alcunha dada a homens efeminados. Ao se analisar os vídeos relacionados à *tag* “sem frescura”, pode-se observar a recorrência de vídeos que explicitam

a prática sexual sem o uso do preservativo masculino ou que apresentam cenas de violência, dois aspectos sintetizados pelo registro "POR ISSO CURTO OS MLKES, METEM SEM FRESCURA.. CHEGA AI MLKADA."

Indo fundo na questão da “sujeira” impressa à origem da palavra “putaria”, estão as expressões que fazem um uso erótico dos fluidos e dos odores corporais, explicitando-se que “toda sujeira serve à luxúria”, expandindo-se, assim, “o campo da oralidade” (MORAES, 2015b, p. 203), como ocorre na filosofia libertina. O “cheiro de macho” (como no vídeo "Cheiro de Macho") se traduz pelos odores expelidos pelo pé ("Pés 44 e com muito chulé"), pelo ânus ("Puto cheirando cú de macho"), pelas axilas ("Compilação: lambendo axilas masculinas | 5"), pela matéria orgânica que se acumula nas dobras do pênis ("Cheirando e chupando uma pica suja de sebo") e pelos restos de urina e suor impregnados à roupa íntima ("Deixando a cueca cheirosa para o puto safado”). As masculinidades atreladas aos marcadores sociais da diferença (3.2.3) voltam à cena sexual para posicionar práticas “marginais” da “putaria” em lugares igualmente “marginais”, como ocorre em “Macho chupando o pau sujo do mendigo” (Figura 27), no qual a situação de rua de um dos parceiros sexuais e sua condição precária de higiene acrescentam valores eróticos para a cena sexual.

Figura 27 - Printscreen de frame do vídeo “Macho chupando o pau sujo do mendigo”.

O sexo “porco” (“Porco limpando rola ensebada do negao”) toma a sujeira como um aspecto altamente desejável, apresentando cenas pouco usuais, como o uso erótico das fezes em “Alimentando o Negao Flamenguista” e "Meu cuzinho deixando sair tremendo cocozão". Extremas demais para serem repetidas, tais experiências sexuais dividem opiniões nos campos destinados aos comentários: "Mano que loucura! Mais cada um com seus desejos” (comentário do usuário Chantalmara no vídeo “Alimentando e humilhando o escravo branco

com mijo, sebo e mais"); "Inveja desse puto mano!" (usuário Interiorr Sigilo, no mesmo registro).

A vida da "putaria" permite uma experimentação sem limites, como a sexualidade é encarada na libertinagem. É nessa chave que o sêmen e a urina não são somente descartados, mas sim aproveitados como objetos eróticos na cena sexual (como vimos em 3.3.2), assim como os alimentos ganham outros destinos, como estando no lugar do pênis na penetração (3.3.3) ou sendo usado como elemento erótico na cena sexual com o esperma (3.3.2). Se são seiscentas as paixões narradas por Sade ao longo dos cento e vinte dias de Sodoma na escola da libertinagem (SADE, 2015), há uma espécie criatividade na busca por novas emoções na "putaria", como a invenção de objetos, exemplificado pelo brinquedo sexual masturbatório criado com um preservativo masculino em "Masturbação criativo", e novas formas de se utilizar os orifícios e os sentidos, como na cena de expulsão de uma quantidade de esperma outrora armazenada no ânus (e que, pelo título, dá-se a entender que está contaminada com o hiv, com o uso do "vitamina", que explicitaremos no subcapítulo 4.2.) que é deliciada com a língua de um parceiro sexual em "Esguichando vitamina". Na perspectiva libertina, não há rédeas para novos prazeres e a dor, o sangue, a humilhação, a dominação e a submissão dela também fazem parte e apontam para jogos sexuais que traduzem a violação inerente ao erotismo batailliano, que veremos entre os *signos da violação* (3.5).

Entre a homossexualidade masculina e a "putaria" enquanto um espaço à margem e "sujo", haveria laços históricos, como discrimina Néstor Perlongher (1992) ao sugerir que a homossexualidade estaria saindo de cena ao final do século XX por acatar o discurso do "sexo limpo" pós-hiv/aids, mudando sua posição outrora marginal e exacerbada para aquela que compreende uma emulação da sexualidade heterossexual "casta". Se levarmos em consideração a recorrência da "putaria" pornografada, esse local não apenas ainda existe como igualmente resiste enquanto um espaço de sociabilização homossexual.

Nessa sequência, a segunda acepção etimológica da palavra "putaria", que estaria relacionada à "menina impura" (MORAES, 2015a), desagua na "putaria" enquanto uma instituição com regras mais ou menos estabelecidas por aqueles que dela fazem parte e que por ela foram "corrompidos", isto é, foram convertidos, deixando-se de lado a suposta inocência do corpo, dos desejos e dos prazeres. Em alguns casos, como em "Amigos héteros na putaria" e "Brincadeira de macho! Putaria entre amigos", a "putaria" seria o sinônimo das práticas sexuais homoeróticas recreativas.

Como na filosofia libertina de Sade que se desenvolveria entre adeptos que outrora se intitulavam “libertinos”, a “putaria" é uma instituição composta e fomentada por “putos” ("Sexo a 4 é muito gostoso, esses putos fizeram demais"), “putões” ("Comendo cu do putao metido a macho"), “putinhos” ("Ativo roludo fodendo o cuzinho do seu putinho safado") e “putinhas” ("poper sendo putinha dos machos da favela"), essa última alcunha ainda relacionada com os traços de feminilização impressos à dicotomia “macho”/“fêmea”, como já vimos no subcapítulo 3.2.1. As festas ("Festinha e putaria gay em Goiânia"), os encontros entre mais de dois parceiros sexuais ("PUTARIA COM DOIS NEGOES") e as orgias ("Novinhos safados fazendo putaria no hotel”), assim como os banquetes sadianos, surgem como espaços de interação nos quais o pacto com a “putaria” é renovado.

Locais marginalizados de sociabilidade homoerótica, como lugares de “pegação” ("Putaria na trilha", "Banheirão da Putaria" e "Putaria a três na praia"), saunas ("Fudendo putao militar gostoso na sauna") e cinemas “pornôs” ("Levando leitada no cinemao ate escorrer”), comungam os mesmos valores da “putaria”, ansiada por aqueles que a eles recorrem, como identificaram Thiago Oliveira (2016) e Victor Hugo de Souza Barreto (2014) em suas incursões etnográficas. Como no registro “Mamando o dotado no cine pub” (Figura 28), as locações escuras e os corpos borrados ou ocultados, visualmente, apresentam-se com signos visuais da marginalidade, cuja localização é incerta e somente pode ser acessada por aqueles que forem “suficientemente” “putos” para tal, e da dissolução da individualidade a serviço do corpo “orgiástico” (idem), aspectos próprios à "putaria".

Figura 28 - Printscreen de frame do vídeo “mamando o dotado no cine pub”.

Como no regulamento que rege as práticas libertinas no Castelo de Silling em *120 dias de Sodoma* (SADE, 2015), o excesso e a tolerância à dor que dele podem surgir são

constituintes da “putaria" homoerótica e são valores compartilhados por seus praticantes. Se há algum limite, ele pode e deverá ser ultrapassado. As cenas de “dupla penetração” ("Não aguentou duas piroca e chorou") e “tripla penetração” ("Tripla Penetração - Ativos Maravilhosos") e as práticas da penetração anal de pés ("Metendo o pé no rabo do puto") e punhos ("Metendo o punho") caminham para os sentidos da violação. Se a penetração anal, no homoerotismo, por si, já é uma subversão à heteronormatividade, a introdução de outras partes do corpo testa e esgarça os limites corporais e as sensações de dor e prazer, aspectos que discutiremos a seguir.

Embora não estejam necessariamente atreladas à “putaria” ou não sejam mandatórias em tal circuito, as drogas sintéticas e naturais aparecem como elementos eróticos e potencializadores da cena sexual. Enquanto a cocaína, de efeito de estimulação, surge na cena sexual sendo cheirada ou em contato com a região anal, como em "TEKANDO E FUDENDO UM MACHO" e "Metendo padê no cu do namorado com a rola", a maconha aparece como um estimulante sexual em "Marido da minha tia chapado de maconha me comendo gostoso no pelo parte 1" e "Mamada dps do beck". Os “poppers”, nome que designa a categoria compreendida por diversos compostos de nitratos voláteis, surgem como a “droga do sexo” em "Poppers, bare e DP" e "Masturbando meu pau e cheirando poppers", por ampliar as sensações em torno do orgasmo. Somando-se à marginalidade impressa ao homoerotismo, a criminalização das substâncias psicoativas reforça a subversão de uma vida libertina.

Por fim, a menção à “putaria” (que se torna irmã da “safadeza” e da “sacanagem”) também ocorre para designar a verbalização do erotismo, como em vídeos "Pauzudo safado falando putaria enquanto é mamado", “Ativo gostoso falando muita sacanagem enquanto fode o putinho” e “Sentando ouvindo sacanagem”. Entre gemidos e os barulhos inerentes à fricção e ao encontro dos corpos, enunciados como “quer leite?”, “eu vou gozar”, “sua puta” e “engole a piroca” narram a cena sexual, expõem intenções envolvidas na prática sexual e estabelecem jogos de dominação e submissão. O erotismo, quando pronunciado verbalmente, torna-se “putaria” e adiciona outras camadas de sentido à cena sexual representada. “Falar putaria” é uma das muitas práticas sexuais e, ao lado do “sexting" (prática de troca de mensagens eróticas escritas em meios digitais), estabelece uma categoria sexual que, ao explorar outras matrizes da linguagem e do pensamento que não a visualidade, exploram o erotismo como um véu imaginário a ser tecido entre um, dois ou mais corpos. Há de se apontar que, na literatura sadiana, a construção erótica se dá pela palavra, quando,

durante as artes sexuais, os libertinos de Sade vão narrando suas peripécias e transmitindo seus conhecimentos a seus parceiros da cena sexual. Em tempos de pandemias que empregam o isolamento social como uma maneira de contenção da propagação de um vírus, como a da Covid-19 que ocorre durante a escrita desta tese, "falar putaria", sem necessariamente praticá-la, torna-se uma das estratégias sexuais possíveis para o estímulo e a satisfação autoerótica, por meio do deslocamento da pulsão, aspecto que melhor abordaremos quando discutirmos as extensões do consumo midiático da pornografia (subcapítulo 4.2.3).

3.5. Signos da violação

A última categoria a ser explorada a partir dos registros de pornografia amadora selecionados é a dos *signos da violação*, o limite último do erotismo. O que fora de um contexto sexual poderia provocar um estranhamento, por ser agressivo, violento ou doloroso, dentro da seara do erotismo, estabelece-se em uma dimensão de naturalidade. Certamente, é nessa parte em que as tensões entre ética e estética pós-hiv/aids, como veremos no próximo capítulo, se tornam mais evidentes pois coloca-se em destaque a linguagem amoral do erotismo.

Georges Bataille (2014), ao desenvolver a ideia de que somos seres descontínuos buscando, na relação erótica com o outro, a continuidade, toma o erotismo a partir de uma eterna busca da violação do outro, que resulta na morte desses dois seres descontínuos (e por isso a máxima batailliana de que o erotismo seria a prova da morte até mesmo na vida). A metáfora da continuidade é uma imagem que certamente nunca será alcançada na realidade (ou pelo menos não completamente). Porém, enquanto finalidade, tal abstração cumpre sua função imaginária e simbólica de guiar um sujeito sexual ao outro. É somente a partir desse ponto de Bataille que podemos falar de violação no erotismo. Para que haja a relação entre dois seres, é preciso violar a descontinuidade do objeto de desejo: "o que está em jogo no erotismo é sempre uma dissolução das formas constituídas" (idem, p. 42). A agressividade, tão atribuída a uma chamada "masculinidade viril", ganha espaço na descida ao reino daimônico da sexualidade.

No primeiro subcapítulo (3.5.1), observaremos os jogos sexuais em torno da dominação. Inspirada nos universos BDSM, com rígidos papeis de "submissos" e "dominadores", articularemos os signos relacionados diretamente à emulação de poder dentro da cena sexual. Apoiados na investigação das práticas e rotinas relativas a esse contexto, chegaremos às expressões da "objetificação" de corpos, rituais de humilhação e as interfaces com a dicotomia masculinidade *versus* feminilidade simulada nas relações homoeróticas de dominação.

Em um segundo momento, no subcapítulo 3.5.2, exploraremos as representações ambíguas do prazer a partir de práticas violentas. A partir do par complementar *sadismo* e *masoquismo*, encontraremos registros audiovisuais relacionados à produção de dor, desconforto e desprazer, mas que, a despeito de tais sentidos, também apontam para a

excitação sexual. Em contrapartida, localizaremos, na construção da intimidade, um espaço para a experimentação de fantasias que envolvam tais nuances.

Encerrando-se nossa investigação acerca do vocabulário de expressões do homoerotismo pornografado, no subcapítulo 3.5.3, percorreremos os limites da experiência erótica batailliana, quando a dissolução, enquanto um conceito, é perseguida por expressões de violação, agressão e distensão, trazendo-se, para a cena sexual, elementos como o sangue e a dilatação dos orifícios anal e oral.

3.5.1. Dominadores e submissos: jogos sexuais

A primeira categoria de signos relacionados à ideia batailliana de violação é aquela que reúne representações dos jogos sexuais estabelecidos a partir da dominação e da submissão. Os termos “dominador” (“Cu empalado por negão dominador"), “submisso” (“Boy dominador castiga o Submisso parte 3”) e seus derivados, como “dom” (“Dom Negro fazendo dp anal com plug na Valéria CD”), “sub” ("Sub otario sem capa"), “dominado” ("Empresário cdzinha dominado por negões cariocas") e “dominação” ("Dominação maravilhosa e realização de Fetiches com muitos homens Parte 2") são recorrentes no homoerotismo e expõem um universo fantasioso no qual sexo e poder se fundem na cena pornográfica.

Em um primeiro olhar, podemos identificar um lastro histórico das práticas do BSDM (acrônimo de Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão e Sadomasoquismo). No contexto contemporâneo, elas não são novas, mas vêm ganhando adeptos ao redor do mundo com a formação de comunidades virtuais em torno do tema (SILVA, 2018). Mediados pela pornografia digital, pelo imaginário cultural (sobretudo após o sucesso da trilogia de romances *Cinquenta tons de cinza*, da britânica E. L. James) e pelas redes sociais voltadas aos encontros e às trocas sexuais, o BDSM estabelece relações sexuais pautadas pelo binômio dominação/submissão, apresentando papeis sexuais rígidos em torno de uma hierarquia de poder que faz a mediação entre aquele que domina, abusa e manda e aquele que ser dominado, abusado e demandado. Como Vera Lucia Marques da Silva (idem, p. 36-37) identifica, a hierarquização do poder é inerente ao seu universo e em torno dela giram todas as suas práticas sexuais:

> “[as relações nesse universo] são marcadas por uma erótica em torno de forte assimetria entre os envolvidos, na qual se tem, por um lado, aquele que detém o poder na relação e como tal deverá ser venerado, respeitado e obedecido. Por outro lado, há aquele que se despoja de sua liberdade e autonomia para servir ao detentor do poder”

As figuras do “mestre" e do “escravo" surgem como um par complementar, no qual o primeiro ordena e o segundo obedece, como ocorre nos registros audiovisuais “Escravo obediente mamando o mestre”, “Espremendo a cara do escravo com os tênis” e “Escravo Puta Submissa Engasgando na pica do mestre”. Reproduzindo-se as relações de poder que sustentam o regime da escravização, modelo de dominação que usurpa e sequestra, por meio da força, todos os direitos daquele que é escravizado, há o sentido de “servidão”, como se o

"escravo" fosse obrigado a “servir” o “dono” em todos os seus caprichos, como fica explícito em “Viadinho servindo seu macho, dono e senhor! Bicha dedicada ao seu dominador Paupequenosp”, registro no qual o dominador dá comandos como “lambe a sola do meu pé”, “dá uma viradinha para cá” e “agradece”, que são prontamente atendidos pelo seu parceiro sexual, cujo posicionamento do corpo demonstra uma total submissão ao seu “senhor”.

Como se os “escravos" precisassem ser instruídos para que possam, disciplinadamente, realizar os desejos de seus “senhores”, os sentidos de “adestramento” (“Adestrando o escravo putinho”) surgem para apresentar as regras a serem seguidas por aqueles que devem ser “obedientes” (“Garoto obediente mamando mestre no campo”). Por demandar demais o “submisso”, o “dominador”, às vezes, assume a alcunha de “mandão”: os registros "Macho mandão castigando mais um cuzinho na pele", "Macho mandão e a princesa de calcinha amarela que queria mais rolada com força" e "Vendedor de loja mandão, pediu calcinha e se acabou no meu rabo!" mostram uma performance sexual entre dois parceiros sexuais controlada apenas por um deles, que demanda do outro a realização de seus prazeres e desejos.

Emulando-se as violações do regime escravocrata, o “dominado" torna-se “propriedade” ("Propriedade do Mestre - Mamilos") de seu “dono" (“Fistado pelo meu Dono”), podendo ser “usado” ("Um mestre heterossexual usa-me como a puta que sou") e “abusado" ("Fernando Fonseca Sendo Abusado Por dois macho"). A reificação do parceiro sexual, isto é, a transformação do “passivo" em um objeto (ou até mesmo uma mercadoria) também sinaliza para o uso da humilhação coercitiva, como ocorre em "Gozando na Privada", no qual o vaso sanitário ao qual o título se refere é a boca de um parceiro sexual, e "Magrinho servindo de saco de esperma para os amigos", no qual um grupo de homens ejacula no ânus daquele que é dominado. Em alguns registros, o corpo que está sendo submetido à dominação chega a ser marcado pelo nome de seu “dono”, como acontece em "Kaka Cavala a putinha do Thi", no qual pode-se ler “Puta do Thi” escrito com batom vermelho nas nádegas daquele que será penetrado. Ao amo, cabe “se divertir” ("Dom se divertindo com seu Sub - 01”) às custas de seu “brinquedo sexual”.

São muitas as formas possíveis de dominação. Conforme explicita Vera Lucia Marques da Silva (2018, p. 80), as práticas do BDSM podem envolver três domínios: o físico, o emocional e o psicológico (embora essas últimas duas categorias, em uma perspectiva psicanalítica, estejam fundidas). Fisicamente, a privação dos movimentos do parceiro passivo, como ocorre em “Macho ativo dominador acabando com o viado”, no qual

aquele que é penetrado está de bruços e é também imobilizado pelo “ativo” que chega até mesmo a pisar em sua cara, mostra a dominação na penetração anal de forma exacerbada. Outras posições exploram a submissão fisicamente na performance sexual, como o gesto de se estar “ajoelhado” (“Ajoelhado pro negão”), uma forma antiga de suplício, ou “de quatro” ("Negão dotado 21cm me arrombando de quatro"), quando o parceiro passivo disponibiliza e oferece, sem maior resistência, seu ânus e suas nádegas a outrem.

Alguns utensílios são recorrentes nas cenas de dominação pornografadas, como as “algemas” ("Passivo algemado levando rola amador"), os “chicotes” ("Chicote no saco") e as “cordas” (“Amarrado e com muito tesão"). Empregados para a imobilização e a coerção daqueles que são dominados, tais utensílios são brinquedos sexuais advindos do universo do castigo e da punição, cujas raízes históricas esmiuçadas por Michel Foucault (2014c) mostram o uso da penalidade como um recurso para estabelecer hierarquias de poder e produzir um sistema de “gratificação-sanção”. Os atos de se “apanhar” ("Submisso tendo a boca fodida e apanhando na cara"), se “bater” ("Moreno Magrinho me bateu forte, muitos tapas - Novinho 19 anos deixou a namorada na escola e veio me foder”), se “enforcar” ("Sexo violento enforcando passivo e gozando na bunda”) e se “esmurrar" (“viadinho sendo esmurrado por macho hetero”) são recorrentes e, além de marcarem posições de poder no jogo erótico, indicam um prazer sadomasoquista, cujas vicissitudes veremos a seguir (3.5.2). Na materialidade do corpo, são deixadas marcas. Os “tapas” ("Coroa sendo enrabava e levando tapas na maldade”), os “tapões” ("Na raba toma tapão”) e os “chutes" (“Levando chute na bunda"), muitas vezes, ficam marcados no corpo daquele que apanha, como se os hematomas fossem a prova da dominação física, o que ocorre em "novinho gay apanhando no sexo" (Figura 29).

Figura 29 - Printscreen de frame do vídeo “novinho gay apanhando no sexo”.

A tortura, como uma técnica coercitiva, é expressa no universo da dominação por atos que exploram o corpo submisso “sem dó” ("Socando sem dó no negão"), “sem pena” ("Comi meu professor sem pena") e “com força” ("Ativo socando com força no passivo"). Explicitada pelo termo associado aos vídeos, a "tortura" é mais uma das muitas formas de punição e dominação e faz uso das históricas artes punitivas (FOUCAULT, 2014c), como ocorre em “Dominador torturando submisso - 04”, no qual um homem, amarrado por cordas e imobilizado, tem seu pênis martelado e chicoteado pelo seu “mestre”. Entre “carrascos" e “vítimas”, o homoerotismo pornografado parece tentar reproduzir, em uma visão sadiana, as leis brutais da natureza, sob as quais vence o mais forte (MORAES, 2015b), apresentando jogos sexuais que incluem a dor, a violência e a brutalidade que denotam a “destruição" dos corpos, aspecto que será explorado quando enxergarmos as marcas do sangue e das dilatações e distensões (3.5.3).

Emocionalmente e psicologicamente, o sentimento de servidão voluntária é traduzido pela conjugação do verbo “servir”, como ocorre em "Servindo de escrava pro playboy casado part 1" e "Passivo servindo seu macho peludo.", e também pelo emprego de pronomes possessivos, como em "Fudendo minha puta” e "Minha vadia”. Cenas de humilhação são comuns e, nelas, aquele que desempenha o papel de “dominador" profere xingamentos e assedia verbalmente seus "escravos", como em "Humilhando o porteiro fofoqueiro do meu prédio", ou o coloca em situações de degradação, como ao obrigá-lo a limpar, com a língua, calçados ("Esfregando tênis Adidas na cara do escravo. 4 parte - Vídeo Brasileiro"), pés ("Limpando o Pezão Sujo com a Boca"), privadas (“Escravo otário limpando a privada enquanto me transferia grana com um consolo na cuceta”) e chãos ("Mijando e guspindo no chão e no Nike Shox e depois mandando seu escravo lamber”). Na esteira da degradação do parceiro sexual submisso, usualmente a ser penetrado, está a repetição de termos como “otário” ("escravo otario desesperado com um pé atolado no cu"), “puta” (“A puta gosta de ser dominada”) e “vadia” ("Tratado como tem que ser. Como Puta e Vadia. PARTE 1.").

É necessário elaborar que, juntamente à hierarquia de poder emulada pelas dinâmicas de dominação e submissão, reproduzem-se os estereótipos das personas sexuais do “macho” *versus* a “bicha” (3.2.1), como se a segunda persona tivesse a obrigação de involuntariamente e voluntariamente “servir" a primeira. Se, nas práticas de dominação e submissão no contexto heterossexual, haveria espaço para a soberania e a supremacia femininas, como discriminou Vera Lucia Marques da Silva (2018, p. 85-86), no homoerotismo pornografado, a “fêmea" deve ser violada pelo “macho”. O “macho” é o

“predador”, enquanto o “passivo” seria uma “puta", uma “cadela" e uma “vagabunda", como ocorre nos vídeos "Macho Predador - uma puta obediente sempre merece caralho", "Macho Predador - eu abri o cu da vagabunda" e "Macho Predador - eu e a cadela faminta". A animalização ainda indicaria os sentidos de uma sexualidade daimônica, na qual a força estabelece relações de poer. A performance violenta também é esperada dos “machos ativos”, como alguns dos comentários deixados no vídeo “Macho ativo dominador acabando com o viado”: "O mundo seria um lugar melhor se todo ativo fodesse assim…” (usuário Putinhapassivo), "Por mais ativos como esse” (Vitinhosad) e “Só queria um macho assim” (Coisasnovas122).

Figura 30 - Printscreen de frame do vídeo “Macho ativo dominador acabando com o viado”.

Como resumido pelo registro “eu não queria, mas me obrigou a dar”, nas mãos de “mestres” e “dominadores”, os “escravos” e “submissos" são obrigados a realizar práticas sexuais aparentemente não-consentidas - falemos em “aparentemente” pois, como observa Vera Lucia Marques da Silva (idem), no universo BDSM, o consentimento usualmente faz parte dos contratos firmados entre seus praticantes. O uso da força flerta com os crimes sexuais do abuso e do estupro, que, nominalmente, surgem em títulos como "Estuprei e violentei o marido da minha vizinha (31)99726-1666", "Loirinho estuprado no motel pelos primos" e "ABUSANDO DO CLIENTE NA HORA DA MASSAGEM". São registros audiovisuais em que se explicita o abuso de poder inerente à dominação, levando os seus espectadores a dúvidas em relação ao quanto o jogo sexual encenado está sendo prazeroso para todas as partes envolvidas, como ocorre em “Macho dominador”, no qual o usuário Rafaeneo10 se compadece à possível dor que está sofrendo aquele que é dominado: "Nossa gente, só eu q tive do do pass, coitado, realmente aquilo parecia estar machucando”.

3.5.2. Gritos e gemidos: a violência como prazer

Diretamente vinculada às práticas de dominação e submissão vistas anteriormente, mas não exclusivas a esses jogos sexuais, a violência é um tópico de interesse para o homoerotismo pornografado que aqui analisamos. Compondo o segundo grupo a ser esmiuçado sob a égide da "violação", os signos relacionados diretamente à violência e à respectiva obtenção de prazer merecem nossa atenção não apenas por serem ambíguos e aparentemente contraditórios (como poderia haver prazer na dor?), mas também por apontarem para as relações difusas do desejo ao se beirar os "limites sexuais" que colocam em cena "o risco à integridade física e moral das pessoas", ideia que atravessa muitas das práticas sexuais nos mais diversos contextos, como identificou Maria Filomena Gregori (2014, p. 51) ao percorrer a bibliografia de estudos disponíveis no Brasil. É nesse ponto em que a ética do erotismo mais uma vez esbarra nos antagônicos valores e polos bem e mal, bom/ruim e compensatório/dispendioso.

São vários os caminhos para enxergamos o que se apresenta como "violento" nas práticas homoeróticas pornografadas, compreendendo-se aqui o "violento" não apenas como uma qualidade ética exterior à prática sexual e regulada pelo discurso médico e legal (que apresentam quais são as práticas "saudáveis" e "legais", isto é, quais são aquelas que não causam danos à saúde e que não ferem nenhuma premissa legislativa), mas como um valor constituinte da cena sexual, sendo referenciado e enunciado em seus próprios termos. Uma das veredas possíveis de interpretação é tomarmos como base os jogos sexuais entre "dominadores" e "submissos", que acabamos de discriminar (3.5.1).

O sadomasoquismo, prática que pressupõe a dor física e o abuso psicológico na cena sexual, coloca em evidência o sádico e o masoquista, figuras que aparecerão na literatura psiquiátrica dentro da lógica do *sadismo*, conceito médico que caracterizará aqueles que desempenham, no caso do sádico, "crueldade ativa, violência ativa e volúpia" (PEREIRA, 2009, p. 383) em suas relações sexuais, e, no caso do masoquista, interesse na posição passiva que se junta à do primeiro. Os termos, cujas bases e referências advêm, respectivamente, de Marquês de Sade e do poeta austríaco Leopold von Sacher-Masoch, seriam retomados por Sigmund Freud (2016), nos primórdios de sua teoria sexual, para identificar os direcionamentos da pulsão. Se tomarmos o par complementar

sádico/masoquista, podemos enxergar os signos que representam alguma espécie de dor (“Dor anal por favor goza”), como o choro (“chorando no pau do lavador de carro"), a lamúria (“Ai meu cu”), o urro (“MUITA DOR - Negão estourando cu do branquelo, que urra de dor”) e o grito (“AMADOR: Gritando Desesperadamente de Prazer Enquanto é Arrombado Sem Camisinha”).

Figura 31 - Printscreen de frame do vídeo “MUITA DOR – Negão estourando (...)”.

Em tais materiais audiovisuais, a penetração anal realizada de forma bruta parece ser motivo de prazer tanto para o dominado quanto para o dominador. Trata-se de um sentimento ambíguo, uma vez que a expressão de dor se confunde à expressão de prazer. Em especial na penetração anal, há uma questão que torna a prática difusa no que diz respeito à produção de prazer ou de dor: a musculatura anal precisa estar relaxada (algo que nem sempre acontece quando aquele que é penetrado não esteja preparado e/ou interessado em realizar tal prática ou ainda não exista a lubrificação necessária para facilitar a introdução do pênis ou equivalente em uma área que naturalmente não é lubrificada) até que possa haver o estímulo da próstata, ponto de sensível de estimulação no corpo presente no sistema reprodutivo masculino. Ao ver o outro demonstrar qualquer desprazer, o deboche surge como uma estratégia sádica de obtenção de prazer, como em “Por que será que o novinho está chorando?”.

Os limites entre o consenso e o abuso são testados, como ocorre no vídeo "VIADINHO SE CAGOU TODINHO NA TORA GROSSA" (Figura 32), que apresenta a cena de um rapaz que visivelmente mostra desconforto ao estar sentado sobre o seu parceiro sexual enquanto é penetrado. Nos curtos quinze segundos de vídeo, ele parece fugir, mas é

segurado pelo braço, para que o ato sexual fosse continuado. A cena é motivo de discussão nos comentários: "Pro passivo: tu merece mais do que isso, merece um sexo gostoso e não uma agressão desnecessário dessas" (usuário Junghyu); "Qual a razão de um ativo ser assim agressivo no sexo e gostar tanto do outro sentir dor?" (Heather Fhal); "Queria alguem me arrebentando assim" (Meraxxes); e "Que delícia, com o tesão acumulado que eu to só pedia mais" (Matheusgroosso). Ainda que, ao observarmos outros vídeos no canal que o postou (Maldonato Gp), os parceiros sexuais pareçam ser protagonistas rotineiros de outras cenas de dominação e submissão, o fato de o "passivo" parecer ser forçado a ser penetrado, a julgar pela reação dos comentários, leva-nos para a linha tênue presente no universo daimônico da sexualidade (capítulo 2) entre violação e amor, violência e prazer.

Figura 32 - Printscreen de frame do vídeo "Macho ativo dominador acabando com o viado".

Até que ponto a dor é tolerável na cena sexual? Nas expressões da violação, em conjunção às descrições anatômicas do pênis e adjacentes, surgem os signos do "aguentar", do "dar conta" e do "sofrer", como em "Novinho não aguenta pica do dotado", "Novinho sofreu com 28cm de pica do negão", "Safado quase não deu conta da pirocona EROSMEN.NET" e "Ativo Sofrendo com Consolo Imenso no Cu - INSTAGRAM: LUCIOSERRAT". A penetração, no homoerotismo pornografado, muitas vezes parece flertar com o "desafio", como se pudessem ser testados os limites do ânus com a penetração de órgãos e objetos de grandes proporções, aproveitando-se da elasticidade muscular e do poder de dilatação da região anal. O ânus deve ser "maltratado" ("Maltratando o cuzinho do passivo"), "estourado" ("Estourando um cuzinho virgem") e "destruído" ("Um cu barbaramente destruído").

O segundo caminho possível para localizarmos as expressões da “violência" na pornografia homoerótica amadora reside na identificação do que outrora Néstor Perlongher (1987) chamou de “tensores libidinais”, “resultados da noção de que o desejo é feito daquilo que desafia, que arrisca e que assinala a diferença” (GREGORI, 2010, p. 5), que poderiam ser sintetizados pelo vídeo "No perigo é mais gostoso". Ligados ao mundo do crime, “armas" ("Passivo com tres armas"), “traficantes” ("FUDENDO O TRAFICANTE DE TORNOZELEIRA."), “bocas de tráfico” ("Subiu o morro e deu pro dono da boca e outro marginal part2"), “ladrões" ("Ladrão fodendo gay"), “bandidos" (“Bandido Saiu da febem louco por cu de novinho"), “marginais" ("Marginal gozando na boca do tiozão”), “cadeias" ("Bandidos fazendo sexo na cadeia") e “presidiários" ("Dando ao presidiário foragido") compõem contextos que colocam em risco a integridade física de um ou mais parceiros sexuais, fazendo-se inflexão a uma masculinidade viril que nada teme (como vimos no subcapítulo 3.2.1) . O imaginário de violência impregnado a tais signos é reproduzido de forma a colocar sempre em par o "vulnerável" e o "usurpador". Há de se refletir como também os marcadores sociais da diferença (3.2.3) surgem como aspectos a circundar as experiências sexuais em torno da vulnerabilidade e da violência.

Fazendo-se oposição à violência, estariam o “carinho” ("Fudendo com carinho"), o “cuidado” ("Amigo botando com cuidado") e o “amor" ("Amorzinho com o Maridão Parte 1"). É interessante como muitas vezes amor e sexo não se fundem, pois, se o primeiro (“fazer amor”) estaria relacionado ao cuidado, o segundo (“fazer sexo”), com a violação necessária para a união de dois seres descontínuos, na lógica batailliana (2.3). Porém, na pornografia amadora homoerótica, essas divisões estanques se confundem e revelam outro aspecto da “violação”: a construção da intimidade. Entre “namorados” ("Meu namorado me dá leite todo dia 2", "Muita foda com o namorado" e "Aguentando o pirarucu do namorado quietinho”), as práticas sexuais violentas e/ou que representam algum tipo de violação de limites são aceitas e a “intimidade" oriunda das alianças e dos laços afetivos propicia um espaço de libertação e experimentação entre dois ou mais corpos. O sentimento de “entrega total”, observado por Vera Lucia Marques da Silva (2018) ao escutar praticantes do BDSM e articular sua pesquisa ao que discutia Anthony Giddens (1993) sobre a “reinvenção da intimidade”, atua “como uma espécie de álibi para a reciprocidade” (SILVA, 2018, p. 138),

permitindo a revelação do "oculto" e das fantasias sexuais que não teriam espaço na vida pública sem ao menos causar algum tipo de constrangimento.

Dentro de quatro paredes, o erotismo encontra os mais diversos meios para obter a união entre dois ou mais corpos. A violação é um dos limiares possíveis da experiência erótica no homoerotismo e seus limites serão sempre negociados entre aqueles que participarão da cena sexual (excetuando-se aqui, sem dúvida, os casos criminais de violação de leis que garantem a integridade física e moral do sujeito, como o estupro e o assédio sexual). Contudo, é interessante notar que, mesmo consentido, o ato sexual pode e muitas vezes chega de fato a simular os enunciados e as rotinas da violação, apropriando-se de tais signos para estabelecer jogos sexuais. A pornografia, enquanto campo da imaginação e da circulação de imagens, parece dar vazão a um inconsciente sexual que nada quer saber dos regimentos sociais que regulam, por exemplo, o estupro ou que condenam a agressão física, não se respeitando nenhuma lei que não seja a lei do desejo e do imperativo de gozo do supereu, que, vestido pelas personas sexuais dominadoras e submissas, apenas quer "gozar", mesmo que seja à custa de práticas "violentas", do "mal" e "ruins". A violência presente em algumas das expressões do homoerotismo masculino pornografado apenas dá corpo ao polimorfo e perverso direcionamento que o desejo pode perseguir, como aprendemos com Bataille, Sade e Freud no capítulo 2. O prazer e o desprazer devem ser lidos dentro dos seus próprios termos e condições.

Com isso, não estamos dizendo que os crimes sexuais sejam toleráveis ou não dentro da pornografia ou, o que seria ainda mais equivocado, de que eles deveriam ser aceitos na vida em sociedade. Estamos apenas sinalizando que, em matéria de erotismo, o inconsciente sexual se revela e se manifesta das mais diversas formas e, em muitos casos, está alheio a convenções e acordos civilizatórios fundamentais. Se a pornografia estimula ou não tais práticas subversivas e imorais na vida cotidiana, esse é um tema que será de nosso interesse no subcapítulo 4.2.3, quando pensaremos a questão à luz das práticas que expõem os parceiros sexuais ao hiv. Por ora, o que podemos afirmar é que, na gramática do erotismo, a violência e a violação são muito mais comuns do que o senso comum e a leitura moral e condenatória da sexualidade gostariam. Compreender os "limites da sexualidade", como faz Maria Filomena Gregori (2010, 2014), reconhecendo sua existência mas não necessariamente querendo censurá-la, é necessário para que possamos pensar em estratégias de redução de danos (como a inserção de medidas profiláticas para a prevenção ao hiv e outras infecções sexualmente transmissíveis), direcionamento de perversões sexuais (como

evitar o estupro e a pedofilia a partir da saúde mental e das fantasias sexuais de um criminoso?) e criação de leis e recursos governamentais para a proteção daqueles mais vulneráveis (como crianças, adolescentes e vítimas de assédio sexual e moral). Da intimidade consensual na qual se permitam fantasias “criminosas”, “perversas” ou até mesmo “incestuosas" (como vimos nas personas sexuais relacionadas aos romances familiares, no subcapítulo 3.2.2) à vida pública em que se deve haver um esforço civilizatório calcado no tabu e na proibição (FREUD, 2012), há um grande muro que não deve ser esquecido ou ultrapassado, mas que, ao contrário, deve ser edificado para que ambas as esferas possam ser preservadas.

3.5.3. Dissolução: a violação em seu limite

A última categoria a ser analisada dentro do vocabulário sígnico do homoerotismo pornografado é aquela composta por metáforas diretas da violação. Após passarmos pelos jogos sexuais baseados na dominação e pelos caminhos difusos e perversos do prazer e do desprazer, explicitamos as expressões da violação a partir de suas marcas reais no corpo, como hematomas, sangue, dilatação de orifícios e a irritação da epiderme.

Beirando-se os limites do erotismo batailliano, que seriam a morte e a destituição, tais signos flertam com a "pornografia bizarra", categoria que abarca expressões que carregam "uma forte herança dos espetáculos de 'aberrações humanas' e *freak shows*, pois ela também, à sua maneira sexualizada, espetacularia os corpos em situações extremas", como define Jorge Leite Júnior (2006, p. 214). Embora fosse recomendada a exclusão do termo "bizarro" em nossa pesquisa, por nele residir sentidos morais que não caberiam na gramaticalidade do erotismo que aqui perseguimos, ele surge como uma *tag* associadas a ações extremas. São exemplos de tais aventuras eróticas, "Batedeira de Cu" (Figura 33), vídeo no qual um rapaz faz uso de um eletrodoméstico introduzindo uma de suas pás em seu ânus com o auxílio de uma camisinha, e "Meteu o braço todo no cuzinho do puto", registro no qual o braço é introduzido na região anal de um parceiro sexual.

Figura 33 - Printscreen de thumbail do vídeo "Batedeira de Cu".

Relacionados a um viés capacitista, "que lê as pessoas com deficiência como não iguais, menos aptas ou não capazes para gerir a próprias vidas" (DIAS, 2013, p. 2), corpos com algum tipo de deficiência física estão associados à pornografia "bizarra" (com a recorrência do conjunto de *tags* "gay bizarro deficiente"), como ocorre em "Menino

Amputado punhetando", "Snap: xandrgs Professor musculoso de artes marciais comendo o rabo do anão" e "cadeirante pauzudo". De certa forma, o histórico preconceito, cujas bases estão no discurso eugenista, com corpos que possuem algum tipo de deficiência, lidos muitas vezes como “anormais” e dignos de “horror”, “pena” e “admiração”, é reproduzido ao tornar a condição física como um objeto pela lógica do falo-fetiche (subcapítulo 2.3.3). A violação aqui residiria no processo de destituição de qualquer traço de humanidade em tais corpos, tirando-lhes a dignidade ao objetificá-los, uma espécie de violação subjetiva.

Além das subjetividades, o corpo e a sua anatomia são testados a todo momento. Talvez a dilatação do ânus seja um dos aspectos mais evidentes da destituição erótica. Em "Branco sendo fistado pelo negão", "Arrombando extremo" e "Alargando o cuzinho para aguentar dotados", as cenas sexuais apresentam testes de resistência e elasticidade da região anal. Nos limites, a prática do *fisting*, quando se penetra o punho e até mesmo o antebraço no orifício anal de um parceiro sexual, é da ordem do sexo “extremo”, mas tolerável dentro das possibilidades eróticas. Em "Fistando Até Sangrar", "Meteu o pau agora meteu até o punho e "Era pra colocar só o punho mas...", a substituição do pênis por outras partes do corpo durante a penetração extrapola a dilatação anal “natural” e faz do ânus um espaço recreativo para além da estimulação sexual do pênis. Em tais cenas, frequentemente, aquele que é penetrado não chega a masturbar o seu pênis e obtém prazer com as estocadas e os socos que recebe daquele que lhe penetra objetos e/ou partes do corpo. Como resultado, esfíncteres dilatados, prolapsados e machucados são destaque em registros como "Cu arrombado com porra", "Gay - O Safado Deixou Meu Cú Igual Uma Couve Flor" e “cu pra fora", nos quais a região anal dilacerada é observável.

Os verbos associados às práticas sexuais que envolvem a penetração anal, em certa medida, sintetizam os sentidos da destituição. “Arrombar” ("Arrombando extremo"), “esfolar” ("Negão esfolador"), “arregaçar" ("Cara dotadasso arregançando cuzinho"), “destruir” ("Garotinho tem o cu destruído pelo negão"), “rasgar” ("RASGANDO O PASSIVO COM ROLA GROSSA”), “arrebentar" (“Negro arrebentando o cuzinho do novinho"), “detonar" ("Dois ativos detonando um passivo na cama"), “atolar” ("Lubrificado com leitinho, atolado no consolo grosso !!!! Delicia!”), “estourar" ("Metendo forte até estourar o rabo do puto") e “explodir” ("Gozou dentro e o cu explodiu") apontam para os sentidos da destruição violenta de corpos, recurso outrora utilizado por Sade: “elevando a destruição à condição de criação, Sade faz dela não só uma ciência, mas uma ética e uma

estética” (MORAES, 2015b, p. 126). As acepções corriqueiras que o verbo “foder” ganha também nos levam às ideias da destituição e do dispêndio tendo na sexualidade a sua raiz simbólica.

Como substituto do ânus, a oralidade é explorada pelas práticas da “garganta profunda” ("Garganta profunda no filho mais novo"), nas quais “fode-se” a garganta ("Fudeu a garganta do tio até gozar"), que aqui toma o lugar do orifício anal. Em cenas sexuais de felação “sem pena” ("Garganta Profunda Sem Pena"), chega-se a se engasgar ("Engasgando na rola") e a se provocar o vômito ("Vomitando no boquete"). Na esteira da oralidade, é também interessante notar como ela, em troca, servirá de base para o uso da expressão “comer” ("dois amigos me comendo parte 1") como metáfora da “penetração”, não apenas no homoerotismo, mas também na sexualidade heterossexual. Haveria nessa equivalência simbólica o que Bataille (2014, p. 41) chamaria “ponto de dissolução”, ao incorporar-se o parceiro para dentro de seu próprio ser (2.3). Sabemos desde Sigmund Freud (2016) que as fantasias orais/canibais estão relacionadas às ideias de estimulação sensorial, destruição de objetos e assimilação de suas características e qualidades.

O sangue, como limite extremo do corpo, aparece não apenas como metáfora da perda da virgindade (3.4.1), que em si já traz uma espécie de violação, mas também como a evidência da destituição. Região altamente irrigada por vasos sanguíneos, o ânus é violado até o ponto de “sangrar”, o que pode ocorrer com a baixa lubrificação ou com o surgimento de fissuras anais e/ou hemorroidas que possam fragilizar o tecido que envolve a região anal. O fluído corporal surge como um elemento estético a sinalizar o dilaceramento do ânus, como em “Tirando o Cabaço do Gordinho” (Figura 34) e “Metendo bareback no puto até sangrar”.

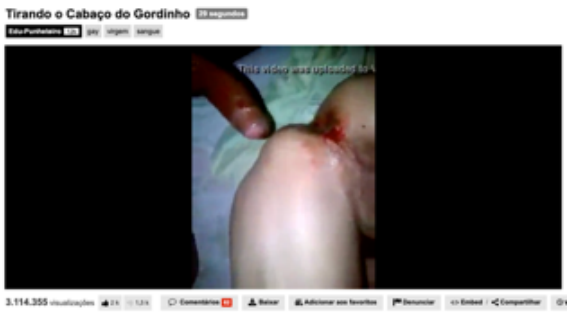

Figura 34 - Printscreen de frame do vídeo “Tirando o Cabaço do Gordinho”.

Misturando-se violação e ironia à virgindade heterossexual e heteronormativa, no registro “Tirando sangue de cabaço”, através de um plano fechado no qual vemos um ânus ensanguentado e um pênis de grandes proporções que pouco a pouco vai adentrando o orifício enquanto se ouve, entre gemidos, “caralho, cuzão [sic] menstruado”, tirar sangue seria o resultado da penetração em um ânus sexualmente virgem (o “cabaço”, expressão usada em diferentes regiões do Brasil para designar a membrana que recobre o canal vaginal virginal). Nos comentários deixados por usuários que assistiram ao vídeo, não são poucos os elogios à prática, como o comentário deixado pelo usuário Psvbr: “eu adoro isso, essa sensação de ter meu rabo destruído e de satisfazer meu macho, pra melhorar só faltou uma leitada no cu”.

O sangue ao lado do esperma a ser "depositado" comprova que os devaneios de Sade não eram tão descolados da realidade sexual. Como nos últimos dias de Sodoma, quando são exploradas paixões assassinas, o sangue remete à violência inerente à linguagem do erótico. Georges Bataille (2014), a partir de Sade, chega à formulação de que a violência é tão inerente à sexualidade que a última instância do erotismo chega a ser a morte. A morte, limite dos usos perversos do corpo, é, não coincidentemente, o fim de todas as personagens de Sade. Na cena final de *A filosofia na alcova*, Eugénie costura a vulva de sua própria mãe após infectá-la com sífilis, como uma forma de punição e martírio. Enquanto Dolmancé esporra vendo a cena, Eugénie confidencia em êxtase: “as dores desta vaca inflamam minha imaginação a ponto de eu não saber mais o que faço.” (SADE, 2015, p. 197).

Historicamente, o sangue não somente é o signo da violência e da violação, mas também aquele que simboliza a comunhão de corpos, espíritos e corações. Na liturgia católica, Jesus Cristo, na última ceia, reparte o seu corpo e seu sangue para eternizar sua presença, gesto rememorado pela hóstia e pelo vinho: “Bebei dele [cálice] todos, porque este é o meu sangue, o sangue da aliança” (Mateus, 26, 26-27). Em celebrações de matrizes africanas, como o vodu, o sangue de animais é ofertado a forças superiores, estabelecendo uma forma de conexão entre o mundano e o espiritual. Durante a Idade Média, a nobreza se traduzia pelo sangue azul compartilhado pelas famílias. Nos pactos, fura-se o dedo para que o sangue seja compartilhado. Porém, como pensar em possibilidades eróticas de comunhão no cenário pós-hiv/aids?

Sinal mais evidente da exposição dos corpos à contaminação, tais práticas que envolvem sangue serão sensíveis quando abordarmos as representações da cultura “barebacking" e os signos do hiv/aids na pornografia amadora (4.2), embora a penetração anal com a presença de sangue não seja apenas a única forma de exposição ao vírus, sendo o fluído corporal apenas um indício extremo da vulnerabilidade e da fragilidade das regiões anal e genital. A violação, apresentada em signos diversos, encerra nossa exploração acerca do vocabulário sígnico do homoerotismo mostrando que, como Georges Bataille (2014, p. 41) formulou, “toda a operação erótica tem por princípio uma destruição da estrutura do ser fechado que é, no estado normal, um parceiro do jogo”.

4. O HOMOEROTISMO PÓS-HIV/AIDS

Ponto de inflexão desta tese, o hiv/aids tornou-se um objeto de interesse para a pesquisa no momento em que se observou um silenciamento da questão em seus termos científicos e, em contrapartida, uma proliferação de expressões que contornavam o vírus e a síndrome, por vezes, chegando-se até mesmo a envolver pelo véu erótico a possibilidade de exposição ao vírus. Portanto, o presente capítulo se dedica à compreensão dos processos de significação do hiv/aids e seus efeitos subjetivos (4.1) para, posteriormente, circundar e dimensionar a questão tomando a produção e o consumo da pornografia amadora como estratégias de investigação (4.2).

Inicialmente, falar ao mesmo tempo do homoerotismo masculino e do hiv/aids poderia parecer que estaríamos reproduzindo o estigma e preconceito, como se o primeiro necessariamente levasse ao segundo e vice-versa. Por isso, de antemão, devemos derrubar duas ideias falsas que correm no senso comum. A primeira delas diz respeito à ligação direta e exclusiva entre a identidade e prática homossexual masculina e a infecção ao hiv e o desenvolvimento da aids - o que, logo após o início da epidemia, se mostrou falso e denunciou a carga moral preconceituosa que recairia sob as expressões sexuais dissidentes. Ser homossexual não significa ter hiv/aids. Igualmente, o vírus não é um resultado natural e exclusivo das práticas homoeróticas. Todas essas falácias, como veremos, foram frutos de leituras preconceituosas e equivocadas durante o trajeto sígnico do hiv/aids.

Certamente, poderíamos falar do homoerotismo sem o hiv/aids e abordar o hiv/aids sem necessariamente ficarmos na delimitação homoerótica. Contudo, diante dos dados epidemiológicos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2018, 2019) que apontam para a população homoerótica como uma das principais população chave para o manejo epidemiológico, ainda se mostra pertinente dimensionar as extensões do vírus e da síndrome no contexto das expressões homossexuais. Trata-se de um gesto político que busca ampliar as discussões e o repertório disponível para um melhor enfrentamento desta tópica que ainda é de interesse público.

4.1. O hiv/aids em transformação

Na contemporaneidade, são muitas as representações e as abordagens do hiv/aids. Diversas áreas do conhecimento, desde o seu surgimento, vêm tentando cercar a questão de forma multidisciplinar. Dentre todas as áreas do conhecimento, aquelas relacionadas diretamente à saúde, sobretudo a infectologia, a imunologia, a enfermagem e a farmacologia, a partir de notórios trabalhos científicos, vêm encabeçando pesquisas que buscam novos tratamentos e medidas profiláticas, tendo a erradicação do vírus e de sua transmissão como meta. Porém, também se destacam, desde o surgimento da epidemia, trabalhos das áreas das ciências sociais aplicadas e das ciências humanas que, em geral, buscam enquadrar o hiv/aids a partir dos seus impactos sociopolíticos (JARDIM, 2019; PARKER, 1994; QUINALHA, 2019), psicológicos (ALMEIDA, 2008; COSTA, 1995; SANCHES, 1997) e culturais (DANIEL, 1994; ROTELLO, 1998; SONTAG, 2007). A construção de pontes interdisciplinares, no que diz respeito à aids e ao hiv, tem se mostrado fundamental para abarcar todas as complexidades neles existentes, criando-se uma rede de solidariedade em torno da aids (PARKER, 1994) em busca de uma melhor e mais efetiva conscientização e educação sobre as formas de prevenção e tratamento, desmistificando-se estigmas e mitos e apresentando-se os avanços que hoje temos em termos farmacêuticos, técnicos e midiáticos.

Neste subcapítulo, buscamos pensar o hiv/aids a partir de uma perspectiva semiopsicanalítica e comunicacional, compreendendo, por um lado, os processos de produção de sentido dos signos que circundam e engendram, semioticamente, a temática, e, por outro, as formas como os sujeitos, sejam eles soropositivos, soronegativos ou sorointerrogativos[15], constituem-se em relação a tais signos. Em especial, voltaremos nossa análise para a população homoerótica masculina, para quem a questão do hiv/aids, historicamente, vem sendo um ponto de inflexão nos processos coletivos e individuais de expressão da sexualidade e do erotismo.

Nesse ponto, faz-se importante destacar que por "população homoerótica" também compreendemos as identidades sexuais masculinas que, embora possam ser homoeróticas, não se enxergam como tais, como a bissexualidade (quando homens se relacionam tanto com mulheres quanto homens) e os casos de homens que se relacionam sexualmente, esporadicamente ou com frequência, com outros homens, mas que não se consideram

[15] Os termos "soropositivos", "soronegativos" e "sorointerrogativos", respectivamente, correspondem aos sujeitos que têm sua sorologia positiva, negativa ou inconclusiva ou que não sabem seu estado sorológico. A sorologia indica a presença do vírus no organismo.

homossexuais (identificados nos estudos da saúde pela sigla HSH). As identidades sexuais (homo, bi ou heterossexual), que muitas vezes se apresentam como identidades universais e totalizantes, não dão conta de toda a pluralidade que a sexualidade pode assumir e expressar.

Ainda é importante destacar que, apesar do nosso enfoque homoerótico masculino, o hiv/aids também teve e ainda tem implicações e desdobramentos particulares em determinados grupos sociais, como aqueles das mulheres heterossexuais soropositivas, dos filhos de mães soropositivas que têm sorologia positiva desde o nascimento, dos usuários de drogas injetáveis e da população carcerária como, respectivamente, vêm sendo estudados de forma multidisciplinar por Sanches (1997), Freitas (2017), Moraes (2003) e Catoia (2016). A cada uma dessas populações os signos do hiv/aids trarão questões distintas às suas representações e às suas implicações na construção intersubjetiva de sujeitos, corpos e vivências.

Em uma perspectiva do homoerotismo masculino, enxergando-se as subjetividades e os corpos atravessados pelas tópicas farmacêuticas, técnicas e midiáticas do hiv/aids, podemos elencar, de início, alguns desdobramentos. Enquanto a associação de novas substâncias para o manejo do vírus (através dos fármacos antirretrovirais) às novas técnicas e tecnologias profiláticas permitiram uma melhor qualidade de vida daqueles que vivem com hiv e uma melhor eficácia de práticas sexuais salvaguardadas da exposição ao vírus, há a redefinição de imagens midiáticas e de suas implicações na trama simbólica de subjetividades soropositivas, soronegativas e sorointerrogativas. As novas formas de representação e abordagem nos espaços comunicacionais vêm despindo o vírus e a síndrome do preconceito e da desinformação que rondavam os signos da aids desde o início de sua epidemia. Por fim, as práticas sexuais homossexuais têm no uso ou não-uso do preservativo ou de outras técnicas profiláticas um ponto de inflexão.

Nesta tese, pela perspectiva semiopsicanalítica, articularemos os signos do hiv/aids aos sujeitos homoeróticos, buscando-se compreender como tais representações são engendradas a partir de sua circulação midiática. Pelo viés comunicacional, podemos observar como tais processos de construção sígnica marcam e operam como espaços de mediação entre cultura e sujeito, ideário midiático e fantasias individuais, corpo social e campo subjetivo, políticas públicas e vivências privadas.

Remontar a trajetória de transformações dos signos do hiv/aids traz uma dimensão histórica, comunicacional e cultural que se faz necessária para a compreensão das raízes dos estigmas e dos preconceitos que ainda rondam a temática. Assim como o homoerotismo é

um conceito delimitado e forjado pelo seu contexto cultural, formulação, que, de certa forma, é semiopsicanalítica, de Jurandir Freire Costa (1992) e que conduz os questionamentos iniciais do presente trabalho (2.2), o hiv/aids, em sua dimensão sígnica, na contemporaneidade, é resultado tanto de seu histórico quanto das novas configurações. O vírus, cuja carga genética até pode sofrer modificações com a sua replicação e reprodução nos organismos que o hospedam (FANALES-BENASIO et al., 2010, p. 9), sem dúvidas, mudou na mesma velocidade do que os signos que o representam - esses, sim, ligeiramente transformados a cada geração. De uma "doença" mortal (como a síndrome foi erroneamente interpretada inicialmente) a um vírus com o qual se pode conviver, as expressões do hiv/aids mudaram de forma substancial em quase quarenta anos.

4.2.1. Circulação e trajetória sígnica do vírus e da síndrome

Buscando-se remontar a trajetória de constante significação dos signos do hiv/aids na cultura, podemos, para fins didáticos, dividi-la em três principais momentos, seguindo-se alguns marcos em sua história, a saber: (a) os primeiros relatos da aids na década de 1980; (b) os primeiros anos de seu tratamento com medicamentos antirretrovirais na década de 1990; e (c) os avanços terapêuticos e as mudanças terminológicas da temática a partir do século XXI.

A primeira menção indireta à aids no Brasil ocorreu em 1981 a partir das notícias de jornal que divulgaram a recorrência de lesões de pele relacionadas ao Sarcoma de Kaposi, um raro tipo de câncer que outrora esteve confinado a uma específica região às margens do Mar Mediterrâneo e que agora incidia em homens homossexuais estadunidenses. Falemos em "menção indireta", pois, inicialmente, não se chegou à formulação da aids: a síndrome da imunodeficiência adquirida só seria mencionada meses depois, após os estudos preliminares que indicavam suas particularidades.

Em termos semióticos, pode-se dizer que a aids, inicialmente, foi representada pelo signo da incógnita. Se eram poucas as informações sobre o mecanismo da síndrome, do lado do intérprete, muitos eram os preconceitos, medos e angústias de uma população facilmente impactada pelas rápidas mortes noticiadas nos jornais de forma alarmista.

Como os primeiros pacientes notificados pela literatura médica e noticiados pela imprensa eram homossexuais, juntamente à síndrome, estabeleciam-se as equivocadas associações diretas com a homossexualidade masculina. Inicialmente, como lista Antonio Carlos Oliveira de Almeida (2018), a aids chegou a ser chamada de "peste gay", "câncer gay" e "Grid", um acróstico de *Gay Related Immunodeficiency*. À primeira vista, o adoecimento parecia exclusivo à população homossexual, estendendo-se também às vivências transexuais ou travestis, essas últimas que, muitas vezes, eram, no discurso social e médico, lidas equivocadamente como identidades atravessadas pela homossexualidade masculina ou marcas de seu excesso ou exacerbação. Vale lembrar que, no Brasil, muitas vezes, o termo "viado" era usado pejorativamente para designar corpos travestis nas décadas de 1970 e 1980. O termo "gay" começaria a ser importado e ter maior adesão na cultura brasileira a partir da década de 1980, o que, em grande parte, deveu-se à aids.

No Brasil, onde as primeiras suspeitas foram diagnosticadas em 1982 em pacientes homossexuais que estiveram nos Estados Unidos ou que tiveram relações sexuais com norte-americanos, a aids inicialmente ganhou o *status* de um problema de saúde estrangeiro que, no país, somente acometeria pessoas ricas. Paralelamente ao que viria a ser, no imaginário cultural, o dia a dia de homens homossexuais ricos, a aids estava associada à uma vida sem regras ou limites, na qual fossem comuns o uso excessivo de drogas e a alta rotatividade de parceiros sexuais (TREVISAN, 2018). O roqueiro Leo Jaime, à época, compôs e lançou a música “Aids” (1983), na qual dizia que a síndrome era "a última moda de Nova Iorque", fazendo uma piada de mal gosto com a supervalorização de tudo o que vem do solo norte-americano, além de apontar o que, à época, significava o diagnóstico de uma fatalidade irremediável: “aids, não tente colocar band-aids”, dizia o seu refrão. O fato de os Estados Unidos terem se convertido, em pouco tempo, em uma referência na investigação científica da aids ajudou a perpetuar, por um bom tempo, a ideia de que a síndrome era uma questão estrangeira de saúde que estava sendo importada para o Brasil. Durante a década de 1980, pacientes brasileiros da aids que tinham boas condições financeiras muitas vezes visitaram o país norte-americano para se submeterem aos tratamentos experimentais que vinham sendo desenvolvidos.

Na sociedade brasileira, que se abria moralmente e sexualmente ao final de uma ditadura militar iniciada em 1964, que, entre outras práticas autoritárias, perseguiu e censurou expressões sexuais divergentes à norma heterossexual (QUINALHA, 2017), os relatos da aids no Brasil desencadearam uma onda de alarmismo e preconceito contra a comunidade homossexual e travesti. Como relembra João Silvério Trevisan (2018, p. 393-438), campanhas midiáticas sinalizavam essa população como vetores exclusivos da aids e inclusive sugeriam extermínios em massa para a erradicação da síndrome, além de serem rotineiras as piadas e as demonstrações de exclusão e punição a todos os homossexuais na mídia, nos hospitais e na vida pública, sendo um exemplo a fala do radialista Afanásio Jazadji, que defendia o isolamento compulsório de homossexuais (idem, p. 405-406).

Apesar de a aids ter sido nominada e devidamente relatada pouco após o início da epidemia, o hiv só seria descrito na literatura médica em 1985 quando cientistas conseguiram isolar o agente etiológico da síndrome. A partir de sua descoberta, tornou-se possível a criação de um teste diagnóstico eficaz, fato que facilitou e ampliou a detecção e o tratamento do vírus. A detecção de anticorpos do hiv, a partir da metodologia de diagnóstico ELISA,

converteu-se em uma etapa para a vida sexual dos casais, que agora a ela poderiam se submeter periodicamente, juntamente ao uso da camisinha, como medidas de prevenção.

Em torno do exame laboratorial, rondavam os signos do medo, da dúvida e do preconceito, uma vez que eles, inicialmente, só eram pedidos em casos de suspeita de infecção. Clínicas de exame laboratoriais passaram a desenvolver códigos de conduta que, por vezes, colocavam o paciente em uma situação limítrofe da angústia: se a clínica pedisse para que o paciente fosse até o estabelecimento para buscar seu resultado em mãos pelo médico ou enfermeiro responsável, esse era um indicativo prévio de um resultado positivo para o hiv ou inconclusivo que, em ambos os casos, podiam levar ainda a um segundo teste.

Uma vez que o vírus foi indicado como o principal vetor para o desenvolvimento da aids, as teorias que colocavam a síndrome como exclusiva às populações homossexuais passaram a ser rejeitadas cientificamente ao passo que eram notificadas as suas incidências entre mulheres e homens heterossexuais ou que nunca tiveram relações homossexuais. Paralelamente, passou a ocorrer a "pauperização" da aids, como localiza Eduardo Jardim (2019, p. 31), “quando ela se alastrou pela população das periferias”, além de chegar a regiões fora do eixo Sul-Sudeste, atingindo as regiões Norte e Centro-Oeste.

Em 1986, o governo brasileiro foi pioneiro ao criar o Programa Nacional de DSTs e Aids, frente de atuação do Ministério da Saúde, e ao investir em campanhas publicitárias para a conscientização, a prevenção e o tratamento da síndrome. Porém, as primeiras peças publicitárias reproduziram o mesmo alarmismo que ainda circulava na opinião pública, sem apontar para informações profiláticas ou educativas que não estigmatizassem os pacientes: “a aids mata” e “se você não se cuidar, a aids vai te pegar”, diziam dois dos cartazes assinados pelo programa. O signo da incógnita começava a dar lugar aos signos do discurso oficial governamental, que, mesmo equivocados, eram chancelados pelo Ministério da Saúde. Através do SUS (Sistema Único de Saúde), o manejo da epidemia passou a ser institucionalizado e colocou o Brasil no eixo internacional de nações empenhadas em sua erradicação.

No campo das expressões da propaganda governamental brasileira, as campanhas de conscientização durante a década de 1980 são caracterizadas por "anúncios impactantes, chocantes, facilmente memorizáveis” (PAZ, 2007, p. 180), expondo diretamente a impossibilidade de cura para a aids e para a eliminação do hiv. São exemplares as peças audiovisuais “aids: você precisa saber evitar”, que trazia a transformação de um sorridente palhaço em um apático paciente em um leito hospitalar; e “aids: pare com isso”, essa última

que trazia em sua locução: “A aids mata sem piedade. Não deixe que esta seja a última viagem de sua vida”.

A equação “hiv/aids = morte”, chancelada até mesmo pelas instituições governamentais, ainda que hoje se mostre equivocada, deixaria marcas profundas no imaginário cultural, mas já seria combatida na década de 1980, por Organizações Não-Governamentais (ONGs) e iniciativas artísticas, como os grafites do artista soropositivo Keith Haring (“Ignorance = Fear; Silence = Death") e a divulgação de informações sobre a aids e suas formas de transmissão no encarte do LP *Like a prayer* (1989), da cantora Madonna, que, já à época, obtinha grande prestígio entre a comunidade gay internacional.

Em 1987, a Zidovudina (também conhecida como AZT), primeiro fármaco para o controle do vírus no organismo do paciente, começou a ser comercializado por uma empresa norte-americana, porém, apenas pacientes com altas condições financeiras podiam utilizá-lo, uma vez que sua comercialização em solo estrangeiro e sua importação eram de alto custo. Data desse período a louvável criação de redes de solidariedade entre comissários e comissárias de bordo de voos internacionais, como aqueles feitos semanalmente pela Varig, e pacientes da aids que necessitavam dos medicamentos, mas não conseguiam importá-los diretamente devido aos altos custos de importação ou às dificuldades inerentes ao processo alfandegário.

Ao final da década, as mortes de pessoas com hiv foram alardeadas na mídia e representadas por imagens de dor e angústia. Corpos cadavéricos em camas de hospital, rostos sem expressão, a família o redor que chora com pesar: a morte daquele que viveu com hiv e que desenvolveu a síndrome sempre se mostrava dolorosa e indigna, como na fotografia dos últimos dias de vida do ativista gay David Kirby utilizada, em 1990, em um anúncio publicitário da marca internacional de roupas Benetton. No Brasil, a capa da revista Veja, que à época lograva um lugar de destaque entre os veículos semanais, em 1989, estampava um retrato abatido, magro e apático do cantor e compositor Cazuza, sob o título “Uma vítima da aids morre em praça pública” (Figura 35). A forma como parte da imprensa noticiou a evolução da síndrome em Cazuza foi exemplar no que diz respeito aos estigmas e estereótipos impregnados à linguagem, como as imagens da “batalha”, da “vítima” e da “punição”, aspectos destrinchados e identificados por Susan Sontag (2007) ao repensar seu ensaio “A doença e suas metáforas” a partir da epidemia da aids.

Figura 35 - Capa da edição da Revista Veja do dia 26 de abril de 1989.

A aids e a espetacularização da síndrome caminharam lado a lado nas práticas midiáticas de jornais, revistas e programas de televisão, tornando-se uma das pautas do jornalismo de celebridades. A todo momento, a imprensa e a opinião pública especulavam sobre o possível adoecimento de personalidades ilustres, sobretudo daqueles que fossem abertamente ou não homossexuais. O estilista homossexual Clodovil Hernandes, um dos muitos que foram pressionados a divulgar publicamente sua condição sorológica, em 1990, teve que ir ao *Cara a Cara*, programa de entrevistas de Marília Gabriela na Rede Bandeirantes de Televisão, para desmentir as notícias a seu respeito e expor o histórico de seus exames laboratoriais. Na esteira da espetacularização dos pacientes da aids (expostos ao vírus não apenas pela via sexual, como também via transfusão de sangue), a classe artística foi uma das mais impactadas, como, por exemplo, os falecimentos do cartunista Henfil (1988), do ator Lauro Corona (1989), do cantor Freddie Mercury (1991), da atriz Claudia Magno (1994) e do cantor Renato Russo (1996). Por estarem sob o constante holofote de rádios, redes de televisão e páginas de revista, suas precoces passagens fortaleceram os signos da morte que rondaram a aids na primeira etapa de sua representação e que ainda custaram a desaparecer nas décadas subsequentes.

O segundo momento das representações do vírus e da síndrome, no Brasil, inicia-se na década de 1990, quando o AZT, principal fármaco para o manejo da síndrome e do vírus até então, passou a ser distribuído gratuitamente pelo Ministério da Saúde. Seguindo-se o caminho aberto pela Associação Brasileira Interdisciplinar da Aids (ABIA), criada em 1987 no Rio de Janeiro, as primeiras redes de solidariedade se estabeleceram a partir de ONGs e

congressos científicos temáticos e qualificam o debate público, promovendo a troca de informações entre o Brasil e outros países (PARKER, 1994).

De certo modo, o reconhecimento social e político de corpos divergentes à heterossexualidade e à cisgeneridade, como aponta Renata Carvalho (2020), em parte, deu-se a partir da aids. As primeiras políticas públicas voltadas exclusivamente aos homossexuais, às pessoas transexuais e travestis só ocorreram sob a égide do controle epidemiológico da aids. Como documenta Regina Facchini (2005), grande parte das ONGs surgidas na década de 1990 voltadas a essas populações decorreram da necessidade de acolhimento de pessoas soropositivas e da proposição educativa e coletiva de novas formas de prevenção à infecção do hiv.

Pelo fim do preconceito, do estigma e da desinformação que rondavam os signos da aids, pessoas soropositivas e ativistas se tornaram porta-vozes e autoridades de campanhas midiáticas, passando a reivindicar um tratamento mais humano e empático à aids e seus pacientes, renovando as suas representações. Livros como *Vida depois da morte* (1994), do ativista soropositivo Herbert Daniel, e a literatura soropositiva de Caio Fernando Abreu (FERNADES, 2016) ampliaram a sensibilização da temática no espaço público. Posteriormente, o livro paradidático infanto-juvenil *Depois daquela viagem* (1997), de Valéria Piassa Polizzi, no qual a autora relata sua vivência positiva desde os dezesseis anos de idade, e os trabalhos de campo de Vera Paiva (2000), focados em pensar estratégias pedagógicas para abordar a importância do uso do preservativo masculino nos processos de educação sexual de jovens, trouxeram a discussão da aids e do hiv para o ambiente escolar.

Em meados da década de 1990, novos compostos químicos foram associados à Zidovudina, como a Dinadosina, a Enfuvirtida e a Lamivudina (cuja combinação passou a ser conhecida como "coquetel"), enquanto, no Brasil, a Lei Federal 9.313 estabeleceu legalmente a distribuição gratuita de medicamentos a pessoas com hiv pelo SUS, uma garantia constitucional exemplar. Se antes não havia um tratamento efetivo para o hiv, agora era possível conviver com o vírus e ter uma relativa qualidade de vida garantida pelo Estado.

Essa nova realidade fármaco-política deslocou o foco da propaganda governamental brasileira. Como destaca Josi Paz (2007, pp. 182 - 183), a campanha "Tratar bem é lutar pela vida", de 1998, ao trazer os testemunhos da atriz Sandra Béa e do infectologista Ricardo Palombo, buscou ressignificar os signos da aids e do hiv, distanciando-se da associação entre a doença e a morte: "a aids não pode ser mais encarada igual a morte. A aids tem que ser encarada igual a viver com aids", dizia o médico, de forma salutar.

Pouco a pouco, novos fármacos foram sendo associados (hoje chegando-se a vinte e duas possibilidades de antirretrovirais divididos em seis tipos, cada qual com um comportamento distinto, que devem ser administrados em combinação[16]), tornando o tratamento mais eficaz e melhorando a qualidade de vida de pessoas que vivem com hiv, ao diminuir os efeitos adversos que pudessem prejudicar o seu dia a dia. Enquanto o número de possibilidades farmacêuticas aumentava, diminuía a quantidade de medicamentos a ser administrados diariamente, extinguindo-se a ideia de "coquetel".

Pouco mais de dez anos após o surgimento cercado de incógnitas da aids, na década de 1990, a literatura médica já contabilizava êxitos e aprendizados suficientes para assumir a dianteira dos saberes sobre a síndrome, o vírus e o que viria a ser o "sexo seguro". A retomada da sexualidade aos discursos médicos já se mostrava um caminho sem retorno, trazendo à tona os conflitos entre as práticas eróticas produzidas e reproduzidas espontaneamente pela cultura e as medidas profiláticas recomendadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que se tornava uma das principais autoridades no assunto.

A níveis mundiais e regionais, a relação entre hiv e homossexualidade foi debatida a partir de uma perspectiva política e comportamental, por meio do crescimento de publicações voltadas à população homoerótica, como a revista Sui Generis, no Brasil, e a POZ, dos Estados Unidos, feita por e para pessoas hiv-positivas. No artigo "Riding barebacking" ("cavalgando sem cela", em tradução literal), publicado em 1997 na citada revista estadunidense, o termo "bareback" apareceu pela primeira vez para designar a prática sexual sem camisinha entre homens. Como retoma Edgard Felberg (2011, p. 41), a palavra assinalou "o retorno a uma sexualidade não mais limitada pelo medo à infecção por hiv", usualmente associada à condenação moral da homossexualidade. A construção sígnica do *barebacking* se dava a partir da condição sorológica do parceiro sexual: os termos "bug chaser" ("caçador de joaninhas", em livre tradução), "gift" ("presente") e "gift giver" ("aquele que presenteia") designam, respectivamente, a contaminação por hiv e aqueles que buscam trocar sua condição sorológica (de hiv-negativo à condição hiv-positivo). Os signos do hiv desencadearam novos signos no contexto das práticas homoeróticas.

[16] São eles: Abacavir (ABC), Didanosina (ddI), Lamivudina (3TC), Tenofovir (TDF), Zidovudina (AZT), Efavirenz (EFZ), Nevirapina (NVP), Etravirina (ETR), Atazanavir (ATV), Darunavir (DRV), Fosamprenavir (FPV), Lopinavir (LPV), Nelfinavir (NFV), Ritonavir (RTV), Saquinavir (SQV), Tipranavir (TPV), Enfuvirtida (T20), Dolutegravir (DTG), Raltegravir (RAL) e Maraviroc (MRV). São mais comuns as seguintes combinações: Lamivudina + Zidovudina (3TC + AZT); Lamivudina + Tenofovir + Efavirenz (3TC + TDF + EFZ). Colocamos aqui a extensa lista de fármacos para que se tenha uma dimensão do quanto as pesquisas evoluíram no que diz respeito ao tratamento do hiv.

A última etapa na trajetória de significações do vírus e da síndrome começa nos anos 2000, com os avanços farmacológicos e terapêuticos que foram aliados às políticas mundiais estabelecidas entre governos e empresas farmacêuticas para a distribuição de medicamentos em países em desenvolvimento, tornando-os mais acessíveis à população em geral. Na esteira do que já era feito pelo Ministério da Saúde do Brasil, muitos países passaram a criar programas governamentais de acesso gratuito e universal a medidas profiláticas para o manejo da epidemia - o que, em alguns lugares, já trouxe resultados bastante expressivos, com a diminuição da incidência do vírus.

Algumas das descobertas científicas mais recentes são os estudos que relacionam a diminuição da carga viral à não-transmissão do vírus, mesmo em relações sexuais sem preservativo. Ainda que não exista uma forma de eliminar completamente a presença do vírus no organismo do paciente, a drástica redução da carga viral deixa o vírus indetectável até mesmo em exames laboratoriais. “Indetectável = intransmissível” (“I=I”) é a equação que traduz o fato cientificamente comprovado de que pessoas que possuem uma baixa carga viral e estão em tratamento contínuo com antirretrovirais deixam de transmitir o vírus. Um dos impactos mais relevantes que surgem a reboque desse conceito é a formação de casais sorodiscordantes, isto é, casais formados por pessoas que tenham condições sorológicas distintas (um hiv-positivo, outro hiv-negativo), sem que haja a vulnerabilidade e/ou possibilidade de transmissão do vírus, o que revolucionou as formas afetivas e eróticas de pessoas soropositivas. Além disso, a relação entre a indetectabilidade e a não-transmissão coloca o tratamento antirretroviral como uma das barreiras epidemiológicas mais eficazes no manejo do hiv/aids, evidenciando-se a importância e a relevância do diagnóstico e do tratamento precoces.

À medida em que envelheciam as primeiras gerações de pessoas que viviam com hiv e que já se encontravam em tratamento precoce, atualizando-o a cada nova possibilidade terapêutica e farmacêutica, foram sendo derrubados os signos da aids que associavam a síndrome a um encurtamento da expectativa de vida. Era possível conviver e envelhecer com o vírus, mantendo uma boa qualidade de vida. A morte não é mais o signo que caminha com o diagnóstico positivo. Igualmente, com os novos fármacos, deixaram de fazer sentido os signos que viriam a ser indicativos aparentes da presença do vírus ou do desenvolvimento da síndrome, como a rápida perda de peso, a fraqueza e a apatia, que muitas vezes foram motivos de preconceito e especulação sobre a condição sorológica daqueles que apresentassem tais sintomas.

Outro marco contemporâneo para as representações sociais do hiv/aids foi a gradual mudança dos termos que circunscrevem a questão. Como sugere o Guia de Orientações Terminológicas desenvolvido pelo Programa Conjunto das Nações Unidas sobre o HIV/Aids (2015), substituições como "pessoas hiv-positivas" no lugar de "infectado pela aids" (porque a aids não é um agente infeccioso e viver com hiv não necessariamente leva ao desenvolvimento da síndrome) ou "grupos de população-chave" no lugar de "grupo de risco" (juntamente à ideia de "risco" surge o estigma do perigo, do delito e da culpa) corrigem o preconceito e o desconhecimento embotados nas palavras e nos termos empregados para se abordar a temática.

Outras iniciativas, como a plataforma internacional Visual Aids, que reúne e divulga artistas que vivem com hiv, e a coletânea de poemas *Tente entender o que tento de dizer*, organizada por Ramon Nunes Mello (2017), na qual escrevem pessoas soropositivas, soronegativas ou sorointerrogativas, buscam alargar e ressignificar as clássicas representações do hiv/aids através da arte e suas múltiplas linguagens. Igualmente, projetos buscam colocar o vírus e a síndrome em uma perspectiva histórica, ampliando-se e multiplicando-se as narrativas e os saberes sobre a aids, como o documentário *Carta para além do muro* (2019), de André Canto, e o livro *A doença e o tempo* (2019), de Eduardo Jardim.

Nos últimos anos, a educação e a difusão de informações sobre o hiv/aids têm passado também pelos meios comunicacionais de grande alcance. Em telenovelas brasileiras, como *Amor à vida* (2013), *Malhação* (2015) e *Os dias eram assim* (2017), personagens homens e mulheres, heterossexuais, homossexuais e bissexuais, descobrem sua condição sorológica positiva e ajudam a difundir uma cultura de prevenção e solidariedade entre um vasto público. No YouTube, plataforma de grande aderência entre as populações mias jovens, produtores de conteúdo audiovisual soropositivos, como Gabriel Comicholi (dono do canal "Gabriel Comicholi"), Gabriel Estrela ("Canal Boa Sorte") e Lucas Raniel ("Falo memo"), falam abertamente sobre o dia a dia daquele que vive com hiv.

A propaganda governamental brasileira sobre hiv/aids, nas últimas duas décadas, passou por algumas transformações. Da "camisinha" como âncora da prevenção, como ocorreu na campanha "Sem camisinha nem pensar" (Figura 36), de 2002, às novas formas de prevenção, com a combinação de várias atuações, como a testagem, na campanha "#PartiuTeste" (Figura 37), de 2014, a comunicação oficial investiu na construção eufórica da prevenção, em detrimento da tônica alarmista que teve em outras décadas (PAZ, 2007).

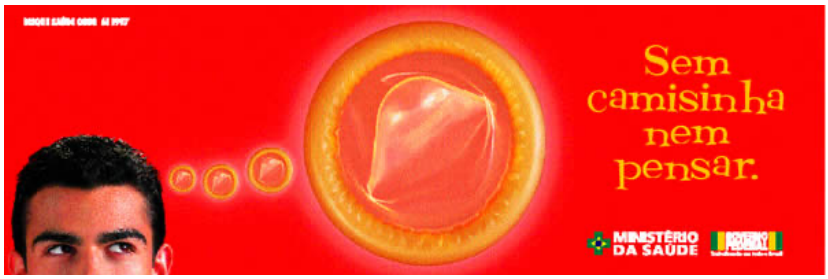

Figura 36 - Campanha do Ministério da Saúde em 2002.

Figura 37 - Campanhas do Ministério da Saúde em 2014 e em 2019.

Apesar da evolução da abordagem comunicativa governamental, pode ser observada uma involução nas campanhas de prevenção sob a gestão Bolsonaro, vista acima: com o título "Sem camisinha, você assume esse risco", a campanha sugere que o leitor faça pesquisas relacionadas ao HPV, à sífilis e à gonorreia em buscadores digitais e se "assuste" e se "horrorize" (a julgar pelas expressões faciais dos modelos que estampam as peças impressas) com os sintomas visíveis de tais infecções sexualmente transmissíveis – retomando o medo e o estigma que portadores dessas "doenças" carregam. Ao mesmo tempo em que há declarações presidenciais de que aqueles que convivem com hiv são "despesas" para o país[17], o hiv/aids, no plano governamental, sai de cena, voltando à obscuridade que o envolveu no início da pandemia na década de 1980, antes das exitosas e pioneiras ações do Ministério da Saúde.

[17] COLETTA, Ricardo Della. "Pessoa com HIV 'é uma despesa para todos', diz Bolsonaro". In FOLHA, 5 de fevereiro de 2020. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/02/pessoa-com-hiv-e-uma-despesa-para-todos-no-brasil-diz-bolsonaro.shtml#. Último acesso em 2 de setembro de 2020.

4.1.2. A construção intersubjetiva do hiv/aids

Se, por um lado, há a cultura, na qual circulam os signos, de outro, há os sujeitos que a constroem e, igualmente, a partir dela, constituem-se. O interpretante, parte fundamental do modelo triádico da semiótica de Charles S. Peirce (os outros dois são o objeto e o signo), é uma chave importante para a compreensão dos processos de transformação sígnica do hiv/aids anteriormente documentadas. É função do interpretante interpretar e dar sentido aos signos e, em última instância, modificá-los a partir de suas apropriações, seus usos e seus consumos, propiciados pela mediação comunicacional da cultura. Ao mesmo tempo, os sujeitos, sejam eles soropositivos, soronegativos ou sorointerrogativos estão atravessados de tal maneira pelos signos em sua constituição que somente podem se enunciar e se expressar a partir deles.

Depois de traçarmos uma breve trajetória dos signos do hiv/aids, através de sua circulação, sigamos a mesma orientação temporal para compreendermos como os sujeitos se estabeleceram em relação a eles. Nessa direção, os relatos (sejam eles artísticos ou científicos) produzidos e coletados contemporaneamente aos momentos históricos da questão no Brasil serão articulados aos seus contextos socioculturais destacados anteriormente, uma vez que a construção intersubjetiva, em termos psicanalíticos, está sempre relacionada à cultura à qual pertence o sujeito e os processos de significação, para a semiótica, se dão pelo interpretante, aquele que interpreta os signos a partir de suas vivências, suas experiências e seus repertórios.

Como, na década de 1980, a aids esteve relacionada diretamente às imagens da morte, receber um diagnóstico positivo significava uma sentença de morte, como o ativista Herbert Daniel (1994, p. 21), que viveu com hiv, escreveu à época: “quando se tem aids, dizem as más e as poderosas línguas que nós somos ‘aidéticos’ e que, para fins práticos, suportamos uma morte provisória até que a definitiva morte que logo chega”. A morte, uma certeza que todo ser vivo pode ter (convivendo com ou sem o hiv), para as pessoas que vivem com o vírus, carregou os sentidos de uma fatalidade irremediável, sem qualquer remédio ou solução efetiva e que dar-se-ia rapidamente.

Enquanto para as pessoas menos favorecidas economicamente, o resultado positivo ao hiv significava uma sentença de morte instantânea, para as pessoas com melhores condições financeiras, ainda havia a possibilidade, mesmo que remota, de busca por tratamentos experimentais nos Estados Unidos, centro de referência na pesquisa e no

desenvolvimento do tratamento do hiv/aids. O cantor Cazuza, cujo talento, em parte, seria ocultado pela aids ao final de sua vida, viajaria algumas vezes para Boston, na metade da década de 1980, para submeter-se a terapias em desenvolvimento no solo norte-americano, como documenta sua mãe Lucinha Araújo (1997). Em 1988, o compositor eternizou sua relação com a aids na canção "Ideologia" (Cazuza/Roberto Frejat): "o meu prazer agora é risco de vida", afirmação à qual, no show registrado ao vivo no disco *O tempo não para* (1988), acrescentou uma indagação, "será?". Em outra canção, do mesmo período, quando divulgou sua condição positiva, Cazuza traz o signo da morte para confrontá-la com a vida: "eu vi a cara da morte e ela estava viva" ("Boas novas", composição de Cazuza de 1988). O senso de urgência que viria com a busca por uma solução para a sua condição de saúde misturou-se à sua esperança por dias melhores, como registrou no *blues* "O tempo não para" (Arnaldo Brandão/Cazuza), uma de suas últimas composições antes de seu falecimento em 1990: "mas, se você achar que eu estou derrotado, saiba que ainda estão rolando os dados, pois o tempo não para".

A aids, por si própria, não é uma doença, mas sim uma síndrome que prejudica o sistema imunológico daquele que vive com o hiv, deixando o paciente mais exposto a doenças. Como sua manifestação clínica mais comum é o surgimento de infecções oportunistas, como as respiratórias ou as que atacam o sistema nervoso, qualquer mínimo sinal de uma dessas doenças já se tornava um motivo de preocupação, sobretudo quando se tratava de algum sujeito que se enquadrasse no que era chamado de "grupo de risco" (terminologia que já foi abandonada). O estigma de um vírus que seria "exclusivo" à população homossexual, muitas vezes, antecedia a avaliação médica, associando toda e qualquer doença à possibilidade da aids, como se ela já fosse esperada em todos os corpos e organismos de sujeitos homossexuais.

As incertezas sobre a aids, na década de 1980, estendiam-se ao momento da testagem do hiv. Nos primórdios dos testes eram comuns resultados de falso-positivo (quando o exame laboratorial, por algum erro de método ou processo, indica que o sangue é reagente ao hiv) ou resultado inconclusivo. Por essas brechas, a possibilidade de um diagnóstico positivo ser falso podia ser um fio de esperança para um diagnóstico negativo, fazendo que pacientes positivos quisessem refazer o teste constantemente para uma nova avaliação (CEDARO, 2005, p. 45). Soma-se a isso, o imaginário de que a aids e o hiv só estivessem presentes entre a população homossexual como uma espécie de "preço a se pagar" pela homossexualidade, o que também fazia com que muitas pessoas tivessem vergonha de se submeterem ao teste

de hiv propriamente dito, encontrando no ato de doação de sangue, momento no qual há a testagem para vários agentes e doenças, uma estratégia para conhecerem sua condição sorológica sem serem taxadas de homossexuais (idem). Pacientes em estágio avançado das doenças oportunistas da aids também, muitas vezes, evitavam serem tratados em hospitais-referência no manejo da síndrome para que não fossem julgados: "a pessoa está vendo que você está doente [da aids], principalmente se você vai para o CEMETRON [hospital de referência no tratamento da aids em Porto Velho, Rondônia]", comenta um dos entrevistados por Cedaro (ibidem, p. 112).

O desconhecimento sobre o hiv e a aids, inicialmente presente até mesmo na comunidade médica, prejudicou o tratamento, fazendo com que os pacientes que se descobriam soropositivos carregassem uma culpa moral. Muitos homens e mulheres passaram por situações de violência e preconceito em consultórios médicos quando recebiam um diagnóstico positivo. Na perspectiva de Claudio Vital de Lima Ferreira (1992, p. 42), "se não existe cura, a medicina [no caso da aids] dá ao paciente a responsabilidade de sua própria saúde (…) antes transferida para a medicina". Diante da impossibilidade de cura, foram comuns, na década de 1980, a alta taxa de suicídios entre pessoas que viviam com o hiv e a negação de sua condição sorológica positiva, dois caminhos distintos, porém igualmente autodestrutivos: a abreviação deliberada da vida do primeiro caso ecoava na escolha por não seguir com o tratamento na segunda postura.

Outro caminho historicamente comum para as pessoas soropositivas é a reclusão: "para não serem aniquiladas pelos seus sintomas sociais, [as pessoas que vivem com hiv] optam - ou se veem obrigadas - a esconderem ao máximo essa condição, como se fosse uma clandestinidade sem sair do lugar onde se vive" (CEDARO, 2005, p. 111). A vida de reclusão domiciliar, o afastamento do mercado de trabalho: o diagnóstico positivo muitas vezes fez com que sujeitos tivessem que mudar de cidade para evitar "fofocas" ou especulações de colegas (idem, p. 112).

Outras pessoas soropositivas buscavam estreitar os laços familiares para criar uma rede de cuidado e afeto, como ocorreu com o ativista Herbert Daniel desde o momento em que descobriu sua sorologia positiva, segundo o biógrafo James Green (2018). No conto "Linda, uma história horrível", Caio Fernando Abreu (1988), escritor que compartilhou sua soropositividade no início da década de 1990, retrata um jovem homossexual que volta à casa de sua mãe e que, apesar dos questionamentos dela ("tu estás mais magro", "perdeu cabelo, meu filho", "e essa tosse de cachorro?"…), não tem coragem para lhe relevar que a

aids lhe acometia. Juntamente à aids, no caso de homens homossexuais soropositivos, surgia uma compulsória "saída do armário", fazendo com que sentissem a necessidade de abrir-se com parentes e colegas, compartilhando sua vida sexual e afetiva homoerótica, outrora oculta ou paralela aos papeis sociais heterossexuais (como o "pai de família" ou "primo eternamente solteiro"…) deles esperados.

Ainda que a via sexual não seja a única forma de transmissão do vírus, a vida sexual de pessoas soropositivas, no primeiro momento da epidemia, mudava drasticamente, como Ferreira (1992) identificou ao entrevistar pacientes no final da década de 1980. Muitos deles deixavam de ter relações sexuais com medo de "atingir alguém inocente", como disse um dos entrevistados (idem, p. 128). Alguns homens homossexuais soronegativos, incluindo-se aqueles que mantinham relacionamentos monogâmicos, passaram a renunciar as práticas sexuais, sobretudo aquelas que envolviam sexo anal (TREVISAN, 2018). Em 1985, no auge do alarmismo que afetava diretamente a vida sexual, o pintor Darcy Penteado criou um cartaz que, juntamente a indicações de como se proteger da exposição ao vírus, encorajava o sexo: "transe numa boa".

Embora fosse comprovado que o hiv não pudesse ser transmitido através do toque e do beijo, no trato com pacientes soropositivos, eram comuns os relatos de discriminação e negligência. O gesto da Princesa Diana, que apertou a mão de pacientes da aids ao visitar um centro especializado em tratamento do hiv no Hospital Middlesex (Londres) em 1987, promoveu uma mudança comportamental, derrubando os mitos que cercavam a transmissão do hiv, que não se dava pelo convívio social.

A culpa moral que recai sobre a sexualidade fez com que sujeitos soropositivos se voltassem às religiões, em busca de "deixar nas mãos de Deus", expressão recorrente nos relatos dos pacientes de Ferreira (1992), seus medos e suas esperanças. Enquanto igrejas que condenavam a homossexualidade acreditam que a natureza, com a aids, cobrava o preço pela sodomia e pelo sexo sem fins reprodutivos, algumas pessoas soropositivas buscaram respostas na vida religiosa, como foi o caso de Walker, um dos sujeitos entrevistados por Cedaro (2005), que encontrou um refúgio no Santo Daime e no ritual de consumo da ayahuasca (bebida produzida através da combinação de diversas raízes, notadamente conhecida por seus poderes alucinógenos). A religião, como um dispositivo sociocultural, mais uma vez serviu como uma ferramenta para aplacar o sentimento de desamparo e insignificância compartilhado por diversas civilizações, como Sigmund Freud (2010d).

Ao documentar percepções, medos e visões de sujeitos que viviam com hiv no final da década de 1990, a psicóloga Renate Meyer Sanches (1997) desenvolveu a ideia de que havia duas formas da síndrome: a “aids social” e a “aids mental”, uma maneira de sinalizar que, para além do vírus, havia uma difusão de signos tão ou mais nocivos que a existência real da síndrome, imagens em circulação tanto no espaço público (“aids social”) quanto na realidade psíquica dos sujeitos (“aids mental”). Um dos exemplos mais significativos do que Sanches tenta elaborar é o relato de Eduardo, um rapaz soropositivo que começou a apresentar sintomas atribuídos inicialmente à aids e que, depois de investigações médicas, descobriu-se que não estavam relacionados ao desenvolvimento da síndrome: seus sintomas eram respostas inconscientes de seu corpo às leituras feitas sobre o que viriam a ser os “males" da aids (idem). Possivelmente, houve a somatização, isto é, a manifestação sintomática sugestionada e induzida pelo discurso social da aids, como se todos os corpos e organismos dos portadores do vírus se comportassem da mesma forma. Outro jovem homossexual, José Roberto, relatou ter buscado se expor ao vírus de forma intencional, para eliminar a angústia que a ideia de se imaginar soropositivo lhe trazia, pois, para ele, a aids era uma condição exclusiva e cabal para todos os homossexuais, como se o fato de ser homossexual, mais cedo ou mais tarde, trazia como consequência a infecção ao hiv (ibidem). Todas essas são respostas inconscientes à aids social, quando as imagens que circulam atravessam a corporeidade e a subjetividade de jovens homossexuais.

Embora a população homossexual masculina tenha sido a mais estigmatizada, para as mulheres heterossexuais, o machismo e as posições subalternas das mulheres na sociedade se somavam às questões do preconceito impregnadas aos signos do hiv/aids. Paula, uma das mulheres entrevistadas por Sanches (ibidem), relatou que, antes do diagnóstico positivo, nunca utilizava qualquer tipo de preservativo com seus parceiros sexuais por ter medo de ser interpretada como uma “mulher promíscua”. Ana, outra das entrevistadas pela pesquisadora, descobriu sua sorologia positiva enquanto estava grávida e em uma relação monogâmica, o que lhe trouxe outras questões como a possibilidade da transmissão vertical (quando a mãe soropositiva transmite o vírus para o bebê) e a infidelidade inesperada do esposo.

A evolução técnica das práticas profiláticas, terapêuticas e farmacológicas pouco a pouco transformou as relações entre as pessoas que vivem com hiv, a sua condição soropositiva e os seus signos do hiv/aids em circulação. Antes, em meados da década de 1990, podia-se afirmar que o uso do AZT (um dos primeiros fármacos antirretrovirais a ser distribuído gratuitamente pelo SUS em 1996) significava, para o hiv-positivo, a ideia de que

o vírus e a síndrome venceram (ibidem, p. 147), pois só costumava ser empregado quando a contagem de linfócitos estivesse muito baixa. Hoje, é só mais uma das muitas opções de medicamentos antirretrovirais disponíveis, que, de acordo com a avaliação médica, podem ser utilizados desde o momento em que a pessoa descobre sua sorologia positiva para o manejo da presença do vírus.

Outras implicações comuns no início do desenvolvimento das terapias antirretrovirais (TARV), atualmente já atenuadas, foram os incômodos e os efeitos adversos advindos do uso de medicamentos. Talvez seja o Efavirenz o antirretroviral cujos efeitos colaterais são os mais conhecidos. Os efeitos "alucinados" do medicamento, para usar a expressão empregada por Ivo, um dos entrevistados por Cedaro (2005, p. 103), dá nome ao Coletivo Loka de Efavirenz, iniciativa de pessoas soropositivas que nasceu no Facebook em 2016 para qualificar o debate do senso comum sobre hiv/aids.

Em uma perspectiva contemporânea, são muitas as possibilidades de acesso aos métodos de informação, prevenção e tratamento do hiv/aids. A educação e a difusão de informações sobre a temática não se dão mais apenas através dos veículos governamentais ou das sociedades médicas, mas também a partir de redes de solidariedade e das plataformas digitais, promovendo uma difusão e um processo de construção de saberes horizontal, totalmente opostos à estrutura vertical, na qual estavam, acima, aqueles que detinham o saber e, abaixo, aqueles que não o tinham. Por um lado, essa nova realidade permitiu uma comunicação mais direta entre as pessoas, excluindo-se a distância entre o espaço público e o cotidiano privado: de igual para igual, jovens soropositivos conversam com jovens soronegativos ou sorointerrogativos através de vídeos e textos, repensando tabus e valores. Por outro lado, em tempos de *fake news*, informações equivocadas sobre o hiv/aids são difundidas, como os vídeos de YouTube que promovem o autodiagnóstico sem qualquer procedimento científico, baseado em sintomas gerais, que, sem a avaliação técnica especializada, não são sinais cabais da presença do vírus ou do desenvolvimento da síndrome.

4.1.3. O hiv/aids enquanto objeto semiopsicanalítico

Cada sujeito, seja ele hiv-positivo ou não, inclusive aqueles que não conhecem seu estado sorológico nem buscam sabê-lo, irá lidar com os signos do hiv/aids de uma maneira distinta, uma vez que ele mesmo deve posicioná-los em suas narrativas de vida, desejo, corpo e saúde. Caberá ao sujeito conduzir o processo de significação da temática em sua trajetória pessoal, articulando, da maneira complexa, os três registros do objeto lacaniano, a saber, o Imaginário, o Simbólico e o Real do hiv/aids.

Na instância do Imaginário, podemos pensar nas construções fantasmagóricas do que viria a ser se descobrir soropositivo ou se manter soronegativo ou sorointerrogativo. Como é relatado em diversas passagens dos trabalhos de Ferreira (1992), Sanches (1997) e Trevisan (2018), para muitos homens homossexuais, o hiv é uma espécie de condição inerente à vida homossexual. Outros sujeitos pensam que somente pessoas que tenham muitos parceiros sexuais estão vulneráveis ao vírus, excluindo-se as possibilidades de exposição ao vírus para aqueles que tenham um só parceiro sexual e que, por isto, dispensam todas as formas de prevenção, acreditando-se que estão imunes à infidelidade ou a outras variáveis, como ao desconhecimento da sorologia do parceiro. Todas essas representações e imagens são construções que se fixam às fantasias do sujeito e que não são necessariamente verdadeiras ou estão relacionadas à realidade. Das imagens de martírio, punição e penitência até as imagens contemporâneas do hiv/aids, houve importantes mudanças. Depois dos avanços terapêuticos: nem pecador nem vítima, conviver com o hiv é apenas mais uma questão no histórico íntimo e pessoal da saúde do paciente.

Para além das imagens, há o Simbólico, registro das posições simbólicas que cada signo carrega, sobretudo, aqueles da linguagem verbal. Os signos verbais “hiv" e “aids", para muitas pessoas, são palavras que não podem ser ditas sem ao menos causa vergonha ou mal-estar. Como destacou Don Kulick (2008, p. 44) ao conversar com mulheres transexuais e travestis que se prostituíam em bairros centrais em Salvador, muitas delas evitavam dizer o nome do vírus e da síndrome e preferiam empregar metáforas para se referirem a eles: elas costumavam dizer “tia” ou “boneca". Além disso, elas evitavam falar sobre a morte de pessoas queridas que apresentavam sintomas avançados da aids ou que já haviam recebido o diagnóstico positivo ao hiv. Como estratégia, inventavam outras possibilidades e enfermidades, negando qualquer menção à temática.

Para o sujeito que vive com hiv, novas palavras são incorporadas ao seu cotidiano, como o vocabulário técnico do saber científico relacionado à dinâmica da molécula CD-4, que aponta a evolução ou involução do quadro infeccioso, e às diversas possibilidades de TARV (Terapia Antirretroviral), que combinam diferentes substâncias farmacêuticas e que podem ser alteradas de acordo com as reações no organismo do paciente. No contexto brasileiro, a garantia registrada em lei para o acesso aos remédios criou um valor simbólico de dependência necessária ao Estado e de acolhimento estatal, que, muitas vezes, esteve ameaçado por políticas não-inclusivas, como se desenha no panorama contemporâneo de desmonte das políticas públicas para o hiv/aids nas últimas gestões (QUINALHA, 2019).

O Real do hiv/aids é uma das instâncias mais desafiadoras. Nessa dimensão, estão o vírus, seu comportamento no organismo, a comunidade médica e a indústria farmacêutica cujos desenvolvimentos são fundamentais para o manejo do hiv/aids. No plano do Real, reside o impossível: as lógicas de seu funcionamento são sempre surpreendentes, imprevisíveis e intangíveis, uma vez que o deserto do Real (ZIZEK, 2005) é a instância onde a palavra não chega. A espera por novos tratamentos e avanços farmacêuticos pode ser angustiante para aqueles que aguardam a cura do vírus. O Real é o imponderável, porém, ao mesmo tempo, os avanços fármaco-tecnológicos o vêm transformando. Se não se consegue eliminar o vírus, ao mesmo se pode contorná-lo.

Colocando-se a questão em uma perspectiva mais ampla e levando-se em consideração a trajetória sígnica que percorremos, é possível dizer que, para além do vírus e da síndrome, que são notadamente questões de saúde pública, suas representações nas mediações comunicacionais têm sido um ponto de atenção para o manejo epidemiológico do hiv. As imagens e os termos relacionados a essas representações têm carregado sentidos e dirigido a percepção de populações-chave nas últimas décadas. Em cada contexto histórico, cultural e social, a recepção do hiv/aids tem sido única e assim também têm sido as estratégias de ação, sejam elas orientadas para a prevenção ou para a adesão ao tratamento. Em alguns casos, os sentidos angustiantes da “morte" inerentes aos primeiros signos da aids prejudicaram a busca pelo tratamento ou até mesmo levaram a diagnósticos equivocados (muitas vezes, para a classe médica, o fato de ser ou parecer ser homossexual já seria um indício para se conviver com o hiv). A segunda onda de infecções ao hiv, quando houve um crescimento significativo entre mulheres heterossexuais, em parte, foi resultado de anos de associação direta e exclusiva entre aids e homossexualidade masculina.

Observando-se os fluxos e refluxos entre signos e subjetividades, um dos objetos de interesse da semiótica psicanalítica, a circulação sígnica do hiv/aids transformou dialogicamente diversos conceitos que atravessam cultura e sociedade, como ocorreu com as masculinidades hegemônicas. Como rememoram Marcio Caetano, Claudio Nascimento e Alexsandro Rodrigues (2018, p. 286), "em quase toda a década de 1980 e 90, ela [a aids] denunciava ou aproximava, no plano especulativo, os seus portadores às práticas homossexuais", ferindo narcisicamente a imagem da masculinidade viril à suposição de que a síndrome e o vírus seriam exclusivos à população que praticasse a "sodomia". O conceito de sexualidade também foi alterado, pois, se antes o preservativo masculino só seria usado para se evitar a reprodução humana, ele passou a fazer parte do universo imaginário do "sexo seguro", enunciado propagado pelos órgãos responsáveis pela gestão da saúde pública.

É salutar assinalar que os avanços farmacológicos, terapêuticos e científicos só tiveram adesão quando suas representações se mostraram positivas quando comparadas ao que a aids significou no início. Por esse ponto de vista, a comunicação pública e institucional, seja ela assinada pelo governo ou pelos mais diversos órgãos responsáveis e interessadas na saúde pública, ocupou um lugar central nos processos de significação e produção de sentidos sobre o vírus e a síndrome. A partir da perspectiva subjetiva das questões sociais da saúde, não se pode pensar o sujeito e sua subjetividade sem o posicionar em relação às narrativas em circulação nas mediações comunicacionais. Nossos esforços de interpretação e nossas orientações devem levar em consideração o contexto cultural e a trajetória da circulação midiática da temática, uma vez que os discursos atravessam corpos, mentes e subjetividades. Os desejos, as angústias, as maneiras de se viver com hiv e tudo que possa ser localização na trama subjetiva partem e dialogam com a cultura de seu tempo.

Ademais, escutar e observar as representações e as narrativas do hiv/aids na cultura mediada pela comunicação igualmente tomam dimensões políticas ao caminharem para a construção da cidadania. Se, na perspectiva comunicacional de Jesús Martín-Barbero, a comunicação "permite a deliberação pública e o acesso ao debate social" (BONIN e y MORIGI, 2019, p. 229), pode-se notar como o espaço público tem sido um lugar privilegiado para a formação de sujeitos políticos, sejam eles soropositivos ou não, em busca de respostas governamentais, posições institucionais e estratégias para a emersão do reconhecimento social de vidas e cidadanias hiv-positivas. A luta política iniciada sobretudo a partir da década de 1990, por meio de ONGs e da atuação de ativistas soropositivos, resultou nas mudanças dos signos do hiv/aids na cultura enquanto leis e políticas públicas começaram a

assegurar o direito ao tratamento gratuito e universal no Brasil. As novas formas de se falar sobre o vírus e a síndrome retiraram os sentidos negativos da temática e a aproximaram da população jovem, hoje população-chave para a epidemia.

Vale a pena, nesse ponto, retomarmos o fato de que a subjetividade é um ponto central na visão comunicacional de Martín-Barbero, como identificam Nilda Jacks, Daniela Schmitz e Laura Wottrich (2019, p. 31): "a comunicação dialógica pressupõe a intersubjetividade, a construção de um "nós", que faz emergir a consciência do quanto somos todos nós nos laços sociais que ajudamos a construir". Em outras palavras, pode-se dizer que, entre o *eu* e a cultura, a comunicação opera como um espaço de mediação de sentidos, significados e representações. Juntamente à centralidade da subjetividade no modelo barberiano da comunicação (subcapítulos 1.1.1 e 1.1.2), podemos observar o "imbricamento entre ação humana e linguagem", a partir do qual se desenham "os enquadramentos que avaliam a produção de sentidos e significados" (SILVIA; BASEO, 2019, p. 183). É possível descrever as conexões diretas ou indiretas entre discurso e prática, enunciados e ações, valores em circulação comunicacional e cotidiano.

Em linhas gerais, para se pensar o hiv/aids a partir das extensões intersubjetivas da comunicação, é necessário enquadrar o sujeito de forma complexa, compreendendo suas formas de subjetividade e expressão, tarefa da comunicação, da psicanálise e da semiótica. Não há uma só linha de compreensão. A subjetividade, pessoal e intransferível, está em constante construção a partir dos signos que o cercam. A educação e a comunicação pública, sem dúvidas, são necessárias para reposicionar os signos e tornar conhecidas as medidas profiláticas e terapêuticas mais adequadas, manejando o Simbólico e o Imaginário, porém sempre haverá algo que escapará à generalização. Portanto, cada vez mais, é necessário criar espaços para a escuta e a compreensão das singularidades dos signos e da cultura que atravessam o sujeito contemporâneo, e, por esse motivo, aposta-se na pornografia amadora digital como um possível e privilegiado *locus* de observação, articulação e compreensão das práticas homoeróticas e do atravessamento da questão do hiv/aids.

4.2. Signos do hiv/aids na pornografia digital amadora

A pornografia amadora produzida e difundida nas plataformas digitais hoje é um rico espaço para a escuta das vastas e expressões da sexualidade sobretudo daquelas que fogem ao discurso oficial, governamental ou institucional (através das organizações não-governamentais) do hiv/aids. Como sustentamos, o contexto amador de produção permite uma maior reprodução do que espontaneamente viria a ser cultura homoerótica na contemporaneidade, embora, a pornografia, como discutiremos ao final deste capítulo, quando investigaremos as traquitanas lógicas de seus usos e consumos, também engendre e fomente novas prática sexuais em uma direção não-excludente e bilateral entre produtor e consumidor, exibicionista e *voyeur,* imaginário e práxis.

A principal questão a ser investigada, neste ponto da tese, diz respeito às possibilidades ou impossibilidades de representação do hiv/aids na produção midiática das práticas homoeróticas masculinas, em nosso caso, através da pornografia amadora. Como surgem o vírus e a síndrome na pornografia amadora brasileira hoje? Haverá espaço para a sua representação? Uma vez que o *barebacking*, surgido na década de 1990, como uma resposta à epidemia da aids (FELBERG, 2011), sinalizou que o vírus, de maneira direta, propulsionou novas práticas sexuais, quais são as reverberações do hiv/aids na atualidade, levando-se em consideração os quarenta anos de sua transformação?

Certamente, a prática da penetração sem preservativo não surgiu com o hiv/aids, porém, ao ser reformulada, sob o signo do *barebacking*, que indica, inicialmente, a escolha deliberada de exposição ao vírus, o não-uso do preservativo masculino ganhou outras dimensões. Das metáforas do "*bug chaser*", "*gift*" e "*gift chaser*", que não tiveram aderência na cultura brasileira (possivelmente, devido à barreira linguística), aos novos sentidos, como a ironia à reprodução heterossexual (3.4.2) e as extensão de uma masculinidade viril que rejeita a camisinha (4.1.3), o *barebacking* se desdobra em diversas frentes, colocando sujeitos, corpos e subjetividades em relação ao hiv/aids.

No homoerotismo masculino, evidenciemos a penetração anal em detrimento das demais práticas sexuais, pois, segundo dados mais recentes (PATEL et al., 2014), essa é a forma mais expressiva para a transmissão do hiv pela via sexual[18]: a cada 10.000 exposições

[18] Nesse estudo (PATEL et al., 2014), foram consideradas também as formas de exposição parenteral, a saber: transfusão de sangue (9.250 a cada 10.000 exposições); compartilhamento de seringas (63 a cada 10.000 exposições); e intervenção percutânea (23 a cada 10.000 exposições). Foram também

por “sexo anal passivo” há o risco de infecção em 138 exposições; na mesma proporção, no caso do “sexo anal ativo”, ocorre em 11 exposições; durante o “sexo oral”, seja recebendo-o ou o praticando, o risco é considerado “baixo” e, devido à sua inexpressividade estatística, não é quantificado pelos estudos científicos. Outras formas de exposição são válidas, certamente, porém, no contexto da práxis homoerótica masculina, em que se pesem as extensões e as recorrências da penetração anal, vistas a fundo na análise dos signos do homoerotismo masculino (capítulo 3), a prática é recorrente na contemporaneidade e se mostrou uma das principais performances sexuais na seara da pornografia amadora.

Embora, inicialmente, possamos esperar que as respostas para o hiv/aids nas expressões da pornografia amadora sejam de negação ou omissão, ao fingir que a questão não existe, vemos que, em muitos casos, por outros meios, ela adquire um relevante valor na produção estética e no desdobramento ético das expressões pornográficas amadoras. Neste subcapítulo, desenvolvemos uma pesquisa exploratória de caráter qualificatório em busca de expressões amadoras no XVideos que circundem o universo do hiv/aids. Não falemos em uma quantificação e no mapeamento das recorrências, mas, sim, da qualidade desses signos. Nessa tarefa, não serão de nosso interesse o alcance de tais vídeos ou o número de visualizações ou a quantidade de comentários que cada material recebe, mas, sim, as leituras, interpretações e expressões que o hiv/aids adquire na plataforma.

A fim de enxergarmos não apenas o campo da produção midiática, mas também o domínio da recepção de tais expressões, após a análise do material relacionado ao hiv/aids, adentraremos a caixa destinada aos comentários deixados por usuários que consumiram os vídeos em questão. Esse movimento exploratório busca dar conta dos processos de significação das expressões a partir da apropriação de tais signos e dos diálogos estabelecidos entre produtores e consumidores na plataforma. A análise dos comentários busca mapear o campo de forças estabelecido pelos discursos em torno da sexualidade pós-hiv/aids, investigando as potências conjecturais, relacionais e argumentativas da dissertação, modalidade do discurso verbal (SANTAELLA, 2005, p. 339-367) que se estabelece na região dos comentários nas páginas de exibição de conteúdo na plataforma. Em termos semiopsicoanalíticos, a escuta, a identificação das recorrências e a interpretação de enunciados deixados por espectadores de vídeos que colocam em cena o vírus e a síndrome podem mostrar a relação dialógica entre subjetividades e signos, revelando-se algumas das

consideradas outras formas de via sexual: penetração pênis-vagina receptiva (8 a cada 10.000 exposições) e penetração pênis-vagina ativa (4 a cada 10.000 exposições).

estruturas éticas que regem a sexualidade de interesse homoerótico na contemporaneidade, que mobilizam imaginários, redes simbólicas e afetos (do medo ao apreço, do rechaço ao incentivo). Articulando-se tais enunciados, dialogaremos com os estudos desenvolvidos por Carballo-Diéguez e Bauermeister (2004), Vörös (2014), Brisson (2015), Santos (2018) e Bezerra (2019), que buscaram as relações intersubjetivas entre sujeitos e as expressões da prática na cultura.

Ao final, encararemos a discussão lógica do lugar da pornografia amadora digital na cultura homoerótica, apoiando-nos nas perspectivas comunicacionais, semióticas e psicanalíticas que nos permitem discutir a questão a partir dos conceitos de circulação sígnica, representação e construção de imaginário. A pornografia incentivaria as práticas sexuais de exposição ao hiv ao torná-las objetos de interesse e admiração ou as sublimaria ao desviarem a freudiana libido sexual para a lacaniana pulsão escópica?

4.2.1. Do silenciamento à erotização do hiv/aids

Haveria espaço para o hiv/aids no homoerotismo pornografado? Quarenta anos após o surgimento do vírus e da síndrome, o vírus e a síndrome seriam uma questão a ser *temida*, como foi no início da epidemia, considerada, porém contornável, como outrora se assimilou a necessidade do uso de medidas profiláticas como o preservativo masculino, ou *ignorada*, como sugerem os boletins epidemiológicos que atestam para o seu crescimento no Brasil? Em torno dessas perguntas, realizaremos um segundo olhar acerca das expressões do homoerotismo na pornografia amadora digital com a ambição de respondê-las, ou, ao menos, fornecer o material necessário para tentar-se formular alguma resposta. Nesse giro, levamos em consideração o vocabulário que já discriminamos (capítulo 3) e o sobrepomos à malha sígnica em torno do hiv/aids e sexualidade que historicamente se estabeleceu na cultura homoerótica brasileira pornografada.

Em termos metodológicos, seguiremos os mesmos caminhos empregados no capítulo anterior, mudando-se apenas o nosso interesse: de uma visão ampla sobre o homoerotismo, partimos para a investigação minuciosa de uma temática. Inicialmente, nossa pesquisa exploratória baseou-se na pesquisa por *tags*, mecanismo mais comum da experiência do usuário na plataforma. Se o usuário não as digita no campo de busca, pode escolher navegar a partir das *tags* sugeridas pelo próprio domínio digital, disponibilizadas na barra superior logo abaixo do topo do site, como pode ser visto nas capturas de tela abaixo (Figuras 38 e 39) quando buscamos, separadamente, pelos termos “hiv”.

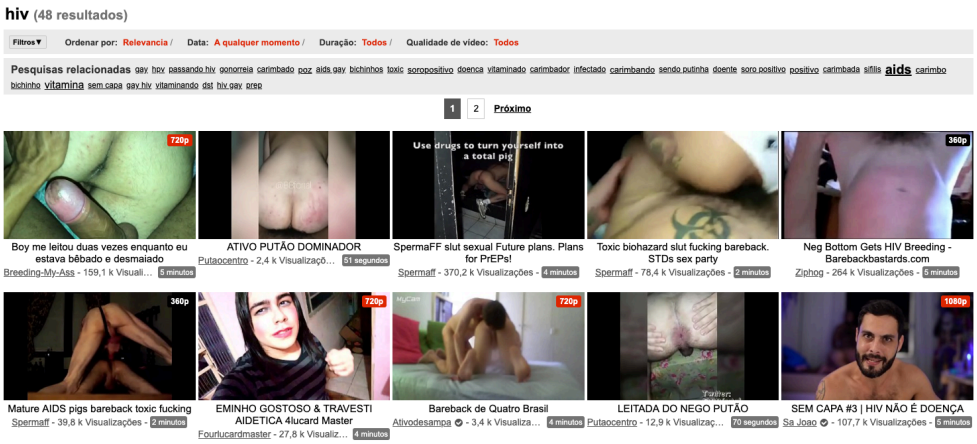

Figura 38 - Printscreen da tela de resultados de busca pela tag “hiv”.

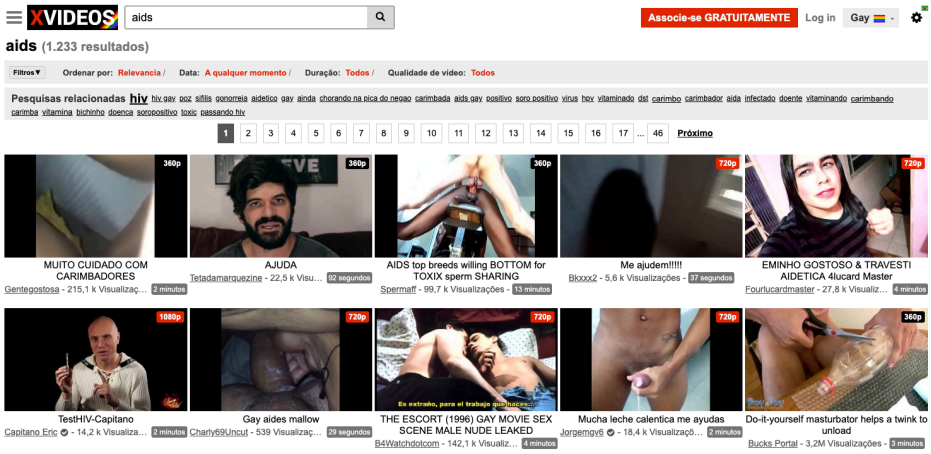

Figura 39 - Printscreen da tela de resultados de busca pela tag "aids".

Para fins didáticos, podemos dividir os vídeos relacionados ao hiv/aids em três grupos, a saber: aqueles que surgem ao se pesquisar pelas tags "hiv" e "aids" no campo de busca; aqueles que fazem menção aos signos da cultura do *barebacking* no título, nas *tags* ou no material audiovisual, compreendendo-se aqui o *barebacking* como uma extensão dos signos do hiv/aids, mas que não são necessariamente encontrados quando se busca pelas *tags* "hiv" e "aids"; e aqueles que, embora não façam menção direta ou indireta ao hiv/aids ou ao *barebacking*, trazem cenas de sexo anal sem o uso do preservativo.

Buscando-se pela *tags* "hiv" ou "aids", que compõem o primeiro grupo (a), não são encontrados muitos registros amadores brasileiros. São raros exemplos os vídeos nacionais "Putaria pesada bare/ vitamina", "bichinhos no rabo", "enchendo um cu de vitamina e", "ATIVO PUTÃO DOMINADOR", "levando bb no cuzao peludo" [sic] e "Bareback de Quatro Brasil" listados explicitamente às *tags*. No caso mais exemplar desse grupo de vídeos, "Putaria pesada bare/ vitamina", o vídeo traz uma cena de penetração anal na qual se podem ser lidas as seguintes palavras escritas, possivelmente à caneta preta, nas nádegas do parceiro penetrado: "HIV", "puto" e "vitamina" (Figura 40). Entre aquele que penetra e o que é penetrado há um diálogo que aborda as metáforas do hiv/aids no erotismo: "vou te dar vitamina" (um símbolo para o sêmen infectado), diz aquele que penetra, em determinado momento, que ouve, como resposta, "eu quero bicho nesse rabo" (em referência ao vírus). Em um vídeo que sugere a continuação da gravação do ato ("Putaria pesada bare/ vitamina continuação") a troca de comentários na prática sexual se mantém: "coloca tudo o que você tem nesse rabo", "eu quero carimbar o seu pau também" e "vou passar tudo o que eu tenho pra você", frases que se confundem entre o ativo e o passivo.

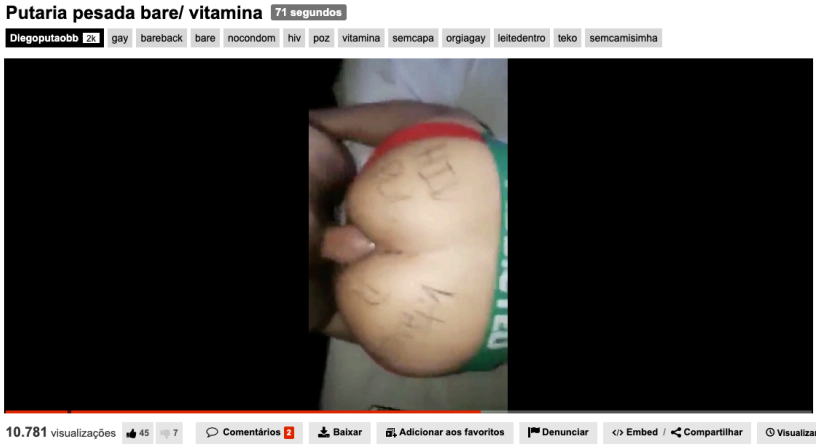

Figura 40 - Printscreen de frame do vídeo "Putaria pesada bare/ vitamina".

Uma linha de interpretação que podemos seguir para compreender os motivos da exclusão, ou, ao menos, do silenciamento das palavras "hiv" e "aids" em *tags* e títulos de vídeos e a predileção pelo uso de metáforas para a sua referência é a carga semântica que ambos os termos carregam historicamente. São palavras "malditas", no sentido literal do termo, isto é, cuja enunciação é maléfica e que, por conseguinte, não deve ser feita. Além disso, tais signos estão atravessados pelo discurso médico, por terem surgido no contexto clínico e científico, ainda não sendo apropriado e ressignificado em sua reprodução no contexto das práticas eróticas, alheias aos saberes que, historicamente, construíram, no sentido foucaultiano de produção discursiva e reprodução do poder, os saberes sobre a sexualidade que conduziram as *scientia sexualis* (FOUCAULT, 2014a).

Um aspecto surgido no decorrer da pesquisa[19] que logra um destaque é o surgimento de vídeos relacionados diretamente às *tags* "hiv" e "aids" de caráter educativo dentro da plataforma pornográfica. À título de exemplificação, o canal brasileiro Sa João tem, no momento atual, trinta vídeos, dos quais a maioria está relacionado à produção de conhecimento acerca de estado da arte do hiv/aids na atualidade ("SEM CAPA #3 | HIV NÃO É DOENÇA"), medidas profiláticas novas ("SEM CAPA #4 | PREP-ARA", que apresenta a Profilaxia Pré-Exposição) e alternativas à penetração anal ("SEM CAPA #12 | BORA SARRAR", que fala da *frottage*, vista por nós entre os *signos do falo*). O apresentador e produtor de conteúdo versa sobre tais assuntos enquanto uma cena sexual

[19] A coleta de materiais para a análise de expressões no XVideos ocorreu entre maio de 2018 e setembro de 2020.

ocorre ao fundo, na penumbra – uma interessante adaptação, para o contexto erótico, da linguagem audiovisual institucionalizada por plataformas de vídeo como o YouTube.

Embora não haja expressivas menções diretas ao vírus e à síndrome, no momento da busca, surgem associadas as *tags* "bareback" e suas variações ("barebacking", "bare" etc.), além de termos relacionados à prática, formando-se o segundo grupo (b), como podem ser vistos na tabela abaixo (Tabela 2), na qual já buscamos organizá-las por categorias e conjuntos de *tags*.

Categoria	***Tags* associadas**
Signos do barebacking	"bareback", "barebacking", "bare", "bb", "no pelo", "sem capa", "sem frescura", "sem camisinha", "sem borracha", "rasgou", "rompeu", "furou".
Signos do contato direto com o esperma	"leite", "leitar", "gozando dentro", "trocando leite", "vitamina", "depósito de porra", "depósito".
Signos da condição sorológica positiva e/ou da soroconversão	"bichinho", "positivo", "soropositivo", "carimbo" e "carimbador".

Tabela 3 - Grupos de signos relacionados à prática do barebacking encontrados no XVideos. Fonte: elaboração do autor.

O primeiro grande grupo corresponde aos signos do *barebacking*, enxergando-se e reconhecendo-se o peso simbólico que a prática de penetração anal sem camisinha designada pelo termo carrega no cenário pós-hiv/aids (trajetória remontada no subcapítulo 4.1.2). A prática que nasceu nos Estados Unidos foi assimilada na cultura homoerótica nacional, com o uso das expressões em inglês ("barebacking" e "bareback") e suas abreviações ("bare" e "bb"), mas também aparece ressignificada à brasileira – aspecto que muitos estudos que se debruçam sobre as práticas do sexo sem penetração entre grupos homoeróticos brasileiros parecem esquecer ao apenas discutir tais práticas sexuais importando-se moldes e enquadramentos importados da cultura *bareback* estrangeira. O fluxo de importação do conceito, originalmente criado em solo norte-americano, possivelmente se deu a partir da pornografia homoerótica produzida por estúdios que se especializaram na prática (VÖRÖS, 2014), mas se aclimatou a partir de outros vocabulários. Os vídeos "Bareback na sauna", "Novinho Dando Pro Cara do Grindr Bareback", "Sexo gay bare na fazenda" e "ORGIA BB 2" trazem a total assimilação em inglês para designar as curtas cenas de penetração anal (em

média um minuto), nas quais o pênis não faz uso de nenhum preservativo, mas, se comparados a outras expressões, são em menor número. Em detrimento de qualquer outra expressão sexual, o foco da câmera está nos repetidos movimentos de penetração, reduzindo o sexo à âncora do "barebacking".

São nas adaptações brasileiras da prática do sexo anal sem preservativo pós-hiv/aids que residem os sentidos mais interessantes de serem analisados. Em vez de uma tradução literal do termo inglês, surgem signos verbais mais complexos. Foram dois os caminhos tomados no processo de ressignificação da prática: o primeiro está relacionado diretamente à menção da ausência da camisinha ("sem camisinha", "sem capa", "sem borracha" e "sem frescura"; o segundo, à experiência sensorial que a sua ausência supostamente traria "na pele" e "no pelo".

Os signos diretamente relacionados ao preservativo masculino nos levam, inicialmente, à construção sígnica em torno dessa medida profilática. Embora hoje existam diversas formas de prevenção ao hiv e a aids, como a PEP e a PREP, "a camisinha toma o próprio lugar da prevenção à aids, toma o lugar da própria aids", como identifica Josi Paz (2007, p. 199) ao percorrer a trajetória comunicacional da aids na propaganda brasileira assinada pelo Ministério da Saúde e por ONGs. Sendo substituída pelos termos populares "camisinha" ("Metendo sem camisinha e gozando dentro"), "capa" ("Levando sem capa do macho roludo") e "borracha" ("No rabo sem borracha"), a palavra "preservativo", sua alcunha oficial, não aparece no homoerotismo pornografado. Ocupando uma posição de prestígio dentro da literatura médica e das instituições de saúde pública, o signo carrega consigo, de forma imediata e direta, a função profilática desempenhada pelo objeto desde a sua invenção. Desse signo emergem sentidos técnicos e científicos: preservar o sêmen, proteger o organismo de infecções sexualmente transmissíveis, resguardar um ou mais corpos "saudáveis" etc. Contrastando-se com os *signos da violação* (subcapítulo 3.5), sobretudo aqueles que dizem respeito à dissolução (3.5.3), parece não haver espaço para o discurso científico que quer "preservar" (sentido literal do termo "preservativo") corpos, subjetividades e desejos.

Antes de analisarmos a rejeição ("sem") da "camisinha", é preciso destacar os sentidos que dela são desprezados. A "camisinha" é o termo em português que metaforiza o objeto de látex e o torna mais palatável à cena sexual. O termo, por ser o diminutivo de "camisa", é uma variação de "camisa de Vênus", expressão já em desuso, e traz os sentidos de vestimenta ao comparar o envelopamento do pênis ao "vestir-se" uma peça de roupa. O

diminutivo, recurso linguístico amplamente utilizado na cultura brasileira, nos leva à edulcoração, como o escritor Luis Fernando Veríssimo (1994), na literatura, seara da linguagem verbal, definiu, ao mesmo tempo, de forma "afetuosa" e "precavida", pois: "afetuosa porque geralmente o usamos para designar o que é agradável, aquelas coisas tão afáveis que se deixam diminuir sem perder o sentido. E precavida porque também o usamos para desarmar certas palavras que, na sua forma original, são ameaçadoras demais".

A abordagem do preservativo masculino através da "camisinha" nos leva ainda a outros sentidos. O primeiro deles é o de alegoria da sexualidade, figura de linguagem empregada para desviar-se de signos considerados obscenos ou explícitos, rotineira na comunicação acerca do hiv/aids, como Josi Paz (2007, p. 25) identifica. Exemplo disso é a histórica e polêmica campanha do "Bráulio", veiculada em 1995, pelo Ministério da Saúde. Ao invés de falar do "pênis", deslocou-se para o signo nominal, o que acarretou insatisfação para aqueles que se chamavam Bráulio. No que diz respeito aos sentidos construídos em torno da "camisinha" na comunicação, a autora (idem, p. 194), a partir das expressões da propaganda governamental e de ONGs durante as décadas de 1980, 1990 e 2000, identifica e propõe a categorização de ao menos cinco tipologias chamadas de "modelos de anunciabilidade" do preservativo masculino, a saber: (I) *camisinha cosmético*; (II) *camisinha acessório*; (III) *camisinha pós-moderna*; (IV) *camisinha* gimick; e (V) *camisinha apetrecho sexual*.

A primeira das tipologias, (I) *camisinha cosmético*, aglutina as associações entre o preservativo e os signos de autoestima. Em tais representações e abordagens comunicacionais, o preservativo masculino, assim como batons e espelhos, que podem ser carregados em bolsas e mochilas, seria um objeto portador dos sentidos de valorização pessoal e autocuidado. Nesse ponto, pensando-se em uma perspectiva heteronormativa, o esforço comunicacional residiria em promover uma mudança comportamental: as mulheres deveriam enfrentar a vergonha de levar consigo e de portar um preservativo masculino, sendo dela também a responsabilidade de seu uso. Transpondo essa leitura para a contexto das relações homoeróticas masculinas, o porte do preservativo não deve ser único e exclusivo ao homem ativo (aquele que penetra), mas também do homem passivo (aquele que é penetrado).

Nessa lógica, quem se preserva pensa em si em primeiro lugar, fazendo do ato de se resguardar da exposição ao vírus um gesto de "amor próprio". Além disso, há ainda a ideia de que, tendo consigo um preservativo, se está preparado para ter relações sexuais a qualquer

momento. Mas o quanto há de afinidade entre a ideia de “amor próprio” do “sexo seguro” e a gramaticalidade do erotismo que gira em torno dos *signos da violação* (3.5) e *da subversão* (3.4)? Ademais, a intimidade de parceiros fixos muitas vezes exclui o preservativo, por pressupor um espaço de confiança mútua e de monogamia inviolável, como observou Vera Paiva (2000, p. 181), sendo o não-uso da “camisinha” uma “prova de amor” e de “entrega”, ao invés do contrário.

As representações da (II) *camisinha acessório* estão ligadas a cenas e contextos, como se o preservativo masculino fosse peça constituinte e indispensável de enredos, como o Carnaval e as demais festas. Nessa mesma direção de parte fundamental de um contexto mais amplo, os signos da (III) *camisinha pós-moderna* posicionam o preservativo entre as imagens do que viria a ser uma nova e jovem geração, para a qual só haveria a possibilidade do “sexo seguro”. A campanha veiculada pelo Ministério da Saúde em 1998 é um bom exemplo: “há várias gerações os jovens se vestem para defender suas ideias. Agora, chegou a sua vez. Use camisinha”. As representações da utilização da camisinha estariam atreladas a uma mudança comportamental que seria uma resposta ao momento histórico. A camisinha, nessa lógica, está relacionada aos signos de “juventude", "conscientização" e “coletividade”, sendo abordada a partir de metáforas, brincadeiras e irreverência. O preservativo é constitutivo de um cenário idealizado onde todos “vestem a camisa” do sexo seguro na “luta” contra o fim da epidemia da aids.

O que se mostra problemática nessa construção simbólica são a idealização e a euforização do que viria a ser o “sexo seguro”, sem que haja qualquer imersão pelos caminhos do erotismo, do qual a violação e a violência frequentemente fazem parte. Outro ponto a se pensar é que talvez o preservativo já não mais represente uma nova e jovem geração homossexual. Quando olhamos as movimentações na comunidade homoerótica masculina jovem, sobretudo em São Paulo e Salvador, cidades pioneiras em políticas públicas para a distribuição gratuita de medidas profiláticas para o hiv/aids, a PrEP (Profilaxia Pré-Exposição) tem representado uma mudança comportamental relevante. Perfis em aplicativos voltados a encontros homoeróticos, como o Grindr e o Hornet, já trazem em suas descrições a indicação de que o usuário realiza o tratamento profilático e reformulam as possibilidades de sexo “seguro” mesmo sem o preservativo. Certamente, há de se pensar nas implicações estéticas, ética e lógicas dos novos métodos profiláticos, como, por exemplo, a eficácia apenas na prevenção ao hiv e não a outras infecções sexualmente transmissíveis, tarefa que desenvolveremos ao final desta parte.

A quarta tipologia, (d) *camisinha* gimick, dá vida à inanimada camisinha, transformando-a em um ser mágico, assim como as mascotes do universo publicitário, cuja vida sígnica adentra o universo fantasioso e imaginativo, como Clotilde Perez (2011) investiga profundamente a partir dos usos e consumos dos personagens na comunicação. Se, por um lado, há a passagem para um mundo mágico, por outro, há uma infantilização da sexualidade, o que, em certa medida, pode estar relacionado às incestuosas relações entre personas sexuais (subcapítulo 3.2.2), mas deslocadas da subversão a elas relacionada. Aproximando-se do erotismo "adulto", por fim, a quinta classificação proposta por Josi Paz (2007, p. 198) localiza a "camisinha" como um apetrecho sexual, colocando o preservativo sexual no *script* da cena sexual, fazendo com que "a presença da camisinha entre os amantes soe como garantia do orgasmo arrebatador para o casal".

É sobretudo nesse último viés comunicacional que as marcas e empresas de preservativo masculino têm apostado para contornar a rejeição à camisinha. Se observarmos os principais *players* do mercado, podemos ver transformações nos últimos anos. De uma única possibilidade de preservativo de látex, hoje há uma variedade de opções disponíveis nas gôndolas de drogarias e supermercados. São tecnologias que favorecem e ampliam o sensível. As inovações técnicas são diversas e vão desde o uso de aromas e sabores (como, por exemplo, Blowtex Morango com Chocolate e Skyn Sexy Cherry) até o desenvolvimento de texturas (Olla Stimulus e Jontex Sensation). Igualmente ocorre o uso de géis estimulantes que prometem prolongar a ereção (Jontex Marathon), retardar o orgasmo masculino (Prudence Efeito Retardante) e aquecer ou refrescar zonas erógenas (Blowtex Hot e Olla Ice). Pensando-se na variedade de tamanhos de pênis, algumas opções adaptam suas formas à diversidade anatômica existente (Prudence Cabeção, Jontex XL e Olla Large), que, como vimos nos *signos do falo* (3.3.1), tem nos grandes volumes uma recorrência. Porém, a categoria dos preservativos masculinos que propõem reduzir a sensação de presença do preservativo é a que melhor dialoga com os sentidos de "na pele" e "no pelo". Enquanto os signos da "pele" e da "sensorialidade" surgem em marcas como Jontex Pele com Pele e Olla Sensitive, a promessa de não sentir a presença do preservativo está na anatomia "ultrafina" e "ultra *sensitive*" promovida na embalagem da Skyn Elite e, nos limites, na ideia de nulidade de Blowtex Zero, que garante ser 40% fino que os demais.

Destacando-se a materialidade do preservativo, as variações "capa" ("Novinho dotado botando sem capa no meu cuzinho") e "borracha" ("No pêlo! Vai sem borracha aí?"), empregadas espontaneamente na pornografia amadora homoerótica, trazem sentidos do

universo das texturas, das indumentárias e dos materiais plásticos e encontram paralelo nas gírias castelhanas “forro” e “goma". Nessa direção, a camisinha é representada a partir de sua dinâmica (ser “colocada", ser “botada” ou ser “vestida”) e de seu material de produção (látex).

No ato de se colocar o preservativo, um objeto feito de borracha, reside a incompatibilidade com a nudez, uma das condições para o erotismo dos corpos, onde a vulnerabilidade ao outro pode estar representada pelo corpo nu, condição batailliana de dissolução dos corpos (BATAILLE, 2015, p. 41). Não é à toa que tais expressões estão sempre ao lado da preposição de negação “sem” (“sem capa” e “sem borracha”), encarando-se o objeto de látex como algo incômodo, alheio e estranho à realidade erótica. É comum, inclusive, a reclamação de que o preservativo prejudicaria a sensibilidade das zonas erógenas estimuladas na prática da penetração, tanto do homem ativo (aquele que penetra) quanto do homem passivo (aquele que é penetrado), bem como das mulheres, queixa registrada reiteradamente por Paiva (2000).

O sexo “no pelo” e “na pele”, duas expressões usadas para as relações sexuais sem preservativo, é uma indicação da penetração onde as peles se tocam e se friccionam sem qualquer intervenção, onde as sensações estão “à flor da pele”. Como interpreta Vladimir Porfírio Barreto a partir de David Le Breton (2016), nessa prática sexual, a pele representaria “o lócus de intercâmbio com o mundo, o sentido da proximidade e individualidade, uma espécie de ‘fronteira’” (BEZERRA, 2019, p. 77), ou, citando uma das falas de seus entrevistados, “na pele, é mais orgânico, menos artificial, é contato direto, se misturar com os caras de verdade” (idem). Como sugere o título do vídeo “Sem capa é mais gostoso”, a ausência do preservativo garantiria um prazer adicional à penetração – uma percepção difícil de ser mensurada e qualificada minunciosamente, uma vez que hoje os preservativos desenvolvem tecnologias cada vez mais sofisticadas a fim de diminuir a sensação de “incômodo” ou de “vedação”. O registro “Macho tira a capa para meter melhor” sintetiza a ideia de que a penetração é melhor sem o preservativo.

A experiência de rompimento do preservativo masculino ou de seu despir na cena sexual é recorrente: ele se “rasga” (“A camisinha rasgou e tomei porra no cu. Casado com cu cheio. Delícia”), “estoura” (“Camisinha estourou e gozou”) ou se “tira” (“Tirou a camisinha pra gozar dentro de mim”). Tais gestos e atos estão situados em uma linha tênue entre o acidente e a vontade deliberada de um dos parceiros sexuais (geralmente aquele que penetra). No caso de “Preservativo para bareback”, vídeo ao qual voltaremos no próximo

subcapítulo (4.2.2), o preservativo masculino chega a ser usado na penetração anal, mas está deliberadamente furado, de modo a liberar o conteúdo seminal que deveria deter e barrar. Dialogando-se com a violência possível dentro do homoerotismo (3.5), há os sentidos de falcatrua, engano e golpe, que chegam aos limites da prática de violação sexual mediante fraude, crime tipificado no artigo 215 do Código Penal (BRASIL, 1940): "ter conjunção carnal ou praticar outro ato libidinoso com alguém, mediante fraude ou outro meio que impeça ou dificulte a livre manifestação da vontade da vítima". A intenção deliberada ou não e a consensualidade serão motivos de discussão na área de comentários desse e de outros vídeos que dão margem para a interpretação dúbia dos fatos registrados na pornografia amadora que envolve a penetração sem preservativo.

Uma variação do sexo "sem camisinha" é o termo "sem frescura" ("Versátil sem frescura"), que dialoga diretamente com os sentidos de que o preservativo seria uma "frescura". O "homem de verdade" não precisaria se proteger ou se submeter às "frescuras" que envolvem o roteiro do "sexo seguro", pois isso seria um indício de "viadagem". Nessa direção, também reside uma ambiguidade: o termo é encontrado entre os signos da subversão para designar algumas práticas do sexo "sujo" (3.4.2), nas quais a masculinidade estaria traduzida pelo apreço aos cheiros e fluídos naturais do corpo. Juntamente a isso, como identificou Karolina Reis dos Santos (2018, p. 68) a partir de entrevistas com homens homossexuais que declaradamente fazem sexo sem preservativo, ainda há a "crença narcísica onipotente", que sustenta a masculinidade viril, de que o hiv só acometeria "homossexuais visivelmente femininos".

Relacionado com o sexo "sem frescuras", o segundo grande grupo de signos do *barebacking* na experiência homoerótica brasileira é composto pelas representações do contato com o esperma: "leite" ("Puto quis leite na portinha"), "leitar" ("Boy me leitou duas vezes enquanto eu estava bêbado e desmaiado"), "leitada" ("Levando leitada do negão da pica grossa"), "leitador" ("Guri leitador fudendo na pele"), "vitamina" ("Puto veio buscar vitamina"), "depósito de porra" ("Com esse puto, é só chegar e leitar. Depósito de porra do parque."), "depósito" ("Amador - Magrinho fodendo no depósito") e "gozar dentro" ("Metendo sem camisinha e gozando dentro").

Os primeiros sentidos evocados por tais signos, sem dúvida, estão relacionados ao uso erótico do líquido seminal (3.3.2), explorando-se as dimensões plásticas da ejaculação e do esperma, além do desvio de sua função original para a apreciação sensorial de seu gosto, seu cheiro e sua textura. Equivalendo-se ao líquido extraído das mamas, o "esperma" é fonte

de nutrientes. A partir da oralidade suscitada pela exploração erótica do esperma, advêm as aproximações às imagens de "leite" e "vitamina", líquidos nutritivos destinados aos "sedentos", para empregarmos o termo identificado na pesquisa etnográfica de Vladimir Porfírio Bezerra (2019) para designar os adeptos ao *barebacking*.

Entre "leitadores" e "depósitos de porra", a troca do esperma, como identifica Luis Augusto Vasconcelos da Silva (2009, p. 1388), pode simbolizar "uma sensação de maior intimidade ou ligação entre parceiros". Contudo, é preciso notar que, nessa relação entre "provedores" e "receptores", há a reprodução dos jogos sexuais de dominação e submissão (vistos no subcapítulo 3.5.1), no aquele que é dominado torna-se propriedade do dominador, sendo, muitas vezes, reificado, como no uso recorrente do termo "depósito". Os sentidos de "depósito" nos levam ao "despejo" ("Despejando leite"), retomando-se a ideia que os antigos tinham de que o esperma seria uma secreção cuja expulsão seria necessária para o equilíbrio do organismo masculino e evitar problemas neurológicos e psiquiátricos, como retoma Thomas Laqueur (1992, p. 35). Nessa direção, satisfazer o "macho" ao ser "usado" como "depósito" torna-se um dever dos "passivos", como fica explícito nos vídeos "HETERO ME USANDO COMO DEPÓSITO DE PORRA", "Cuzinho pra cima pra levar leite de macho em cam lenta" e "Cuzão guloso arrancando leite de macho".

Embora seja reproduzida ironicamente a heteronormatividade (subcapítulo 3.4.2), ao parodiar, mais uma vez, o par "macho"/"fêmea", a "troca" de esperma sem preservativo é comumente interpretada como algo "de macho". Essa leitura é encontrada tanto nas incursões etnográficas de Vlamidir Porfírio Bezerra (2019), quanto nas entrevistas em profundidade de Karolina Reis dos Santos (2018). Sob certo aspecto, o fortalecimento da masculinidade a partir da ingestão e do contato com o esperma de outro homem parece retomar a antiga e histórica crença grega de que o sêmen masculino, quando "forte", geraria homens e, quando "fraco", mulheres, como assinala Thomas Laqueur (1992, p. 39). Certamente, essas ilações, além de equivocadas, reproduzem, em parte, o homoerotismo que permeava a cultura grega antiga e que, muitas vezes, nada queria saber das mulheres (DOVER, 2007).

No caso do contexto do *barebacking*, enxergando-se as adaptações realizadas em meio às culturas homoeróticas brasileiras, o termo "vitamina" denota o esperma supostamente contaminado com o hiv. Aqui reside outra ambiguidade: a "vitamina" poderia tanto denotar para o sentido "nutritivo" do uso erótico do líquido seminal quanto para a presença do vírus. Em "Levando vitamina", "Puta veio buscar vitamina" e "Esguichando

vitamina", o contexto do não-uso do preservativo difere dos sentidos contidos em cenas de felação nos registros audiovisuais "Ele gosta de se lambuzar na vitamina", "Mlk dando vitamina da boquinha do puto" e "Novinho toma toda a vitamina do padrasto e nunca deixa nada para sua mamãe".

Os únicos momentos em que a camisinha se torna um signo a se tornar âncora do material audiovisual pela sua presença (e não pela sua ausência) é através do armazenamento do esperma e do uso erótico deliberado do conteúdo coletado, como ocorre no vídeo "Levando leite de camisinha usada na sauna", no qual é introduzido, no orifício anal de um rapaz que se encontra "de quatro", um preservativo masculino contendo uma grande quantidade de líquido seminal a ponto de esvaziá-lo. Na mesma direção, o ânus "recheado", "preenchido" e "cheio" são metáforas para o total preenchimento da região por esperma em registros como "Fiquei de cu recheado na sauna", "Fim de jogo. Leite preenchido no cuzão. Casados" e "Goza no meu cu porra!! Cu peludo cheio de leite...delícia!".

Associados diretamente ao esperma, os signos da condição sorológica positiva e/ou da soroconversão colocam o contágio do hiv em primeiro plano, a partir de *tags* como "carimbo" e "carimbador", listadas no vídeo "Putaria Bareback pesada"; "bichinho", em "bichinhos no rabo"); e "soropositivo", em "MUITO CUIDADO COM CARIMBADORES". Dificilmente localizado nos títulos de registros pornográficos, a possibilidade de soroconversão, tão presente na pornografia estadunidense do *barebacking* através de termos como "toxic", "poz" e "conversion", na cultura homoerótica brasileira pornografada parece ser um assunto que não merece importância, sendo ofuscado pela experiência sensorial da penetração sem preservativo ou do contato direto com o esperma. A soroconversão, possibilidade que seria a consequência do sexo "desprotegido", é relegada ao esquecimento e não chega a ser simbolizada. Pela lógica da *foraclusão*, conceito lacaniano (LACAN, 1985) que busca dar conta das relações entre simbolização e realidade, tudo o que não pode ser simbolizado surge violentamente no Real: a soroconversão, sem ser representada, volta-se como um fato que não se esperava.

Saindo-se do universo do *barebacking*, esmiuçado em três frentes, no fim das possibilidades de representação do sexo sem preservativo, temos uma vasta seara de expressões da ausência da camisinha no homoerotismo pornografado. Retomando o vocabulário sígnico estabelecido no capítulo anterior (3), podemos destacar aqueles que dizem respeito aos *signos da subversão* (3.4) e *da violação* (3.5). Em tais recorrências, a penetração e a felação ocorrem sem o uso do preservativo masculino, sendo comuns as

imagens do sangue e do esperma. Além dos sentidos de transgressão e de dissolução, interpretados outrora à luz de Sade e Bataille, podemos enxergar em tais registros algumas confluências próprias à linguagem amadora em relação à pornografia produzida pela grande indústria pornô.

O primeiro dos diálogos decorre da ideia de que a pornografia amadora mostraria o "sexo de verdade", ao contrário da encenação e da manipulação da pornografia profissional, tão preocupada com a produção e a edição da cena sexual, respeitando-se linguagens e procedimentos técnicos visando a "boa qualidade" do material a ser vendido. No "sexo real", não haveria espaço para o preservativo. O segundo ponto é a possível reprodução de práticas que a grande indústria faz, como o não-uso do preservativo (DÍAZ-BENÍTEZ, 2010, p. 128-136), sob o pretexto de que os atores envolvidos periodicamente passam por exames que atestam índices favoráveis à realização do sexo sem preservativo, fato que não é colocado em cena. O que se vê em circulação no imaginário pornô hegemônico poderia ser reproduzido sem que se pesem os bastidores que justifiquem a prática segura do sexo sem preservativo.

E, por fim, há a crença de que a aids e o hiv só estejam presentes em camadas sociais menos providas de informação e/ou condições financeiras, marcadas pelos *signos da persona sexual* calcados nos marcadores sociais da diferença (3.2.3) e na masculinidade viril (3.2.1), como outrora bem representou o filme *Clube de Compras Dallas* (VALLÉE, 2013), no qual o personagem heterossexual se descobre soropositivo e se revolta por não ser um "viado", que, àquela altura, na década de 1980, momento da narrativa, era o estereótipo da síndrome. Ainda associado à virilidade, a ausência da camisinha também nos leva à percepção de que homens que desempenham um papel "ativo" nas relações sexuais não estão sujeitos à contaminação. O vírus seria algo apenas daqueles que são penetrados. Nessa chave, aquele que penetra não correria risco algum e, por conseguinte, jamais possuiria o vírus e infectaria o passivo, sendo seguro para ambos os lados – ilação totalmente equivocada: embora, em comparação ao sexo anal passivo[20], o índice de exposição de infecção ao hiv seja menor, essa possibilidade ainda existe (PATEL et al., 2014).

Do silenciamento da aids e do hiv no homoerotismo pornografado, chegamos até a erotização através das práticas do *barebacking*, traduzidas à brasileira, pelo sexo "na pele" e "no pelo", como vimos. Os signos relacionados ao sexo sem preservativo são muitos e nos

[20] VER nota de rodapé 10.

levam para diversos caminhos de interpretação, beirando-se até mesmo a ambiguidade, como no emprego dos termos “leitada” e “vitamina”. Devido à complexidade que tais signos carregam, suas leituras são igualmente complexas, estabelecendo-se inflexões e alargando-se discursos, valores morais, intenções, desejos, afetos e tantos outros aspectos intersubjetivos que atravessam a produção e o consumo midiático do homoerotismo pornografado, tópicas que adentraremos nos dois próximos subcapítulos (4.2.2 e 4.2.3).

4.2.2. Caixa de comentários: arena de debate em torno do hiv/aids

Amarrando a última ponta da participação significativa no contexto da cultura da conexão (JENKINS, 2016, p. 211), na qual os consumidores não somente consomem conteúdos midiáticos como também os produzem e os disponibilizam em rede, a caixa de comentários é um espaço de interação direta entre consumidores e produtores do material pornográfico (Figura 41).

Figura 41 - Printscreen de parte da área de comentários do vídeo "preservativo para bareback".

Não se pode afirmar com certeza a identidade de gênero tampouco a orientação sexual dos comentaristas dos vídeos na plataforma XVideos. Como em quase toda pesquisa netnográfica, a tarefa da identificação clara e inequívoca de sujeitos em ação em um determinado contexto digital é atrapalhada por avatares, codinomes e alteregos que, por vezes, confundem, mascaram e escondem propositadamente as reais identidades de seus usuários. Quando estamos no contexto das plataformas de pornografia, encaramos um consumo que usualmente não busca deixar rastros ou, quando o faz intencionalmente, como quando se deixa um comentário em um determinado material audiovisual, são apagados traços que possam identificar seu autor na vida fora das redes. Porém não encaremos isso como uma barreira para a investigação científica, pois, de certo modo, as plataformas digitais ampliam o aspecto fantasmático da sexualidade, isto é, a dimensão imaginária inerente ao

erotismo e, talvez, por isso, disponibilizem materiais tão ricos para se chegar às relações entre sujeitos e prazeres na contemporaneidade.

Considerando o ambiente digital do XVideos e suas dinâmicas e práticas de produção, uso e consumo, podemos inferir que, se um usuário deixou deliberadamente um comentário, ele teve que despender um esforço muito maior do que a simples visualização da mídia, isto é, ele ultrapassou o consumo midiático e interagiu diretamente com o material: para deixar um comentário, é preciso possuir um cadastro na plataforma e informar seus dados de acesso para *login*. Uma vez que esses comentários são deixados em vídeos homoeróticos masculinos, é de se presumir que a maioria da audiência que deixa comentários e que vence a barreira do não-envolvimento com a pornografia, ou seja, que resolve interagir diretamente com o material apresentado é composta por sujeitos que sentem atração por cenas homossexuais. O esforço denota que o comentarista crê na relevância do que se compartilha.

Enxergando qualitativamente os vídeos relacionados ao hiv/aids e à penetração anal sem preservativo, podemos destacar quatro linhas de comentários: (a) comentários que incentivam totalmente a prática; (b) comentários que ponderam a sua realização; (c) comentários que não incentivam a sua execução; e (d) comentários que não se atentam ao *barebacking*. Evitamos a polarização entre “positivo" e “negativo”, usualmente empregado para a análise de expressões virtuais espontâneas, pois ela acabaria achatando e enquadrando a questão sob a insígnia moral do "certo" e do “errado". Como veremos, as nuances são muito mais tênues e ambíguas, como já apontaram os estudos desenvolvidos por Florian Vörös (2014), que investigou a recepção da pornografia *bareback* entre jovens homossexuais franceses, e Alex Carballo-Diéguez e José Bauermeister (2004), que analisaram comentários deixados em uma plataforma digital.

O primeiro grupo é composto por comentários que incentivam a prática do *barebacking*, como as seguintes observações: “porra mano que delícia, tenho mó vontade de ser depósito de vitamina de macho. Posta mais fodas assim” (usuário Xxbabyboyxx, no vídeo “Putaria pesada bare/ vitamina continuação”); “Caralho, quero foder com vcs todos” (Rolatortaoz, em “Putaria pesada bare vitamina”); “Caralho que delicia. Tbm quero” (Versatilbb, em “Calornapele 218 – Carioca veio sambar em BH - #1/2”); e “Tesão de carimbada. Também quero deixar minha carga nesse rabo” e “Melhor foda q tem é com vitamina e mts bichinhos” (Carioca Hung e Brazilexxxtreme666, respectivamente, em “bichinhos no rabo”). Nesses comentários, sempre há a declaração de um desejo ou de uma

identificação com o que está posto em cena. Identificando-se tanto com quem é penetrado quanto com quem penetra, os comentários desvelam e traduzem subjetividades sexuais atravessadas pela ideologia do "prazer acima de tudo", comungada pela filosofia libertina da "putaria" (cujos sentidos interpretamos no subcapítulo 3.4.3). Se antes os signos da sorologia positiva estavam em segundo plano, agora termos como "carga" (em relação à possível carga viral presente no líquido seminal), "vitamina" e "bichinhos" (uma metáfora para o hiv) explicitam as intenções sexuais de soroconversão durante a prática da penetração sem preservativo.

Curtos, os comentários dissertativos relacionados ao incentivo à prática sem preservativo são respostas rápidas aos estímulos visuais, verbais e sonoros dos registros. É possível identificar duas das três sub-modalidades da dissertação propostas por Lucia Santaella (2005, p. 359), a saber: comentário dos fatos; e uso dos exemplos (a generalização empírica. Os lacônicos comentários "tesão de foda" e "porra..." (deixados, respectivamente, pelos usuários Maduroputao e Brasil Sp no vídeo "Fiquei de cu recheado na sauna") dão sentido ao que está sendo representado, tornando o "fato inteligível", para usarmos os termos de Santaella (IDEM), e o posicionam no contexto do prazer erótico. Ao associar o que está posto em cena com experiências próprias que servem como exemplo, outros comentários deixados no mesmo vídeo reforçam os sentidos eróticos e trazem um senso de realidade que vai ao encontro do que a linguagem amadora de produção pornográfica busca: "Eu ia muito em sauna e sempre levava no mínimo 5 gozadas no cu... e varias na boca e engulo porra ate hj amo" (Rickcruz40); "adoro ir pra sauna tomar leite no cu" (Rickdoriorj) e "Que delicia, adoro sair com a cuceta recheada tbm. Adoro as festas, geralmente sou leitado por 16 a 21 machos. Saio pingando e com a cucetinha ardendo" (Passivo21967).

É interessante sinalizar que, em alguns comentários, há uma aproximação à heterossexualidade, a partir da ironia e da apropriação (subcapítulo 3.4.2), como no comentário "comendo a cadela da buceta menstruada", deixado pelo usuário Apolosanchez no vídeo "Calornapele 218 – Carioca veio sambar em BH - #1/2", registro no qual se observa a penetração envolta pelo sangue, possivelmente, resultante de uma fissura anal (Figura 42). Polêmico, o vídeo conta com avaliações positivas e negativas (indicadas pelo *like* e pelo *dislike* na barra inferior à exibição do material audiovisual. No vídeo "Tirando o Cabaço do Gordinho", semelhante por trazer o sangue durante a penetração anal, o usuário Wiltonea quer desmontar a farsa da virgindade: "Q nojo. Tem bicha q acha q tem himem. Isso é hemorragia, ou alguma hemorroida. N tem nda a ver dar o cu e sangrar".

Figura 42 - Printscreen de frame do vídeo "Carlornapale 218 - Carioca veio sambar em BH - #1/2".

Entre as expressões do sexo sem preservativo, a ironia à heterossexualidade ganha outros contornos. Contrastando-se às práticas heterossexuais, como nota Julien Brisson (2014, p. 35), utiliza-se o argumento de que o sexo sem preservativo também é comum no contexto heterossexual, sem que isso ganhe um contorno de "risco". E, como sinalizam dados sobre as práticas sexuais heterossexuais e o uso do preservativo, especula-se que entre casais heterossexuais (homens e mulheres) o sexo anal sem camisinha chegue a ser até sete vezes mais comum do que em práticas homossexuais entre homens (IDEM, p. 36). Emulando-se a relação do "macho" e da "fêmea", tão presente entre os jogos sexuais de dominação reproduzidos entre os signos do hiv/aids na pornografia amadora (4.2.1), leva-se também a despreocupação com o uso do preservativo, descaso rotineiro entre parceiros heterossexuais.

Aquele que penetra sem camisinha é valorizado como "macho", como fica explícito nos comentários deixados no vídeo "Dando sem capa para o vizinho safado da pica grande": "Nossa que delícia, esse macho sabe socar gostoso! Quem me dera um cara me comer assim" (usuário Paulohenrie); "Mano q ativo gostoso esse sabe meter. Sabe aproveitar a pika dlç q ele tem" (Telmarcosa); e "Mais que ativo é esse!" (Mihaelporntv). A valorização não se dá explicitamente pelo fato de não usar o preservativo, mas, sim, da violência presente no *script* da cena sexual, do qual a ausência da camisinha faz parte, assim como as "socadas" durante a penetração, tomando emprestado o termo empregado pelos usuários Andre126 e Roludoji, respectivamente: "Nossa ele soca com força" e "foda gostosa, mlk socou muito". Algumas elucubrações reforçam o estereótipo de que o "macho" preferiria a violência inerente ao sexo anal sem preservativo, associando-se à heteronormatividade, como sintetiza o usuário Passivojuizdefora no vídeo "Pauzudo tirando sangue do cuzinho": "Os ativos ficam mais

excitados quando veem que tiraram sangue da passiva. Dá uma sensação de defloramento e de ser fodedor".

Em diálogo com os signos da "putaria" (3.4.3), o *barebacking* "aparece como uma postura em que se imagina estar aproveitando a vida ao máximo, extraindo dela tudo que é possível, sem nenhuma limitação, como se a limitação, e existisse, tiraria toda graça de viver" (SANTOS, 2018, p. 82). Nem mesmo a dor que uma penetração sem lubrificação poderia proporcionar pode limitar a experiência erótica, como confabula o usuário Jorghe no vídeo "Perdendo a virgindade": "Se tem algo que eu gosto é quando o ativo mete de uma vez pra rasgar meu cu ainda + qndo to muito tempo sem da. Por isso sou passivo em frescura. Um pauzão ai tem + é q rasgar o cu do passivo sim. Dor e prazer se misturaram".

Em meio aos comentários que incentivam a prática, é possível ver aqueles que registram o poder evocativo e imaginativo do material audiovisual que expõe as práticas sem preservativo: "tambem queroooo" (usuário Veve Magrinho, no vídeo "Amador – magrinho fodendo no depósito"); "caraio qro um macho casado me montando e me leitando assim" (H32Vers, em "Levando pica sem capa do hétero casado"); e "Delicia de leitada... Moreno top... Qdo estiver em BH só avisar que tbm quero uma assim" (Lestat-R, em "Macho tira a capa para meter melhor"). Evocados pelas cenas sexuais que se submetem à indiscreta câmera, os quereres e as intenções enunciados pelos usuários demonstram o "privilégio do olhar na função do desejo", como outrora Jacques Lacan (2008b, p. 87) discriminou ao falar da *pulsão escópica*.

O segundo grupo é composto por comentários que, ao mesmo tempo em que apontam para o prazer que a prática pode promover, pondera a sua realização: "Nunca dei na Pele, mas morro de vontade mas tmb morro de medo kkkkk" (usuário Lucas Henriqueh, em "Tirando a camisinha condom to bareback"); "Delicioso essa foda, mas sem camisinha comigo não rola... Ficarei na vontade" (Joser2019, em "Dando sem capa para o vizinho safado da pica grande"); e "Que delícia de vídeos, apesar de muito arriscado fazer sem capa" (Oliver Marx, em "Perdendo a virgindade"). Em termos dissertativos, predomina a sub-modalidade de comentário dos fatos, que enquadram o ato a partir dos enunciados conflitantes entre o desejo inconsciente e os imperativos do supereu (enquanto um diz "isso pode", o outro diz "isso não pode"), que estão atravessados tanto pelos impulsos do princípio do prazer quanto pela circulação de sentidos em torno do hiv/aids e das práticas sexuais que deixam o corpo exposto ao vírus, que buscam evitá-la ao mostrar suas possíveis consequências. O comentário de Eros Gotozim (em "Dando no cinemão com cu leitado")

parece sintetizar a ambiguidade do desejo no sujeito que se interessa pelo *barebacking*: “Também frequento cinemas pornôs, é muito massa fuder com muitos desconhecidos, cada um com a pica diferente, e sem capa, mas muito raramente vacilo assim. O desejo é imenso, mas o medo de hiv é maior”.

A noção de perigo, ao caminhar ao lado do prazer, relembra-nos do gozo da transgressão já contido em Sigmund Freud. A partir do mito freudiano desenvolvido em *Totem e tabu* (FREUD, 2012), o desejo, para a psicanálise, estará calcado no desejo de transpor o que está interditado. Nessa perspectiva, o discurso da prevenção estabelece um efeito adverso ao qual se esperava na prática da exposição, que fundamenta o *barebacking*, como vimos a partir do resgate histórico do termo realizado por Felberg (2011). Ao se colocar como “proibida", a prática ganha o valor suplementar da transgressão e cola-se a outros falos-fetiche (3.3.3), como é explícito pelo comentário feito por Eros Gotozim no vídeo “Macho tira a capa para meter melhor” que associa o *barebacking* e a objetificação do corpo negro: “Ficar diante de um pauzão preto é muito difícil manter o controle e responsabilidade diante da vontade monstruosa de sentir na pele aquele pau preto. Sou mais vulnerável com parceiro negão, mais difícil resistir ao desejo”.

Ademais, a percepção do risco é matéria de interesse às práticas do sexo sem preservativo e, nos comentários que as ponderam, o tecido discursivo que a envolve fica evidente. O risco, ao se mostrar digno de ponderação, não está necessariamente relacionado à morte, como foram as ligações iniciais entre hiv e fim da vida. Como identificado por Karolina Reis dos Santos (2018) em suas entrevistas em profundidade com homens homossexuais que praticam deliberadamente o *barebacking*, falar em “risco”, presente no discurso profilático e comunicacional acerca do hiv/aids, faz parte do vocabulário do universo do *barebacking*, mas aqui toma outros rumos.

A noção de risco, como vem sendo discutida nos estudos da sexualidade desde Gayle Rubin (1984), está constituída a partir das redes simbólicas históricas que dividem o “bom sexo” do “mau sexo”, polarização no qual o sexo homoerótico sem preservativo é posicionado no lado mais negativo. Em relação à pornografia que encena o *barebacking*, parece ocorrer o que Florian Vörös (2017) chamou de “dissonância”: são práticas boas de serem consumidas midiaticamente, mas “perigosas”, “sujas” e “arriscadas” demais para serem reencenadas na vida real. Nessa direção, o comentário deixado pelo usuário Taradao-Zl-Sp no vídeo “Camisinha estourou e leite foi dentro do puto” demonstra uma obtenção de prazer com o vídeo e, ao mesmo tempo, desestimula o que está sendo realizado: “Transa

gostosa, sem camisinha é a melhor coisa que existe, sem comparação. Mas no mundo de hoje é roleta russa".

Alguns usuários incentivam a prática com ressalvas, apostando no pressuposto de que os parceiros sexuais devem se conhecer: "Sexo sem camisinha com pessoas seguras é gostoso" (usuário Fany Trans, em "Leite quente no PM gaúcho"); "corajoso... eh bom fazer isso com o namorado... naquele momento em q vc ultrapassa a linha de ter confiança... fazer isso dessa forma da um tesao que vcs n imaginam" (Millo69, em "Tirando a camisinha condom to bareback"); e "Queria um mozão pra me comer sem capa" (Gamergordinhovirgem, em "Tirou a camisinha pra deixar meter no pelo"). A partir do que Étienne Meunier (et. al, 2018) estabelece como diferenças entre os ambientes de sexualidade entre casais e de sexo coletivo, podemos pensar que haveria uma redução de danos a partir da relação monogâmica, pois existiriam fatores psicológicos, sociais e emocionais que colocariam os sujeitos mais suscetíveis a "comportamentos de risco". O usuário Henriquemed, no vídeo "Tirou a camisinha pra deixar meter no pelo", coloca a monogamia e a realização de teste como condições para a penetração sem preservativo: "Deu pra ver a diferença no prazer quando tirou a camisinha, é muito melhor, mas só faço com parceiro fixo e depois de fazer exames". A redução de danos diante do hiv é conduzida individualmente e se apoia tanto em escolhas pessoais quanto no discurso científico que introduz a ideia de "sexualidade saudável", como identificou George Moraes de Luiz (2013) a partir de pesquisas em profundidade com homens que fazem sexo com outros homens.

No terceiro grupo, estão comentários que desestimulam a prática: "Desnecessário"; "É lamentável como o pessoal é sem noção, venera esse tipo de prática sem preservativo, doença sexualmente transmissível não é brincadeira, vamos ter o bom senso, nunca transem em camisinha" (usuário Pedro1994Atv, em "Calornapele 218 – Carioca veio sambar em BH"); "Dá tesão em vcs? Eu sinto nojo hahahaha" (Brankinhosafado, em "Perdendo a virgindade"). Geralmente, tais comentários são extensos ou, pelo menos, são maiores do que aqueles que incentivam o *bareback.* O gesto de se comentar na plataforma toma o sentido de reinvindicação e de exposição de uma indignação, aproveitando-se a "falta de distância" proporcionado pelas redes digitais que "leva a que o privado e o público se misturem", como analisou Byung-Chul Han (2018, p. 13) acerca das novas configurações e dinâmicas comunicacionais a partir do digital.

Nos comentários condenatórios, proliferam-se visões equivocadas sobre o hiv e a aids. Em "Pq todo mundo que tem AIDS acham que todos devem ter? Que absurdo!"

(usuário Boydosul, em “A camisinha estourou”), há a suposição de que todos aqueles que praticam sexo sem camisinha vivem com alta carga viral do hiv e, consequentemente, transmitem o vírus - mesmo que não haja qualquer menção à sorologia do parceiro sexual e, muito menos, a noção de que pessoas que vivem com hiv e que estão com carga viral reduzida não transmitem o vírus e que é possível também estar protegido do hiv com o uso da PrEP.

A camisinha é a forma de prevenção mais visível na cena sexual, mas não é a única. A própria ideia de “sexo seguro”, quando no contexto do hiv/aids, ao ser somente associada ao uso da camisinha é incorreta e só denota que as medidas profiláticas que surgiram nos últimos anos ainda não foram totalmente assimiladas na cultura. No mesmo vídeo do qual retiramos o comentário anterior, ocorre a falsa ideia de que o que se pode transmitir sexualmente é a aids e não o hiv, que pode desencadear a síndrome se não for tratado, um claro desconhecimento a respeito da questão: "PARABÉNS BOA AIDS PRA VC :)” (usuário CuzinhoQuente); e "E morreu de AIDS” (Andre31Gay). Outro comentário, após supor que se transmitiu hiv, é sucinto na relação direta entre exposição ao hiv e morte: “si fudeu” (LucasLomba). A “vida seria estragada” após um ato sexual sem preservativo por “alguns minutos de prazer”, como sugere o usuário Treisand no vídeo “Foda bareback sem frescura”.

Para parte dos usuários que condenam a prática sem preservativo, a aids e o hiv teriam “cara” e “aparência”, como especula o usuário Tssex21 no vídeo “Bichinhos no rabo” (Figura 43): “Carimbando? Com esse cu seco só o osso, isso já tá carimbado muito tempo, estão só trocando as cargas”, opinião calcada imaginário da magreza de corpos com hiv e/ou que desenvolveram a síndrome. Outras infecções sexualmente transmissíveis também são “diagnosticadas” pelos espectadores, como em “amo bater, mas o passivo tem sífilis” (Euro-Bh34, em “Empurrando o leite no cu do puto bareback”), comentário induzido por erupções cutâneas avermelhadas nas nádegas. Na mesma direção do “ver” e do “não ver”, é interessante discriminar que a grande maioria dos comentários negativos se dão em vídeos nos quais fica evidente a dissolução dos corpos (3.5.3), com sangue e dilatação, como se o contágio fosse visualmente perceptível e só ocorresse quando houvesse tais indícios.

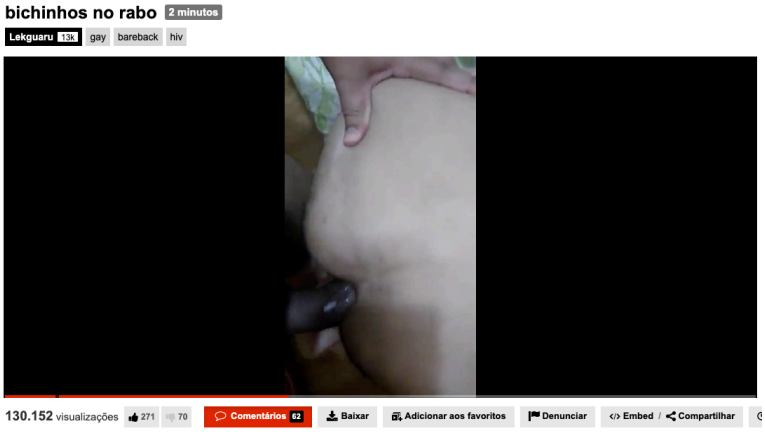

Figura 43 - Printscreen de frame do vídeo "bichinhos no rabo".

Para aqueles que a condenam, os sujeitos postos em cena na pornografia *bareback* são "loucos", "insanos" e "desmedidos", como explicitam os seguintes comentários deixados no vídeo "Bichinhos no rabo": "Vocês são loucos, isso tudo só para poder transar sem camisinha? Quando evoluírem para AIDS vão ver como é bom morrer com um simples resfriado. Vocês são loucos..." (usuário Himikosun); "Lamentável que tem viados desmiolados assim. Amanhã namora alguém de bem e contamina. Tudo perdido tmnc" (Anjonegrorj); "Que droga é essa que vcs usaram... Cê loko" (Bemfofa); e "Uma pessoa sã, não pede pra ser infectada. Pelo amor de Deus... Cuidem-se e usem preservativo. Tenha amor a sua vida!" (Saulocarioca). Mais uma vez a questão do desejo de se infectar deliberadamente pelo hiv é posta em xeque. Por um lado, poderíamos pensar na angústia da indecisão de ter ou não o hiv, que outrora norteou alguns sujeitos homossexuais que, durante a década de 1990, chegaram a, intencionalmente, se infectarem para aplacá-la, como identificou Renate Meyer Sanches (1997). Por outro, poderíamos seguir o que sugere Karolina Reis dos Santos (2018) e analisar a tópica a partir do prisma da construção coletiva de identidades em torno do *barebacking* e da positividade ao hiv. Em busca da identificação com algum grupo, procura-se deliberadamente a soroconversão, como sugere o usuário Thinho89: "Delícia. Quero ser carimbado assim... sou negativo alguém afim de me converter?" (em "Bichinhos no rabo").

Nos comentários que se detém a reprovar publicamente a prática do sexo sem preservativo, é possível notar como voltam as lendas urbanas que cercam o hiv/aids desde a década de 1980 (TREVISAN, 2018, p. 402), como aquela das pessoas soropositivas que intencionalmente contaminam pessoas soronegativas ou sorointerrogativas. Esporadicamente, contribuindo "para o clima de pânico e moral" e "trazendo de volta o

fantasma da criminalização" (ASSOCIAÇÃO Brasileira Interdisciplinar de Aids, 2015), a imprensa alimenta o mito de que se usam camisinhas intencionalmente furadas para "enganar" e "trapacear" na cena sexual, como especulam alguns comentários deixados no "camisinha estourou e leite foi dentro do puto": "Pra mim parece q já estava furada no inicio" (usuário Calel-Pqd); "já tava furada. Parece que foi de sacanagem" (Guettinhabh); e "sinto cheiro de carimbada..." (Morenodeita). Diante da ameaça do sexo sem consentimento, alguns usuários sugerem algumas medidas: "Vou denunciar pra policia... esse cite calor na pele... só tem estrupo" (Gabrielkk3, em "Calornapele 218 – carioca veio sambar em bh"); e "Filha da puta! Tem q tomar bala na cara!" (Lindalvas, em "MUITO CUIDADO COM CARIMBADORES"). O imaginário de receio ao "Clube do carimbo" é explicitado no comentário deixado por Araujosilva em "Bichinhos no rabo": "Gente carimbar é transmitir o vírus hiv para uma pessoa saudável. Cuidado tem até clube chamado 'clube do carimbo' e o pior de tudo é que quem é carimbado não sabe".

A forma como as tópicas do hiv/aids são encaradas na gestão de saúde pública ressoa em alguns comentários que abordam as estruturas de acolhimento e tratamento disponibilizadas pelo governo. O usuário Garoto30Sp, no vídeo "Calor na pele 218 (...)", calcula os impactos na gestão orçamentária de saúde pública para ir contra ao *barebacking*: "Pra quem diz que 'é só' problema dos envolvidos saiba que custa 20 mil por mês por pessoa, dinheiro de imposto dos 'não envolvidos', muito mal empregado. Fora os leitos de hospitais ocupados sem haver necessidade. Se você está saudável, permaneça assim". Sem qualquer embasamento científico, o seu comentário é preconceituoso e reacionário na medida em que reitera o corrente discurso endossado pelo governo Bolsonaro de que o paciente de hiv seria "despesa" ao país (4.1.1). Outro comentário é ainda mais pejorativo: "Depois esses bostas que ficam dizendo 'vitamina deliciosa' vão bater nos CTA pra retirar o coquetel. Esquecem da reação que o medicamento causa e o custo para o SUS" (TiagoSp20).

É interessante notar que, em meio a tantos comentários que relacionam diretamente o *barebacking* ao hiv, à aids e à morte, um se destaca pelo grau informativo que carrega sobre a PEP: "Galera, a camisinha ESTOURAR, logicamente, é considerado uma SITUAÇÃO DE RISCO e existe a alternativa de recorrer ao PeP (Profilaxia pós-exposição) é só se dirigir a um CENTRO ESPECIALIZADO no tratamento as DSTs. No caso do HIV, vc só terá 72h para recorrer ao tratamento e combater o vírus". O usuário Wellbernardgyn, no vídeo "Camisinha estourou e leite foi dentro do puto", sugere a possibilidade do uso da Profilaxia Pós-Exposição após situações como a relatada no vídeo: "Ainda bem que o SUS

colocou a PREP". Alguns discursos pseudocientíficos também surgem, como "Triste ver um vídeo desse. Mesmo a pessoa sendo + deve sempre usar camisinha para que o vírus não fique cada vez mais forte. Vamos cuidar da camisinha sempre!" (Brazuca34, em "Foda bareback sem frescura").

Sob certo aspecto, colocando-se em comparação os comentários pró e contra o *barebacking*, podemos seguir o que Carballo-Diéguez e Bauermeister (2004, p. 11) postularam: "o debate (...) poderia ser visto, por uma perspectiva psicanalítica, como uma batalha entre o id e o supereu; ou, por uma perspectiva filosófica, como um confronto entre hedonistas e racionalistas"[21].

O último grupo de comentários nos encaminha para o próximo subcapítulo (4.2.3): são comentários nos quais não há qualquer menção direta à questão que fundaria o *barebacking*, isto é, a transgressão da conduta ética da não-exposição ao hiv. Comentários como "hm chama zap sou passivo meu zap ta no perfil", "Rola grande, deus me livre mas quem me dera rsrsrs", "Caralho… uma piroca dessa deixa até hétero com água na boca" e "ta em sp?", deixados no vídeo "Pauzudo tirando o cabaço do novinho virgem (sangrou!)", manifestam o aspecto autoral do consumo: cada sujeito estabelece uma narrativa única com os objetos midiáticos que consome.

Os comentários deixados nos vídeos mostram que aqueles que consomem o material pornográfico igualmente consomem a narrativa ficcional que o envolve, como, por exemplo, na crença de que, no material "Sobrinho enche o rabo do tio de leite gay", de fato, são parentes, o que é reproduzido pelo usuário Lucianosjc: "Que sobrinho abusado é esse???? Goza e continua comendo de pau duro! Eu sou titio mas não tenho sobrinho (...)". Poderíamos até pensar em uma alienação ou, no melhor dos cenários, uma ingenuidade em acreditar na incestuosa narrativa que faz uso das personas sexuais dos romances familiares (3.2.2). Contudo, a apropriação do material e a consequente ressignificação a partir de sua experiência e seu desejo nos levam à complexidade do consumo (1.1.3), em uma visão comunicacional que abarca a produção de sentido inerente às suas práticas.

Alguns usam os vídeos de *barebacking* não necessariamente para se excitar com a relação sexual sem camisinha e com seus riscos envolvidos, mas, sim, com as dimensões anatômicas dos sujeitos em cena, como o tamanho do pênis (subcapítulo 3.3.1) ou a persona

[21] Citação original: "The debate (...) could be seen, from a psychoanalytic perspective, as a battle between the id and the superego; or, from a philosophical perspective, as a confrontation between hedonists and rationalists".

sexual (3.2) que ele representa: “Caralhoooo quero levar uma pica assim!” (usuário Gordimfortalvers2Ponto0, em “Calor na pele 018 – do banheiro do shopping trouxe pra casa pra leitar”) e “Macho bom é macho pentelhudo e peludo sem frescuras de raspar ou depilar nada (...)” (Klungobbk, em “Pele na pele”). Outros usam a plataforma na esperança de conseguirem encontros sexuais: “Oi gostoso vc tem uma rola deliciosa delicia tb quero ? vc nao quer me fodr tb eu nunca dei mas pra vc do gostoso esse pau delicioso” (Timaox, “Bareback de Quatro Brasil”); “Algum ativo de fortaleza pra me comer assim?” (Daniel Saboia12, em “Oops Camisinha Rasgou”); e “Alguém de Cuiabá quer um macho comedor?” (Negro Dotado Ms, em “Macho ativo metendo e gozando bare no casado do alvorada”).

Em suma, cada sujeito conduz seu processo de significação, como no fantasioso comentário deixado no vídeo “A camisinha estourou”, que traça uma explicação baseada em hipóteses elencadas pelo usuário a partir do que ele viu e crê como evidências: "Acho que esse cara q tá comendo é o mesmo que em outro vídeo ele no meio da foda arranca a capa e continua metendo sem capa e o passivo tenta empurrar, eu até achei que era fake o outro mas por essa dá pra perceber que o safado finge q vai comer com capa pra leitar os caras e vitaminar. Que fdp”.

Teria a caixa de comentários as mesmas funções que as velhas paredes do banheiro público nas quais autores e leitores, anonimamente, escreveriam e leriam frases que dão “forma discursiva (e vazão catártica) às suas fantasias reprimidas” e onde “a privacidade parece garantir a pessoas anônimas um diálogo livre de censura” (BARBOSA, 1986, p. 195)? Se tomarmos, como referência, o extenso estudo de Gustavo Barbosa (1986) sobre os grafitos de banheiro, alguns gêneros e linguagens ressurgem no muro virtual dos comentários no XVideos: confidências e divagações; definições e juízos de valores, interpelações, provocações e xingamentos; e, por fim, anúncios destinados à autopromoção (tendo em vista o exibicionismo e a possibilidade de encontros eróticos).

Como podemos observar, ao fim dessa jornada exploratória qualitativa pelo debate gerado nas caixas de comentários, nem sempre o consumo de expressões do hiv/aids está relacionado ao incentivo ou ao estímulo às práticas de exposição ao vírus. É certo que esses registros mobilizam desejos, estímulos sexuais, discussões, protestos, identificações e toda sorte de efeitos a partir da fruição do material, o que, em parte, vai ao encontro do da ideia de autoralidade no consumo, como já discutimos no subcapítulo 1.1.3 a partir das discussões de Clotilde Perez (2020) e Michel De Certeau (1994). Diante do cenário exposto, em que se pese a produção de sentido em torno do hiv/aids na pornografia amadora homoerótica, cabe-

nos perguntarmos quais seriam as possíveis extensões do consumo de tais materiais audiovisuais, tarefa que encerra este capítulo.

4.2.3. A pornografia incentiva ou sublima as práticas sexuais de exposição ao hiv?

Ao final deste capítulo, mostra-se pertinente o questionamento a respeito do lugar do consumo midiático de expressões de exposição ao hiv nos processos contemporâneos de subjetivação e produção de sentido, tendo em vista uma epidemia que ainda não foi encerrada. Já está evidente que as práticas sexuais de exposição ao vírus não apenas estão registradas e postas em circulação, como também encontram espaço no imaginário do homoerotismo. Agora, cabe-nos enfrentar uma pergunta que rotineiramente se faz: essa categoria de pornografia incentivaria ou sublimaria as práticas sem preservativo ou sem qualquer outro tipo de prevenção e proteção? Essa é uma pergunta, aparentemente, menor que as tópicas abordadas nesta tese, mas que se faz oportuna posto que as perspectivas da recepção e do consumo estão contempladas no olhar comunicacional e semiopsicanalítico transversal que construímos.

Incentivo ou sublimação: são duas perspectivas radicalmente opostas. Se considerarmos que a pornografia incentivaria as práticas sexuais sem prevenção, fomentando ou estimulando o desejo daquele que consome tais materiais, ela seria uma questão a ser solucionada. Se, ao contrário, ela sublimasse, isto é, o consumo levasse para outro lugar o desejo e satisfizesse a pulsão (conceito psicanalítico de extrema valia para nossa discussão e que, mais adiante, explicitaremos) outrora destinada para a passagem ao ato da prática sexual sem preservativo (ou outra forma de prevenção), temos na pornografia uma aliada para o manejo da epidemia.

Para começarmos a responder essa pergunta, inicialmente, devemos pensar não apenas na especificidade do registro midiático de práticas sexuais de exposição ao hiv, mas ampliarmos o nosso olhar sobre o lugar do consumo midiático da pornografia nas discussões contemporâneas. Mesmo que sirvam para a elas nos opormos, interessa-nos as interpretações que a tomam como vilã na sociedade, cuja generalização abarca também as expressões de uma sexualidade não-normativa. As discussões do lugar do consumo pornô nos ajudam a estabelecer as diferenças e a refutar certos argumentos que, por vezes, flertam com o moralismo de toda sorte (o que evitamos ao reformular, à luz da semiótica e da psicanálise, com a revisão da estética, ética e lógica, no subcapítulo 1.3).

Como já expusemos anteriormente (subcapítulo 1.1.1), a produção pornográfica, historicamente, enfrenta diversos debates, sendo, por vezes, questionada, rechaçada ou proibida. Observando-se as autoras que buscaram reunir as principais críticas à pornografia

(EBESTADT e LAYDEN, 2018; PAUL, 2005; DWORKIN, 1989; DWORKIN e MACKINNON, 1988), grande parte das discussões está baseada nos supostos malefícios de seu consumo. A lista de males a ela atribuídos é expressiva: "[a pornografia] pode ter uma gama de efeitos prejudiciais em seres humanos de todas as idades e de ambos os sexos, afetando a sua felicidade, sua produtividade, seu relacionamento com os outros e o seu funcionamento de sociedade" (EBERSTADT e LAYDEN, 2019, p. 15). Amplos na sua extensão, "os custos sociais da pornografia", para usarmos o título do estudo das autoras, são tomados como "ocultos" (idem). Seguindo-se essa linha argumentativa, que poderíamos considerar, até certo ponto, determinista, os sujeitos seriam afetados, manipulados e direcionados pelas mídias pornográficas. Nada muito diferente do que as leituras que tomam o consumo como dispêndio (PEREZ, 2020, p. 10) e que prejudicam assim qualquer discussão que o encare como processo social e cultural. Igualmente, é na chave de que o consumo pornográfico seria "viciante" que se sugere que a pornografia "pode ter efeitos piores do que a alteração da saúde física dos indivíduos" (EBERSTADT e LAYDEN, 2019, p. 70). Mais uma vez, o excesso, como ocorre com as críticas ao "consumismo", acaba por invalidar toda e qualquer discussão edificante sobre os processos de produção de sentido através do consumo (PEREZ, 2020).

Contrapondo-se mundo real e virtual, as críticas afirmam que a pornografia encenaria o irreal, deformando "o desenvolvimento sexual saudável" (EBERSTADT e LAYDEN, 2019). Apostando na divisão entre virtualidade e realidade, já superada pela abordagem semiótica (SANTAELLA, 2003), aqui há a ideia de que o mundo real nada tem a ver com a pornografia e vice-versa, por essa "encenar", "exagerar" e "artificialmente construir" um erotismo que não encontra paralelo na práxis sexual ou que seria "nocivo". Contudo, esse argumento, em parte, não se aplica quando vemos a produção amadora, na qual se registram práticas sexuais "reais", ainda que a câmera seja um ponto focal que direciona o que está sendo encenado. Um ponto a ser observado e pontuado é aquele que diz respeito ao transbordamento do privado sobre o público nesse processo de produção pornográfica, como aponta Paul B. Preciado (2018, p. 281-282): "a pornografia é a sexualidade transformada em espetáculo, em virtualidade, em informação digital. (...) A representação adquire o status de pornografia quando transforma em 'público' aquilo que supostamente deveria permanecer privado". Talvez a pornografia, ao colocar em cena o obsceno (aquilo que deveria estar fora de cena), releve muito mais do que gostaríamos de ver pelas nossas lentes morais. As

realidades sexuais estão atravessadas pelas práticas reais e as suas representações virtuais, não havendo separação ou cisão, mas apenas confluências e convergências.

Devemos também questionarmos a ideia de um "desenvolvimento sexual saudável", que se coloca na afirmação dos críticos à pornografia, pois nela estariam reproduzidos os valores do que seria a norma, dada como regra, excluindo-se o que viria a ser desvio: com Michel Foucault (2014a, 2014b) e Thomas Laqueur (1992), sabemos o quanto os discursos médicos normalizadores também foram dispositivos de poder sobre corpos, afetos e expressões desviantes ou moralmente rejeitadas. Nessa direção, podemos tomar uma das respostas às argumentações contra a pornografia elaborada por Camille Paglia (2017, p. 90): "a pornografia é uma arena pagã da beleza, da vitalidade e da brutalidade do arcaico vigor da natureza. Ela deve quebrar toda regra, ofender toda moralidade. A pornografia representa absoluta liberdade de imaginação (...)"[22].

Em sua contra argumentação, à título de exemplificação, Paglia (idem) questiona se os crimes sexuais, aos quais muitas das autoras contra a pornografia se referem para justificar uma possível proibição da pornografia, são anteriores à pornografia ou se foram fomentados pela pornografia. A pornografia, nesse sentido, é um registro, um reflexo da sexualidade e das subjetividades eróticas, ainda que haja, sem dúvidas, uma formatação sígnica própria à linguagem pornô. Levando-se em consideração as relações entre formatos industriais e competências da recepção (entre produtos e leituras), no mapa das mediações comunicacionais de Martín-Barbero (2001), esmiuçado anteriormente (subcapítulo 1.1.1), e os pressupostos teóricos da abordagem da semiótica psicanalítica, tais signos produzirão efeitos psíquicos particulares. Porém, é na qualidade desses efeitos psíquicos que devemos nos deter a fim de evitarmos a visão fatalista de "influência" ou de "manipulação" dos signos culturais. Pensando-se na esfera da produção (para além da recepção), faz-se importante a expansão de novas representações, como Paul B. Preciado (2018, p. 289) coloca ao propor um "deslocamento radical do sujeito de enunciação pornográfica: aqueles que foram objetos passivos do olhar pornográfico e disciplinador (...) se tornam sujeitos da representação, questionando, desse modo, os códigos [da pornografia hegemônica]" - tarefa, de certo modo, hoje executada pela vertiginosa produção amadora.

Por meio de Paglia (2017, p. 85 - 91) conseguimos localizar o contexto de tais críticas negativas à pornografia e refletir seus desdobramentos: o feminismo norte-americano da

[22] No original: "Pornography is a pagan arena of beauty, vitality, and brutality, of the archaic vigor of nature. It should break every rule, offend all morality. Pornography represents absolute freedom of imagination (…)".

década de 1980. Argumentando-se que a pornografia engendraria e reforçaria estereótipos femininos, ela oprimiria mulheres ao colocá-las em situações de dominação (DWORKIN, 1989). Pelo viés das construções sígnicas da pornografia, o que está em questão é a representação dos corpos femininos e a reprodução do machismo e da misoginia, sendo até mesmo necessárias intervenções no plano jurídico (MACKINNON e DWORKIN, 1988). Certamente, as discussões feministas têm trazido aportes importantes para os estudos da sexualidade, mas será que, nesse casso, a crítica feminista da pornografia se aplica inteiramente ao homoerotismo masculino pornografado? Talvez não, como até mesmo sugere Pamela Paul (2005, p. 18), que assume as limitações de sua investigação e argumentação contrária à pornografia. Ademais, deve-se pontuar que as discussões empreendidas por Dworkin (1989), Dworkin e MacKinnon (1988), Paul (2005) e Eberstadt e Layden (2019) estão baseadas em uma visão heteronormativa e matrimonial, em que se colocam o homem e a mulher em pares opostos e complementares, sendo comuns os argumentos de que a pornografia estragaria "relacionamentos" (sempre heterossexuais), incitariam a infidelidade (em relacionamentos monogâmicos) e apagariam o desejo (sempre do homem em relação à mulher).

Talvez um dos pontos de interesse à nossa discussão seja a crença (ou a evidência científica[23]) levantada pelas discussões feministas de que a pornografia atrairia mais os homens do que as mulheres. Em que se pesem os estereótipos de gênero reproduzidos nessa dicotomia e a generalização arriscada nela contida, a pornografia seria um "prazer masculino", enquanto as mulheres não entenderiam os motivos que levam os homens a serem "fascinados" pelo conteúdo pornô (PAUL, 2005, p. 53 – 132). Se é parcialmente verdade essa constatação, podemos discorrer sobre a produção de desejo a partir das fórmulas do gozo fálico de Jacques Lacan (2008), atribuído ao "masculino" (embora, como vimos no subcapítulo 2.2, as posições sexuadas, para a psicanálise, não sejam necessariamente garantidas pelo gênero ou genitália).

O gozo fálico, *grosso modo*, diria respeito à uma posição de gozo relacionada à eleição de determinados objetos que são elevados à categoria de falo para a satisfação parcial da pulsão (idem). O falo-fetiche, construção que abarca o marcador da mínima diferença que causa do desejo, como define Roberto Harari (2007), é eleito pelo sujeito e tamponará, imaginariamente, isto é, no plano da fantasia, a falta que evoca na lógica do fantasma,

[23] Pamela Paul (2005, p. 20) traz alguns dados sobre o consumo de pornografia no contexto norte-americano, mesmo admitindo que "números confiáveis [sobre essa tópica] são difíceis de obter".

axioma do desejo inconsciente (idem, p. 48). Em outras palavras, essa forma de gozo ("masculino") está relacionada à eleição de objetos parciais como evocadores de desejo.

Poderíamos dizer que a pornografia é fálica na medida em que é produtora de falos-fetiches ao recortar corpos (como os pênis, os pés e outras partes corporais vistas no subcapítulo 3.3), destacar certos aspectos (como as alcunhas e os uniformes que compõem as personas sexuais observadas no subcapítulo 3.2), enquadrar escritas de um *modus operandi* homoerótico (como nos signos da subversão identificados no subcapítulo 3.4) e focalizar nas marcas deixadas por práticas sexuais calcadas na violação (como os tapas, as dominações e os limites do corpo observados no subcapítulo 3.5). Por intermédio de uma construção pansemiótica (3.1), a pornografia disponibiliza objetos midiáticos destinados à satisfação erótica de seus observadores e consumidores que a buscam pelo seu caráter de "dispositivo masturbatório virtual", como define Preciado (2018, p. 281). Nessa chave, podemos considerar os signos das práticas sexuais de exposição ao hiv como apenas mais um falo-objeto, produtor de desejo, dentre o diverso e vasto cardápio de possibilidades midiáticas, cabendo ao usuário, e somente a ele, a escolha.

Quando o usuário navega por janelas de navegação e *tags* classificatórias de materiais pornôs disponibilizados nas plataformas digitais, a ele estão dispostas ofertas ao olhar e ao seu desejo. Sua seleção será direcionada subjetivamente a partir de suas preferências e predileções - mesmo que certas dinâmicas da plataforma pouco a pouco direcionem a sua experiência, esse direcionamento algoritmo se dará por meio do reconhecimento de seus comportamentos de busca e consumo midiático. Enquanto *voyeur* da pornografia, o consumidor busca não apenas estimular-se para a masturbação, mas, igualmente, dar vazão a algo que escapa à linguagem e que está localizado no real: a *pulsão*, "conceito-limite entre o somático e o psíquico, como o representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo e que atingem a alma, como uma medida do trabalho imposto à psique por sua ligação com o corpo" (FREUD, 2010b, p. 57).

Desmontar a pulsão, tarefa inicialmente empreendida por Sigmund Freud (2010b), Jacques Lacan (2008b) e, posteriormente, retomada por João Perci Schiavon (2019) e Lucia Santaella (2013b), por meio da perspectiva da semiótica psicanalítica, auxilia-nos a compreender os meios e os fins do consumo da pornografia e, mais especificamente, dimensionar as extensões do consumo de signos que envolvem as práticas de exposição ao hiv. Os meandros, por intermédio do esclarecimento da pulsão, mostram-se muito mais difusos do que o reducionista discurso que desconsidera qualquer ação psíquica e

intersubjetiva nos processos de escolha e consumo pornográfico (o que fazem aquele que discursam contra a pornografia por ela supostamente manipular mentes e conduzir ações, pensando-a como um "incentivo").

A noção de pulsão, na psicanálise, inicialmente surgiu no ensaio "As pulsões e seus destinos"[24] (FREUD, 2010b), no contexto dos "Ensaios de metapsicologia", datados da década de 1910, quando Freud formula alguns dos principais conceitos que guiarão a prática analítica e a reflexão teórica da psicanálise. Didático em sua proposta esquemática, o psicanalista (idem) discrimina quatro operadores das pulsões, a saber: a *fonte*, o *impulso*, o *alvo* e o *objeto*. *Grosso modo*, a *fonte* diz respeito à origem da pulsão, intimamente ligada às zonas e cavidades erógenas do corpo, "cujo estímulo é representado na psique pelo estímulo" (ibidem, p. 59); o *impulso* traduziria "o elemento motor, a soma da força ou a medida de trabalho que ela [a pulsão] representa" (ibidem, p. 57); por sua vez, o *alvo* é "sempre a satisfação, que pode ser alcançada apenas pela supressão do estado de estimulação na fonte da pulsão" (ibidem, p. 58); enquanto o *objeto* é "aquele com o qual ou pelo qual a pulsão pode alcançar a sua meta" (ibidem). Nesse esquema, cujos vetores partem do corpo, passam pela psique, podendo destinar-se tanto a objetos externos quanto próprios ao corpo, e fecham seu circuito retornando ao sujeito, é observável que "a pulsão não é de modo algum reativa, não é, como se costuma entende, a excitação endógena produzida por um objeto exterior (...)", como afirma João Perci Schiavon (2019, p. 155) ao investigar as forças pulsionais. Ao contrário: as pulsões nascem de uma fonte psíquica e a ela retornam, tomando os objetos como objetos parciais de satisfação (o alvo primordial da pulsão).

Para enquadrarmos a questão do consumo midiático da pornografia sob os termos e os mecanismos próprios ao campo pulsional, podemos pensar os materiais pornográficos como *objetos* escolhidos pelo sujeito/consumidor a fim de se atingir um *alvo*. A qualidade dessa *meta* é a tópica que deve ser investigada e discutida, pois os caminhos nem sempre são tão diretos, pelo contrário: os destinos das pulsões usualmente são tortuosos. Nesse ponto, dos quatro destinos descritos por Freud (2010b), a sublimação talvez seja aquela cuja investigação melhor nos traga benefícios (as outras três possibilidades de destino são a repressão, a reversão em seu contrário e o voltar-se contra a própria pessoa).

[24] Por questões de tradução, é possível encontrar outros títulos: "As pulsões e suas vicissitudes" e "Os instintos e seus destinos". Contudo, a tradução empregada pela edição aqui consultada ("Os instintos e seus destinos") pode levar a equívocos por traduzir o termo alemão *Trieb* por "instinto", conceito empregado por Freud com outros sentidos. Para evitarmos ruídos terminológicos e conceituais, optou-se por se adaptar a tradução da edição consultada e referenciada, trocando-se o termo "instinto" por "pulsão".

O destaque dado à sublimação não é aleatório, pois, como Schiavon (2019, p. 46) afirma, "o destino originário da pulsão é a sublimação". Em linhas gerais, o que está em jogo na sublimação é "a satisfação, mas sob o preço do desvio do alvo da pulsão" (SANTAELLA, 2013b, p. 93). Em outras palavras, a sublimação é o processo no qual a pulsão encontra satisfação por meio do deslocamento de seu alvo inicial. Pensando-se no contexto das práticas sexuais homoeróticas de exposição ao hiv, poderíamos supor, pela chave da sublimação, de que o consumo midiático de tais práticas sublimaria a pulsão que outrora teria como alvo a satisfação através do ato sexual sem preservativo em si. Do prazer através da zona erógena genital ou anal na penetração, passou-se para a satisfação por meio do olhar (um novo vetor de satisfação pulsional), embora ainda se mantenham, por meio da masturbação, o estímulo (o interesse que impulsiona o sujeito) e a fonte de prazer (presente no corpo). Não se trata de equipararmos a masturbação à penetração, mas, sim, localizarmos deslocamentos possíveis da satisfação pulsional através do olhar.

Tratando-se de um objeto midiático que se coloca sob o olhar do outro, evidencia-se a relevância do campo escópico, contribuição feita por Jacques Lacan (2008b, p. 71-92) para localizar o lugar pulsional do olhar. A pulsão escópica, como o psicanalista francês a define, coloca o olho e o olhar como campos pulsionais vinculados à produção de desejo. Por intermédio da "esquize do olhar", o sujeito apreende o mundo, identifica-se com o que vê, projeta-se, alucina-se e coloca-se sob o olhar do outro. A "satisfação semiótica" ao qual Oscar Cesarotto (2019, p. 65) se refere quando aborda o lugar do cinema na produção subjetiva é a meta atingida pelo olhar. Mesmo que o Imaginário, instância das imagens, possa afetar "de forma inconsciente, os estilos de ser-no-mundo, ofertando padrões de comportamentos idealizados, sempre normativos" (idem), o olho e o olhar, ligados à atividade pulsional, deslizarão pelo mundo de acordo com as estruturas psíquicas que antecedem o sujeito

Aqui é salutar realizar uma importante diferenciação: entre ver e ser visto, tópicos de interesse aos destinos das pulsões em Freud e à subsequente discussão empreendida por Lacan, devemos discriminar as fronteiras entre o exibicionista, que produz e disponibiliza o material pornográfico, e o *voyeur*, que o consome. No primeiro caso, aquele que se dá a ver, pela lente das câmeras e telas virtuais, busca produzir algum efeito sobre o outro, para que essa resposta volte a si: "no exibicionismo, o que é visado pelo sujeito é o que se realiza no outro. A visada verdadeira do desejo, é o outro, enquanto que forçado, para além de sua implicação em cena", define Lacan (2008b, p. 179). O *voyeur*, que acessa o material

pornográfico, se, de um lado, satisfaz-se com o que vê, por outro, completa um circuito narcísico daquele que se coloca sob o olhar do outro e busca capturar sua atenção a todo custo, com títulos chamativos, ações extremas etc. Nesse ponto, a encenação, mesmo no contexto amador, é válida: coloca-se em cena aquilo que, no outro, possa produzir, pelo olhar, satisfação. Isso quer dizer que nem sempre o que está posto na tela condiz com a realidade. Como garantir que houve a soroconversão em uma cena de *barebacking* ou que os sujeitos envolvidos em práticas sexuais sem proteção evidente não realizem testes periódicos se tudo o que está posto visa, sobretudo, chamar a atenção do outro a partir de todas as estratégias sígnicas disponibilizadas pelas plataformas? Mesmo sem qualquer retorno financeiro (ao menos no Xvideos), tudo nos leva a crer que há uma recompensa satisfatória no exibicionismo midiático, que parece motivar a constante produção e circulação de materiais pornográficos como ocorre em perfis exclusivamente dedicados ao sexo sem preservativo (Calornapele, por exemplo). Trata-se de uma posição de gozo muito distinta àquela do *voyeur*, que acessa o material e não, necessariamente, o produz. s

Por que a pornografia teria tantos consumidores senão fosse seu potencial de objeto a deslocar e a satisfazer pulsões de toda ordem através do olho e do olhar? Com isso, somos convidados a questionar se a pornografia, como Eberstadt e Layden (2019) e Paul (2003) argumentam, fomentaria o desejo pela infidelidade, pela orgia e pela violência (segundo as autoras, alguns dos muitos possíveis "efeitos" do consumo pornô) ou apenas daria vazão, por meio da contemplação e da estimulação genital que provoca, a interesses pré-existentes daqueles que escolhem consumi-la. Pelo caminho das pulsões, o consumo midiático da pornografia desvia o alvo inicial e torna-se um objeto através do qual atinge-se parcialmente uma pulsão.

Podemos depreender, tendo disponível o repertório analítico desenvolvido no subcapítulo anterior (4.2.2), quando analisamos os comentários deixados em vídeos que envolviam a prática de exposição ao hiv, de que, em alguns casos, o consumo midiático sartisfaz um desejo cujo objeto seria a realização da prática sem prevenção – aspecto que fica evidente quando observamos aqueles comentários que ponderam a prática, mas que denotam que o vídeo trouxe alguma forma de satisfação. Dizer que se "gosta" ou se "prefere" o sexo sem preservativo, como muitos comentários registram, não significa, necessariamente, que o sujeito o pratique. Ao se dizer, já há uma espécie de sublimação da pulsão. Da mesma forma, comentários negativos não revelam, sumariamente, a ausência da realização da prática ou do desejo por ela. Se houve a espontânea enunciação (haveria, como

ocorre em vários casos, a opção por não se comentar ou não se consumir os vídeos de práticas de exposição), sob algum aspecto, houve a sublimação de uma pulsão.

O que parece estar em jogo, no consumo midiático pornô, é uma certa equação econômica, na medida em que "as pulsões, em sua estrutura, na tensão que elas estabelecem, estão ligadas a um fator econômico. Esse fator econômico depende das condições nas quais se exerce a função do princípio do prazer (...)" (LACAN, 2008b, p. 173). Na equação econômica, pesam-se a percepção do princípio do prazer, ligado à pulsão sexual, e o atravessamento do princípio de realidade, traduzido pela pulsão de auto conservação. Em linhas gerais, sem preservativo, a penetração, sensorialmente, pode ser muito mais prazerosa, contudo, tomando-se essa decisão, assume-se o risco de exposição ao hiv e outras infecções sexualmente transmissíveis. Parafraseando-se alguns comentários, "tentadora a prática, mas que, em determinadas condições, não compensa".

Neste momento, podemos perceber que os discursos médicos e profiláticos, que apresentam um panorama científico da realidade do vírus e de sua dinâmica de infecção, ocupam um lugar importante no campo sexual, ao dimensionar as possíveis consequências de todo ato sexual. Porém, caberá ao sujeito a formulação e a resolução da equação entre os vetores da pulsão sexual e daquela de auto conservação – e disso decorrem algumas das limitações para a discussão simplista que cravaria um veredito favorável ou desfavorável à pornografia no que diz respeito ao incentivo ou não de práticas sexuais de exposição. Não há garantia de uma assimilação completa das medidas profiláticas necessárias ou do ideário do "sexo seguro", pois a pulsão poderá percorrer diversos caminhos até a satisfação. E, ao que parece, quanto mais proibida for a sugestão de sua prática, mais forte ela surgirá, de uma forma ou de outra, no ato sexual ou na sua representação. Quanto mais representadas as possibilidades de destino da pulsão, mais opções para o deslocamento. É preciso pensar em outras equações possíveis entre a produção de sentido, através das práticas comunicacionais, e as ciências e as artes sexuais.

Ademais, é mandatório compreender os destinos das pulsões não apenas por meio de seus alvos e seus objetos, mas também pelos sentidos percorridos pelos vetores pulsionais, abarcando-se os diversos deslocamentos e caminhos da pulsão até se chegar ao material pornô. Disso decorre a contribuição dos estudos da comunicação e do consumo, que nos permitem enxergar os processos de produção de sentido contidos e ativados pelas ritualidades, pelas práticas comunicacionais e pelos diversos usos implícitos e explícitos ao ato do consumo ou da consumação, uma das muitas acepções do consumo (PEREZ, 2020,

p. 10). Não é apenas o material audiovisual que está colocado em questão no que diz respeito ao campo pulsional: o acesso a plataformas pornográficas em si (navegação anônima, navegação rastreada, *link* salvo em pastas etc.); o contexto da busca pelo material pornô (em casa, no trabalho, no quarto, no banheiro, sozinho, em parceria...); o ato da busca por *tags*, palavras-chaves (o que se busca e por qual motivação?); a captura do olhar do espectador por *thumbnails* e títulos dispostos na interface (por que certas imagens capturam mais que outras?); o gesto de se identificar ou não na plataforma (através do *log in*); o ato de se curtir e se comentar determinados vídeos etc. Todas as possíveis etapas que antecedem ou sucedem o consumo midiático, de certa forma, deslocam e direcionam a satisfação.

Em suma, o ambiente pansemiótico das plataformas pornográficas, considerando-se as dinâmicas próprias de produção, circulação e consumo, oferecem novas possibilidades para os destinos das pulsões. Se a pornografia é uma das expressões culturais mais antigas, cujos formatos vão sendo alterados, como vimos no subcapítulo 1.1.1, é somente porque ela sempre ocupou algum papel no que diz respeito a algum tipo satisfação pulsional. O que pode ser observado, na contemporaneidade, é a vertiginosa proliferação de ofertas para o olhar e, portanto, a ampliação de caminhos para a produção de sentidos em seu consumo. Na fruição midiática das práticas sexuais de exposição, não há necessariamente um incentivo para a passagem ao ato; pelo contrário: antes parece haver um deslocamento da meta original, alimentando-se e satisfazendo-se fantasias cada vez mais plurais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS
Contribuições comunicacionais e semiopsicanalíticas para se pensar o hiv/aids hoje

Uma vez finalizado o percurso pelas expressões do homoerotismo pornografado nas plataformas digitais, podemos estabelecer nove principais contribuições comunicacionais e semiopsicanalíticas para pensarmos o hiv/aids na contemporaneidade. São considerações que não buscam encerrar o assunto, mas trazer reflexões que podem fomentar novos caminhos de abordagem pública da temática. Seguindo-se a estrutura das ciências normativas sobre a qual alicerçamos nossa discussão (estética, ética e lógica/semiótica), agora caminhamos para a generalização contida na terceira dimensão. Se a estética se ocupou dos estudos qualitativos dos fenômenos, e a ética, das condutas suscitadas pela primeira, a lógica/semiótica nos fornece ferramentas para enxergarmos os campos mais gerais do pensamento (SANTAELLA, 2005, p. 39).

Por meio de um esforço de síntese e articulação entre todos os saberes mobilizados para a análise até aqui empreendida, tivemos como horizonte os estudos sociais da saúde pública, campo multidisciplinar que, calcada na epidemiologia, contempla "a ação voltada aos corpos dos indivíduos sob risco, em sua expressão comunitária, de grupos, populações, massa", como define Aurea Ianni (2018, p. 231). Se somente abordamos as perspectivas da saúde pública com maior ênfase ao final de nossa jornada é porque, no decorrer de nossa investigação, objetivamos extrair e coletar dados e fomentar reflexões por meio do viés comunicacional e semiopsicanalítico, para estabelecermos um firme bojo teórico e metodológico. Partimos de um *locus* estritamente comunicacional (espaço da experiência colateral) para, posteriormente, pensarmos em contribuições que fossem pertinentes à condução coletiva, política e social da epidemia do hiv/aids, apostando-se na interdisciplinaridade inerente à área da saúde coletiva e, ao mesmo tempo, evitando-se o risco da diluição que, por vezes, acomete os estudos que se pretendem multidisciplinares na saúde coletiva (idem, p. 162).

Antes de adentrarmos as nove contribuições, explicitemos os pressupostos que as guiam. No que concerne à epidemia do hiv/aids, podemos inicialmente nos questionarmos sobre quais seriam as possíveis contribuições da área das ciências sociais aplicadas, entendendo-se a comunicação como uma delas, para o manejo epidemiológico. Tomando como ponto de partida o triângulo epidemiológico (Figura 44) retomado por Jay A. Levy (2010, p. 27) para explicitar a transmissão do hiv, destacam-se três pontos fundamentais, a saber: "características do agente infeccioso (e.g., virulência e infecciosidade), fatores

relacionados ao hospedeiro (suscetibilidade, contagiosidade e reação imunológica) e fatores ambientais (sociais, culturais e políticos)".

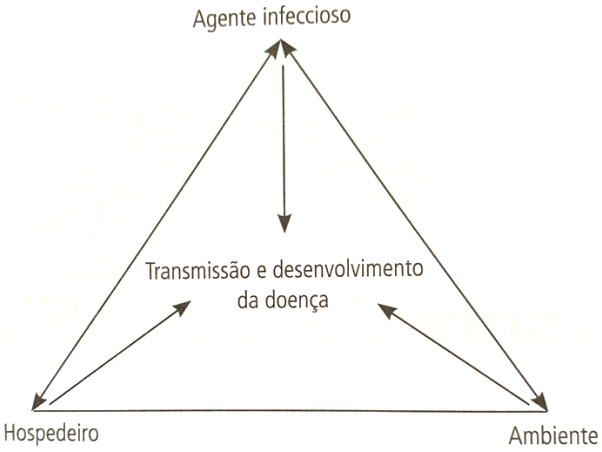

Figura 44 - Esquema da epidemiologia de doenças infecciosas. Fonte: Levy (2010, p. 28).

É sob o último eixo (ambiente) que devemos fincar as extensões de nossas reflexões: a comunicação nos possibilita, por meio da perspectiva das mediações (subcapítulo 1.1), enxergar cultura, sociedade e política contemplando-se os processos comunicacionais de construção, circulação e recepção de sentidos, fazendo-se interface com os estudos do consumo que destrincham os sentidos culturais que dele emergem. Os fatores ambientais que têm um papel fundamental na condução de uma epidemia, assim, são mapeados de uma forma dinâmica, vislumbrando-se os vetores que atravessam cultura, instituições e sujeitos. Por sua vez, a semiótica psicanalítica (1.2) nos fornece as ferramentas necessárias para a escuta e a interpretação dos objetos culturais em relação direta com a formação de subjetividades e modos de sentir, agir e pensar o mundo (1.3). O emaranhado comunicacional e semiopsicanalítico complexifica o entendimento sobre cultura, sociedade e política, evidenciando seu caráter dinâmico, mutável e expansivo, atendendo-se à demanda de uma abordagem que considere os determinantes sociais da saúde, fundamentais para a gestão pública da saúde (ROCHA, 2015).

Em segundo lugar, dialogando-se com a perspectiva da saúde pública, formulamos propostas alinhadas às noções de prevenção e profilaxia ao hiv/aids, tomando-se em consideração que "o objetivo último da saúde não deve ser (...) a reparação do organismo, mas, também e sobretudo, propiciar a transformação das condições e modos de vida que se encontram na origem dos processos de adoecimento" (IANNI, 2018, p. 225). Sem deixar de

lado a abordagem das vidas soropositivas, das quais se ocupa grande parte dos estudos sobre o hiv/aids (por exemplo, DIÓGENES et. al., 2016; TIMERMAN e MAGALHÃES, 2015; ALMEIDA, 2008), optamos por direcionar nossas reflexões em relação ao contexto de corpos soronegativos e/ou sorointerrogativos. Evidentemente, os sujeitos hiv-positivos, ao aderirem ao tratamento antirretroviral de forma integral, também contribuem para o manejo epidemiológico do hiv/aids, ao tornarem-se, com isso, indetectáveis, fazendo com que "o benefício dos remédios se desdobre do indivíduo para a coletividade" (TIMERMAN e MAGALHÃES, 2015, p. 123). Contudo, apostamos na percepção de que a exploração da vulnerabilidade (no caso, de corpos soronegativos ou sorointerrogativos em relação à exposição ao hiv) pode ser producente na medida em que opera como "condição necessária à reprodução das condições de existência, tanto na dimensão ecológica e adaptativa dos viventes, como na dimensão social das ações e políticas protetivas" (IANNI, 2018, p. 313).

Buscando ser didática, a apresentação das reflexões suscitadas pela observação a partir do consumo digital da pornografia amadora homoerótica está estruturada a partir de nove aforismos que, seguidos pela argumentação que os justifica, exprimem e sublinham os principais eixos das interfaces possíveis entre a comunicação, a semiótica psicanalítica, a filosofia e a saúde pública. Retomando os eixos sobre os quais formulamos nossas hipóteses iniciais de investigação, podemos ver as nove reflexões resumidas e organizadas no quadro abaixo (Tabela 4).

Afinidades entre a pornografia e o debate público do hiv/aids	- Uma perspectiva comunicacional complexa das práticas sexuais nos permite acompanhar suas transformações culturais, sociais e políticas e seus impactos no percurso da epidemia; - O imaginário do homoerotismo pornografado pode refletir algumas tendências da epidemia hoje.
Divergências entre a pornografia e o debate público do hiv/aids	- Há um notável descompasso entre o discurso científico e oficial do hiv/aids e a práxis sexual pornografada; - Há um silenciamento do hiv/aids enquanto signos da saúde no homoerotismo pornografado; em compensação, a exposição ao vírus, pelo seu deslocamento, surge como estilística erótica; - As novas medidas profiláticas devem recuperar os sentidos de intimidade outrora perdidos pela inserção do preservativo masculino no contexto erótico.
Observações colaterais da pornografia para o debate público do hiv/aids	- O corpo e a saúde devem ser enquadrados não apenas do ponto de visto fisiológico, mas, sobretudo, a partir dos processos de subjetivação e de construção sígnica; - O homoerotismo masculino não se resume à penetração e cada vez mais caminha para outras práticas

	sexuais, mais complexas pelos novos objetos disponíveis ao desejo, como a pornografia; - O reconhecimento de novas identidades e configurações culturais no homoerotismo pode fomentar novas estratégias de prevenção; - É preciso investir em novos signos em torno do hiv/aids.

Tabela 4 - Quadro de hipóteses e resultados. Fonte: elaboração do autor.

Uma perspectiva comunicacional complexa das práticas sexuais nos permite acompanhar suas transformações culturais, sociais e políticas e seus impactos no percurso da epidemia.

A primeira contribuição para se pensar o hiv/aids destrincha o fio da meada de todas as demais: a perspectiva comunicacional e semiopsicanalítica se mostrou pertinente para o mapeamento das mutações culturais, sociais e políticas que envolvem as práticas sexuais. O esquadrinhamento dos vetores comunicacionais que envolvem sujeitos, subjetividades, sexualidades, narrativas, identidades, instituições e objetos da saúde, apenas para citar alguns dos muitos pontos de atenção e interesse à saúde pública voltada à sexualidade e à epidemiologia, que deve se ocupar das "esferas múltiplas e diversificadas das dinâmicas sociais e ambientais", como sintetiza Ianni (2018, p. 120).

No tocante à observação das plataformas digitais, fica evidente o seu potencial para a produção de conhecimento das sexualidades não-normativas, como nota Edmar Henrique Dairell Davi (2017, p. 27): "a web aparece como uma mídia central no processo de dotar de legitimidade estilos de sexualidades ainda estigmatizados". Nessa direção, a criação de um observatório de práticas sexuais pode vir a ser uma proposta interessante para o monitoramento dos movimentos culturais que impactarão a gestão pública da saúde. Como, por exemplo, a questão do hiv/aids surgiria se esta mesma pesquisa fosse aplicada para o recorte heterossexual na pornografia amadora digital? Sem dúvidas, outras discussões viriam à tona e trariam resultados relevantes para se investigar os fatores ambientais que justificam a taxa de detecção entre homens e mulheres heterossexuais na contemporaneidade. Para além da pornografia, outras plataformas digitais também se mostram campos propícios para a investigação das muitas expressões do erotismo, como os aplicativos de encontros sexuais,

as salas de bate-papo virtual, as comunidades em torno de assuntos eróticos e os usos e consumos de redes sociais para a divulgação de pornografia[25].

A potência analítica da perspectiva semiopsicanalítica em meio à visão comunicacional nos leva a pensar que, diante do cenário complexo da contemporaneidade, faz-se necessária uma atualização teórica e metodológica do que se entende por comunicação na saúde pública e coletiva. Se quisermos compreender a comunicação como uma dimensão dinâmica, mutável e em processo entre agentes, instituições, saberes e práticas, torna-se pouco produtiva a visão comunicacional calcada na racionalidade do marketing e nos clássicos modelos da publicidade, como ocorre em Nova Corcoran (2010) e Josi Paz (2007). O olhar multidisciplinar antroposemiótico que autores como Clotilde Perez (2020) e Bruno Pompeu Marques Filho (2018) vêm tentando fomentar dentro dos campos da comunicação e do consumo para abarcar a multidimensionalidade dos fenômenos culturais na contemporaneidade pode e deve atualizar os diálogos entre saúde pública e comunicação.

O imaginário do homoerotismo pornografado pode refletir algumas tendências da epidemia hoje.

Tomando como base a percepção de que a pornografia nos permite delinear um panorama diverso das práticas sexuais contemporâneas, somos levados à segunda contribuição comunicacional e semiopsicanalítica: o homoerotismo pornografado reflete algumas questões observáveis nas estatísticas atuais da epidemia de hiv/aids e nas crenças em torno do vírus e da sínrome. Devido à velocidade com a qual ocorrem a produção, a circulação e o consumo pornô nas plataformas digitais, há uma constante atualização das representações do erotismo e das práticas sexuais na contemporaneidade. Cruzando-se os dados destacados boletins epidemiológicos disponibilizados pelos órgãos de saúde pública (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2018, 2019; SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE DE SÃO PAULO, 2018, 2019) às observações qualitativas realizadas nos espaços digitais do homoerotismo, podemos enxergar três principais eixos possíveis, a saber: (a) questão geracional da epidemia; (b) construção da masculinidade à brasileira; e (c) marcadores sociais da diferença.

[25] Tais plataformas digitais têm sido objeto de estudo ou empregadas como estratégias de investigação para autores como Richard Miklosci (2015), João Gabriel Maracci Cardoso et. al. (2019), Vera Lucia Marques da Silva (2018) e Victor Hugo de Souza Barreto (2019).

Primeiro paralelo: a questão geracional da epidemia dialoga com as representações do homoerotismo jovial da pornografia. Enquanto, nos últimos dez anos, a taxa de detecção aumentou entre homens de 15 a 29 anos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2019, p. 23), podemos perceber como o corpo jovem é representado na pornografia homoerótica amadora de forma mais vulnerável. Grande parte do material pornográfico de exposição que não é nomeado pelos termos que erotizam o hiv/aids (diferentemente daqueles que falam em "barebacking") é encenado por homens aparentemente jovens. A camisinha simplesmente não parece fazer parte da cena sexual e tampouco a vulnerabilidade que a sua ausência propicia é colocada em questão.

Em segundo lugar, o campo simbólico e imaginário das masculinidades no Brasil, opondo o "macho" à "bicha", parece reproduzir a crença de que homens que penetram (e que, portanto, seriam "machos") não estão vulneráveis ao hiv, algo que só ocorreria com aqueles que são penetrados. Embora as taxas de contágio sejam ligeiramente menores na posição ativa (PATEL et. al., 2014), elas ainda existem. Nesse ponto, é possível destacar os sentidos da masculinidade viril, inabalável e indestrutível que permeiam a formação de subjetividades masculinas e que, por vezes, atrapalham a busca pela prevenção e pelo tratamento (o que, unido ao imaginário de uma jovialidade potente e invencível, torna-se um problema fundamental a ser encarado). Um dos maiores ganhos do olhar estatístico epidemiológico está na quantificação de casos de detecção considerando não apenas a homossexualidade, a bissexualidade ou a heterossexualidade, mas, sobretudo, o recorte HSH (Homens que fazem Sexo com outros Homens). Trata-se de uma tentativa de abarcar a diversidade das relações sexuais. Contudo, é pertinente ponderarmos até que ponto a aglutinação de identidades sexuais tão diversas (vistas entre os signos da persona sexual) também não pode achatar a escuta e a observação dos sentidos contidos nas vivências homoeróticas.

Por último, os marcadores sociais da diferença (subcapítulo 3.2.3) identificados no homoerotismo pornografado usualmente reproduzem esteticamente cenas de exposição e vulnerabilidade, encontrando-se paralelos ao aumento das taxas de detecção em áreas urbanas periféricas (como no caso de São Paulo), em regiões do Brasil menos abastadas economicamente (como no caso do aumento nas regiões Norte e Nordeste), e no que diz respeito ao recorte racial. O manejo epidemiológico, assim, deve passar a enxergar ainda mais os marcadores sociais da diferença para o melhor desenho de práticas e intervenções, como sintetiza Paulo Eduardo Elias (2010, p. 211) ao discutir a descentralização da gestão

da saúde como uma estratégia para reconhecer o plano local "como espaço de negociação política e de constituição de novos sujeitos sociais", fomentando-se a "cooptação dos setores/movimentos populares por parte das administrações municipais", que representarão as muitas desigualdades que compõem a sociedade brasileira.

Há um notável descompasso entre o discurso oficial do hiv/aids e a práxis sexual pornografada.

O terceiro ponto a ser observado está relacionado aos descompassos entre o homoerotismo pornografado e o discurso científico e oficial do hiv/aids. Por um lado, parece haver uma certa impossibilidade entre as linguagens dos saberes da sexualidade e aquelas de suas práticas. Por outro, o subversivo campo da sexualidade seria favorável aos discursos normalizantes da saúde? Tomando como base nossa observação (capítulos 3 e 4), parece não ser possível um diálogo direto entre a comunicação oficial, assinada por ONGs e órgãos governamentais competentes, vide a comparação entre as campanhas mapeadas e analisadas por Josi Paz (2007) e Juciano de Sousa Lacerda (2014a, 2014b) e as representações sexuais da pornografia. Como constatamos no subcapítulo 4.2.1, enquanto a comunicação oficial explora os sentidos do "sexo seguro", do "vestir a camisinha" e tantos outros signos relacionados à "prevenção" (tendo no preservativo masculino a sua principal âncora), o homoerotismo pornografado busca subverter toda e qualquer regra externa ao contexto erótico, caminhando-se para a ultrapassagem de limites e o sexo deliberadamente "arriscado", "proibido", onde o preservativo nem sempre está presente. Se a propaganda oficial diz "use camisinha", o homoerotismo faz, do proibido (o sexo sem preservativo), uma fonte de prazer e desejo.

É possível reconhecer que essa divisão decorre das limitações de cada meio. Enquanto a pornografia (e a seara da sexualidade como um todo) está mais interessada na fruição de fantasias sexuais privadas, que pouco têm a ver com a realidade do corpo, do organismo ou da saúde, o discurso científico e oficial objetiva a construção do conhecimento público, balizando saberes e práticas. Coloca-se, portanto, uma diferença irremediável: o obsceno privado de um não tem espaço no interesse público do outro e vice-versa. As representações sexuais explícitas nas mídias à margem não são similares ou iguais àquelas que estão implícitas ou subentendidas na mídia oficial, em cartazes, anúncios e filmes publicitários. Qual seria a saída, portanto?

Essa percepção nos convida a repensar o lugar da comunicação em saúde pública e promoção da saúde. A discussão levantada por Fernando Lefevre e Ana Maria Cavalcanti Lefevre (2004, p. 59) localiza as extensões da promoção em saúde: "não se trata, para a Promoção de Saúde, em nenhum momento, de 'educar', mas de informar e dialogar com vista à tomada ou não de uma decisão". Não que a comunicação oficial tenha um efeito nulo, pelo contrário: ela fornece as informações básicas sobre a realidade científica do vírus e da síndrome. Porém, o campo da sexualidade é operado por outras estéticas, éticas e lógicas. A tomada de consciência da existência da exposição ao vírus ao se realizar atos sexuais de penetração sem o uso do preservativo masculino não garante que, de fato, a conduta erótica coincidirá ou seguirá a conduta profilática. Por esse ângulo, a construção de pontes de diálogo é necessária, mas deve levar em consideração as especificidades gramaticais (estética), morais (ética) e dinâmicas (lógica) de cada contexto. Tentativas de se traduzir o discurso científico para o contexto erótico já têm sido feitas, mas ainda em caráter experimental, como faz o usuário Sa João, no Xvideos, que traz vídeos como "SEM CAPA #3 | HIV NÃO É DOENÇA", que, em um quarto à meia-luz, traz um apresentador nu, em primeiro plano, discorrendo sobre tópicos relacionados à saúde e à sexualidade, enquanto há uma cena sexual em desenvolvimento ao fundo. As iniciativas da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo, por meio da Coordenadoria de ISTs/Aids, também tem se aproximado de clubes e saunas masculinas na cidade paulistana para a distribuição de materiais promocionais (mais "explícitos" que os materiais veiculados nas Unidades Básicas de Saúde) e de auto testes para hiv.

Há um silenciamento do hiv/aids enquanto signos da saúde no homoerotismo pornografado; em compensação, a exposição ao vírus, deslocada, surge como estilística erótica.

O quarto ponto, relacionado à terceira observação, exprime as formas como o hiv/aids surge deslocado na pornografia amadora homoerótica. Tendo-se em consideração o que pode ser observado (capítulo 4), somos levados a crer que, enquanto nos fluxos comunicacionais que engendram o senso comum são circulados desde os sentidos científicos do vírus e da síndrome até as suas representações carregadas de juízo moral e histórico (como, por exemplo, a ideia de que aids significaria a morte), no homoerotismo pornografado a tópica fomentou e ainda fomenta a criação de novas estilísticas eróticas. O

barebacking, prática que nasce de uma postura política pós-hiv/aids na década de 1990, abriu novas veredas para uma sexualidade que tem na possibilidade de exposição ao hiv um ponto de inflexão. É interessante notar que o mesmo não ocorre com outras infecções sexualmente transmissíveis, o que nos permite inferir que o hiv, dentre todas as questões de saúde e sexualidade, parece ainda ser a principal tópica – mesmo que ela não seja abordada de forma direta, mas, sim, apropriada pelas linguagens do erotismo.

Signos como "no pelo", "na pele" e "sem frescura" nos permitem enxergar uma busca pela retomada de um homoerotismo mais "rudimentar", "sensorial" e "másculo". No contexto brasileiro, não foi constatada uma grande adesão aos termos norte-americanos nem das práticas que eles indicam, como a "soroconversão" e a "carga". Suas ocorrências sígnicas são identificadas (como as versões "carimbador" e "vitamina", por exemplo), mas, em comparação aos demais signos pós-hiv/aids, são em menor número. Em compensação, destacam-se os jogos sexuais em torno da dominação e da submissão (da qual faz parte o "depósito de porra") e a violação explícita nas ideias de "rompimento", "rasgo" e "furo", atribuídas à performance do preservativo durante a prática sexual. Essas, sim, ligadas ao hiv/aids.

Se o vírus não aparece nominalmente (lembrando-se que seus termos são compostos por siglas nascidas no contexto científico) no material audiovisual pornô, ele surgirá nas discussões suscitadas e registradas nas áreas destinadas aos comentários dos consumidores midiáticos. Por meio desse contexto, puderam ser examinadas as apropriações populares do conhecimento científico e as articulações realizadas durante a leitura das cenas sexuais pornografadas (subcapítulo 4.2.2). Em linhas gerais, o hiv/aids enquanto signo da saúde só surgirá em comentários que desaprovavam as práticas de exposição e que desenvolvem, usualmente, raciocínios baseados nas leituras estereotipadas de corpos soropositivos e do desenvolvimento da síndrome. Nesse aspecto, são notáveis a desinformação e a falta de compreensão e adesão às novas formas de prevenção e tratamento, além da reiteração de discursos já superados pela ciência há mais de duas décadas. Quando tratamos de comentários que incentivam ou que somente ponderam as práticas de exposição, pudemos observar um silenciamento nominal do hiv/aids, o que nos leva à ideia de que, pelo deslocamento, há um recalcamento da questão (para além da incompatibilidade entre as linguagens científicas e eróticas, certamente). O recalcamento, operação delimitada pela psicanálise, permite-nos dimensionar os efeitos psíquicos que a ausência de representação pode promover: aquilo que não pode ser simbolizado, aparecerá violentamente no Real,

como no conceito lacaniano da *foraclusão* (LACAN, 1985). Daí decorre a relevância do consumo midiático de expressões que circundam o hiv/aids na contemporaneidade: disponibilizando-se enquanto objetos de desejo, os materiais audiovisuais que colocam em cena (encenada ou não) as práticas de exposição ao hiv são possibilidades de satisfação pulsional que pode se bastar no próprio processo e ato de fruição pornô.

As novas medidas profiláticas devem recuperar os sentidos de intimidade outrora perdidos pela inserção do preservativo masculino no contexto erótico.

O quinto tópico discriminado pela perspectiva comunicacional e semiopsicanalítica aponta o principal sentido que pode ser identificado em todos os deslocamentos do hiv/aids no homoerotismo pornografado: a intimidade. Conceito aparentemente vago, como ponto de partida, podemos delimitar a "intimidade" por meio da filosofia sadiana e batailliana (subcapítulos 2.1 e 2.3). De Sade, aprendemos a observar a sexualidade no contexto do *boudoir*, espaço íntimo onde todas as fantasias sexuais se realizam, ultrapassando-se limites de qualquer dimensão moral exterior às regras estabelecidas entre seus participantes. De Bataille, compreendemos o erotismo como uma busca pela junção entre dois ou mais corpos, corações ou mentes, sendo necessárias, para que se estabeleça um vínculo, a violação, a vulnerabilidade e a destituição. Essas delimitações filosóficas aproximam a intimidade mais ao campo polimorfo e perverso do desejo do que para a corrente ideia de que ela viria a ser construída por meio de um espaço harmônico entre dois seres que compartilham algo entre si, contexto do qual a imagem de "sexo seguro" emerge. A intimidade seria a condição necessária para a livre realização do desejo, que não é harmônico, simétrico ou, necessariamente, conformado a convenções sociais.

Entre o campo público e o privado, há um vão. A propaganda oficial e o discurso científico difundido na comunicação ensinam a usar preservativos, realizar testagens e aderir a novos métodos profiláticos. O foro íntimo somente quer saber da satisfação de seus desejos, custe o que custar. Mais uma vez coloca-se a questão da construção de pontes: como transpor o conhecimento de um para o outro? Ou melhor, como as medidas políticas e sociais de prevenção ao hiv podem ir ao encontro da ideia de intimidade tão necessária ao espaço privado e subjetivo? O preservativo masculino, âncora da comunicação oficial sobre profilaxia do hiv/aids, em parte, retirou a relação íntima entre dois corpos. Feito de látex, a camisinha veda o pênis e não permite o contato entre as peles, aspectos que o "na pele" e

“no pelo” buscam retomar. Ligando-se sexualidade a contratos sociais e afetivos, como o namoro e o casamento, a confiança entre parceiros tornou-se o álibi para a retirada do preservativo nas práticas sexuais, mesmo que os parceiros não realizem a testagem sorológica com frequência. O preservativo masculino, mais do um método profilático que evita o contato direto durante o sexo anal, carrega signos de “proteção” que, por vezes, não encontram espaço no erotismo estabelecido sob a insígnia da vulnerabilidade, necessária à ao devir da intimidade.

Uma possibilidade de retomada da intimidade no centro do manejo epidemiológico do hiv/aids residiria no fomento à construção da intimidade atravessada pelo exame periódico do organismo. Em certa medida, a Profilaxia Pré-Exposição (PrEP), encarada como uma das estratégias de prevenção combinada, poderiam vir a ser pré-condições para uma vida sexual ativa. É necessária uma mudança de discurso, da saúde ao erotismo, apostando-se na chave de que “farmacologicamente higiênico, sexualmente viril, o poder do fármaco [da PrEP] reside em sua capacidade de produzir uma sensação de autonomia e liberdade sexual”, como observa Paul B. Preciado (2020, p. 163). A autonomia (que se filia à liberdade de escolha), ao lado da intimidade, é um aspecto fundamental fomentado pela PrEP, fazendo com que o indivíduo passe a administrar riscos e prazeres de forma mais consciente, como observam Roberto Rubem da Silva-Brandão e Aurea Maria Zöllner Ianni (2020, p.14). Devido aos protocolos públicos de sua administração (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2018b), em contrapartida, a profilaxia faz com o que o sujeito sexual passe regularmente por exames que também abarcam outras infecções sexualmente transmissíveis, unindo corpo e sexualidade, saúde e autoconhecimento, de forma irreversível.

O corpo e a saúde devem ser enquadrados não apenas do ponto de vista fisiológico, mas, sobretudo, a partir dos processos de subjetivação e de construção sígnica.

Ligada ao quinto tópico, a sexta contribuição comunicacional e semiopsicanalítica interessa-se pela construção sígnica e intersubjetiva do corpo. Uma vez que sexualidade está envolta pelo erotismo, véu de sentidos e imagens que tamponam o Real do sexo, o corpo também surge como um aspecto engendrado pelos signos e pelas relações entre subjetividade e cultura. No caso do homoerotismo pornografado, os discursos de cada sujeito definirão os limites do seu corpo, podendo ele ser machucado, distendido e até mesmo dilacerado, como observamos entre os signos da violação (subcapítulo 3.5), em nome de um imaginário de

vulnerabilidade e submissão. Quando pensamos o hiv/aids, expor o corpo à possibilidade de contaminação também está envolto de signos que extrapolam o ato em si, aspecto que já havia sido perseguido por Vladimir Porfírio Bezerra (2019) ao adentrar, por meio da antropologia, o universo do *barebacking*. Os limites do corpo, tensionados aos signos da violação (subcapítulo 3.5), só podem ser explicados pela visão intersubjetiva que atravessa as sensações e os posicionamentos subjetivos que dela decorrem. Na pornografia homoerótica e nas apropriações por meio de seu consumo midiático, pudemos observar as narrativas envolvidas nas práticas de exposição, que estão em diálogo com os signos da subversão (quando se coloca o não-uso do preservativo como transgressão, por exemplo), da violação (quando se dilacera o ânus na penetração), da persona sexual (quando as masculinidades viris optam pelo "sem frescuras") e do falo (quando o ato sexual sem preservativo se torna um falo-fetiche, a mínima diferença que causa o desejo).

A percepção semiótica e psicanalítica do corpo, por meio da dimensão cultural, auxilia-nos a repensar as práticas públicas de saúde e traz contribuições pertinentes, uma vez que, como exprime Ianni (2018, p. 120), "a natureza biológica da saúde é moldada irreversivelmente pela cultura". Quando falamos das novas perspectivas profiláticas, como a PrEP, já abordada, e a PEP (Profilaxia Pós-Exposição), combinação que deve ser tomada em até 72 horas após a exposição, não devemos "reduzir o sujeito ao objeto que é seu corpo, aí situado como máquina biológica" (MAURANO, 2013, p. 32), mas também compreender as dimensões subjetivas que tomam o corpo como parte contingencial, isto é, dependente das narrativas do eu1 ao seu desejo quanto aos signos culturais que o circundam. Nesse processo, é salutar implodir a binariedade entre corpo e sujeito. O filósofo Paul B. Preciado (2017, p. 158), a partir das discussões do corpo ciborgue de Donna Haraway e dos dispositivos de poder de Michel Foucault, desenvolve a ideia de "tecnologias do sexo", para apontar as dificuldades de delimitação entre o natural e o artificial: "é impossível estabelecer onde terminam 'os corpos naturais' e onde começam as 'tecnologias artificiais': os ciberimplantes, os hormônios, os transplantes de órgãos, a gestão do sistema imunológico do hiv, a web etc. são apenas alguns exemplos entre outros". Com isso, as relações corpo-psiquismo, fármacos-subjetividade, devem ser construídas não a partir de seus muros, mas, sobretudo, de suas conexões.

O homoerotismo masculino não se resume à penetração e cada vez mais caminha para outras práticas sexuais, mais complexas pelos novos objetos disponíveis ao desejo, como a pornografia.

A sétima reflexão da comunicação e da semiótica psicanalítica em relação ao hiv/aids na contemporaneidade alarga a questão das práticas e das identidades sexuais: como pode ser observado por meio da pornografia, ao homoerotismo não está confinado à relação pênis-ânus. A penetração anal com o pênis, tópico de interesse para a prevenção ao hiv, não é mais (ou talvez nunca tenha sido) a única forma de relação sexual, sendo também dignas de nota outras práticas, como a ingestão do sêmen (por meio do sexo oral), os jogos sexuais que tomam o ânus como um espaço de violação (com o uso de acessórios, como vibradores, e outros substitutos) e o estímulo de outras zonas erógenas, como mamilos, axilas e pés. O pênis, ainda protagonista da pornografia homoerótica, vai sendo deslocado para objetos que ganham o estatuto de falo a partir das operações próprias do fetichismo. Seus deslocamentos convergem a uma das condições que Paul B. Preciado (2017, p. 80) apontou ser necessária para uma nova perspectiva a respeito da contrassexualidade: "é preciso dinamitar o órgão sexual, aquele que se fez passar pela origem do desejo, por matéria-prima do sexo, aquele que se apresentou como centro privilegiado, no qual se toma o prazer ao mesmo tempo que se dá (…)". Explorando-se outras possibilidades de prazer pelo corpo, inserindo-se o campo escópico como fonte de estímulo e encontrando-se novos fluxos para a satisfação das pulsões, o homoerotismo masculino percorre outras trilhas que corroboram com a percepção de que a experiência erótica cada vez mais se complexifica devido à expansão pansemiótica provocada tanto pelo avanço tecnológico quanto pela tópica do hiv/aids, que trarão impactos notáveis na vida subjetiva.

Por um lado, esse alargamento das opções aponta para uma diversidade e, até certo ponto, uma inventividade de expressões da sexualidade e do erotismo. Práticas emergentes como o *gouinage* (quando ocorre o estímulo de outras áreas erógenas sem a penetração), a *frottage* (relacionada à fricção entre dois ou mais pênis) e a "brotheragem" (em que prevalecem as práticas masturbatória mútua) apontam para a construção erótica em torno de novos signos que não se baseiam necessariamente na penetração anal. Em destaque, a prática masturbatória, desde o início epidemia do hiv na década de 1980, vem sendo encarada uma das alternativas para se evitar a exposição ao vírus. No cartaz elaborado em 1985 pelo GAPA (Grupo de Apoio à Prevenção à Aids) e resgatado por Thiago Félix Pinheiro (2015, p. 85),

uma das primeiras comunicações públicas a respeito da sexualidade pós-hiv/aids, entre outras sugestões, a masturbação era indicada para se "transar numa boa": "masturbação a dois é gostoso e oferece menos risco". Ainda que a ideia de que existiria exposição até mesmo na masturbação logo fosse elucidada e corrigida, o incentivo a outras práticas em detrimento da penetração contornava o hiv/aids e reafirmava que a sexualidade, a despeito do vírus e da síndrome, poderia continuar sendo prazerosa.

Por outro lado, juntamente a essas novas possibilidades sexuais em circulação, colocam-se questões quanto às medidas necessárias para a redução de danos na execução de tais práticas. Embora as taxas possíveis de contágio sejam estaticamente maiores durante a penetração anal, é importante informar e considerar as probabilidades de exposição por meio do contato com os fluidos genitais e das relações oral-genital (LEVY, 2010, p. 32-49). Uma vez reconhecida a existência de novas expressões da sexualidade, é necessário incorporá-las ao discurso científico e difundir informações claras para que elas possam ser realizadas de forma mais segura, dentro das possibilidades eróticas. Esse ponto não é apenas interessante para o manejo da epidemia do hiv, mas também de outras infecções sexualmente transmissíveis (como hepatites virais, por exemplo). Entendendo-se o protagonismo da penetração na promoção da saúde, mas, ao mesmo tempo, enxergando-se a pluralidade da experiência erótica na contemporaneidade, podemos começar a explorar outras formas sexuais que ainda ocupam um espaço muito tímido na comunicação oficial da prevenção a ISTs.

O reconhecimento de novas identidades e configurações culturais no homoerotismo pode fomentar novas estratégias de prevenção.

A penúltima contribuição comunicacional e semiopsicanalítica para se pensar coletivamente o hiv/aids localiza a importância de se reconhecer as novas identidades e configurações culturais do homoerotismo visando a aderência de estratégias de prevenção. De nada adianta o investimento comunicacional em torno de novos signos do hiv/aids se não forem levadas em consideração os contextos de apropriações e ressignificações das narrativas e dos discursos por meio das práticas comunicacionais. Nessa direção, é preciso que a discussão da saúde pública assimile, dentro de suas limitações, o sentir, o agir e o pensar próprios ao erotismo, algo que foi possível acessar quando desfolhamos a estética, a ética e a lógica das expressões do homoerotismo por meio da pornografia.

Mais uma vez tomando como horizonte as novas formas de atuação para a prevenção, podemos destacar algumas condutas em relação à PrEP e à PEP. No que diz respeito ao manejo da PrEP, é necessário retirar a carga moral que usualmente recai sobre a ética, isto é, sobre o direcionamento das ações clínicas. As relações entre essa profilaxia e o homoerotismo muitas vezes ainda são cerceadas pela moralidade sexual que considera saudáveis apenas as práticas sexuais monogâmicas ou derivadas de relações afetivas (como se a homossexualidade não pudesse conter ambos os aspectos ou ainda que esses viriam a ser os motivos estanques para se preservar a saúde). Como destaca Eduardo Ronner Lagonegro (2017), já na relação estabelecida entre o médico, que pode receitar a PrEP, e o paciente que o procura, julgamentos podem surgir e prejudicar a avaliação médica da necessidade de implantação de tais tecnologias farmacêuticas. Enquanto no contexto da Profilaxia Pós-Exposição (PEP), indicada até 72 horas após uma prática sexual que pode ter exposto o paciente ao vírus, o sujeito pode ser interpretado como alguém que se expôs intencionalmente e que se arrepende de tal feito ("Transou sem camisinha porque quis, por que agora quer tomar medicamento, arrependeu-se?", como exemplifica Lagonegro), no caso da PrEP, rondam as ideias de promiscuidade ou vício sexual ("Quer tomar medicamento pré-exposição para poder transar à vontade com a quantidade de pessoas que quiser? Por que não se controla?", idem).

As expressões da realidade daimônica da sexualidade, como os locais à margem os corpos e prazeres abjetos e a brincadeira sexual com esperma, sangue, saliva e outros fluídos corporais (todos observados no subcapítulo 3.4) continuarão a existir, mesmo que o discurso médico fale de uma "sexualidade segura e saudável". O desafio está em como ser pertinente a esses contextos. Uma possibilidade de construção sígnica oportuna ao contexto do homoerotismo seria estabelecer, assim como na lógica sadiana, protocolos da "putaria", nos quais a PrEP e as demais rotinas a elas atreladas (como a testagem periódica para hiv e outras ISTs) tornam-se regras claras para a realização e a sustentação das "artes da putaria" (subcapítulo 3.4.3). Dessa forma, retomaríamos a marginalidade proposital dos laboratórios sexuais engendrados pela homossexualidade e que foi perdido inicialmente pelo hiv/aids, como apontou Néstor Perlongher (1992). Se é verdade que há o apagamento do ego e a destituição do sujeito em meio ao contexto orgiástico (pela perspectiva batailliana do erotismo dos corpos), podemos pensar no fomento de um grande corpo homossexual do qual todo sujeito que se relacione sexualmente com outros homens faz parte e contribui por meio da adesão individual às possibilidades de prevenção disponíveis coletivamente.

Em consonância à constatação de que não há uma só homossexualidade, mas, sim, estilísticas diversas em torno do homoerotismo (COSTA, 1995), as diversas identidades formatadas esteticamente e eticamente em torno das múltiplas possibilidades de expressão homoerótica devem ser consideradas e reconhecidas para que as políticas públicas de saúde possam matizar comportamentos, hábitos, apropriações e construções de sentido distintos entre os muitos recortes possíveis dentro da população-chave aglutinada pelo rótulo da homossexualidade ou pela alcunha HSH (Homens que fazem Sexo com outros Homens). Em cada uma dessas possibilidades de identidade e identificação, ocorre um processo de subjetivação sexual distinto. Semelhanças, sem dúvida, há de existir, porém é a partir das diferenças que muitas vezes esses grupos se estabelecem, como pudemos ver, por exemplo, no caso das personas sexuais em torno da masculinidade e da feminilidade: pares opostos, as delimitações de cada imaginário se dão pela exclusão do outro. As políticas públicas deverão assim calibrar semiopsicanalicamente sua perspectiva para enxergar as diferenças entre, por exemplo, homens homossexuais solteiros e homens casados com mulheres que frequentam saunas. Dificilmente aquele que está em um relacionamento hétero monogâmico e que esporadicamente trai a sua esposa para praticar o sexo recreativo com outros homens estará interessado em aderir à PrEP, que o levaria a ingerir diariamente medicamentos antirretrovirais, possivelmente escondidos de seu cônjuge. Ainda que ambos os grupos identitários possam ocupar o mesmo espaço, a relação que cada uma dessas identidades terá com os signos da sexualidade, do corpo e do hiv/aids será distinta.

É preciso investir em novos signos em torno do hiv/aids.

Por fim, a última reflexão desta tese coloca como necessário o investimento em novos signos do universo de hiv/aids. Apostando-se na significação e na capacidade de intervenção cultural com o objeto de promoção de mudanças ambientais efetivas para a condução da epidemia, a todo momento, devemos dimensionar as extensões dos signos hoje atribuídos não somente na comunicação oficial de métodos profiláticos ou de adesão ao tratamento, mas também em todas as outras instâncias mediadoras acima mencionadas. Dos tópicos mais correntes e emergentes, sugere-se, ao menos, um maior investimento sígnico em três principais eixos, cujas reflexões faremos a seguir, a saber: (I) os signos da PrEP; (II) os signos do sorointerrogativo; (III) e os signos da equação “indetectável = intransmissível”.

O investimento sígnico em torno da PrEP, inicialmente, deve ser diferenciar-se dos signos da camisinha, estrela comunicacional da prevenção ao hiv (PAZ, 2007). Realizando-se uma leitura semiótica, a camisinha é um signo que calcado em um objeto específico, o preservativo de látex. O interpretante, embora esteja condicionado ao repertório distinto de diversas gerações e recortes socioculturais que coexistem no tempo presente, as funções do seu uso, devido às muitas iniciativas comunicacionais e educacionais realizadas desde o surgimento da aids, são bem difundidas no espaço midiático. Os signos da PrEP tomam um caminho distinto, por não se resumirem a um único objeto de fácil manipulação, como é o preservativo masculino. Seu objeto é um tratamento farmacológico que deve ser rigorosamente seguido para que a prevenção seja eficaz. Conforme as recomendações do Ministério da Saúde, trata-se do uso contínuo, via oral, da combinação de dois medicamentos antirretrovirais (fumarato de tenofovir desoproxila e entricitabina), que só passarão a proteger o organismo após cerca de sete dias (para sexo anal) e vinte dias (para sexo vaginal). Em termos do interpretante, no Brasil, a difusão de informações sobre o método profilático ainda está socialmente e geograficamente restrita às populações-chave determinadas pelo Ministério da Saúde, que, desde 2017, começou a implementar timidamente a política pública de orientação e distribuição gratuita da PrEP com foco em homens homossexuais, travestis, mulheres transexuais e profissionais do sexo.

Um dos caminhos possíveis para a abordagem da PrEP para além da questão meramente médica e farmacêutica viria a ser torcionar a chave lógica do discurso da saúde para a linguagem farmacopornográfica (PRECIADO, 2018), em que se completam, em circuito, estímulo (midiático e fármaco) e excitação (sexual e subjetivo). Pensemos em como os signos da PrEP, embora seu objeto tenha funções próprias aos princípios da profilaxia, poderiam ser posicionados em relação ao universo das substâncias de estimulação em circulação em parte da comunidade homoerótica na contemporaneidade, como a cocaína (droga de estimulação), os *poppers* (conjunto de compostos químicos da classe dos nitritos de alquina que podem ser inalados e que, embora sejam considerada uma droga de depressão, são usados para a estimulação sexual), o MD (uma abreviação da sigla MDNA, como o *ecstasy* também é conhecido, da classe das drogas de estimulação) e o *key* (nome vulgar da ketamina, substância de estimulação que pode ser utilizada por ingestão, inalação ou ingestão). No linguajar corriqueiro, são conhecidas como "aditivos", termo que percorre o campo do excesso: a maximização de sensações, a exacerbação de prazeres e a violação de limites são alguns dos efeitos esperados pelas substâncias de estimulação. Observando-se

seus usos e consumos, a "adição" contida nos “aditivos" revela-se ambígua, por tratar tanto da operação somatória quanto do comportamento obsessivo do vício. Em termos do erotismo batailliano e sadiano, seus sentidos são similares aos excessos das práticas sexuais. Em que se pesem as diferenças entre drogas administradas com o objetivo profilático e aquelas empregadas para a estimulação sexual, a PrEP poderia ser o signo a fazer toda a diferença na cena sexual, maximizando a experiência erótica.

O segundo signo a receber mais investimentos é aquele da pessoa sorointerrogativa. Para além da questão de “se ter” ou “não se ter” o hiv, “estar contaminado pelo vírus” ou “não ter tido contato com o vírus”, ser “soropositivo” ou “soronegativo”, o caminho aberto pela perspectiva da interrogação em relação à condição sorológica nos possibilita um olhar acurado para aquela parcela de pessoas que nunca passaram pelo teste sorológico, aspecto fundamental para o diagnóstico precoce do hiv e melhor eficácia do tratamento antirretroviral. A “sorointerrogatividade” (é importante a criação de novos signos como este termo) é uma condição dada desde o princípio: o corpo sexualmente ativo que nunca foi examinado, por conseguinte, é marcado pela dúvida. Ao mesmo tempo, a dúvida deve ser substituída pela certeza de um diagnóstico negativo ou positivo, buscando-se ultrapassar os receios, os medos e as barreiras entre o sujeito e um possível diagnóstico soropositivo, ainda temido por parte daqueles que consideram o hiv/aids como uma “sentença de morte”, sentido histórico que, embora superado, ainda ronda o imaginário de determinadas parcelas da população. Para isso, duas frentes de construção são necessárias: uma precisa se voltar às representações de uma vida soropositiva com qualidade e pouca ou nenhuma interferência do vírus no dia a dia, tornando a condição hiv-positiva apenas como uma mais um indicador de saúde a ser acompanhado periodicamente e tratado com medicamentos, como ocorre com a diabetes, a hipertensão e outras síndromes facilmente administradas; outra frente deve posicionar a testagem, ao lado do preservativo e da PrEP, não apenas como um recurso a ser acessado quando se tem dúvida, mas também como uma espécie de método profilático que previne complicações e cuja realização deve ser incluída nas rotinas de cuidados à saúde sexual.

Por fim, a equação “indetectável = intransmissível” (“I=I”) deve ser envolta de signos que facilitem a sua compreensão e explorem suas potencialidades de produção de sentido em busca de novas condutas em relação ao hiv/aids. Surgido na segunda década do século XXI, o termo sintetiza a comprovação científica de que pessoas que vivem com o hiv e que estão em tratamento antirretroviral adequado e que têm a carga viral diminuída, a ponto de

deixar de ser detectada nos exames, deixam de transmitir o vírus. Para que essa informação tenha aderência na cultura são necessários esforços educacionais e comunicacionais que confrontem o estigma e o preconceito em relação a vidas soropositivas e desconstruam a ideia de que uma vez infectado com o hiv não há chances de baixar sua carga a ponto de torná-lo indetectável e intransmissível. Como o hiv/aids ainda não tem uma cura ou uma vacina, há a inferência de que se trata de uma tópica incontornável, imutável e fatal. Quando, ao contrário, com os avanços científicos acelerados nos últimos anos, as tecnologias farmacológicas vêm transformando a relação organismo/vírus. Ademais, juntamente ao conceito I=I, coloca-se a efetividade do tratamento e da testagem como práticas que trazem, de fato, alguma diferença na administração do hiv, reduzindo os danos que outrora invariavelmente trazia.

Das limitações e perspectivas do percurso

Ao final desta jornada, mostra-se pertinente destacar algumas limitações da investigação, tendo em vista futuras pesquisas que possam complementar a presente tese. A primeira limitação é a percepção de que nem todas as sexualidades ou formas do homoerotismo masculino estão contempladas pela pornografia amadora. Sem dúvidas, outras estilísticas do desejo entre iguais existem e não estão representadas pelo olhar indiscreto das plataformas pornográficas. Nesse sentido, é preciso a todo instante buscar novos meios para chegarmos aos movimentos da cultura homoerótica. Ainda sob essa lógica, podemos salientar uma segunda limitação: a mobilidade cultural, que é própria aos fluxos comunicacionais, faz com que os resultados desta pesquisa tenham que ser revistos de tempos em tempos, atualizando-se tanto objeto quanto reflexões. Somente é possível falar nessas nove contribuições reconhecendo-se o limite temporal da contemporaneidade, assumindo-se a contingência como insígnia e a impermanência como certeza.

Dois possíveis desdobramentos também podem ser vislumbrados neste momento de finalização. O primeiro deles seria a aplicação da metodologia e dos processos investigativos a outras formas da sexualidade humana, como a heterossexualidade e a bissexualidade, considerando-se ainda as dobras com as identidades de gênero (como seria a representação da heterossexualidade viril masculina na pornografia amadora digital, por exemplo, frente ao hiv/aids?). O segundo possível caminho de continuidade da pesquisa seria nos ocupar de outros objetos da cultura material e imaterial sob a perspectiva e a metodologia aqui

empreendidas para se compreender o homoerotismo masculino. Aplicativos (como o Grindr e o Hornet), fármacos (por exemplo, o Citrato de Sildenafila, para a ereção do pênis, e o Minoxidil, voltado ao crescimento de cabelo e pelos faciais) e influenciadores digitais são apenas alguns dos muitos exemplos de objetos do cotidiano que adquiram um certo protagonismo no contexto da formação de identidades e subjetividades homoeróticas na contemporaneidade e que podem interessar à construção de um observatório cultural voltado às políticas de saúde pública.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Caio Fernando. “Linda, uma história horrível”. In. ABREU, Caio Fernando. **Os dragões não conhecem o paraíso**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

ABREU, Nuno César**. Boca do Lixo**: cinema e classes populares. Campinas: Editora UNICAMP, 2006.

ALMEIDA, Antonio Carlos de Oliveira. **O mel, a abelha e o cavalo que voava**: escritas da aids. Tese de doutorado. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2008.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Pólen, 2019.

ARAÚJO, Lucinha. **Cazuza**. Só as mães são felizes. Rio de Janeiro: Globo Livros, 1997.

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual**: uma psicologia da visão criadora. Tradução: Ivonne Terezinha de Faria. São Paulo: Cengage Learning, 2015.

ASSOCIAÇÃO Brasileira Interdisciplinar de AIDS. “ABIA condena reportagem exibida no Fantástico sobre o ‘Clube do Carimbo’”. 17 de março de 2015. Disponível em: < http://abiaids.org.br/abia-condena-reportagem-exibida-no-fantastico-sobre-o-clube-do-carimbo/28188>. Último acesso em 8 de setembro de 2020.

BARBOSA, Guilherme. **Grafitos de banheiro**. A literatura proibida. Rio de Janeiro: Editora Anima, 1986.

BARRETO, Victor Hugo de Souza. “A ‘putaria’ nas orgias: diferença e singularidade no corpo orgiástico”. In. **38º Encontro Anual da Anpocs.** Caxambu, 2014. Comunicação. Disponível em <https://anpocs.com/index.php/encontros/papers/38-encontro-anual-da-anpocs/gt-1/gt33-1/9141-a-putaria-nas-orgias-diferenca-e-singularidade-no-corpo-orgiastico?path=38-encontro-anual-da-anpocs/gt-1/gt33-1>. Último acesso em 17 de agosto de 2020.

BARRETO, Victor Hugo de Souza. “Os novos territórios da prostituição masculina”. In. OLIVEIRA, Thiago. **Homens no mercado do sexo**: reflexões sobre agentes, espaços e políticas. Salvador: Editora Derives, 2019. P. 77 – 102.

BATAILLE, Georges. **A parte maldita**. Precedido de 'A noção de despesa’. Lisboa: Fim de Século, 2005.

BATAILLE, Georges. **O erotismo.** Tradução: Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

BATAILLE, Georges. **História do olho**. Tradução: Eliane Robert Moraes. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade do consumo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BEZERRA, Vladimir Porfírio. **O sexo "na pele"**: sentidos do corpo e da pele na experiência bareback entre homens na cidade do Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Ciências Sociais, 2019.

BIRMAN, Joel. **Gramáticas do erotismo**. A feminilidade e suas formas de subjetivação em psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BONIN, Jiani Adriana. MORIGI, Valdir Jose. "Ciudadanía en las interrelaciones entre comunicación, medios y culturas". In. JACKS, Nilda et. al. (org.). **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural**. Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero. Quito: CIESPAL, 2019. p. 215-240.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

BRANCO, Lucia Castello. **O que é erotismo?** São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRASIL. Código Penal. Decreto-lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940.

BRAUNSTEIN, Néstor A. **El goce**. Un concepto lacaniano. Buenos Aires: Siglo XXI, 2006.

BRIGNOL, Liliane Dutra. COGO, Denise. MARTÍNEZ, Silvia Lago. "Redes: dimensión epistemológica y mediación constitutiva de las mutaciones comunicacionales y culturales de nuestro tiempo". In. JACKS, Nilda et. al. (org.). **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural**. Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero. Quito: CIESPAL, 2019. p. 187-214.

BRISSON, Julien. **Moving Beyond Resistance and Medicalization**: Challenging Common Representations of Bareback Sex and HIV through Ethnography. Dissertação de mestrado. School of Sociological and Anthropological Studies, University of Ottawa, Canada, 2015. Disponível em: https://ruor.uottawa.ca/handle/10393/32991. Último acesso em 3 de setembro de 2020.

BUSTAMANTE, Antonio Montes de Oca Sanchez de. "Arquitectura de información y usabilidad: nociones básicas para los profesionales de la información. **ACIMED**. Ciudad de La Habana, v. 12, n. 6, dezembro de 2004. Disponível em http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1024943520040006000004&lng=es&nrm=iso. Último acesso em 31 de agosto de 2020.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**. Os limites discursivos do sexo. Tradução: Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: n-1 edições, 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CAETANO, Marcio. NASCIMENTO, Claudio. RODRIGUES, Alexsandro. "Do caos re-emerge a força: AIDS e mobilização LGBT". In. GREEN, James. QUINALHA, Renan. CAETANO, Marcio. FERNANDES, Marisa (org.). **História do movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018. P. 279-296.

CANEVACCI, Massimo. "Multivíduo conectivo: Gregory Bateson". In. **Ciência e cultura**, volume 64, número 1. São Paulo, Janeiro de 2012. DOI: 10.21800/S0009-67252012000100016. Último acesso em 19 de setembro de 2020.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e cidadãos**. Conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

CANTO, André [dir]. **Carta para além dos muros**. HIV e AIDS no Brasil. Documentário. Brasil: Canto Produções, 2019.

CARBALLO-DIÉGUEZ, Alex; BAUERMEISTER, José. "'Barebacking': Intencional Condomless Anal Sex in HIV-Risk Contexts. Reasons for and Against it". **Journal of Homosexuality**, v. 47, n. 1, p. 1-16, 2004. DOI: 10.1300/J082v47n01_01.

CARDOSO, João Gabriel Maracci et al. "Imagem, corpo e linguagem em usos do aplicativo Grindr". **Psicologia USP**, São Paulo, v. 30, 2019.

CARRASCOZA, João Anzanello. **Estratégias criativas da publicidade**. Consumo e narrativa publicitária. São Paulo: Estação Letras e Cores, 2014.

CARVALHO, Renata. In. **#12 Quem tem medo de travesti? - Renata Carvalho**. São Paulo: Instituto Temporário de Pesquisa Sobre a Censura, 2020. Episódio de podcast. 127 minutos.

CATOIA, Erika Aparecida. "A aids no sistema prisional: desafios e estratégias para adesão ao tratamento". In. BOLLELA, Valdes Roberto et al. **Adesão**. O presente e o futuro na luta para o controle do HIV/AIDS. Ribeirão Preto: FUNPEC Editora, 2016. pp. 237-249.

CEDARO, José Juliano. **A ferida na alma**. Os doentes de aids sobre o ponto de vista psicanalítico. Tese de doutorado. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2005.

CESAROTTO, Oscar. **Inconsciências**: psicanálise, semiótica, cultura material. São Paulo: Iluminuras, 2019.

COLETTA, Ricardo Della. "Pessoa com HIV 'é uma despesa para todos', diz Bolsonaro". In FOLHA, 5 de fevereiro de 2020. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/02/pessoa-com-hiv-e-uma-despesa-para-todos-no-brasil-diz-bolsonaro.shtml#. Último acesso em 2 de setembro de 2020.

CORCORAN, Nova. **Comunicação em saúde**. Estratégias para promoção de saúde. São Paulo: Roca, 2010.

COSSI, Rafael Kalaf. DUNKER, Christian Ingo Lenz. "A diferença sexual de Butler a Lacan: gênero, espécie e família". In. COSSI, Rafael Kalaf (org.). **Faces do sexual**. Fronteiras entre gênero e inconsciente. São Paulo: Aller, 2019. P. 129 – 160.

COSTA, Jurandir Freire. **A face e o verso.** Estudos sobre o homoerotismo II. São Paulo: Escuta, 1995.

COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício.** Estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

DANIEL, Herbert. **Vida antes da morte**. Rio de Janeiro: ABIA, 1994.

DAVI, Edmar Henrique Dairell. "Novas corporeidades e sexualidades dissidentes: o cuidado em saúde para além do normal e do patológico". In. LIMA, Claudia Feio (org.). **Sexualidade e saúde**: perspectivas para um cuidado ampliado". Rio de Janeiro: Bonecker Editora, 2017. P. 17-38.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DESBORDES, Jean. **O verdadeiro rosto do marquês de Sade**. Tradução: Frederico dos Reys Coutinho. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1968.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. Volume 4. Tradução: Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 2012.

DIAS, Adriana. "Por uma genealogia do capacitismo: da eugenia estatal a narrativa capacitista social". In. **Anais do I Simpósio Internacional de Estudos sobre a Deficiência** – SEDPcD/Diversitas/USP Legal. São Paulo, junho/2013. Disponível em: <http://www.memorialdainclusao.sp.gov.br/ebook/Textos/Adriana_Dias.pdf>. Ú

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. **Nas redes do sexo**. Os bastidores do pornô brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DIÓGENES et. al. "Vida sexual e afetiva de jovens que vivem com o vírus da imunodeficiência humana". In. LIRA, Samira Valentim Gama et. al. (org.). **Saúde coletiva**: um enfoque nas diversas áreas do conhecimento. Curitiba: CRV, 2016.

DOUGLAS, Mary. ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens**. Para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

DOVER, Kenneth James. **A homossexualidade na Grécia Antiga**. São Paulo: Nova Alexandria, 2007.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. "Semblante, gozo e fantasia: por uma transleitura da sexuação". In. COSSI, Rafael Kalaf (org.). **Faces do sexual**. Fronteiras entre gênero e inconsciente. São Paulo: Aller, 2019.

DWORKIN, Andrea. **Pornography**: men pressing women. New York: Penguin Books, 1989.

DWORKIN, Andrea. MACKINNON, Catharine. **Pornography and civil rights**: a new day for women's equality. Minnesota: Organizing Against Pornography, 1988.

EBERSTADT, Mary. LAYDEN, Mary Anne. **Os custos sociais da pornografia**. Oito descobertas que põem fim ao mito do "prazer inofensivo". Tradução: Priscila Catão. São Paulo: Quadrante, 2019.

ELIAS, Paulo Eduardo. "A descentralização na periferia do capitalismo: os desafios para a construção de um sistema universal de saúde com mecanismos de participação direta". In. CONTANDRIOPOULOS, André-Pierre et. al. (org.). **Saúde e cidadania**: as experiências do Brasil e do Quebec. Campinas: Saberes Editora, 2010. P. 195 – 218.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?** Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FANALES-BELASIO, Emmanuele. RAIMONDO, Mariangela. SULIGOI, Barbara. BUTTÒ, Stefano. "HIV virology and pathogenetic mechanisms of infection: a brief overview". In. **Annali dell'Istituto Superiore di Sanità.** Vol. 46, número 1. Roma: 2010. pp. 5-14.

FELBERG, Edgard. ***Bareback***. Reflexões sobre a normalização das condutas sexuais. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

FERNANDES, Guilherme. **Corpo e escrita**. A elaboração da AIDS em Caio Fernando Abreu e Hervé Guilbert. Dissertação de mestrado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2016.

FERREIRA, Claudio Vital de Lima. **Conversando com o paciente hiv positivo**: um estudo clínico. Tese de Doutorado. Campinas: Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, 1992.

FINE, Cordelia. **Testosterona rex**. Mitos de sexo, ciência e sociedade. São Paulo: Três Estrelas, 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014a.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014b.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir.** O nascimento da prisão. Tradução: Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 2014c.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FREITAS, Angela Carvalho. **Jovens vivendo com HIV desde a infância.** Características clínicas e preditores de controle da infecção na transição de cuidado pediátrico para o de adultos. Tese de Doutorado. São Paulo: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 2017.

FREUD, Sigmund. "Análise da fobia de um garoto de cinco anos ('O pequeno Hans')". IN. **Obras completas, volume 8.** Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015a. pp. 123-284.

FREUD, Sigmund. "A repressão". IN. **Obras completas, volume 12.** Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. pp. 82-98.

FREUD, Sigmund. "Carta sobre a homossexualidade". In. IANNINI, Gilson (org.). **Caro Dr. Freud**. Respostas do século XXI a uma carta sobre homossexualidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. P. 23-29.

FREUD, Sigmund. "Os instintos e seus destinos". IN. **Obras completas, volume 12.** Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. pp. 51-81.

FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 4.** A interpretação dos sonhos (1900). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FREUD, Sigmund. "O escritor e a fantasia". IN. **Obras completas, volume 8.** Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015b. pp. 325-338.

FREUD, Sigmund. "O Eu e o Id". IN. **Obras completas, volume 16.** Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. pp. 13-74.

FREUD, Sigmund. "O inquietante". IN. **Obras completas, volume 14.** Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c. pp. 328-375.

FREUD, Sigmund. "O mal-estar na civilização". IN. **Obras completas, volume 18.** Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010d. pp. 123-354.

FREUD, Sigmund. "O romance familiar dos neuróticos". IN. **Obras completas, volume 8.** Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015c. pp. 419-424.

FREUD, Sigmund. "O tabu da virgindade (Contribuições à psicologia do amor III) (1917)". IN. **Obras completas, volume 9**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013a. p. 364-387.

FREUD, Sigmund. "Totem e Tabu (1912-1913)". IN. **Obras completas, volume 11.** Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. pp. 13-156.

FREUD, Sigmund. “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)”. In _____. **Obras completas, volume 6.** Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 13-72.

FREUD, Sigmund. “Sobre a mais comum depreciação na vida amorosa (Contribuições à psicologia do amor II) (1912)”. In _____. **Obras completas, volume 9**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013b. p. 334 - 363.

FRY, Peter. MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

FRYE, Marilyn. **The politics of reality**: essays in feminist theory. Freedom: The Crossing Press, 1983.

GERACE, Rodrigo. **Cinema explícito**: representações cinematográficas do sexo. São Paulo: Perspectiva e Edições Sesc São Paulo, 2015.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GÓES, Clara de. **História e psicanálise**. A construção da realidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

GREEN, James. **Além do carnaval**. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. Tradução: Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

GREEN, James. **Revolucionário e gay**: a vida extraordinária de Herbert Daniel. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

GREGORI, Maria Filomena. **Prazeres perigosos**: erotismo, gênero e limites da sexualidade. Tese de livre docência, Departamento de Antropologia, IFCH, Universidade Estadual de Campinas, 2010.

GREGORI, Maria Filomena. "Práticas eróticas e limites da sexualidade: contribuições de estudos recentes". **Cadernos Pagu**, n. 24, 2014. p. 47-74.

GUIA de Terminologia da UNAIDS. Brasília: Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS, 2017. Disponível em: <https://unaids.org.br/wp-content/uploads/2015/06/WEB_2018_01_18_GuiaTerminologia_UNAIDS.pdf>. Último acesso em 20 de março de 2019.

HABOU, Mohamad et al. "Outcomes of variation in technique and variation in accuracy of measurement in penile length measurement”. IN: **International Journal of Impotence Research**, volume 30, 2018. Disponível em: https://www.nature.com/articles/s41443-017-0013-3. Último acesso em 23 de maio de 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guarcia Lopes. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HAN, Byung-Chul. **Agonia do Eros**. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **No enxame**. Perspectivas do digital. Tradução: Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018.

HARARI, Roberto. **"La significación del falo", de Lacan**: claves introductorias. Buenos Aires: Lumen, 2007.

HERBENICK, Debby et al. "Erect penile length and circumference dimensions of 1,611 sexually active men in the United States". In. **The Journal of Sexual Medicine**, volume 11, número 1, 2014. Disponível em:

HIRANO, Luis Felipe Kojima. "Marcadores sociais das diferenças: rastreando a construção de um conceito em relação à abordagem interseccional e a associação de categorias" In. **Marcadores sociais das diferenças**: fluxos, trânsitos e intersecções. HIRANO, Luis Felipe Kojima; ACUÑA, Maurício; MACHADO, Bernardo Fonseca (Org.). Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2019. p. 27-54.

HISGAIL, Fani. **Pedofilia**: um estudo psicanalítico. São Paulo: Iluminuras, 2007.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUNT, Lynn. "Obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800". In. HUNT, Lynn (org.). **A invenção da pornografia**. Tradução: Carlos Szlak. São Paulo: Hedra, 1999.

HYDE, H. Montgomery. **Historia de la pornografia**. Buenos Aires: Editorial la Pléyade, 1973.

IANNI, Aurea Maria Zöllner. **Mudanças sociais contemporâneas e saúde**: estudo sobre teoria social e saúde pública no Brasil. São Paulo: Hucitec, 2018.

JARDIM, Eduardo. **A doença e o tempo**. Aids, uma história de todos nós. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

JACKS, Nilda. SCHMITZ, Daniela. WOTTRICH, Laura. "Comunicación em Jesús Martín-Barbero: incursión a tres obras fundantes". In. JACKS, Nilda et. al. (org.). **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural.** Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero. Quito: CIESPAL, 2019. p. 25-58.

JENKINS, Henry. **Cultura da conexão**. Criando valor e significado por meio da mídia propagável. Tradução: Patricia Arnaud. São Paulo: Aleph, 2014.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. "O real e o sexual: do inominável ao pré-conceito". In QUINET, Antonio (org.). **As homossexualidades na psicanálise**. São Paulo: Segmento Farma, 2013, p. 15 - 28.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. TRAVASSOS, Natália Pereira. **Transexualidade**. O corpo entre o sujeito e a ciência. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

KARDOUS, Paul. Depoimento a Renato Gonçalves Ferreira Filho. Novembro de 2017.

KEHL, Maria Rita. "Cinco propostas sobre a filosofia libertina e uma sobre assédio sexual". **Libertinos libertários**. Organização: Adauto Novaes. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. pp. 339 - 344.

KEHL, Maria Rita. "O espetáculo como meio de subjetivação". In. BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias**. Ensaios sobre televisão. São Paulo: Boitempo, 2004a. p. 43 – 62.

KEHL, Maria Rita. "Visibilidade e espetáculo". In. BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias**. Ensaios sobre televisão. São Paulo: Boitempo, 2004b. p. 141 – 164.

KULICK, Don. **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Riocruz, 2008.

LACAN, Jacques. "A significação do falo". In ____. **Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998a.

LACAN, Jacques. "O estádio do espelho como formador da função do eu". In ____. **Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998b.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 3**: as psicoses. Tradução: Aluisio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 4**: a relação de objeto. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 7**: a ética na psicanálise. Tradução: Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Zahar, 2008a.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Tradução: M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2008b.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 18**: de um discurso que não fosse semblante. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 20**: mais, ainda. Tradução: M. D. Magno. Rio de Janerio: Zahar, 2008c.

LACERDA, Juciano de Sousa. "Campanhas midiáticas de prevenção das DST/AIDS: usos e apropriações entre adolescentes e jovens do bairro de Mãe Luiza, Natal - RN" In. **Razón y Palabra,** v. 18, 2014a. Disponível em: http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=199530728006

LACERDA, Juciano de Sousa et. al. “Lugares de interlocução na publicidade sobre prevenção das DST/Aids: descentralizar vozes para uma cidadania comunicativa”. In. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano**, volume 5, número 5, 2014b. Disponível em: https://doi.org/10.22409/ppgmc.v5i5.9725

LAGONEGRO, Eduardo Ronner. “Reflexões sobre PrEP e Pep sob a ótica da bioética”. In. SILVA, Sara Romera da. OLIVEIRA, Reinaldo Ayer de. (Org.). **Ética e HIV-AIDS**: uma epidemia que se sustenta. São Paulo: Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo, 2017. pp. 105 - 107.

LAQUEUR, Thomas. **Making sex**. Body and gender from the Greeks to Freud. Cambridge and London: Harvard University Press, 1992.

LARCO, Rafael. **Checan**. Ensayo sobre las representaciones eróticas del Perú precolombino. Genebra, Pais, Munique: 1966

LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos**. São Paulo: Editora Vozes, 2016.

LEFEVRE, Fernando. LEFEVRE, Maria Cavalcanti. **Promoção de saúde**. A negação da negação. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004.

LEITE JÚNIOR, Jorge. **Das maravilhas e prodígios sexuais**: a pornografia “bizarra" como entretenimento. São Paulo: Annablume, 2006.

LEVY, Jay A. **HIV e a patogenia da Aids**. Tradução: Beth Honorato. São Paulo: Unifesp, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2010.

LIPOVETSKY, Gilles. SERROY, Jean. **A estetização do mundo.** Viver na era do capitalismo artista. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. Tradução: Jacques A. Wainberg. Petrópolis: Vozes, 2008.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo. “A teoria barberiana da comunicação”. In. **MATRIZes**, volume 12, número 1, 2018. DOI: 10/11606/issn.1982-8160.v12i1. p. 39-63.

LOVELUCK, Benjamin. **Redes, liberdades e controle**. Uma genealogia política da internet. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

LUIZ, George Moraes de. “O uso da argumentação científica na opção por estilos de vida arriscados no cenário da aids”. In. **Interface – Comunicação, Saúde e Educação**, volume 17, número 47. Botucatu: 2013. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832013000400004&lng=en&nrm=iso> . Último acesso em 10 de setembro de 2020.

LUTEREAU, Luciano. **Los que aman, odian.** Clínica del amor de transferencia. Buenos Aires, Letra Viva, 2018.

LUTEREAU, Luciano. **Ya no hay hombres**. Ensayos sobre la destitución masculina. Buenos Aires: Galerna, 2016. Edição Kindle.

MAINES, Rachel. **The technology of orgasm**: "histeria", the vibrator and women's sexual satisfaction. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1999.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização**. Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1999.

MARQUES FILHO, Bruno Pompeu. **Semiopublicidade: inovação no ensino**. Epistemologia e currículo da publicidade. Curitiba: Appris, 2018.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. "Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidade da comunicação no novo século". In: MORAES, Dênis de. **Sociedade midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

MARZANO, Michela. **La pornografía o el agotamiento del deseo**. Buenos Aires: Manantial, 2006.

MAURANO, Denise. "A psicanálise e a intoxicação contemporânea". In. CUNHA, Maria Helena Lisboa et. al. (org.). **Filosofia e saúde**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013. P. 30-41.

MCCRACKEN, Grant. **Cultura & consumo**. Novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.

MELLO, Ramon Nunes (org.). **Tente entender o que tento dizer.** Poesia + hiv/aids. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.

MEUNIER, Étienne. ESCOFFIER, Jeffrey. SIEGEL, Karolynn. "Rethinking Risks and Interventions Beyond HIV: The Importance of Contextualizing Collective Sex". In. **Archives of Sexual Behavior**, número 48. Springer: 2019. P. 51-56. Disponível em: < https://doi.org/10/1007/s10508-018-1214-7>. Último acesso em 10 de setembro de 2020.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**. Estudos antropológicos da cultura material. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MINISTÉRIO da Saúde. "Boletim Epidemiológico HIV/AIDS 2018". Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. Brasília: Ministério da Saúde, 2018a.

MINISTÉRIO da Saúde. "Boletim Epidemiológico HIV/AIDS 2018". Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância, Prevenção e

Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. Brasília: Ministério da Saúde, 2019a.

MINISTÉRIO da Saúde. "Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para a profilaxia pré-exposição (PrEP) de risco à infecção pelo HIV". Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. Brasília: Ministério da Saúde, 2018b.

MISKOLCI, Richard. "'Discreto e fora do meio' – Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea". IN **Cadernos Pagu**, nº 44, janeiro-junho de 2015, p. 61-90.

MORAES, Eliane Robert. "Inventário do abismo". In SADE, Marquês de. **Os 120 dias de Sodoma ou A escola da libertinagem**. São Paulo: Iluminuras, 2006.

MORAES, Eliane Robert. "Puta, putus, putida: devaneios etimológicos em torno da prostituta". In **Revista da Biblioteca Mário de Andrade**, v. 69. São Paulo: Departamento Biblioteca Mário de Andrade, 2015a. p. 38- 48

MORAES, Eliane Robert. **Sade, a felicidade libertina**. São Paulo: Iluminuras, 2015b.

MORAES, Eliane Robert. "Um olho sem rosto". IN. BATAILLE, Georges. **História do olho**. Tradução: Eliane Robert Moraes. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MORAES, Sílvia Helena Possati, **Ouvindo o silêncio:** Enfermagem na redução de danos com troca de seringas no município de Ribeirão Preto - SP. Dissertação de Mestrado. Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, 2003.

MORIN, Edgard. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução: Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2011.

NÖTH, Winfried. **Panorama da semiótica**: de Platão a Peirce. São Paulo: Annablume, 1998.

OLIVEIRA, Thiago de Lima. **Engenharia erótica, arquitetura dos prazeres**: cartografias da pegação em João Pessoa, Paraíba. Dissertação (Mestrado em Antropologia). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2016.

PAGLIA, Camille. **Free Women, Free Men**. Sex, gender, feminism. New York: Pantheon Books, 2017.

PAGLIA, Camille. **Personas sexuais**. Arte e decadência de Nefertite a Emily Dickinson. Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PAGLIA, Camille. **Sexo, arte e cultura americana.** Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PAGLIA, Camille. **Vampes e vadias**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1996.

PAIVA, Vera. **Fazendo arte com a camisinha**. Sexualidades jovens em tempos de Aids. São Paulo: Summus Editorial, 2000.

PARISER, Eli. **O filtro invisível**. O que a internet está escondendo de você. Tradução: Diego Alfaro. Rio de Janeiro, Zahar, 2012.

PARKER, Richard. **A construção da solidariedade**. AIDS, sexualidade e política. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 1994.

PARKER, Richard. **Abaixo do Equador**. Culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil. Tradução: Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PATEL, Pragna, BORKOWF, Craig B., BROOKS, John T. et al. "Estimating per-act HIV transmission risk: a systematic review". AIDS, volume 28, número 10, 2014. Disponível em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6195215/>. Último acesso em 27 de fevereiro de 2020.

PAUL, Pamela. **Pornificados**. Como a pornografia está transformando a nossa vida, os nossos relacionamentos e as nossas famílias. Tradução: Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Cultrix, 2006.

PAZ, Josi. **Aids anunciada**: a publicidade e o sexo seguro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

PEREIRA, Mário Eduardo Costa. "Krafft-Ebing, a Psychopathia Sexualis e a criação da noção médica de sadismo". **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental.** São Paulo, v. 12, n. 2, Junho de 2009, p. 379-386.

PEREZ, Clotilde. **Há limites para o consumo?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2020.

PEREZ, Clotilde. **Mascotes**: semiótica da vida imaginária. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

PEREZ, Clotilde. **Signos da marca**: expressividade e sensorialidade. São Paulo: Cengage Learning, 2017.

PEREZ, Clotilde. **Universo sígnico do consumo**: o sentido das marcas. Tese de livre docência. Universidade de São Paulo, 2007.

PEREZ, Clotilde. TRINDADE, Eneus. “Três dimensões para compreender as mediações comunicacionais do consumo na contemporaneidade”. In **Revista MATRIZes,** v. 13, nº 3. set./dez. São Paulo, 2019. P. 109-126.

PERLONGHER, Néstor. “O desaparecimento da homossexualidade”. In: **Saúde Loucura**, n.3. São Paulo: Editora Hucitec, 1992. P. 39-45.

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê**. Prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

PETRACCI, Mónica. "Comunicación y salud: un campo diverso y pujante". IN **Organicom.** Ano 9, número 16/17. São Paulo, 2012.

PINHEIRO, Thiago Félix. **Camisinha, homoerotismo e os discursos da prevenção de HIV/aids**. Tese de doutorado. São Paulo: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 2015.

POLIZZI, Valéria Piassa. **Depois daquela viagem**. Diário de bordo de uma jovem que aprendeu a viver com a AIDS. São Paulo: Editora Ática, 1997.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. Práticas subversivas de identidade sexual. Tradução: Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2017.

PRECIADO, Paul B. **Testo junkie**. Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. Tradução: Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**. Crônicas da travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

QUINALHA, Renan. **Contra a moral e os bons costumes: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)**. Tese de doutorado. São Paulo: Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo, 2017.

QUINALHA, Renan. "Desafios para a comunidade e o movimento LGBT no governo Bolsonaro". In. **Democracia em risco?** São Paulo: Companhia das Letras, 2019. pp. COLOCAR

RAJCHMAN, John. **Eros e verdade**. Lacan, Foucault e a questão da ética. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro.** A formação do sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RICH, Adrienne. "Compulsory Heterosexuality and Lesbian Experience". In: Snitow, Ann; Stansel, Christine and Thompson, Sharon. **Powers of Desire.** The Politics of Sexuality. New York: Monthly Review Press, 1983. p. 177-205.

ROBERTSON, William J. "'Believe it or not': the medical framing of rectal foreign bodies". In. **Culture, Health & Sexuality**, número 19, volume 8, 2017. p. 815-828.

ROCHA, Juan Stuardo Yazlle. "Os determinantes sociais da saúde". In. IBAÑEZ, Nelson et. al. **Política e gestão pública em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2015. p. 219 – 242.

RODESCHINI, Silvia. "New standards of respectability in contemporary pornography: Pornhub's corporate communication". In. **Porn Studies**, volume 7, número 2, 2020. DOI: 10.1080/23268743.2020.1788976. Último acesso em 19 de setembro de 2020.

ROTELLO, Gabriel. **Comportamento sexual e AIDS**: a cultura gay em transformação. São Paulo: Edições GLS, 1998.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo**. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

RUBERG, Bonnie. "Doing it for free: digital labour and the fantasy of amateur online pornography". In. **Porn Studies**, volume 3, número 2, 2016. DOI: 10.1080/23268743.2016.1184477. Último acesso em 19 de setembro de 2020.

RUBIN, Gayle. "Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality". In. VANCE, C. **Pleasure and Danger**. London: Routledge, 1984. P/ 267-319.

SADE, Marquês de. **A filosofia na alcova ou Os preceptores morais.** Tradução: Contador Borges. São Paulo: Iluminuras, 2015.

SADE, Marquês de. **Os 120 dias de Sodoma ou A Escola da libertinagem**. Tradução: Alain François. São Paulo: Iluminuras, 2006.

SADE, Marquês de. **Os infortúnios da virtude**. Tradução: Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SAFATLE, Vladimir. **Introdução a Jacques Lacan**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

SANCHES, Renate Meyer. **Escolhi a vida**: desafios da Aids mental. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1997.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano.** Da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTAELLA, Lucia. **Estética de Platão a Peirce.** São Paulo: Experimento, 1994.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e pensamento.** Sonora Visual Verbal. São Paulo: Iluminuras, FAPESP, 2005.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço**. O perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTAELLA, Lucia. "O real, o imaginário e o simbólico da pulsão". In. SANTAELLA, Lucia. HISGAIL, Fani. **Semiótica psicanalítica**: clínica da cultura. São Paulo: Iluminuras, 2013a.

SANTAELLA, Lucia. "Retrospecção e perspectivas". In. SANTAELLA, Lucia. HISGAIL, Fani. **Semiótica psicanalítica**: clínica da cultura. São Paulo: Iluminuras, 2013b.

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Cengage Learning, 2007.

SANTAELLA, Lucia. HISGAIL, Fani (org.). **Semiótica psicanalítica**. Clínica da cultura. São Paulo: Iluminuras, 2013c.

SANTAELLA, Lucia; CARA, Mariane Almeida. "As performances subjetivas na espetacularização dos corpos". In. SANTAELLA, Lucia (org.). **Sociotramas**. Estudos multitemáticos sobre redes digitais. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014. P. 77 – 87.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Comunicação e semiótica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

SANTOS, Beatriz. "Sexualidade se traduz? Um diálogo entre a psicanálise e os estudos de gênero". In. COSSI, Rafael Kalaf (org.). **Faces do sexual**. Fronteiras entre gênero e inconsciente. São Paulo: Aller, 2019. P. 13 – 36.

SANTOS, Daniel dos. **Como fabricar um gangsta**. Masculinidades negras nos videoclipes dos rappers Jay-Z e 50 Cent. Dissertação de Mestrado no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2017.

SANTOS, Daniel dos. **Na Cama Com o Super Negão**: Erotismo e Sexualidade do Homem Negro na Bahia do Tempo Presente. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2013.

SANTOS, Karolina Reis dos. **Risco e barebacking**: reflexões. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2018.

SCHILLER, Friederich. **A educação estética do homem**: numa série de cartas. Tradução: Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1989.

SCHONFELD, W; BEEBE, G. "Normal Growth and Variation in the Male Genitalia from Birth to Maturity" IN. **The Journal of Urology,** volume 48, número 6, 1942. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0022534717707677. Último acesso em 23 de maio de 2020.

SCHIAVON, João Perci. **Pragmatismo pulsional**. Clínica psicanalítica. São Paulo: n-1 edições, 2019.

SECRETARIA Municipal de Saúde de São Paulo. "Boletim epidemiológico de HIV/Aids São Paulo 2018". Programa Municipal de São Paulo de DST/AIDS. 2018.

SECRETARIA Municipal de Saúde de São Paulo. "Boletim epidemiológico de HIV/Aids São Paulo 2019". Programa Municipal de São Paulo de DST/AIDS. 2019.

SHATTUCK, Roger. **Conhecimento proibido**. De Prometeu à pornografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SIFUENTES, Lírian. ZANINI, Maria Catarina Chitolina. "Las identidades em el contexto de las mutaciones tecnológicas". In. JACKS, Nilda et. al. (org.). **Un nuevo mapa para**

investigar la mutación cultural. Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero. Quito: CIESPAL, 2019. p. 241-262.

SILVA, Lourdes Ana Pereira. BASEIO, Maria Auxiliadora Fontana. "Narrativa(s) como estrategia(s) de comunicabilidad". In. JACKS, Nilda et. al. (org.). **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural.** Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero. Quito: CIESPAL, 2019. p. 161-186.

SILVA, Luís Augusto Vasconcelos da. "Barebacking e a possibilidade de soroconversão". In. **Cadernos de Saúde Pública**, 25 (6), 2009. p. 1381-1389.

SILVA, Vera Lucia Marques. **Sob a égide do chicote**: uma leitura do amor na contemporaneidade. Curitiba: Appris, 2018.

SILVA-BRANDÃO, Roberto Rubem da. IANNI, Aurea Maria Zöllner. "Sexual desire and pleasure in the contexto of the HIV pre-exposure prophylaxis (PrEP)". In. **Sexualities**, volume 23, número 8, 2020. p. 1-17. DOI: 10.1177/1363460720939047.

SMITH, Clarissa. ATTWOOD, Feona. "Anti/pro/critical porn studies". In. **Porn Studies**, volume 1, número 2, 2014. DOI: 10.1080/23268743.2014.887364.

SODRÉ, Muniz. **Ciência do comum**. Notas para o método comunicacional. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

SONTAG, Susan. **Doença como metáfora, AIDS e suas metáforas**. Tradução: Rubens Figueiredo, Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

STARR, G. Gabrielle. **Feeling Beauty**. The neuroscience of aesthetic experience. Cambridge e Londres: The MIT Press, 2015.

STEELE, Valerie. **Fetiche**: moda, sexo & poder. Tradução: Alexandre Abranches Jordão. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

STOLLER, Robert. **Perversão**. A forma erótica do ódio. Tradução: Maria Lúcia Lopes da Silva. São Paulo: Hedra, 2017.

TIEFER, Leonore. "In Pursuit of the Perfect Penis: The Medicalization of Male Sexuality". In: KIMMEL, Michael S. (org.). **Changing Men**. New Directions in Research on Men and Masculinity. United States of America: Sage Publications, 1987. pp. 165 - 184.

TIMERNAN, Artur. MAGALHÃES, Naiara. **Histórias da Aids**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**. A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Objetiva: 2018.

TRINDADE, Eneus; PEREZ, Clotilde. "Vínculos de sentido do consumo alimentar em São Paulo: publicidade e práticas de consumo. In. **Anais do XXI Compós**, Juiz de Fora, 2012.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. “Diminutivos”. In. **Comédia da vida privada**. 101 crônicas escolhidas. Porto Alegre: LP&M, 1994.

VALLÉE, Jean-Marc (dir.). **Clube de Compras Dallas**. 117 minutos. Filme. EUA, 2013.

VÖRÖS, Florian. “Raw fantasies. An interpretative sociology of what bareback porn does and means to French gay male audiences”. In. BORDA, R.; FABRÍCIO, B.; PINTO, D.; et al. (org.). **Queering paradigms IV**, 2014, p. 321-343. Disponível em: https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01484153/document. Último acesso em 3 de setembro de 2020.

ZIZEK, Slavoj. **Bienvenidos al desierto de lo real**. Madrid: Akal, 2005.

ANEXO I - Histórico de navegação anônima

Título	Acesso em	Link
13cm é um bom tamanho? Comentem	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video42037059/13cm_e_um_bom_tamanho_comentem
2 gostosos brasileiros fodendo no carro part1	14/05/2018	https://www.xvideos.com/video13556219/2_gostosos_brasileiros_fodendo_no_carro_part1
2 gostosos brasileiros fodendo no carro part2	14/05/2018	https://www.xvideos.com/video13556317/2_gostosos_brasileiros_fodendo_no_carro_part2
2 negao dp arrombando branquinho bare	31/08/2020	https://www.xvideos.com/video55179031/2_negao_dp_arrombando_branquinho_bare
2 Primos Punheteiros Me Nutrindo	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video47590901/2_primos_punheteiros_me_nutrindo
25 cm no meu cu , CHOREEIIII pt2	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video39572027/25_cm_no_meu_cu_choreeiiii_pt2_leodelaviv
4 técnicas pro pau ficar mais grosso	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video50622983/4_tecnicas_pro_pau_ficar_mais_grosso
51999 Quase um Gang Bang Maratona Recife	11/08/2020	https://www.xvideos.com/video41171217/7/51999_quase_um_gang_bang_maratona_recife
76844 Suruba na praia Morro do careca	12/12/2018	https://www.xvideos.com/video41017637/76844_suruba_na_praia_morro_do_careca
A camisinha estourou	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video49450787/a_camisinha_estourou
A camisinha rasgou e tomei porra no cu. Casado com cu cheio. Delícia	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video41629111/a_camisinha_rasgou_e_tomei_porra_no_cu._casado_com_cu_cheio._delicia
A mamada no peito do macho	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video55377867/a_mamada_no_peito_do_macho
A mão invisível do mercado bateu uma pra mim	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video48282446/22/a_mao_invisivel_do_mercado_bateu_uma_pra_mim
À primeira vez do novinho. Arrombando o novinho...	02/08/2020	https://www.xvideos.com/video22099323/a_primeira_vez_do_novinho._arrombando_o_novinho...
a puta gosta de ser dominada!	28/08/2020	https://www.xvideos.com/video53478409/a_puta_gosta_de_ser_dominada_
A volta do fortão	12/12/2018	https://www.xvideos.com/video12182131/a_volta_do_fortao
ABRE A BOCA CRIOLO CATADOR DE LIXO (VOU ESPORRAR)	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video35995431/abre_a_boca_criolo_catador_de_lixo_vou_esporrar_
ABUSANDO DO CLIENTE NA HORA DA MASSAGEM	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video28843261/abusando do cliente na hora da massagem
Acariciando a anaconda do meu macho	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video28081185/acariciando_a_anaconda_do_meu_macho
Adestrando o escravo putinho	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video31675221/adestrando_o_escravo_putinho

Adoro ver meu marido chupando outro macho	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video12037483/adoro_ver_meu_marido_chupando_outro_macho
Aguentando o pirarucu do namorado quietinho	25/08/2020	https://www.xvideos.com/video55398085/14/aguentando_o_pirarucu_do_namorado_quietinho_-_me_sigam_no_twitter.com_machoslov
Ahhh esses PMs	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video55980501/ahhh_esses_pms
Ai meu cu (compilation)	25/08/2020	https://www.xvideos.com/video36279827/ai_meu_cu_compilation_
Ajoelhado pro negão .	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video50685337/ajoelhado_pro_negao_.
Alargando o cuzinho para aguentar dotados	28/08/2020	https://www.xvideos.com/video52288155/9/alargando_o_cuzinho_para_aguentar_dotados
Alimentando e humilhando o escravo branco com mijo, sebo e mais	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video57439471/alimentando_e_humilhando_o_escravo_branco_com_mijo_sebo_e_mais
Alimentando o Negao Flamenguista	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video56907651/alimentando_o_negao_flamenguista
Alimento Quentinho	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video47141937/alimento_quentinho
Alternativos fodendo	02/08/2020	https://www.xvideos.com/video38623145/13/alternativos_fodendo
Amador - Magrinho fodendo no depósito	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video34375099/amador_-_magrinho_fodendo_no_deposito
AMADOR: Gritando Desesperadamente de Prazer Enquanto é Arrombado Sem Camisinha	24/08/2020	https://www.xvideos.com/video29596461/amador_gritando_desesperadamente_de_prazer_enquanto_e_arrombado_sem_camisinha
Amarrado e com muito tesão	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video54045063/amarrado_e_com_muito_tesao
Amigo botando com cuidado	25/08/2020	https://www.xvideos.com/video20318827/amigo_botando_com_cuidado
Amigo dando mijão no copo	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video49296957/amigo_dando_mijao_no_copo
Amigo do meu pai me fudeu	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video49573069/24/amigo_do_meu_pai_me_fudeu
Amigos héteros brasileiros na brotheragem no ano novo 2020	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video53047185/amigos_heteros_brasileiros_na_brotheragem_no_ano_novo_2020
Amigos héteros na putaria	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video57131943/amigos_heteros_na_putaria_1_-_instagram_igorpandy
Amigos heteros pegando dentro da cueca na CAM	14/05/2018	https://www.xvideos.com/video987165/amigos_heteros_pegando_dentro_da_cueca_na_cam
Amiguinho do novinho filho da vizinha me comendo	12/12/2018	https://www.xvideos.com/video41640415/amiguinho_do_novinho_filho_da_vizinha_me_comendo
Amorzinho com o Maridão Parte 1	25/08/2020	https://www.xvideos.com/video30415907/amorzinho_com_o_maridao_parte_1
Anaconda 23 cm do cafuço novinho de 19 anos	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video54824173/anaconda_23_cm_do_cafuco_novinho_de_19_anos_-_previa_2_videos_completos_da_chupada_e_leitada_dele_no_cu_e_sem_emojis_mais_de_8_minutos_estao_aqui_onlyfans.com_riosexyboy
Aquele caldinho na punheta quase gozando!	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video32683491/aquele_caldinho_na_punheta_quase_gozando_

Árabe chupando pau ENORME e grosso	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video21926571/arabe_chupando_pau_enorme_e_grosso
Arrombando extremo	28/08/2020	https://www.xvideos.com/video47961961/arrombando_extremo
Ativão arrombando meu cuzinho	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video53397785/12/ativao_arrombando_meu_cuzinho
Ativo gostoso falando muita sacanagem enquanto fode o putinho	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video55298623/ativo_gostoso_falando_muita_sacanagem_enquanto_fode_o_putinho
ATIVO MARRENTO METENDO VARA NO PARÇA	11/08/2020	https://www.xvideos.com/video35133391/ativo_marrento_metendo_vara_no_parca
ATIVO PUTÃO DOMINADOR		https://www.xvideos.com/video54981333/ativo_putao_dominador
Ativo roludo fodendo o cuzinho do seu putinho safado	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video48235578/ativo_roludo_fodendo_o_cuzinho_do_seu_putinho_safado
Ativo socando com força no passivo	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video28606221/ativo_socando_com_forca_no_passivo
Ativo Sofrendo com Consolo Imenso no Cu - INSTAGRAM: LUCIOSERRAT	25/08/2020	https://www.xvideos.com/video55385115/ativo_sofrendo_com_consolo_imenso_no_cu_-_instagram_lucioserrat
Baba de pau na minha mão	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video52723999/baba_de_pau_na_minha_mao
Baiano do RJ - Punhetando no banheiro do avião	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video22342725/baiano_do_rj_-_punhetando_no_banheiro_do_aviao_snap_baianorj_
Baixinho do pau grosso	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video33524525/baixinho_do_pau_grosso
Bandido que comoveu o mundo com os seus 27 cm	23/05/2020	https://www.xvideos.com/video24598931/bandido_que_comoveu_o_mundo_com_os_seus_27_cm
Bandido Saiu da febem louco por cu de novinho	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video57453805/2/bandido_saiu_da_febem_louco_por_cu_de_novinho
Bandidos fazendo sexo na cadeia	25/08/2020	https://www.xvideos.com/video34537135/bandidos_fazendo_sexo_na_cadeia
banheirao Casado tirando aliança pra caçar	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video30110027/banheirao_casado_tirando_alianca_pra_cacar
Banheirão da Putaria	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video53704167/banheirao_da_putaria
Banho de porra	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video14721123/banho_de_porra
Bareback de Quatro Brasil	02/03/2020	https://www.xvideos.com/video53335409/bareback de quatro brasil
Bareback na sauna	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video26446759/bareback_na_sauna
Batedeira de Cu	28/08/2020	https://www.xvideos.com/video55078527/5/batedeira_de_cu
Batendo uma depois de dias sem gozar	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video15936373/batendo_uma_depois_de_dias_sem_gozar
Batendo uma e gozando no chinelo Mormaii com meias	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video25037957/9/batendo_uma_e_gozando_no_chinelo_mormaii_com_meias
Batendo uma punheta pro primo	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video45413989/batendo_uma_punheta_pro_primo

Bebendo meu mijo quentinho	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video54125279/bebendo_meu_mijo_quentinho
Beijando o namorado	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video29181195/beijando_o_namorado
Beijasso com novinho paulistano	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video55781651/beijasso_com_novinho_paulistano_assista_ao_video_completo_em_justfor.fans_andredogao_
Beijo grego e metido no rabo	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video24730471/beijo_grego_e_metido_no_rabo
Bezerrão guloso	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video45468235/bezerrao_guloso
bichinhos no rabo	01/03/2020	https://www.xvideos.com/video30695103/bichinhos_no_rabo
Bomba Peniana Original - Resultado	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video54328707/bomba_peniana_original_-_resultado.
Bombado Ativasso	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video29406687/5/bombado_ativasso
Bombeiro, estou com fogo no Rabo	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video9089653/bombeiro_estou_com_fogo_no_rabo
Boquetes famintos (compilation)	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video31330087/boquetes_famintos_compilation_
Botando o sobrinho pra mamar	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video56538255/botando_o_sobrinho_pra_mamar
Boy dominador castiga o Submisso parte 3	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video53773761/boy_dominador_castiga_o_submisso_parte_3
Boy me leitou duas vezes enquanto eu estava bêbado e desmaiado	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video55764755/boy_me_leitou_duas_vezes_enquanto_eu_estava_bebado_e_desmaiado
Branco sendo fistado pelo negão	28/08/2020	https://www.xvideos.com/video35517073/branco_sendo_fistado_pelo_negao
Branquelo gemendo igual doido com vibrador e gozando	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video29376887/saradao_gemendo_com_o_vibrador_no_cu
Branquinho levou porra no cu, e depois bebeu tudo	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video47519711/branquinho_levou_porra_no_cu_e_depois_bebeu_tudo.
Briga de espadas	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video28484489/briga_de_espadas
Brincadeira de Héteros Universitários	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video10305771/brincadeira_de_heteros_universitarios
Brincadeira de macho! Putaria entre amigos	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video33121599/brincadeira_de_macho_putaria_entre_amigos
Brincadeira entre primos	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video6917630/brincadeira_entre_primos
Brincando com o Pau do Primo Dormindo	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video15287893/brincando_com_o_pau_do_primo_dormindo
Cacetão duro gozando feito um cavalo garanhão sedento por sexo	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video52760769/cacetao_duro_gozando_feito_um_cavalo_garanhao_sedento_por_sexo
cadeirante pauzudo	28/08/2020	https://www.xvideos.com/video16739301/cadeirante_pauzudo
Cafuçu da Favela na Punheta	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video38624033/curtopezaobh_-_cafucu_da_favela_na_punheta
CAFUCU DOTADO E O CASADO PUTA	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video36734193/o_cafucu_dotado_e_o_casado_puta

Calcinha vermelha da esposa	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video31974631/13/calcinha_vermelha_da_esposa
Calor na pele 018 – do banheiro do shopping trouxe pra casa pra leitar	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video29124881/calornapele_018_-_do_banheiro_do_shopping_trouxe_pra_casa_pra_leitar_part._2
Calornapele 065 - Tirando cabaço do hétero pauzudo e leitando gostoso	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video30252343/calornapele_065_-_tirando_cabaco_do_hetero_pauzudo_e_leitando_gostoso
Calornapele 218 - Carioca veio sambar em BH - #1/2	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video45537262/calornapele_218_-_carioca_veio_sambar_em_bh_-_1_2
Caminhoneiro deixou eu mamar na boleia de dia	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video53374015/caminhoneiro_deixou_eu_mamar_na_boleia_de_dia
Camisinha estourou e gozou	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video36529019/camisinha_estourou_e_gozou
camisinha estourou e leite foi dentro do puto	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video12763597/camisinha_estourou_e_leite_foi_dentro_do_puto.
Cara bonito de suvaco peludo	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video54391905/cara_bonito_do_suvaco_peludo
Cara dotadasso arregançando cuzinho	28/08/2020	https://www.xvideos.com/video19097563/cara_dotadasso_arregancando_cuzinho
Cara preparando meu cuzinho e falando putaria bem baixinho	31/08/2020	https://www.xvideos.com/video32273319/o_cara_preparando_meu_cuzinho_e_falando_putaria_bem_baixinho
careca pauzudo punheta na cam	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video55175065/careca_pauzudo_punheta_na_cam
Casadão Roludo Adora um Bezerrão Faminto!	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video13796331/casadao_roludo_adora_um_bezerrao_faminto_
Casadinho me engravidando	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video40665679/casadinho_me_engravidando
Casado chupando rola com aliança no dedo	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video17345415/casado_chupando_rola_com_alianca_no_dedo
Casado fazendo Banheirao no shopping gay	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video48928689/3/casado_fazendo_banheirao_no_shopping_gay
Casado me fazendo de putinha	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video53035497/casado_me_fazendo_de_putinha
casado trouxe a calcinha da mulher dele e me comeu de 4	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video35739495/casado_trouxe_a_calcinha_da_mulher_dele_e_me_comeu_de_4
cavalo da rolona comendo o cu do passivo	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video51760915/cavalo_da_rolona_comendo_o_cu_do_passivo
Chega ainda mais gente na ORGIA CARIOCA	11/08/2020	https://www.xvideos.com/video57318933/chega_ainda_mais_gente_na_orgia_carioca
Cheirando e chupando uma pica suja de sebo	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video5847100/cheirando_e_chupando_uma_pica_suja_de_sebo
cheirando o chule do amigo	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video57217757/28/cheirando_o_chule_do_amigo
Cheiro de Macho	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video25646211/cheiro_de_macho
Chicote no saco	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video50110249/6/chicote_no_saco
chorando no pau do lavador de carro	25/08/2020	https://www.xvideos.com/video28472067/chorando_no_pau_do_lavador_de_carro

Chulezao de 4 meses	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video57055707/18/chulezao_de_4_meses
chupando brother e a família na sala	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video9139741/chupando_brother_e_a_familia_na_sala
Chupando e dando pro vizinho hetero	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video48283246/chupando_e_dando_pro_vizinho_hetero
CHUPANDO GOSTOSO O PÉ DO BOY NO CHINELO	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video51568453/chupando gostoso o pe do boy no chinelo
Chupando meu tio hétero no quarto dele	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video13483917/chupando_meu_tio_hetero_no_quarto_dele
Chupando novinho hétero na encolha	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video56238869/1/chupando_novinho_hetero na encolha
Chupando o marido da minha mãe dormindo	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video56656241/chupando_o_marido_da_minha_mae_dormindo
Chupando o namorado da irmã! O kra tava com mais vontade do que o viado!	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video14029099/chupando_o_namorado_da_irma_o_kra_tava_com_mais_vontade_do_que_o_viado_
Chupando o nóia que queria 2$ pra cachaça	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video34860799/chupando_o_noia_que_queria_2_pra_cachaca
CHUPANDO O VOVÔ NO CARRO PAU LINDO	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video17675047/chupando_o_vovo_no_carro_pau_lindo
Chupando um hetero	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video38616517/chupando_um_hetero
Chupando vizinho hetero enquanto esposa foi trabalhar	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video54986259/chupando_vizinho_hetero_enquanto_esposa_foi_trabalhar
Ciclista flagrado fazendo sexo oral - Pintolandia gay	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video23235649/ciclista_flagrado_fazendo_sexo_oral_-_pintolandia_gay
Com esse puto, é só chegar e leitar. Depósito de porra do parque.	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video54737007/com_esse_puto_e_so_chegar_e_leitar._deposito_de_porra_do_parque.
Comendo cara da faculdade	14/05/2018	https://www.xvideos.com/video20769063/comendo_cara_da_faculdade
Comendo cu do putao metido a macho	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video56401283/comendo_cu_do_putao_metido a macho
Comendo meu amigo hetero gostoso bebado	14/05/2018	https://www.xvideos.com/video13556357/comendo_meu_amigo_hetero_gostoso_bebado
Comendo meu primo mais novo	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video56497881/comendo_meu_primo_mais novo
Comendo novinho no parque do ibirapuera	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video40431493/comendo_novinho_no_parque_do_ibirapuera
Comendo o cara do hornet	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video48340707/21/comendo_o_cara_do_hornet
Comendo o primo sem camisinha	14/05/2018	https://www.xvideos.com/video35827111/comendo_o_primo_sem_camisinha
Comendo um cara do scruff	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video49490173/20/comendo um cara do scruff
Comi gostoso o cu do moleque!	12/12/2018	https://www.xvideos.com/video39703435/comi_gostoso_o_cu_do_moleque_
Comi meu primo novinho até gozar dentro	14/05/2018	https://www.xvideos.com/video50246541/comi_meu_primo_novinho_ate_gozar_dentro
Comi meu professor sem pena marcelopauzao.com	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video56400647/comi_meu_professor_sem_pena_marcelopauzao.com

Comi o cu do meu amigo enquanto ele dormia	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video32365537/comi_o_cu_do_meu_amigo_enquanto_ele_dormia
Como é delicioso fortalecer a amizade.	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video51407777/como_e_delicioso_fortalecer_a_amizade.
Comparando o Penis	23/05/2020	https://www.xvideos.com/video27942879/comparando o penis - _https_clubedasafadezananet.blogspot.com
Compilação de gozadas dentro do cu	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video54819229/compilacao_de_gozadas_dentro_do_cu
Compilação de gozadas minha	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video6960061/compilacao de gozadas minha
Compilação: lambendo axilas masculinas | 5	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video51146319/compilacao_lambendo_axilas_masculinas_5
Consolo grosso 12 cm	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video55984413/consolo_grosso_12cm
Conversa entre heteros e rola coçando	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video42889737/conversa_entre_heteros_e_rola_cocando
COROA DESCONHECIDO NO BANHEIRO PUBLICO DELICIA	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video19365643/coroa_desconhecido_no_banheiro_publico_delicia
Coroa deu 5 reais ao mendigo cracudo pra fuder seu cu embaixo do viaduto	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video56182431/coroa_deu_5_reais_ao_mendigo_cracudo_pra_fuder_seu_cu_embaixo_do_viaduto
Coroa dotado no motel	02/08/2020	https://www.xvideos.com/video55675109/coroa_dotado_no_motel
Coroa fudendo com estagiário na repartição publica	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video21170061/coroa_fudendo_com_estagiario_na_reparticao_publica
Coroa leitando meu cu na escada de emergencia do shopping	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video52672927/coroa_leitando_meu_cu_na_escada_de_emergencia_do_shopping
Coroa mijando e falando putaria	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video56908897/coroa_mijando_e_falando_putaria
Coroa sendo enrabava e levando tapas na maldade	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video49256315/coroa_sendo_enrabava_e_levando_tapas_na_maldade
coroa taxista pegando o pau do passageiro	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video20596881/coroa_taxista_pegando_o_pau_do_passageiro
Coxudo de pau duro na frente do amigo	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video54597689/coxudo de pau duro na_frente_do_amigo
Cu arrombado com porra	25/08/2020	https://www.xvideos.com/video22504521/cu_arrombado_com_porra
Cu empalado por negão dominador	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video56275529/cu empalado por negao_dominador
cu pra fora	25/08/2020	https://www.xvideos.com/video24520521/cu_pra_fora
Curtindo o Albino	02/03/2020	https://www.xvideos.com/video42192725/curtindo_o_albino
Cuzão guloso arrancando leite de macho	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video51367591/25/cuzao_guloso_arrancando_leite_de_macho
Cuzinho pra cima pra levar leite de macho em cam lenta	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video47309769/8/cuzinho_pra_cima_pra_levar_leite_de_macho_em_cam_lenta
Dando ao presidiário foragido	25/08/2020	https://www.xvideos.com/video45511315/dando_ao_presidiario_foragido
Dando aquela aliviada e gozando muito no Rio de Janeiro	23/07/2020	https://www.xvideos.com/video28264265/dando_aquela_aliviada_e_gozando_muito_no_rio_de_janiero

Dando o cu de presente no Dia dos Pais - Alano VIII	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video34406205/dando_o_cu_de_presente_no_dia_dos_pais_-_alano_viii
Dando pro branquinho e chupando o negão	31/08/2020	https://www.xvideos.com/video24991003/dando_pro_branquinho_e_chupando_o_negao
Dando pro carreteiro	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video57463413/25/dando_pro_carreteiro
Dando pro mestre de obra 2	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video8102142/dando_pro_mestre_de_obra_2
Dando pro negão dotado do trabalho	14/05/2018	https://www.xvideos.com/video19402265/dando_pro_negao_dotado_do_trabalho
Dando pro vizinho na quintal	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video30766321/dando pro vizinho na quintal
Dando sem capa para o motoboy	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video46055139/dando_sem_capa_para_o_motoboy
Dando sem Capa para o vizinho safado da pica grande	02/02/2020	https://www.xvideos.com/video18162853/dando_sem_capa_para_o_vizinho_safado_da_pica_grande
Dando sem capa para o vizinho safado da pica grande	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video18162853/dando_sem_capa_para_o_vizinho_safado_da_pica_grande
Dando uma gozada no pão	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video54571885/dando_uma_gozada_no_pao
Deixando a cueca cheirosa para o puto safado	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video48040349/deixando_a_cueca_cheirosa_para_o_puto_safado
Deliciosa mamada	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video57437719/3/deliciosa_mamada
Despejando leite	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video55337691/despejando_leite
dois amigos me comendo parte 1	28/08/2020	https://www.xvideos.com/video35724265/dois_amigos_me_comendo_parte_1
Dois ativos detonando um passivo na cama	28/08/2020	https://www.xvideos.com/video32679905/dois_ativos_detonando_um_passivo_na_cama
Dois caras gozando num copo	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video5803315/dois caras gozando num copo
Dois Caras metendo no Carteiro.	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video23770796/dois_caras_metendo_no_carteiro.
Dois Manos gostoso em um delicioso banheirão	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video55599053/dois_manos_gostoso_em_um_delicioso_banheirao
Dom Negro fazendo dp anal com plug na Valéria CD	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video20249927/dom_negro_fazendo_dp_anal_com_plug_na_valeria_cd
Dom se divertindo com seu Sub - 01	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video56496435/6/dom_se_divertindo_com_seu_sub_-_01
Dominação maravilhosa e realização de Fetiches com muitos homens Parte 2	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video32409229/dominacao_maravilhosa_e_realizacao_de_fetiches_com_muitos_homens_parte_2
Dominador Torturando o Submisso - 04	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video56764811/2/dominador_torturando_o_submisso_-_04
Dor anal por favor goza .	25/08/2020	https://www.xvideos.com/video54762025/dor_anal_por_favor_goza_.
Dotadão mostrando o pau de cavalo	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video34552347/dotadao_mostrando_o_pau de cavalo
Dotado cavalo	14/05/2018	https://www.xvideos.com/video6597033/dotado_cavalo

Dotado fez o cuzinho da passiva virar buceta	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video55005221/dotado_fez_o_cuzinho_da_passiva_virar_buceta
Dotado metendo sem dó	14/05/2018	https://www.xvideos.com/video19064021/dotado_metendo_sem_do
Dotados dando de mamar para o passivo guloso	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video46146617/dotados_dando_de_mamar_para_o_passivo_guloso
Dupla de héteros não arrumou mulher na balada e descontou no viado	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video54985693/dupla_de_heteros_nao_arrumou_mulher_na_balada_e_descontou_no_viado_-_machosaonatural.com.br
DUPLA PENETRAÇÃO DOTADOS	12/12/2018	https://www.xvideos.com/video41360227/dupla penetracao dotados
Ele gosta de se lambuzar na vitamina	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video38320499/ele_gosta_de_se_lambuzar_na_vitamina
Empresário cdzinha dominado por negões cariocas	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video57380613/empresario_cdzinha_dominado por negoes cariocas
Empurrando o leite no cu do puto bareback	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video25679311/empurrando_o_leite_no_cu_do_puto_bareback
Enchendo de Leite um Cú	02/02/2020	https://www.xvideos.com/video13625361/enchendo_de_leite_um_cu
enchendo um cu de vitamina e	02/03/2020	https://www.xvideos.com/video45737483/enchendo_um_cu_de_vitamina_e
Enfermeiro me homenageando na hora do trabalho	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video35009347/17/enfermeiro_me_homenageando na hora do trabalho
Enfiando A Banana No Cuzinho	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video56623939/enfiando_a_banana_no_cuzinho
Enfiando cabo de vassoura no cu	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video51469759/enfiando_cabo_de_vassoura_no_cu
Enfiando cacetete no cuzinho Lisinho	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video55266037/27/enfiando_cacetete_no_cuzinho_lisinho
Enfiando garrafa de cerveja	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video47616449/enfiando_garrafa_de_cerveja
Enfiando shampoo no cu bem gostoso	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video35560917/enfiando_shampoo_no_cu_bem_gostoso.
Enfiando telefone no cu	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video21838995/enfiando_telefone_no_cu
Engasgando na rola	28/08/2020	https://www.xvideos.com/video29317615/engasgando_na_rola
Engravidando meu primo safado	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video52206365/engravidando meu primo safado
Engravidando o safado no meio dos escombros	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video53538427/engravidando_o_safado_no_meio_dos_escombros
enquanto isso no almoxerifado da empresa... chupada no chefe	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video26984325/enquanto_isso_no_almoxerifado_da_empresa..._chupada_no_chefe
Enrabando o irmão	14/05/2018	https://www.xvideos.com/video187651/enrabando_o_irmao
Era pra colocar só o punho mas...	25/08/2020	https://www.xvideos.com/video47512265/era_pra_colocar_so_o_punho_mas...
Escravo obediente mamando o mestre.	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video48484101/escravo_obediente_mamando_o_mestre.
escravo otario desesperado com um pé atolado no cu	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video45802355/escravo_otario_desesperado_com_um_pe_atolado_no_cu

Escravo otário limpando a privada enquanto me transferia grana com um consolo na cuceta	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video55080403/9/escravo_otario_limpando_a_privada_enquanto_me_transferia_grana_com_um_consolo_na_cuceta.
Escravo Puta Submissa Engasgando na pica do mestre	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video49575095/2/escravo_puta_submissa_engasgando_na_pica_do_mestre
Esfregando a cueca no pau. Preparando a cueca.	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video23552672/esfregando_a_cueca_no_pau._preparando_a_cueca.
Esfregando tênis Adidas na cara do escravo. 4 parte - Vídeo Brasileiro	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video31271431/22/esfregando_tenis_adidas_na_cara_do_escravo._4_parte_-_video_brasileiro
Esguichando vitamina	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video32522533/esguichando_vitamina
Esperto seduziu e tomou gagau morno do entregador do ifood -	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video54934919/esperto_seduziu_e_tomou_gagau_morno_do_entregador_do_ifood_-_machosaonatural.com.br
Espiando a mala - homem anaconda	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video9312658/espiando_a_mala_-_homem_anaconda
Espiando a mala - safado de pau duro no busão	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video8184563/espiando_a_mala_-_safado de pau duro no busao
Espremendo a cara do escravo com os tênis	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video55735755/4/espremendo_a_cara_do_escravo_com_os_tenis
Esse é guerreiro	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video56612489/esse_e_guerreiro
Estourando o cu do gordo tetudo	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video56282923/estourando_o_cu_do_gordo_tetudo
Estourando um cuzinho virgem	25/08/2020	https://www.xvideos.com/video54729123/estourando_um_cuzinho_virgem
Estuprei e violentei o marido da minha vizinha (31)99726-1666	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video38571879/estuprei_e_violentei_o_marido_da_minha_vizinha_31_99726-1666
Eu amo meu paizinho	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video47638019/eu_amo_meu_paizinho
Eu atoa no deposito	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video39690189/1/eu_atoa_no_deposito
Eu dando para o meu macho	31/08/2020	https://www.xvideos.com/video57935325/10/eu_dando_para_o_meu_macho
Eu dando pra o GP dotado - 24 CM	23/05/2020	https://www.xvideos.com/video23617508/eu_dando_pra_o_gp_dotado_-_24_cm
Eu e as minhas Havaianas	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video24317989/14/eu e as minhas havaianas
Eu fodendo com instrutor da academia blue fit	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video53895977/eu_fodendo_com_instrutor_da_academia_blue_fit
eu não queria, mas me obrigou a dar	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video39537471/28/eu_nao_queria_mas_me_obrigou_a_dar
EU, gozando no pote de porra congelada. O pote já tem mais de 30 gozadas minhas	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video39842597/eu_gozando_no_pote_de_porra_congelada._o_pote_ja_tem_mais_de_30_gozadas_minhas._eu_pratico_o_fetiche_porra_congelada_.
Excitado e exibido	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video55876149/excitado_e_exibido
Exibindo Sua Bunda Gostosa	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video44671497/exibindo_sua_bunda_gostosa
Experimentando minha porra	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video9771374/experimentando_minha_porra

Extraiu leite do macho peludo	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video56202173/extraiu_leite_do_macho_peludo
Favelados fodendo gostoso	14/05/2018	https://www.xvideos.com/video18676203/favelados_fodendo_gostoso
Faxineiro do Sesc me chupando	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video35414987/faxineiro_do_sesc_me_chupando
Fazendo a CDzinha pro chefe	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video56012003/fazendo_a_cdzinha_pro_chefe
Fazendo o novinho gozar c minha piroca dentro	02/02/2020	https://www.xvideos.com/video30178711/fazendo_o_novinho_gozar_c_minha_piroca_dentro
Feirante de pau duro	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video35458093/feirante_de_pau_duro
Férias com o chefe: Em busca de aumento ele virou puta.	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video50622097/ferias_com_o_chefe_em_busca_de_aumento_ele_virou_puta._vacation_with_the_boss_wanting_to_increase_it_turned_bitch.
Fernando Fonseca Sendo Abusado Por dois macho	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video55957825/fernando_fonseca_sendo_abusado_por_dois_macho
Festinha e putaria gay em Goiânia	11/08/2020	https://www.xvideos.com/video49480019/festinha_e_putaria_gay_em_goiania
Fez a alegria do paizão desconhecido no parque	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video56050381/fez_a_alegria_do_paizao_desconhecido_no_parque
Fez o viado virar putinha na pica dos amigos	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video32951367/fez_o_viado_virar_putinha_na_pica_dos_amigos
Ficou com tesão dentro do avião	12/12/2018	https://www.xvideos.com/video31962701/ficou com tesao dentro de aviao
Filho perdendo o cabaço com o pai	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video32951481/filho_perdendo_o_cabaco_com_o_pai
Filmei o boy arrombando o cu do meu namorado	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video30873877/filmei_o_boy_arrombando o cu do meu namorado
Fim de jogo. Leite preenchido no cuzão. Casados	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video43448485/fim_de_jogo._leite_preenchido_no_cuzao._casados
Fiquei de cu recheado na sauna.	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video36554767/fiquei_de_cu_recheado_na sauna.
Fistado pelo meu Dono	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video26751185/fistado_pelo_meu_dono
Fistando Até Sangrar	25/08/2020	https://www.xvideos.com/video23777570/fistando_ate_sangrar
Flagrou o irmão batendo uma no vaso	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video44759513/flagrou_o_irmao_batendo_uma_no_vaso
flagrou o novinho mijando de pau duro no banheiro	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video49408697/flagrou_o_novinho_mijando_de_pau_duro_no_banheiro
Foda bareback sem frescura, putaria pura	02/02/2020	https://www.xvideos.com/video34427725/foda_bareback_sem_frescura_putaria_pura
Foda boa sem capa com troca de leite	02/02/2020	https://www.xvideos.com/video32360569/foda boa sem capa com troca de leite
Foda carioca metendo gostoso	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video21504593/foda_carioca_metendo_gostoso
Foda entre irmãos gêmeos.	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video46403497/foda_entre_irmaos_gemeos.
Foda Real de Pai e Filho	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video18386107/foda_real_de_pai_e_filho

Fodendo com o colega de time	14/05/2018	https://www.xvideos.com/video20550445/fodendo_com_o_colega_de_time
Foi fazer o teste do Covid e acabou levando uma mamada do médico	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video56302553/foi_fazer_o_teste_do_covid_e_acabou_levando_uma_mamada_do_medico
Foi lá e comeu o cara do Grindr	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video38714689/foi_la_e_comeu_o_cara_do_grindr
Foi visitar o vizinho casado e levou uma surra de pica!	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video13607511/foi_visitar_o_vizinho_casado_e_levou_uma_surra_de_pica_
Fudendo com carinho	25/08/2020	https://www.xvideos.com/video19898791/fudendo_com_carinho
Fudendo com o moreno tatuado	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video53773089/fudendo_com_o_moreno_tatuado
Fudendo meu cusinho #REPOSTANDO #video #completo (Esse vídeo não é recente)	12/12/2018	https://www.xvideos.com/video56704861/fudendo_meu_cusinho
Fudendo minha puta	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video45717705/fudendo_minha_puta
Fudendo o carinha virgem	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video24644147/fudendo_o_carinha_virgem
Fudendo o irmão casula escondido	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video19630089/fudendo_o_irmao_casula_escondido
Fudendo o irmão mais novo na cozinha	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video46809621/19/fudendo_o_irmao_mais_novo_na_cozinha
FUDENDO O TRAFICANTE DE TORNOZELEIRA.	25/08/2020	https://www.xvideos.com/video54403925/fudendo_o_traficante_de_tornozeleira.
Fudendo putao militar gostoso na sauna	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video51166991/fudendo_putao_militar_gostoso_na_sauna
Fudeu a garganta do tio até gozar	28/08/2020	https://www.xvideos.com/video31974273/fudeu_a_garganta_do_tio_ate_gozar
Fudido no banheiro da cadeia	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video49071209/fudido_no_banheiro_da_cadeia
Funcionario comendo chefe	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video27445995/funcionario_comendo_chefe
Garganta profunda engoliu uma rola de 19 cm	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video27403543/garganta_profunda_engoliu_uma_rola_de_19_cm
Garganta profunda no filho mais novo	28/08/2020	https://www.xvideos.com/video31675139/garganta_profunda_no_filho_mais_novo
Garganta Profunda Sem Pena	28/08/2020	https://www.xvideos.com/video10938647/garganta_profunda_sem_pena
gari se masturbando	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video41766585/gari_se_masturbando
GAROTÃO JUMENTO MOSTRANDO COMO SE ARROMBA UM CU!	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video14169027/garotao_jumento_mostrando_como_se_arromba_um_cu_
Garotinho tem o cu destruído pelo negão	28/08/2020	https://www.xvideos.com/video50847717/garotinho_tem_o_cu_destruido_pelo_negao
Garoto com o pau dos sonhos, 24 cm de rola	23/05/2020	https://www.xvideos.com/video19296959/garoto_com_o_pau_dos_sonhos_24_cm_de_rola
GAROTO DESESPERADO POR UMA ROLA GROSSA, ENFIA UM GARRAFÃO DE VIDRO NO CU!!	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video14211143/garoto_desesperado_por_uma_rola_grossa_enfia_um_garrafao_de_vidro_no_cu_

Garoto gozando muito, tomando banho de porra	23/07/2020	https://www.xvideos.com/video16229071/garoto_gozando_muito_tomando_banho_de_porra
Garoto mega dotado comendo a travesti	14/05/2018	https://www.xvideos.com/video19164139/garoto_mega_dotado_comendo_a_travesti
Garoto obediente mamando mestre no campo	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video48621537/garoto_obediente_mamando_mestre_no_campo
Gay - O Safado Deixou Meu Cú Igual Uma Couve Flor	25/08/2020	https://www.xvideos.com/video57372577/gay_-_o_safado_deixou_meu_cu_igual_uma_couve_flor
Gay guloso quicando no consolo enorme e grosso	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video56343141/gay_guloso_quicando_no_consolo_enorme_e_grosso
Gay Ursos safados brasileiros	02/08/2020	https://www.xvideos.com/video19244407/gay_ursos_safados_brasileiros
Gelatina com Porra	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video39985783/gelatina_com_porra_-_dessert_with_cum
Gêmeos fudendo de verdade	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video52703577/gemeos_fudendo_de_verdade
Gemeu e gozou com o vibrador na rola	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video55187381/gemeu_e_gozou_com_o_vibrador_na_rola
GORDINHO NOIVO CORTOU CABELO E MAMOU O BARBEIRO.	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video51245031/gordinho_noivo_cortou_cabelo_e_mamou_o_barbeiro.
Gostoso do pau grosso comendo namorado	14/05/2018	https://www.xvideos.com/video19221917/garoto_do_pau_grosso_comendo_namorado
Gostoso gozando pra relaxar	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video24676943/gostoso_gozando_pra_relaxar
Gostoso no carro	12/12/2018	https://www.xvideos.com/video45433228/gostoso_no_carro
Goza no meu cu porra!! Cu peludo cheio de leite...delícia!	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video25334699/goza_no_meu_cu_porra_cu_peludo_cheio_de_leite...delicia_
Gozada dentro da cueca	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video13740175/gozada_dentro_da_cueca
Gozando com garrafa	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video48358433/gozando_com_garrafa_01
Gozando com o fetiche das argolas	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video54025253/gozando_com_o_fetiche_das_argolas
Gozando com o vibrador	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video13314957/gozando_com_o_vibrador
GOZANDO DENTRO - LISTA VIP WHATSAPP 34 996683600 - INSTAGRAM: @lucioserrat	12/12/2018	https://www.xvideos.com/video37706399/gozando_dentro_2_-_lista_vip_whatsapp_34_99979-1008_-_instagram_lucioserrat
Gozando depois de 8 dias sem punheta	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video24988545/gozando_depois_de_8_dias_sem_punheta
Gozando feito um jumento	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video53196839/gozando_feito_um_jumento
Gozando Forte Antes do Banho	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video54853657/gozando_forte_antes_do_banho
Gozando igual um cavalo	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video13370377/gozando_igual_um_cavalo
Gozando juntos	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video19433839/gozando_juntos
Gozando litros	23/07/2020	https://www.xvideos.com/video21763449/gozando_litros

GOZANDO NA ADIDAS	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video49370837/gozando_na_adidas
Gozando na barba do puto	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video53701769/gozando_na_barba_do_puto
Gozando na cuceta do brasileiro	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video50696055/gozando_na_cuceta_do_brasileiro
Gozando na minha boca	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video26954853/gozando_na_minha_boca
Gozando na Privada	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video14437795/16/gozando_na_privada
Gozando no delicioso e saboroso tênis Asics	24/07/2020	https://www.xvideos.com/prof-video-click/upload/nikeshoxfetiche/40205919/15/gozando_no_delicioso_e_saboroso_tenis_asics
Gozando no peito peludo	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video43101403/gozando_no_peito_peludo
Gozando pelo cú em cima do Nike Air Max e depois lambendo tudinho	24/07/2020	https://www.xvideos.com/prof-video-click/upload/nikeshoxfetiche/28216993/gozando pelo cu em cima _do_nike_air_max_e_depois_lambendo_tudinho
gozando sem as mãos enquanto meu pau lateja	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video29162581/gozando_sem_as_maos_enquanto_meu_pau_lateja
Gozando sem usar as mãos	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video39124010/gozando_sem_usar_as_maos
Gozar no chinelo, lamber a porra e depois calçar ele nos pés. Uma delicia	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video30956769/19/gozar_no_chinelo_lamber_a_porra_e_depois_calcar_ele_nos_pes._uma_delicia
Gozou dentro e o cu explodiu	28/08/2020	https://www.xvideos.com/video24461201/gozou_dentro_e_o_cu_explodiu
grita. grita isso!	12/12/2018	https://www.xvideos.com/video14894751/grita_..grita_isso_
Gritando na vara	31/08/2020	https://www.xvideos.com/video16337559/gritando_na_vara
Guri leitador fudendo na pele (sem camisinha)	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video49748245/guri_leitador_fudendo_na_pele_sem_camisinha_
Henri bez levando dedada com o pé	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video39624011/henri_bez_levando_dedada com o pe
Hetero batendo punheta até gozar	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video30222735/hetero_batendo_punheta_ate_gozar
Hetero bêbado me comendo no banheiro no fim da festa	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video52327481/hetero_bebado_me_comendo_no_banheiro_no_fim_da_festa
Hetero brinca com amigo gay por dinheiro no cam4	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video31457409/hetero_brinca_com_amigo_gay_por_dinheiro_no_cam4
Hetero comendo viado pela primeira vez	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video52142823/hetero_comendo_viado_pela_primeira_vez
hetero fodendo tenis	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video31807559/2/hetero_fodendo_tenis
Hétero machão tocando uma no espelho	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video45835823/hetero_machao_tocando_uma_no_espelho
HETERO ME USANDO DE DEPÓSITO DE PORRA	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video32149723/hetero_me_usando_de_deposito_de_porra
Hetero pelado no vestiário	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video54557431/hetero_pelado_no_vestiario

Homem heterossexual acorda com tesão de uma soneca - Magic Javi	31/08/2020	https://www.xvideos.com/video57496903/homem_heterossexual_acorda_com_tesao_de_uma_soneca_-_magic_javi
Homens mijando no banheiro da boate	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video54851835/homens_mijando_no_banheiro_da_boate
Hora do lanche	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video45306629/hora_do_lanche
humilhando o porteiro fofoqueiro do meu prédio	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video49875485/humilhando_o_porteiro_fofoqueiro_do_meu_predio
IMPRESSIONANTE!!! Irmãos de sangue ficam sozinhos em casa e resolvem foder!	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video14037445/impressionante_irmaos_de_sangue_ficam_sozinhos_em_casa_e_resolvem_foder_
Iniciando os moleques	12/12/2018	https://www.xvideos.com/video45090811/iniciando_os_moleques
irmãos gêmeos tocando uma na cam	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video23184361/irmaos_gemeos_tocando_uma_na_cam
Isso que é um macho	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video55204599/isso_que_e_um_macho
Jardineiro pentelhudo plantou a semente	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video55303077/7/jardineiro_pentelhudo_plantou_a_semente
Johann safado punhetando com uma meia	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video49310841/18/johann_safado_punhetando_com_uma_meia
Kaka Cavala a putinha do Thi	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video35143625/kaka_cavala_a_putinha_do_thi
Ladrão fodendo gay	25/08/2020	https://www.xvideos.com/video38069149/ladrao_fodendo_gay
Lambendo a sola do tenis	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video47198439/1/lambendo_a_sola_do_tenis
Lambendo Nike TN Engolindo a meia Umbro do cara e fazendo muito sexo	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video28219319/lambendo_nike_tn_engolindo_a_meia_umbro_do_cara_e_fazendo_muito_sexo_delicioso
LAMBENDO UM SOVACO PELUDO COM AMOR	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video25526225/lambendo_um_sovaco_peludo_com_amor
LASCANDO A VADIA	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video23794728/27/lascando_a_vadia
Leitada de corinthiano no cu do são paulino	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video52283285/leitada_de_corinthiano_no_cu_do_sao_paulino
LEITADA DO NEGO PUTÃO	02/03/2020	https://www.xvideos.com/video47856939/leitada_do_nego_putao
Leitadas Espetaculares Compilação	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video34977165/leitadas_espetaculares_compilacao
Leite quente no PM gaúcho	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video37459677/leite_quente_no_pm_gaucho
lek de bermuda preta	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video55406867/5/lek_de_bermuda_preta
Lek soltando jatos de leite na cama	23/07/2020	https://www.xvideos.com/video27894345/lek_soltando_jatos_de_leite_na_cama
Levando bb no cuzao peludo	02/03/2020	https://www.xvideos.com/video41153211/levando_bb_no_cuzao_peludo
Levando chute na bunda	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video57372113/25/levando_chute_na_bunda
Levando leitada do negão da pica grossa	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video42131483/24/levando_leitada_do_negao_da_pica_grossa

Levando leitada no cinemao ate escorrer	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video27905083/levando_leitada_no_cinemao_ate_escorrer
Levando leite de camisinha usada na sauna	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video40865545/levando_leite_de_camisinha_usada_na_sauna
Levando pica sem capa do hétero casado	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video38031663/levando_pica_sem_capa_do_hetero_casado
Levando sem capa do macho roludo	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video25651049/levando_sem_capa_do_macho_roludo
Levando vitamina	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video37962305/levando_vitamina
Levei pika do traficante	12/12/2018	https://www.xvideos.com/video22665901/levei_pika_do_traficante
Limpando o Pezão Sujo com a Boca	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video55378321/limpando_o_pezao_sujo_com_a_boca
Linguada com vontade	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video53382083/17/linguada_com_vontade
Loirinho estuprado no motel pelos primos	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video30563147/loirinho_estuprado_no_motel_pelos_primos
Lorram e Lucas beijo gostoso	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video56177711/4/lorram_e_lucas_beijo_gostoso
Lubrificado com leitinho, atolado no consolo grosso !!!! Delicia!	28/08/2020	https://www.xvideos.com/video45263251/lubrificado_com_leitinho_atolado_no_consolo_grosso_delicia_
Macho alfa metendo forte	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video23348424/macho_alfa_metendo_forte
Macho ativo dominador acabando com o viado	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video25785519/macho_ativo_dominador_acabando_com_o_viado
Macho ativo metendo e gozando bare no casado do alvorada	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video53029703/macho_ativo_metendo_e_gozando_bare_no_casado_do_alvorada
MACHO CARIOCA mostrando os pés e brincando com o piru	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video52150065/macho_carioca_mostrando_os_pes_e_brincando_com_o_piru
macho casado mostrando a rola no banheirão	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video55463091/macho_casado_mostrando_a_rola_no_banheirao
Macho chupando o pau sujo do mendigo	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video25779075/macho_chupando_o_pau_sujo_do_mendigo
Macho Comendo o Rabo do Capitão da PM	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video47656007/macho_comendo_o_rabo_do_capitao_da_pm
Macho dando pra dois	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video35939533/macho_dando_pra_dois
Macho dominador	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video13303477/macho_dominador
Macho falando putaria na foda	31/08/2020	https://www.xvideos.com/video57805203/macho_falando_putaria_na_foda
Macho hétero marrento mija no copo e da pra puta beber e ainda cospe na cara	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video33661513/macho_hetero_marrento_mija_no_copo_e_da_pra_puta_beber_e_ainda_cospe_na_cara
MACHO HETERO PENTELHUDO PUNHETA NA CAM	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video41781169/macho_hetero_pentelhudo_punheta_na_cam
Macho mandão castigando mais um cuzinho na pele	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video55451223/macho_mandao_castigando_mais_um_cuzinho_na_pele

Macho mandão e a princesa de calcinha amarela que queria mais rolada com força	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video57162833/macho_mandao_e_a_princesa_de_calcinha_amarela_que_queria_mais_rolada_com_forca
Macho musculoso pauzudo batendo uma no banho	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video50164499/macho_musculoso_pauzudo_batendo_uma_no_banho
Macho obrigou a usar a calcinha da esposa dele e ainda gozou no meu	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video43906507/macho_obrigou_a_usar_a_calcinha_da_esposa_dele_e_ainda_gozou_no_meu_bumbum
Macho Predador - eu abri o cu da vagabunda	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video25653367/macho_predador_-_eu_abri_o_cu_da_vagabunda
Macho Predador - eu e a cadela faminta	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video25653421/macho_predador_-_eu_e_a_cadela_faminta
Macho Predador - uma puta obediente sempre merece caralho	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video25653451/macho_predador_-_uma_puta_obediente_sempre_merece_caralho
Macho sacudo na punheta	31/08/2020	https://www.xvideos.com/video56990549/macho_sacudo_na_punheta
Macho sarado sendo mamado gostoso pelo primo	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video15098897/macho_sarado_sendo_mamado_gostoso_pelo_primo
Macho tira a capa para meter melhor	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video37445655/macho_tira_a_capa_para_meter_melhor
Macho x Puta - A Bicha Apanha e Ainda Agradece: servindo ao dominador Paupequenosp	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video16340619/macho_x_puta_-_a_bicha_apanha_e_ainda_agradece_servindo_ao_dominador_paupequenosp
Machões safados na putaria	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video36555221/machoes_safados_na_putaria
Machos Barbudos Mamadores de Rola - NOVINHOSAFADO.COM	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video27727921/machos_barbudos_mamadores_de_rola_-_novinhosafado.com
Maduro Experiente me Fudeu Gostoso	02/08/2020	https://www.xvideos.com/video43246099/maduro_experiente_me_fudeu_gostoso
Maduro no banho com mão amiga	02/08/2020	https://www.xvideos.com/video56251447/maduro_no_banho_com_mao_amiga
Mae deixa o pequeno arthur para o padrasto cuidar	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video48215428/mae_deixa_o_pequeno_arthur_para_o_padrasto_cuidar
Magrinho servindo de saco de esperma para os amigos.	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video48621607/magrinho_servindo_de_saco_de_esperma_para_os_amigos.
Maltratando o cuzinho do passivo	25/08/2020	https://www.xvideos.com/video43880055/maltratando_o_cuzinho_do_passivo
Mamada dps do beck	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video53791965/1/mamada_dps_do_beck
Mamada no Aterro do Flamengo	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video42420071/mamada_no_aterro_do_flamengo
Mamando e tomando mijo	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video41297521/9/mamando_e_tomando_mijo
mamando macho alpha	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video39899921/mamando_macho_alpha
Mamando no banheirão	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video51754263/mamando_no_banheirao
Mamando o bolsominion no matagal escondido dos militantes	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video52748809/mamando_o_bolsominion_no_matagal_escondido_dos_militantes

Mamando o pedreiro na construção	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video53891327/mamando_o_pedreiro_na_construcao
Mamando parceiro da quebrada	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video55733905/mamando_parceiro_da_quebrada
Marcos Goiano e MachoDotado23CM	12/12/2018	https://www.xvideos.com/video41823969/marcos_goiano_e_machodotado23cm
Marginal gozando na boca do tiozão	25/08/2020	https://www.xvideos.com/video57342681/marginal_gozando_na_boca_do_tiozao
Marido da minha tia chapado de maconha me comendo gostoso no pelo parte 1	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video56580921/marido_da_minha_tia_chapado_de_maconha_me_comendo_gostoso_no_pelo_parte_1
Masturbação criativo	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video52355955/23/masturbacao_criativo
Masturbando meu pau e cheirando poppers	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video53972269/10/masturbando_meu_pau_e_cheirando_poppers
Me deixou tocar no pau dentro do ônibus	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video19124735/me_deixou_tocar_no_pau_dentro_do_onibus
Medindo o pau com biscoito e gozando forte ;)	23/05/2020	https://www.xvideos.com/video11189083/medindo_o_pau_com_biscoito_e_gozando_forte_
Medindo o pinto de Joãozinho. Quanto será?	23/05/2020	https://www.xvideos.com/video29335265/medindo_o_pinto_de_joaozinho._quanto_sera
Ménage entre amigos	11/08/2020	https://www.xvideos.com/video51629363/menage_entre_amigos
Menino Amputado punhetando	28/08/2020	https://www.xvideos.com/video40411355/menino_amputado_punhetando
Metendo bareback no puto até sangrar	28/08/2020	https://www.xvideos.com/video25152655/metendo_bareback_no_puto_ate_sangrar
Metendo forte até estourar o rabo do puto	28/08/2020	https://www.xvideos.com/video47998581/metendo_forte_ate_estourar_o_rabo_do_puto
Metendo no amigão	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video39228102/metendo_no_amigao
metendo no cabeludo	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video24581755/19/metendo_no_cabeludo
Metendo no lek no terreno baldio	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video11007541/metendo_no_lek_no_terreno_baldio
Metendo o pé no rabo do puto	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video42868605/metendo_o_pe_no_rabo_do_puto
Metendo o punho	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video47893247/2/metendo_o_punho
Metendo padê no cu do namorado com a rola	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video38262043/metendo_pade_no_cu_do_namorado_com_a_rola
Metendo sem camisinha e gozando dentro	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video27073061/metendo_sem_camisinha_e_gozando_dentro
Meteu o braço todo no cuzinho do puto	28/08/2020	https://www.xvideos.com/video32147835/meteu_o_braco_todo_no_cuzinho_do_puto
Meteu o pau agora meteu até o punho	14/05/2018	https://www.xvideos.com/video27571369/meteu_o_pau_agora_meteu_ate_o_punho
meu amigo gozando no meu cu bareback	02/02/2020	https://www.xvideos.com/video26711355/meu_amigo_gozando_no_meu_cu_bareback.
Meu cuzinho deixando sair tremendo cocozão	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video37356825/meu_cuzinho_deixando_sair_tremendo_cocozao
Meu namorado me dá leite todo dia 2	25/08/2020	https://www.xvideos.com/video57463699/27/meu namorado me da leite todo dia 2

Meu padrasto me fudeu	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video53918625/meu_padrasto_me_fudeu
Meu pau pequeno 9 cm. Comenta por favor	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video44871743/meu_pau_pequeno_9_cm._comenta_por_favor
Meu pinto pingando melzinho mel de pau	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video49162447/meu_pinto_pingando_melzinho_mel_de_pau
Meu primo me comendo escondido	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video56497757/meu_primo_me_comendo_escondido
Meu Tio Tomando Banho	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video30371991/meu_tio_tomando_banho
Meu vizinho estava com greve de sexo	05/06/2020	https://www.xvideos.com/video35352527/meu vizinho estava com greve de sexo
Meu vizinho me comeu escondido	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video49074271/meu_vizinho_me_comeu_escondido
Mexeu com cobrador da lotação e levou na bunda	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video54985295/2/mexeu com cobrador da_lotacao_e_levou_na_bunda
Mijada no muleque	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video8308428/mijada_no_muleque
Mijando e guspindo no chão e no Nike Shox e depois mandando seu escravo lamber	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video26541265/mijando_e_guspindo_no_chao_e_no_nike_shox_e_depois_mandando_seu_escravo_lamber
mijando no banheiro publico	25/08/2020	https://www.xvideos.com/video55427557/mijando_no_banheiro_publico
MIJANDO PAU DURO	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video48646603/mijando_pau_duro
Mijão do macho cacetudo no banheiro	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video34699689/mijao_do_macho_cacetudo_no_banheiro
Militares se pegando	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video56085713/militares_se_pegando
Minha vadia	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video31587075/minha_vadia
Mlk dando vitamina da boquinha do puto	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video42274909/30/mlk_dando_vitamina_da boquinha do puto
Moleque fodendo amigo sem camisinha	02/08/2020	https://www.xvideos.com/video28499927/moleque_fodendo_amigo_sem_camisinha
Moleque pauzudo fica excitado dentro da van	12/12/2018	https://www.xvideos.com/video6757446/moleque_pauzudo_fica_excitado dentro de van
moleque pega no pau do amigo no meio da suruba	14/05/2018	https://www.xvideos.com/video1357641/moleque_pega_no_pau_do_amigo_no_meio_da_suruba
Moreno Magrinho me bateu forte, muitos tapas - Novinho 19 anos deixou a namorada na escola e veio me foder	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video52357869/moreno_magrinho_me_bateu_forte_muitos_tapas_- novinho 19 anos deixou a namorada na escola e veio me foder.
Motoboy punhetando no matagal	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video8103190/motoboy_punhetando_no_matagal
MUITA DOR - Negão estourando cu do branquelo, que urra de dor	25/08/2020	https://www.xvideos.com/video33116783/muita_dor_-_negao_estourando_cu_do_branquelo_que_urra_de_dor
Muita foda com o namorado	25/08/2020	https://www.xvideos.com/video56786473/6/muita_foda_com_o_namorado
MUITO CUIDADO COM CARIMBADORES	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video45987821/muito_cuidado_com_carimbadores
Mulato dotado esporrando leite	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video41851393/mulato_dotado_esporrando_leite

Mulatos fodendo gostoso	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video19164705/mulatos_fodendo_gostoso
Na fila pra sacar o fgts 2	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video29064295/na_fila_pra_sacar_o_fgts_2
Na madruga boladona	12/12/2018	https://www.xvideos.com/video41373549/na_madruga_boladona
Na raba toma tapão	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video57120693/na_raba_toma_tapao
namoradas saíram, eles aproveitam	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video20839157/namoradas_sairam_eles_aproveitam
Não aguentei de tesão no ônibus - Parafilias	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video32338927/nao_aguentei_de_tesao_no_onibus_-_parafilias
Não aguentou a mamada e gozou 01 (compilation)	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video38490433/nao_aguentou_a_mamada_e_gozou_01_compilation
Não aguentou duas piroca e chorou	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video39542731/nao_aguentou_duas_piroca_e_chorou
Não esperou chegar no quarto e fodeu no elevador mesmo	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video30142817/nao_esperou_chegar_no_quarto_e_fodeu_no_elevador_mesmo
Negão (jumento) tocando uma	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video36942495/negao_jumento_tocando_uma
Negão da pica enorme empurrando até o saco no cu do macho	31/08/2020	https://www.xvideos.com/video35813763/negao_da_pica_enorme_empurrando_ate_o_saco_no_cu_do_macho
Negão dotado 21cm me arrombando de quatro	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video48477487/negao_dotado_21cm_me_arrombando_de_quatro
Negão Dotado arrombador de cu	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video53550483/negao_dotado_arrombador_de_cu
negao dotado sarra e empala branquelo tesudo	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video53079061/negao_dotado_sarra_e_empala_branquelo_tesudo
Negão esfolador	28/08/2020	https://www.xvideos.com/video56156055/11/negao_esfolador
Negão fez do cu buceta	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video55275381/negao_fez_do_cu_buceta
Negão fode dois cú de macho no mesmo dia em público	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video57314427/negao_fode_dois_cu_de_macho_no_mesmo_dia_em_publico
Negão fode o cú do desconhecido na praça	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video57317709/negao_fode_o_cu_do_desconhecido_na_praca
Negão gozou dentro do meu rabo	12/12/2018	https://www.xvideos.com/video23297994/negao_gozou_dentro_do_meu_rabo
Negão roludo arrombando o cu do passivo	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video56591215/negao_roludo_arrombando_o_cu_do_passivo
Negro arrebentando o cuzinho do novinho	28/08/2020	https://www.xvideos.com/video26241589/negro_arrebentando_o_cuzinho_do_novinho
Negro jumento destruidor de cu	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video50758919/negro_jumento_destruidor_de_cu
Nerd dando a dois roludo	02/08/2020	https://www.xvideos.com/video55848521/8/nerd_dando_a_dois_roludo
Nike Shox é bom demais	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video27626493/nike_shox_e_bom_demais
No banheiro do quartel	31/08/2020	https://www.xvideos.com/video39960269/no_banheiro_do_quartel

No meio da pauliceia barebacker	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video24847459/no_meio_da_pauliceia_barebacker
No pêlo! Vai sem borracha aí?	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video26405289/no_pelo_vai_sem_borracha_ai_
No perigo é mais gostoso	25/08/2020	https://www.xvideos.com/video51664635/no_perigo_e_mais_gostoso
No rabo sem borracha	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video26405493/no_rabo_sem_borracha
Nos banheiros, nem sempre os heteros, são heteros!	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video52084167/nos_banheiros_nem_sempre_os_heteros_sao_heteros_
Novinho bermuda branca	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video49516207/novinho_bermuda_branca
novinho com cuzinho piscando gozando no chão	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video55862035/novinho_com_cuzinho_piscando_gozando_no_chao
Novinho Dando Pro Cara do Grindr Bareck	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video36875757/novinho_dando_pro_cara_do_grindr_bareck
Novinho de bermuda mostrando a rola	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video52171687/novinho_de_bermuda_mostrando_a_rola
Novinho deixando pedreiro gozar no rabo dele.	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video13128675/novinho_deixando_pedreiro_gozar_no_rabo_dele.
Novinho desesperado senta e mama na pica grossa	02/08/2020	https://www.xvideos.com/video57124977/novinho_desesperado_senta_e_mama_na_pica_grossa
novinho do pau gigante se exibindo	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video43556789/novinho_do_pau_gigante_se_exibindo
Novinho dotado botando sem capa no meu cuzinho	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video56151871/10/novinho_dotado_botando_sem_capa_no_meu_cuzinho
Novinho escravo tomando mijo dos machões (piss)	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video35199589/novinho_escravo_tomando_mijo_dos_machoes_piss
novinho gay apanhando no sexo	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video37055761/novinho_gay_apanhando_no_sexo
Novinho gozando com o vibrador no cu	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video55883473/novinho_gozando_com_o_vibrador_no_cu
novinho gozando monstruosamente	23/07/2020	https://www.xvideos.com/video19901087/novinho_gozando_monstruosamente_-_pau_dos_sonhos
Novinho gozando no seu tênis Osiris e depois colocou nos pés e foi para escola	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video30932001/18/novinho_gozando_no_seu_tenis_osiris_e_depois_colocou_nos_pes_e_foi_para_escola
Novinho mamando a vara do professor	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video51836827/novinho_mamando_a_vara_do_professor
Novinho não aguenta pica do dotado	25/08/2020	https://www.xvideos.com/video56343963/novinho_nao_aguenta_pica_do_dotado
Novinho palmeirense batendo uma no estádio	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video40051161/novinho_palmeirense_batendo_uma_no_estadio
Novinho perdendo o cabaço e gemendo - Nacional	14/05/2018	https://www.xvideos.com/video1765413/novinho_perdendo_o_cabaco_e_gemendo_nacional
Novinho rabudo dando pra dotado	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video56157249/novinho_rabudo_dando_pra_dotado
Novinho sofreu com 28cm de pica do negão	25/08/2020	https://www.xvideos.com/video49335963/novinho_sofreu_com_28cm_de_pica_do_negao

Novinho toma toda a vitamina do padrasto e nunca deixa nada para sua mamãe	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video38319835/novinho_toma_toda_a_vitamina_do_padrasto_e_nunca_deixa_nada_para_sua_mamae
Novinho tomou no pelo	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video57221257/7/novinho_tomou_no_pelo
Novinho volta excitado cueca branca	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video54604719/novinho_volta_excitado_cueca_branca
Novinhos dotados numa foda sem capa	02/02/2020	https://www.xvideos.com/video34058815/novinhos_dotados_numa_foda_sem_capa
Novinhos safados fazendo putaria no hotel	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video53796083/novinhos_safados_fazendo_putaria_no_hotel
O cuzinho do novinho virgem sangrou	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video39637787/o_cuzinho_do_novinho_virgem_sangrou
O docking de pica mais tesudo que vc vai ver hoje	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video37820347/o_docking_de_pica_mais_tesudo_que_vc_vai_ver_hoje
O Fetiche por tênis ta cada vez mais comum na sociedade de hoje em dia	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video30868867/21/o_fetiche_por_tenis_ta_cada_vez_mais_comum_na_sociedade_de_hoje_em_dia
O garoto de programa me arrombou e encheu meu cu de leite	12/12/2018	https://www.xvideos.com/video41939723/o_garoto_de_programa_me_arrombou_e_encheu_meu_cu_de_leite
O gigante e o novinho baixinho fodem gostoso	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video53655103/o_gigante_e_o_novinho_baixinho_fodem_gostoso
O lek montando em mim	02/08/2020	https://www.xvideos.com/video45017005/15/o_lek_montando_em_mim
O pai da etapa mostra o enteado virgem como é feito	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video35981637/o_pai_da_etapa_mostra_o_enteado_virgem_como_e_feito
O passivo e a cenoura de 29cm	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video37401467/o_passivo_e_a_cenoura_de_29cm
O Peão e o Chefe de Segurança	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video32707351/o_peao_e_o_chefe_de_seguranca
O professor não resistiu é pediu pra comer meu cuzinho de novo	31/08/2020	https://www.xvideos.com/video31670239/o_professor_nao_resistiu_e_pediu_pra_comer_meu_cuzinho_de_novo
O puto comeu e depois ficou falando putaria	31/08/2020	https://www.xvideos.com/video31052481/o puto comeu e depois ficou falando putaria
O SEGURANÇA DO CONDOMINIO - XVIDEO	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video41148573/o_seguranca_do_condominio_-_xvideo
O tio pega o sobrinho a forca sem ele querer	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video54645167/o_tio_pega_o_sobrinho_a_forca_sem_ele_querer_-_machosaonatural.com.br
Oops Camisinha Rasgou	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video47750797/oops_camisinha_rasgou
OPERARIO FUDEU SEU CHEFE	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video27772151/operario_fudeu_seu_chefe
ORGIA BB 2	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video5712960/orgia_bb_2
Orgia gostosa	11/08/2020	https://www.xvideos.com/video38532871/orgia_gostosa
PADRASTO DANDO NA GARAGEM PRO GURIZÃO AMIGO DO ENTEADO	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video54342457/padrasto_dando_na_garagem_pro_gurizao_amigo_do_enteado
Padre gay real	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video53031789/padre_gay_real

PAI DO AMIGO ME LEVOU PRA TOMAR PICA	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video27689301/pai_do_amigo_me_levou_pra_tomar_pica
Pai empurrou no filho adotivo, gozou e se arrependeu - machosaonatural.com.br	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video55005587/pai_empurrou_no_filho_adotivo_gozou_e_se_arrependeu_-_machosaonatural.com.br
Paizão fodendo o amigo do filho	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video47826749/paizao_fodendo_o_amigo_do_filho
Paizão metendo no cuzinho do filho até gozar dentro	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video56828697/paizao metendo no cuzinho_do_filho_ate_gozar_dentro
Parou na trilha para ser mamado	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video50075613/parou_na_trilha_para_ser_mamado
Passivinho não aguentou a ROLONA do amigo	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video27311405/passivinho nao aguentou a rolona do amigo
Passivo algemado levando rola amador	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video30029565/passivo_algemado_levando_rola_amador
Passivo com tres armas	25/08/2020	https://www.xvideos.com/video31634249/passivo_com_tres_armas
Passivo dando o cu pro hétero gostoso	12/12/2018	https://www.xvideos.com/video54963703/passivo_dando_o_cu_pro_hetero_gostoso
Passivo quente sensualizando com bunda lisa	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video32032453/4/passivo_quente_sensualizando com bunda lisa
Passivo servindo seu macho peludo.	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video27488091/passivo_servindo_seu_macho_peludo.
Passivo virgem tentando aguentar a picona do amigo	05/06/2020	https://www.xvideos.com/video31540121/passivo virgem tentando_aguentar_a_picona_do_amigo
Patrão casado comendo funcionário	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video25165597/patrao_casado_comendo_funcionario
Pau babão: brincando com a baba do meu pau	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video35113371/pau babao brincando com a baba do meu pau
PAU DE CAVALO DO FAZENDEIRO QUASE NÃO COUBE NA CALÇA	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video55357443/pau_de_cavalo_do_fazendeiro_quase_nao_coube_na_calca
PAU EXTREMAMENTE GROSSO E PESADO	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video28801027/pau_extremamente_grosso_e_pesado
Pauzudo safado falando putaria enquanto é mamado	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video55388455/pauzudo_safado_falando_putaria_enquanto_e_mamado
Pauzudo tirando o cabaço do novinho virgem (sangrou!)	02/02/2020	https://www.xvideos.com/video3442654/pauzuo_tirando_o_cabaco_do_novinho_virgem_sangrou
Pauzudo tirando o cabaço do novinho virgem (sangrou!)	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video28097668/pauzudo_tirando_o_cabaco_do_novinho_virgem_sangrou
Pauzudo tirando sangue do cuzinho	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video34113567/pauzudo tirando sangue do cuzinho
Pedi o entregador lanche e paguei com o cuzinho e ganhei leite.	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video55733819/pedi_o_entregador_lanche_e_paguei_com_o_cuzinho_e_ganhei_leite.
PEDIU E PAIZAO COLOCOU PRA MAMAR	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video29480459/pediu e paizao colocou pra mamar
Pegação e foda na praia em Natal - RN	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video56276085/pegacao_e_foda_na_praia_em_natal_-_rn

Pegação em banheiro de supermercado 7	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video1919809/pegacao_em_banheiro_de_supermercado_7
Pegando no pau do hetero dormindo	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video57493155/pegando_no_pau_do_hetero_dormindo
Peguei pintor hetero batendo punha e entrei na sua vara	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video55774023/peguei_pintor_hetero_batendo_punha_e_entrei_na_sua_vara
Pele na pele	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video20680203/pele_na_pele
Peludinho gozando muitos jatos na punheta	23/07/2020	https://www.xvideos.com/video38227589/peludinho_gozando_muitos_jatos_na_punheta
Pênis enorme e grosso	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video30494103/penis_enorme_e_grosso
Pepino delicioso dentro do cuzão	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video52134513/pepino_delicioso_dentro_do_cuzao
Pés 44 e com muito chulé	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video43136803/pes_44_e_com_muito_chule
Pezão suado do dia inteiro...	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video40020451/pezao_suado_do_dia_inteiro...
pietro rodrigo ruan meninosonline.net	14/05/2018	https://www.xvideos.com/video1976541/pietro_rodrigo_ruan_meninosonline
Policial Fardado Mamando o Colega	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video47201743/policial_fardado_mamando_o_colega
poper sendo putinha dos machos da favela	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video53987917/kpoper_sendo_putinha_dos_machos_da_favela
Poppers, bare e DP	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video30272855/poppers_bare_e_dp
POR ISSO CURTO OS MLKES, METEM SEM FRESCURA.. CHEGA AI MLKADA.	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video40692679/por_isso_curto_os_mlkes_metem_sem_frescura.._chega_ai_mlkada.
Por que será que o novinho está chorando?	25/08/2020	https://www.xvideos.com/video49460767/por_que_sera_que_o_novinho_ta_chorando
Porco limpando rola ensebada do negao	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video57271781/2/porco_limpando_rola_ensebada_do_negao
Porra na cara	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video14090119/porra_na_cara
Prazer e Gemidos	14/05/2018	https://www.xvideos.com/video55495057/prazer_e_gemidos
Preparando pra fuder falando putaria	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video49405805/preparando_pra_fuder_falando_putaria
Preservativo para bareback	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video46666523/preservativo_para_bareback
Preso por estupro parte3 depois de uma semana no presídio	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video29648925/preso_por_estupro_parte3_depois_de_uma_semana_no_presidio
Pretinho gostozin do pauzão	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video56569329/4/pretinho_gostozin_do_pauzao
Primeira vez do hétero curioso pagou e gozou	12/12/2018	https://www.xvideos.com/video30986745/jhon_jhon_-_primeira_vez_do_hetero_curioso_pagou_e_gozou
Priminhos fodendo gostoso no banho	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video15235701/priminhos_fodendo_gostoso_no_banho

Primo hétero não aguentou é fudeu forte o priminho branquelo!!!	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video57362915/primo_hetero_nao_aguentou_e_fudeu_forte_o_priminho_branquelo_segui_no_instagram_leonardoconcato97
Primo pego no flagra	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video51140155/primo_pego_no_flagra
primos héteros brincando de pau duro	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video53357477/primos_heteros_brincando de pau duro
Procure pelo pênis	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video6589922/procure_pelo_penis.
Propriedade do Mestre - Mamilos	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video31362939/29/propriedade_do_mestre - mamilos
Provocando o motorista do uber	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video51684327/provocando_o_motorista_do_uber
Provocando o vendedor	14/05/2018	https://www.xvideos.com/video17721019/provocando_o_vendedor
provocou o paizão e levou rola no cu	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video57025603/provocou_o_paizao_e_levou_rola_no_cu
Punheta até gozar dentro do tênis Olympikus	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video41860351/punheta_ate_gozar_dentro do tenis olympikus
Punheta comparando tamanho do pau com rexona	23/05/2020	https://www.xvideos.com/video47899751/punheta_comparando_tamanho_do_pau_com_rexona
Punheta na sala de aula	14/05/2018	https://www.xvideos.com/video55794133/punheta_na_sala_de_aula_2
punheta no escritório	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video42158261/punheta_no_escritorio
Puta veio buscar vitamina	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video49466095/puta veio buscar vitamina
Putaria a três na praia	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video30969541/putaria_a_tres_na_praia
Putaria Bareback Pesada	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video39853939/putaria_bareback_pesada
PUTARIA COM DOIS NEGOES	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video50377861/putaria_com_dois_negoes
Putaria com leitada dentro do cuzinho	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video53108917/30/putaria com leitada dentro_do_cuzinho
Putaria com o motorista do Uber/99pop	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video45511165/putaria_com_o_motorista_do_uber_99pop
Putaria na trilha	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video56649553/putaria_na_trilha
Putaria no banheirão	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video55662831/putaria_no_banheirao
Putaria no Metrô	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video36470935/putaria_no_metro
Putaria pesada bare/ vitamina	30/04/2020	https://www.xvideos.com/video55300649/putaria_pesada_bare_vitamina
Putaria pesada bare/ vitamina continuação	30/04/2020	https://www.xvideos.com/video55300709/putaria_pesada_bare_vitamina continuacao
PUTARIA SEM FRESCURAS	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video34427725/putaria_sem_frescuras
Putinha de calcinha entrando na pica	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video50425115/putinha_de_calcinha_entrando_na_pica
Putinho gemendo nao aguento e pediu arrego	12/12/2018	https://www.xvideos.com/video23465417/putinho_gemendo_nao_aguento_e_pediu_arrego

Putinho mamador tomando o leite do padrasto	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video31631939/putinho_mamador_tomando_o_leite_do_padrasto
Puto cheirando cú de macho	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video51640989/puto_cheirando_cu_de_macho
Puto filmando hétero comendo viado	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video35464891/puto_filmando_hetero_comendo_viado
Puto que gosta de tomar mijo e leite	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video45665909/puto_que_gosta_de_tomar_mijo_e_leite
Puto quis leite na portinha	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video53478717/puto_quis_leite_na_portinha
Quando minha esposa sai... meu vizinho entra	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video47979551/quando_minha_esposa_sai..._meu_vizinho_entra
Quer tomar?	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video22505371/quer_tomar_
Quiksilver Billabong	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video54457407/quiksilver_billabong
Rabo peludo delicioso	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video56005571/rabo_peludo_delicioso
Rapaz batendo punheta e sendo chupado	14/05/2018	https://www.xvideos.com/video2845091/rapaz_batendo_punheta_e_sendo_chupado
Rapaz lambendo os pés de seu amigo	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video23990590/rapaz_lambendo_os_pes_de_seu_amigo
RASGANDO O PASSIVO COM ROLA GROSSA	28/08/2020	https://www.xvideos.com/video55402961/rasgando_o_passivo_com_rola_grossa
Recebendo vara de 22 cm	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video23709682/recebendo_vara_de_22_cm
Resolvi encarar os 23 cm do cafuçu	23/05/2020	https://www.xvideos.com/video33674757/resolvi_encarar_os_23_cm_do_cafucu
Rola de macho	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video25646223/rola_de_macho
Saboreio Até A Última Gota De Leite	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video45986637/saboreio_ate_a_ultima_gota_de_leite
Sacanagem com o Técnico da Net - ditadurag.com	12/12/2018	https://www.xvideos.com/video11646407/sacanagem_com_o_tecnico_da_net
Safado mostrando pica gigante	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video34507665/safado_mostrando_pica_gigante
Safado quase não deu conta da pirocona EROSMEN.NET	25/08/2020	https://www.xvideos.com/video30224767/safado_quase_nao_deu_conta_da_pirocona_erosmen.net
Saradão gemendo com o vibrador no cu	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video29376887/saradao_gemendo_com_o_vibrador_no_cu
Sarrada	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video38511107/sarrada
Se abrindo para o magrelo	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video41252187/se_abrindo_para_o_magrelo
Se lambuzando na porra do pauzudo	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video46527987/se_lambuzando_na_porra_do_pauzudo
Se mostrando e batendo uma uma	23/05/2020	https://www.xvideos.com/video24390217/se_mostrando_e_batendo_uma_uma
Segurança me fudeu com força parte II	12/12/2018	https://www.xvideos.com/video36282633/seguranca_me_fudeu_com_forca_parte_ii
SEM CAPA #12 | BORA SARRAR	31/08/2020	https://www.xvideos.com/prof-video-click/model/sa_joao/37215685/sem_capa_12_bora_sarrar

SEM CAPA #3 | HIV NÃO É DOENÇA	31/08/2020	https://www.xvideos.com/prof-video-click/model/sa_joao/37474049/sem_capa_3_hiv_nao_e_doenca
SEM CAPA #4 | PREP-ARA	31/08/2020	https://www.xvideos.com/prof-video-click/model/sa_joao/37473601/sem_capa_4_prep-ara
Sem capa é mais gostoso	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video23439350/sem capa e mais gostoso
Sendo mijado pelo namorado (piss)	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video30741095/sendo_mijado_pelo_namorado_piss_
Sentando gostoso no desodorante	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video50070103/sentando gostoso no desodorante
Sentando no frasco de perfume	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video53139735/sentando_no_frasco_de_perfume
Sentando ouvindo sacanagem	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video54502363/sentando_ouvindo_sacanagem
Servindo de escrava pro playboy casado part 1	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video52705181/26/servindo_de_escrava_pro_playboy_casado_part_1
Sexo a 4 é muito gostoso, esses putos fizeram demais	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video50379891/sexo_a_4_e_muito_gostoso_esses_putos_fizeram_demais
sexo com o pai	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video40815041/sexo_com_o_pai
Sexo com o Salva-Vidas	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video9526191/gay_brasil_-_sexo_com_o_salva-vidas
Sexo com Pai e filho (real)	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video56030179/sexo_com_pai_e_filho_real_
Sexo entre Homens na Cadeia (Amador Brasil)	14/05/2018	https://www.xvideos.com/video8766417/sexo_entre_homens_na_cadeia
Sexo escondido no estacionamento	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video18342717/sexo_escondido_no_estacionamento
Sexo gay bare na fazenda	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video32760145/sexo_gay_bare_na_fazenda
Sexo gay com o pastor da igreja	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video32700559/sexo_gay_com_o_pastor_da_igreja
Sexo no parque do Carmo	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video55298547/sexo_no_parque_do_carmo
Sexo violento enforcando passivo e gozando na bunda	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video48310595/sexo_violento_enforcando_passivo_e_gozando_na_bunda
Snap: xandrgs Professor musculoso de artes marciais comendo o rabo do anão	28/08/2020	https://www.xvideos.com/video29138631/snap xandrgs professor musculoso_de_artes_marciais_comendo_o_rabo_do_anao
Sobrinho enche o rabo do tio de leite gay	02/02/2020	https://www.xvideos.com/video26616701/sobrinho_enche_o_rabo_do_tio_de_leite_gay
Sobrinho enche o rabo do tio de leite gay	03/09/2020	https://www.xvideos.com/prof-video-click/upload/cwybo/26616701/sobrinho_enche_o_rabo_do_tio_de_leite gay
Socando sem dó no negão (Hardcore)	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video18948261/socando_sem_do_no_negao_hardcore_
Soldado se masturbando	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video29559851/soldado_se_masturbando
Sub otario sem capa	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video50293777/1/sub_otario_sem_capa
Subiu o morro e deu pro dono da boca e outro marginal part2	25/08/2020	https://www.xvideos.com/video55102703/16/subiu_o_morro_e_deu_pro_dono_da_boca_e_outro_marginal_part2

submisso cheirando a cueca suja do DONY ABRAVANEL	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video49875227/4/submisso_cheirando_a_cueca_suja_do_dony_abravanel
Submisso tendo a boca fodida e apanhando na cara	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video54291221/submisso_tendo_a_boca_fodida_e_apanhando_na_cara
Surra de piroca do paizão	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video31139977/surra_de_piroca_do_paizao
Suruba com 2 japas dotados	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video57361805/5/suruba_com_2_japas_dotados
Surubão entre machos	11/08/2020	https://www.xvideos.com/video41237023/surubao_entre_machos
tatuado fazendo homem de putinha	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video53357369/tatuado_fazendo_homem_de_putinha
Tatuado Punhetando	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video42993997/tatuado_punhetando
Táva jogando bola e bateu tesao fui pra o mato bater uma e gozei bastante	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video56285969/tava_jogando_bola_e_bateu_tesao_fui_pra_o_mato_bater_uma_e_gozei_bastante
Técnico da Sky me colocou para tomar no cu	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video9159201/tecnico_da_sky_me_colocou_para_tomar_no_cu
TEKANDO E FUDENDO UM MACHO	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video34975205/tekando_e_fudendo_um_macho
Tesão de grisalho fudendo o moleque	02/08/2020	https://www.xvideos.com/video8255159/tesao_de_grisalho_fudendo_o_moleque_gaysamadores.com
Tesão louco pelo colega de trabalho	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video52036579/13/tesao_louco_pelo_colega_de_trabalho
Tio fudendo sobrinho viado	02/02/2020	https://www.xvideos.com/video38796411/tio_fudendo_sobrinho_viado
Tio necessitado se aproveitando do sobrinho afeminado (REAL)	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video13659709/tio_necessitado_se_aproveitando_do_sobrinho_afeminado_real_
Tio tentando dar pra novinho pirocudo	12/12/2018	https://www.xvideos.com/video17247097/tio_tentando_dar_pro_novinhi_pirocudo
tiozao fazendo os sobrinhos virarem machos	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video57025949/tiozao_fazendo_os_sobrinhos_virarem_machos
Tirando a camisinha condom to bareback	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video30142257/tirando_a_camisinha_condom_to_bareback_
Tirando leite do motorista de ônibus	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video49681739/tirando_leite_do_motorista_de_onibus
Tirando o Cabaço do Gordinho	28/08/2020	https://www.xvideos.com/video31276341/tirando_o_cabaco_do_gordinho
Tirando virgindade do passivo novinho	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video50719243/tirando_virgindade_do_passivo_novinho
Tirei a camisinha e gozei dentro	06/06/2020	https://www.xvideos.com/video54515369/tirei_a_camisinha_e_gozei_dentro
Tirou a camisinha pra deixar meter no pelo	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video51819807/tirou_a_camisinha_pra_deixar_meter_no_pelo
Tirou a camisinha pra gozar dentro de mim	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video37460447/tirou_a_camisinha_pra_gozar_dentro_de_mim
Tirou a camisinha sem eu perceber	06/06/2020	https://www.xvideos.com/video35430735/tirou_a_camisinha_sem_eu_perceber

titio fazendo uma visitinha ao sobrinho querido	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video37066305/titio_fazendo_uma_visitinha_ao_sobrinho_querido
Traficante foi cobrar o viciado que não tinha dinheiro, mas achou um jeito de acalmar o bandido	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video38320261/traficante_foi_cobrar_o_viciado_que_nao_tinha_dinheiro_mas_achou_um_jeito_de_acalmar_o_bandido.
traindo a mulher	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video37008537/traindo_a_mulher
Tratado como tem que ser. Como Puta e Vadia. PARTE 1.	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video54551905/tratado_como_tem_que_ser._como_puta_e_vadia._parte_1.
TREPADA NO MEIO DA RUA NA MADRUGADA	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video57111759/trepada_no_meio_da_rua_na_madrugada
Trio dois maduros um novinho	02/08/2020	https://www.xvideos.com/video55188855/trio_dois_maduros_um_novinho
Tripla Penetração - Ativos Maravilhosos	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video35500541/tripla_penetracao_-_ativos_maravilhosos
Um cu barbaramente destruído	25/08/2020	https://www.xvideos.com/video54824119/um_cu_barbaramente_destruido
Um mestre heterossexual usa-me como a puta que sou	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video35890169/um_mestre_heterossexual_usa-me_como_a_puta_que_sou
Um pouco mais de putaria	17/08/2020	https://www.xvideos.com/video54620135/um_pouco_mais_de_putaria
Urso fudendo uma bicha escandalosa.	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video37945945/urso_fudendo_uma_bicha_escandalosa.
Ursos Casados na Pegação no Park Público	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video57525373/ursos casados na pegacao no park publico
Vagabunda toda pelada com o rabo pra cima bem safada fudendo o cu na frente	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video53737957/3/vagabunda_toda_pelada_com_o_rabo_pra_cima_bem_safada_fudendo_o_cu_na_frente_da_camera
VAZOU novinho hétero gravou traindo namorada com amigo	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video57020485/vazou_novinho_hetero_gravou_traindo_namorada_com_amigo
vem aqui pro porteiro	06/08/2020	vem aqui pro porteiro
Vem me dar	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video57178647/vem_me_dar
Vendedor de loja mandão, pediu calcinha e se acabou no meu rabo!	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video53435661/26/vendedor_de_loja_mandao_pediu_calcinha_e_se_acabou_no_meu_rabo_
Versátil sem frescura	03/09/2020	https://www.xvideos.com/video49279531/26/versatil_sem_frescura.
Viadinho mamando macho pentelhudo em público	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video28427373/viadinho_mamando_macho_pentelhudo_em_publico
VIADINHO SE CAGOU TODINHO NA TORA GROSSA	25/08/2020	https://www.xvideos.com/video57693487/viadinho_se_cagou_todinho_na_tora_grossa
viadinho sendo esmurrado por macho hetero	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video27886707/viadinho_sendo_esmurrado_por_macho_hetero
Viadinho servindo seu macho, dono e senhor! Bicha dedicada ao seu dominador Paupequenosp	20/08/2020	https://www.xvideos.com/video15751331/viadinho_servindo_seu_macho dono e senhor bicha dedicada ao seu dominador paupequenosp
Vigilante Casado Punheta Angells	06/08/2020	https://www.xvideos.com/video51897303/vigilante_casado_punheta_angells
Virando fêmea pro macho	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video50202753/virando_femea_pro_macho

Virgem não aguenta Rola	10/08/2020	https://www.xvideos.com/video40544745/virgem_nao_aguenta_rola
Vizinho boto botou pra mamar escondido no quintal	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video45807863/vizinho_boto_botou_pra_mamar_escondido_no_quintal
Vizinho de calcinha	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video15050013/vizinho_de_calcinha
Vizinho novinho dotado me leitando de 4	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video55681475/vizinho_novinho_dotado_me_leitando_de_4
VIZINHO VASCAÍNO TORA VIZINHO BOTAFOGUENSE	01/08/2020	https://www.xvideos.com/video44070791/vizinho_vascaino_tora_vizinho_botafoguense
VIZINHO VEIO FAZER HORÁRIO DE ALMOÇO CMG	04/08/2020	https://www.xvideos.com/video57250933/17/vizinho_veio_fazer_horario_de_almoco_cmg
Vomitando no boquete	28/08/2020	https://www.xvideos.com/video25571555/vomitando_no_boquete
Vulcão de esperma!	24/07/2020	https://www.xvideos.com/video10175807/vulcao_de_esperma_
YouTube e gostoso de pau duro	23/06/2020	https://www.xvideos.com/video45597587/youtube_e_gostoso_de_pau_duro

ANEXO II – Listagem dos 25 vídeos mais visualizados em 2018

Vídeos mais acessados com as tags "gay", "Brasil" e amador em maio/2018

Posição no ranking	Título	Número de visualizações
1º	Garoto mega dotado comendo a travesti	3.5M
2º	pietro rodrigo ruan meninosonline.net	3.4M
3º	Novinho perdendo o cabaço e gemendo - Nacional	2M
4º	Comendo o primo sem camisinha	1.8M
5º	Sexo entre Homens na Cadeia (Amador Brasil)	1.7M
6º	Favelados fodendo gostoso	1.7M
7º	Meteu o pau agora meteu até o punho	1.7M
8º	Comendo cara da faculdade	1.5M
9º	2 gostosos brasileiros fodendo no carro part1	1.4M
10º	moleque pega no pau do amigo no meio da suruba	1.4M
11º	Enrabando o irmão	1.4M
12º	Amigos heteros pegando dentro da cueca na CAM	1.3M
13º	Prazer e Gemidos	1.3M
14º	Comendo meu amigo hetero gostoso bebado	1.3M
15º	Provocando o vendedor	1.3M
16º	Dotado metendo sem dó	1.2M
17º	2 gostosos brasileiros fodendo no carro part2	1.2M
18º	Comi meu primo novinho ate gozar dentro	1.2M
19º	Punheta na sala de aula	1.2M
20º	Fodendo com o colega de time	1.1M
21º	Gostoso do pau grosso comendo namorado	1.1M
22º	Dotado cavalo	1.1M
23º	Dando pro negão dotado do trabalho	1.1M
24º	Rapaz batendo punheta e sendo chupado	1.1M

ANEXO III – Listagem dos 25 vídeos mais visualizados em 2019

Vídeos mais acessados com as tags "gay", "Brasil" e amador em janeiro/2019

Posição no ranking	Título	Número de visualizações
1º	Moleque pauzudo fica excitado dentro da van	2,1M
2º	Tio tentando dar pra novinho pirocudo	1,2M
3º	Negão gozou dentro do meu rabo	42,6K
4º	O garoto de programa me arrombou e encheu meu cu de leite	110,1K
5º	Primeira vez do hétero curioso pagou e gozou	570k
6º	Ficou com tesão dentro do avião	242k
7º	Sacanagem com o Técnico da Net - ditadurag.com	700k
8º	Levei pika do traficante	850k
9º	Putinho gemendo nao aguento pica e pediu arrego	762,2k
10º	Gostoso no carro	611k
11º	Segurança me fudeu com força parte II	143k
12º	A volta do fortão	476k
13º	grita. grita isso!	766k
14º	DUPLA PENETRAÇÃO DOTADOS	183k
15º	GOZANDO DENTRO - LISTA VIP WHATSAPP 34 99668-3600 - INSTAGRAM: @lucioserrat	84k
16º	Marcos Goiano e MachoDotado23CM	18k
17º	Comi gostoso o cu do moleque!	49k
18º	Iniciando os moleques	641k
19º	Passivo dando o cu pro hétero gostoso	18k
20º	76844 Suruba na praia Morro do careca	84k
21º	Na madruga boladona	3,6k
22º	Novinho perdendo o cabaço e gemendo - Nacional	3M
23º	Fudendo meu cusinho #RESPOSTANDO #video #completo (Esse vídeo não é recente)	4k
24º	Amiguinho do novinho filho da vizinha me comendo	9,6k